E se todos estivermos
vivendo em uma distopia?

DEUSES & FERAS

FABIO BRUST

Autor de **Agora eu Morro**

EXCLUSIVO EM
E-BOOK

ELO EDITORIAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

DEUSES & FERAS

FABIO BRUST

Copyright © 2015 by Fabio Brust
Este livro encontra-se registrado na Biblioteca Nacional
e tem todos os direitos assegurados ao autor.

Autor
Fabio Brust

Copidesque
Inari Jardani Fraton

Revisão
Fabio Brust
Inari Jardani Fraton

Capa, diagramação e e-book
Fabio Brust

Elo Editorial é uma iniciativa nascida na cidade de Santa Maria – RS, com o objetivo de incentivar a literatura e leitura em âmbito local. Seu selo se insere neste e-book por conta do envolvimento do autor com a iniciativa, tendo, ele, sido um de seus idealizadores.

A Inari Jardani Fraton, por estar comigo em todo o caminho desta história, e por não apenas ser a primeira a ouvi-la, mas, também, por ajudar a construí-la.

PARTE UM

RUMO

1

Em meio às sombras do beco, algo se move.

Há uma garota escondida na escuridão. A luz do carro na rua adiante é a única coisa que a denuncia, iluminando as paredes do beco e as gotas da chuva, que cai pesada. Sua roupa é negra e uma tinta da mesma cor tinge sua pele de escuro. Os cabelos descem como cascatas dos dois lados de sua cabeça. Ela se vira para mim e se descola da parede como que nascida da noite.

Um ponto vermelho dança no chão aos seus pés.

A mira de uma arma.

Ela movimenta a pistola preto fosca e o ponto vermelho para no meio da minha testa. Os dedos da garota sobre o gatilho avisam que, se eu fugir, vou morrer. Projetando-se da boca da arma, um silenciador.

Levanto os olhos para encarar os dela, mas, onde eles deveriam estar, há apenas escuridão.

Lentes completamente negras tapam as íris, as pupilas. Encaro minha própria imagem no reflexo, como se houvesse apenas vazio por trás dela. Ouço um ruído e noto um ponto eletrônico na orelha da garota, escondendo-se no entremeio de seus lisos cabelos pretos.

O indicador de sua outra mão, a direita, paira sobre seus lábios.

— Quieto.

Abro a boca, mas ela me impede de falar.

— Quieto, ou eu estouro suas bolas.

O cano da arma desce.

Observo o homem que eu estava prestes a roubar continuando seu caminho pelo beco, cada vez mais longe. Aperto as mãos uma contra a outra. A pistola permanece onde está por mais alguns segundos. Os olhos da garota ficam cravados nos meus, me impedindo de mover. Então, a arma volta ao coldre e ela se vira, pisando com força em poças e respingando água suja.

Espero os dois virarem a curva entre o beco e a rua.

Então, começo a correr.

Levanto o braço para me proteger da chuva e atravesso o beco de um lado a outro, passando por baixo de uma marquise iluminada e deixando o carro e suas luzes para trás. Quando avisto os dois, à frente, o homem também corre, mas tropeça e cai. Seu rosto raspa no chão de concreto.

Me aproximo em silêncio e incógnito, apesar do aviso da garota.

Ela engatilha a arma e a aponta para o meio da cabeça do meu alvo, o homem caído.

— *Pare, pare! O que está fazendo?* — Ele grita.

O gatilho está prestes a ser pressionado. O antebraço esquerdo dela brilha com

uma luz branca.

— Você sabe que isso é proibido — diz ele, quase que numa provocação. Um sorriso surge em seus lábios, vermelho de sangue por causa da queda. — Ainda tenho coisas a fazer antes de ter o arco fechado e você sabe *muito bem* o que vai acontecer, caso faça isso.

Ela continua onde está.

— Virão atrás de você, assim como mandaram você atrás de mim. — Diz ele, as mãos abaixadas, uma delas procurando por alguma coisa junto de sua cintura.

— Eu vim por conta própria. — Diz a garota.

O homem gira a perna junto dos tornozelos dela e a joga no chão.

A arma dispara para o ar.

Enquanto a garota tenta se levantar, o homem tira uma faca de lâmina avermelhada de dentro da bainha, escondida na calça, e sobe na garota. A mão direita segura a base de seu pescoço e a esquerda encosta o gume na pele dela. A mão esquerda dela, por sua vez, se debate, descontrolada, tentando alcançar a pistola, a centímetros da ponta de seus dedos.

— Seria mais fácil reconhecer essa sua cara de puta se você viesse com o rosto limpo da próxima vez — diz o homem, passando a mão direita pelo rosto dela e limpando a pasta negra, revelando a pele clara antes encoberta. Ela tenta se desvencilhar, em vão. — Kali.

A garota, Kali, acerta um forte soco com a mão direita no rosto dele, mas ele continua sobre ela. Em retribuição, o homem larga a faca e a soca nos olhos e no nariz uma, duas, três vezes. O homem pega a faca de novo, e agora há sangue escuro saindo por uma das narinas dela.

— Quer dizer que está aqui para me *assassinar*, ao invés de meramente fechar meu arco? — Pergunta meu alvo, de nome Morfeu. — Sabe que isso é proibido, certo? Ou, pelo menos, *deveria* saber, antes de cometer um erro desses.

O gume da faca fere aos poucos a pele da garota. A mão direita do homem desce pela jaqueta preta dela e puxa para cima a blusa de mesma cor da garota. Ele passa os dedos por sobre uma cicatriz na barriga dela e dá, outra vez, o sorriso manchado de sangue. A garota solta um grunhido de repulsa e se debate, e de novo.

O homem perde o controle da situação por um instante e ela agarra a pistola.

Ela o empurra com força e acerta seu queixo com o joelho.

Morfeu cai para trás. A faca escapa de sua mão e vejo a oportunidade de roubá-la, mas ele torna a pegá-la e começa a correr pela rua.

A garota levanta o braço esquerdo e a mira de sua arma desce para a parte de trás do joelho dele.

Quando o gatilho é pressionado, a pele é destroçada. O osso, esmigalhado. A bala o atravessa.

Meu alvo desaba no chão uma segunda vez, mas, agora, é incapaz de levantar.

Ela anda a passos lentos na direção dele, e eu avanço pelas sombras das marquises. A mira da arma da garota agora passeia por todo o rosto dele, a mão dela treme. O homem segura com firmeza e aponta a faca para ela, ao mesmo tempo em que se arrasta na direção oposta. Um rastro de sangue leva até sua perna. A máscara de dor que cobre seu rosto é horrenda. Ela se aproxima e o faz olhar para cima, encarando-a, e o buraco negro do cano da arma o encara.

— *Pare! Outro passo e eu corto a sua mão fora!*

O ponto vermelho se crava no meio da testa dele.

— Você tem opção! — Ele grita.

— Você também teve opção. E fez a escolha errada. — A voz dela é fria e dura.

Morfeu larga a faca a seu lado e levanta as duas mãos, como que se rendendo.

— Eles vão guiá-la. Você pode até achar que vai conseguir se vingar de mim, que vai conseguir resolver os seus problemas desse jeito, mas *eles* vão encontrar uma maneira de usar isso contra você — ele retruca. — Se me matar, você vai morrer. Morrer em vida.

Apesar da firmeza na mão, a garota hesita.

— Você é o responsável por isso. — A voz dela é clara, apesar da dúvida em seu rosto.

— Kali, eu preciso que você—

— Cale a boca — ela diz, e vejo que sua mão treme cada vez mais, mas treme pelo ódio que a toma, no lugar da indecisão e da dúvida. É ódio e fúria por ele dirigir-se a ela por seu nome. — Cale a *porra* da sua boca.

As mãos dele continuam erguidas dos lados de sua cabeça, mas agora tremem incontrolavelmente. O sorriso irônico que ele usava antes desapareceu há muito tempo.

— Escute, você precisa confiar em mim. Se fizer isso, você vai se condenar. Eles vão te levar até o Fenrir, vão encontrar alguma maneira de... — Parecem faltar a ele palavras para explicar. — Você sabe o que vai acontecer com você, caso faça isso. — É quase uma ameaça.

— E você deveria saber o que ia acontecer a *você* caso mexesse com alguém como *eu* — ela responde, sua ameaça muito mais real e brutal que a dele. — *Você sabe quem eu sou, caralho!* — Ela grita, e sua voz subitamente diminui a quase um sussurro — Uma *assassina*.

Antes que ele possa falar qualquer coisa ou que eu seja capaz de impedi-la, ela continua.

— Você é o responsável por isso.

Sua voz é fria como uma noite de inverno.

— *Você é o responsável!* — Explode.

Explode a cabeça. Explode o cérebro, os miolos, explode sangue, explode tudo.

Sinto o gosto de bile subir à boca e caio de joelhos, vomitando no chão à minha frente. A rua é um emaranhado de cabelos, sangue e pele torcida e queimada. Da cabeça do homem não sobrou nada. A garota descarregou todas as balas nele. Mantenho a minha baixa, mas minha visão está turva e tudo parece girar.

A luz branca do braço da garota agora é azul.

Quando volto a cabeça para cima, a mira da arma volta a pairar sobre mim, a pistola já recarregada e pronta.

Os olhos pretos me atravessam. A ameaça é clara no reflexo.

Eu vou morrer.

Então, as sirenes. As sirenes e as barras de *leds* piscando à frente dos carros e das ambulâncias. Como se ainda houvesse esperança para meu alvo, o homem sem cabeça no meio da rua.

Quando levanto os olhos outra vez, a garota simplesmente desapareceu.

Estendo o braço para agarrar a faca, antes de fugir.

Enquanto fujo pelo beco de onde vim, a luz que sai do meu braço ilumina as paredes de azul.

2

Fim da tarde. Praça Atômica.

— O que estamos vivenciando é a evolução. O progresso.

A praça está completamente lotada. É um espaço circular que ocupa uma grande área calçada, e a multidão inteira está olhando para o centro, onde se ergue um palco junto de uma enorme escultura que simboliza nossa principal fonte de energia: um globo de vidro e metal com elipses o circundando. Quatro grandes telas projetadas mostram o orador e os cem jovens – exatamente cem jovens – de dez anos, atrás dele.

— Evoluímos, em uma centena de anos, o que se esperava em apenas um milhar — ele diz, sua voz ecoando dos alto-falantes. — Somos senhores de nós mesmos. Agora, um único homem tem o poder de toda a humanidade, pois somos todos parte de uma mesma entidade. Uma entidade que, por nós, é chamada de Teia. Uma unidade à qual estamos conectados em cem por cento de nosso tempo e da qual dependemos para sobreviver.

Vejo, no orador, uma mania minha. A mão direita dele sobe para a lapela de seu terno. Ele busca por alguns instantes e encontra um broche muito pequeno: um prisma hexagonal feito de ouro. Quando eu procuro, me frustro. Minha mão e meus dedos ficam o tempo inteiro buscando pelo colar dourado com pingente de aranha que deveria estar em meu pescoço.

Mas não está.

— Hoje somos independentes de uma única pessoa, de um imperador, um governante, um presidente. Conhecemos, agora, o verdadeiro significado da autocracia, em sua etimologia mais primordial! Um poder por si só, um poder que existe sem desmoralização, exclusão ou burocracia. Um Estado pelo Estado, uma Teia pela Teia!

A multidão solta um urro de compaixão e concordância. Esses são nossos valores básicos.

— Somos governados e governantes a partir do momento em que cada um tem o mesmo valor e poder do outro. A Teia é o que nos proporciona a liberdade e a segurança, condições primordiais para nosso progresso! A Teia é nosso *veículo*, é o poder *humano* transplantado em *máquina*. Nos unimos e evoluímos: alcançamos o auge de nossa sociedade com o que somos agora.

Ele se vira para os jovens atrás dele.

— Cada um de nós tem seu lugar dentro da Teia, cada um de nós é único e *essencial* para o futuro. Todos vocês são, à sua própria forma, insubstituíveis. E vocês têm em suas mãos e seus *braços* o destino da Teia: somos, nós mesmos, o futuro!

A excitação continua. Os jovens atrás do orador são os que mais aplaudem, apesar de estarem claramente ansiosos.

O primeiro deles dá um passo à frente.

A cerimônia da *inserção*. O que assistimos hoje, e em todas as semanas, é um rito de passagem da etapa de preparação para a vivência em sociedade. Os cem

jovens são separados em castas que fundamentam a sociedade – somos eruditos, artífices, políticos, curandeiros, mantenedores, geradores, subsistores, mercadores –, cada uma com sua função específica e subcastas, que gerenciam melhor essas mesmas funções.

Há um programador, da casta dos políticos, sentado junto de uma máquina ao lado do orador. O primeiro dos jovens vai até ele e o oferece o braço esquerdo, do qual sai uma luz fraca. Um escâner passa pelo braço e um cabo é plugado próximo à articulação.

O rosto do garoto, que aparece enorme nos telões, mostra dor e orgulho foras do comum. Seu rosto é mostrado de baixo para cima. Ele parece muito maior do que realmente é.

Ao mesmo tempo, o orador continua seu discurso.

— A Teia é o que nos torna grandiosos. É à Teia que devemos toda a nossa gratidão, disposição e trabalho. Com ela, tornamo-nos o que sempre quisemos ser...

O homem segura o ombro do garoto.

— *Completos*.

Sabemos exatamente o que vem a seguir. O rosto do orador, a lágrima que corre pelo canto de seu olho e as palavras que ele profere de olhos fechados. As palavras que todos nós repetimos.

Todas as semanas.

— A Teia é sua própria soberana e tudo sabe, tudo pode, tudo engloba. Há um lugar para todos em seu seio, onde cada um existe no geral e no individual, ao mesmo tempo. O compromisso de cada um com a Teia é o de seguir seu destino e o de tornar-se, um passo a cada vez e na linha reta que lhe foi designada, uno. Juntos, somos mais fortes e, com a força, seremos, para sempre, invencíveis.

A partir de agora, os cem jovens passarão pelo mesmo programador, que passará o mesmo escâner em seus braços e plugará o mesmo cabo negro em cada uma de

suas articulações. Quanto à multidão, vai se dispersar aos poucos após a cerimônia. Antes disso, todos precisam passar pelos programadores que dão acesso ao restante da cidade. Eles irão nos escanear para descobrir o que temos feito. E se temos cumprido com nossos destinos.

Enquanto isso, o orador ficará sobre o palco, observando tudo. E, quando todos os jovens já tiverem passado, ele vai se virar e ser o centésimo primeiro a passar pelo programador.

Depois, todos podem ir embora.

3

Noite. Rua.

A noite em Dínamo – a cidade em que vivo, cercada por uma cadeia de montanhas e com um rio que a atravessa – é iluminada pela luz da lua, mas as sombras dos prédios escondem todo tipo de coisa. A noite é o horário dos fatalistas, dos salteadores e dos sádicos.

E, apesar da escuridão, há luz. Há luz por todos os lados. Em marquises iluminadas por *néon*, nos faróis brancos de *leds* dos carros, nos *outdoors* animados que se modificam a cada dez segundos no topo dos prédios ou pendurados em suas paredes.

As ruas estão cheias. Dínamo nunca dorme. Há uma multidão caminhando em alguma direção, cada uma das pessoas que a compõe, sozinha.

— Jayden, eu estou com um problema no meu *display*.

O *display*. Também chamado de *primeira tela*, ou *extensão*. Uma tela implantada

pixel a *pixel* no antebraço esquerdo de todos os habitantes da cidade. Primeiro veio um *chip* de geoposicionamento, encravado no fundo do osso, quando eu era novo demais pra sentir qualquer coisa. Depois vieram as conexões que ligam o *chip* ao restante do braço e às camadas mais exteriores. Então, um amontoado de pontos luminosos capazes de brilhar em todo o espectro de cores, espalhados em um retângulo quase perfeito no lado de dentro do antebraço. Nossa assinatura digital perto da dobra, pela qual os escâneres passam e identificam cada um de nós. E, na própria articulação, um dermatrodo para ligação direta. Nossa conexão permanente com a Teia é feita através dessas extensões embutidas em nossos braços.

Alguns dos *outdoors* anunciam uma das mais interessantes possibilidades para quem tem créditos suficientes: um implante cerebral. Chamam de “conexão genuína”. O *link* integral, uma âncora com a Teia. Dizem até que é possível compartilhar pensamentos através dele.

Como tenho poucos créditos, fico apenas com o *display* original, o *hardware* intocado.

— *Hardware* ou *software*? — Pergunta Jayden.

— *Software*. Você é um *hacker*, certo? Só sabe lidar com o *software*, de qualquer forma.

Ele pigarreia, incomodado.

— Sei mexer com o *hardware*, também... um pouco — retruca. — Qual é o problema?

— A tela ficou azul.

Jayden fica calado por um instante ou outro, como se pensando.

— Quando isso aconteceu?

— Duas noites atrás. Sabe o que isso significa?

— Depende muito. A tela azul significa que houve um erro. Significa que seu

display travou. Algum mantenedor apareceu para falar com você?

— Apareceram só na hora, mas eu fugi.

— Harlan, *o que aconteceu* duas noites atrás? — Pergunta ele.

Continuo caminhando por mais alguns metros antes de falar qualquer outra coisa.

— Duas noites atrás eu saí para roubar um dos meus alvos. Seu nome era Morfeu.

— Era — resmunga Jayden. — O nome dele *era* Morfeu.

— Foi morto na mesma noite. *Antes* de eu conseguir roubá-lo. Foi por isso que o meu *display* ficou com a tela azul. Eu estava perseguindo ele por um beco e uma garota simplesmente apareceu. Foi tão súbito que eu poderia jurar que ela *se materializou* naquele beco. Ela me ameaçou e disse para eu ficar longe, mas eu fui atrás dela quando começou a correr na direção do meu alvo.

— Certo.

— Ela lutou com o Morfeu, eles... eu ainda estou tentando entender o que aconteceu. Fato é que eles se conheciam, e ela, por alguma razão, queria matar ele. E matou.

— E você ficou só olhando enquanto ela fazia isso.

— Foi tudo muito rápido.

Jayden fica calado por alguns instantes, e eu, também. Sei muito bem o quão enfaticamente são proibidos atos fora do que é previsto no *display*, e o que possivelmente significa o que aconteceu entre Morfeu e a garota. A consequência apareceu pouco depois da cerimônia de inserção.

— Você também recebeu um aviso sobre uma atualização? — Pergunto.

— Sim. Eu vi no *display*. Pelos comentários de outras pessoas, parece ser das

grandes. Todo mundo recebeu o aviso.

— Acha que pode ter alguma relação com o que eu vi?

— Depende de quem são essas pessoas. Se o seu alvo devia morrer em breve, pode ser que o motivo tenha sido outro. Pra ter uma atualização de grande alcance, como essa, é preciso o envolvimento de alguém realmente importante, que tenha muita coisa pra fazer. — Responde Jayden.

Olho para meu *display* e para o pequeno ícone vermelho do aviso de atualização, piscando discretamente.

— Harlan... você sabe *quem* era essa garota?

Respiro fundo antes de responder.

— É a Kali.

Jayden fica quieto por alguns instantes, e eu faço o mesmo.

— Bem, você é *mesmo* um cara de sorte. — Jayden dá uma risada breve.

— Cale a boca.

— Acho que já sabemos o que foi que causou a atualização — resmunga ele, ligeiramente incomodado com a minha grosseria. — Quanto à tela azul, você pode ficar tranquilo. Eles certamente vão arrumar tudo amanhã, na atualização e, se você tiver alguma dúvida, é só perguntar para eles. Os programadores vão saber o que fazer e saberão responder às suas perguntas.

Concordo com a cabeça, meio a contragosto.

— Você vai com o Mael para a atualização?

— Vou, mas você pode vir junto.

— Certo. Encontro vocês no dormitório.

Toco no *display* e desligo.

4

Sol a pino. Praça da Libertação.

Há oito filas paralelas atravessando a praça, no formato de um retângulo. Ao final das filas há um gigantesco galpão. A enorme porta de entrada foi recolhida e, agora, só resta um arco aberto. Lá dentro há oito máquinas enormes e tubos de metal espalhados por toda parte, soltando vapor de água intermitentemente. Sobre o grande arco da porta há um prisma sólido hexagonal, como o que estava na lapela do orador, no outro dia. O prisma representa a Teia.

Eu e Jayden estamos juntos a uma boa distância da entrada. Mael está na fila ao nosso lado, referente à casta dele, a dos eruditos. Perto o bastante para conversar e, ao mesmo tempo, manter seu lugar na fila.

— Harlan, eu quase me esqueci. Me dê o seu braço, quero ver uma coisa. — Diz Jayden.

Dar nossos braços esquerdos – e, automaticamente, nossos *displays* – é algo que fazemos todos os dias, quase o tempo inteiro. Precisamos mostrá-los ao entrar

em uma sala, passar em um console, ao ir para o centro da cidade. Dessa vez eu o estendo a Jayden, o garoto magro e alto, de pele clara e cabelos loiros, que compartilha comigo o dormitório e a casta. Somos, os dois, mercadores, da subcasta dos salteadores.

— O que foi? — Pergunto.

— Só quero ver o que aconteceu. Anda funcionando normalmente? Notou alguma diferença?

— Acho que tá funcionando direito — digo, tentando me lembrar. — O único problema que aconteceu foi naquele dia, quando ele desligou e ficou com a tela azul. Mas, depois, ele ligou de novo e só deu uma travada, antes de estabilizar. E já estava conectado de novo, normalmente.

— O *display nunca* desliga. — Diz Mael, na fila ao lado.

Mael é o garoto que dorme no nosso dormitório só porque é o novo namorado do Jayden, que *hackeou* a tela de *check-in* na entrada e conseguiu abrir uma exceção nos códigos. O Mael é mais baixo e gordo que o Jayden, a pele é mais morena, e, os cabelos, marrons, bem escuros. Sabe muita coisa sobre burocracia e sobre a própria Teia, embora raramente fale qualquer coisa a respeito. Eu e Jayden achamos que ele desconfia que possamos traí-lo e vender as informações que ele der. É natural, já que eles namoram há pouco mais de um mês e meio. Eu também não confio nele.

Olhamos para ele.

— *Nunca?* — Duvida Jayden.

— *Nunca* — responde ele. — Quero dizer, o requisito básico para o *display* estar funcionando é ter energia pra rodá-lo. Como ele funciona com energia vital, a energia produzida pelo nosso próprio corpo, a única maneira de você desligá-lo é morrendo ou decepando o braço. Afora isso, ele só vai reiniciar. Deve ter sido isso que aconteceu com o seu, "naquele dia" — Mael faz um sinal com a cabeça na minha direção. — Na atualização acontece a mesma coisa. Eles só reiniciam.

Tanto eu quanto Jayden concordamos com a cabeça. A fila anda um pouco, e avançamos três passos pequenos.

— O que aconteceu? Qual foi o erro? — Pergunta Mael.

Olho para Jayden levantando uma sobrancelha, em dúvida se devo compartilhar com o outro garoto o que aconteceu. Ele toma a decisão por mim.

— Quebra no fluxo. — Ele simplesmente diz.

Os *displays* servem, antes de qualquer outra coisa, para guiar as vidas de todas as pessoas dentro do sistema da Teia. Em sua programação, além de todas as funcionalidades complementares, temos quatro galerias responsáveis por nos oferecer os caminhos que devemos seguir. A primeira das galerias é relativa à casta. Como sou um mercador salteador – minha função é a de estabelecer a rotatividade de bens retomando objetos pertencentes à Teia e devolvendo-os a ela –, a minha primeira galeria tem a assinatura digital de todas as pessoas que devo roubar. Morfeu era uma dessas pessoas, e o item que eu deveria devolver à Teia era a sua faca de gume *laser*.

A segunda galeria é a mais problemática para mim. A galeria de pareamento, que identifica as pessoas com as quais você deve se envolver sexualmente. As terceira e quarta galerias são as mais simples: de aliança e rivalidade. São as pessoas com quem vamos interagir durante toda a nossa vida, em um ou outro momento. Pode ser que eu conheça um de meus aliados logo após a inserção e, outro, poucos minutos antes de morrer. O mesmo ocorre com os rivais.

Uma quebra no fluxo é algo raro e passível de punição. É quando alguém cumpre com um de seus objetivos da primeira galeria antes do tempo designado ou faz algo que não esteja em seu *display*. E quando o cumprimento desse objetivo é irreversível.

Como quando alguém é assassinado.

— Quebra no fluxo? — O garoto repete, como que tentando confirmar o que acabou de escutar. Cruza os braços e olha para as filas. — Por acaso essa quebra é a razão para estarmos aqui?

— Eu e o Harlan achamos que sim. — Diz Jayden.

Por um instante, o erudito lança um olhar avaliativo na minha direção.

— Qual é a razão para estarmos aqui? — Questiona Mael.

— Um dos meus alvos foi assassinado antes de eu conseguir roubá-lo. — Digo. Com algum orgulho, tiro de dentro da barra da calça a faca que roubei, e estendo-a para Mael pela lâmina. Ele a pega e dá uma olhada descompromissada antes de me devolver.

— E esse alvo era alguém importante? — Pergunta.

— Tipo Edward Blair, o cara do *reality show*? — Jayden se refere a um homem responsável pela última grande atualização, antes de eu e Mael sermos inseridos na sociedade. Apenas ficamos sabendo dos reflexos do que aconteceu, enquanto Jayden passou pela atualização em si.

— Sim.

— Eu não tenho certeza de quantos alvos o meu alvo ainda tinha, quando morreu. Não é impossível que fosse uma pessoa importante — digo. — Mas, na minha opinião, quem importa é a garota.

Mais alguns poucos passos em frente, e paramos de novo. Toda a cidade foi convocada para a atualização, pelo que dá pra perceber.

— E quem é ela?

— Meu par.

Minha voz sai baixa.

Enquanto a maior parte das pessoas possui uma quantidade razoável de alvos, pares, aliados e rivais, eu possuo um número muito pequeno. Sou o que é informalmente chamado de “curinga”, embora exista um nome oficial para a coisa. Mesmo que a Teia seja capaz de prever até mesmo o momento da morte dos habitantes de Dínamo, é impossível prever acidentes. Quando alguém morre

antes do momento predeterminado, normalmente sobram objetivos a cumprir.

Os curingas preenchem o espaço vazio. São inseridos na Teia com poucos alvos para estarem disponíveis para realocação o mais rápido possível. Quando terminam com seus próprios objetivos, esperam na CMT, o Centro de Manutenção da Teia, até haver uma vaga, que preenchem com o intuito de finalizar o trabalho de quem se acidentou.

Por isso tenho poucos alvos. Por isso tenho apenas um par.

O olhar que Mael direciona para mim é esquisito, e eu tento, em vão, entendê-lo.

— Quem é ela? — A pergunta se repete.

— Kali Assange, uma fatalista. — Diz Jayden, outra vez falando no meu lugar.

— Ah. — É tudo que seu namorado diz.

Porque há poucas coisas a se dizer a respeito de um fatalista. Falar em fatalismo é o mesmo que falar em morte. Os fatalistas formam a subcasta mais malvista de todas, apesar de eles serem mantenedores, ou seja, tecnicamente as pessoas responsáveis por fazer a manutenção da Teia. Os fatalistas são responsáveis por executar mortes, o que costuma-se chamar de “fechamento de arco”. O que aconteceu no beco, no entanto, foi um assassinato. O fechamento de arco ocorre apenas quando toda a Teia converge para a morte de determinada pessoa. Motivo pelo qual exatamente cem pessoas devem entrar a cada cerimônia de inserção: cem outras pessoas tiveram os arcos fechados, e essas as substituem.

Mais três passos à frente.

A multidão adiante começa a murmurar sobre alguma coisa. Fico na ponta dos pés e tento enxergar.

— O que tá acontecendo?

— Tem uma aglomeração perto do galpão — diz Jayden, também na ponta dos pés. — Deve ser a sua garota.

Olho para ele.

— Você acha?

— Talvez. Vai lá descobrir.

Eu o encaro por alguns instantes, tentando descobrir o que pretende, mas, aparentemente, ele está apenas me propondo descobrir o que está acontecendo. Saio da fila, ignorando o olhar de repreensão que Mael me lança, e avanço através dela, sob as encaradas de diversas outras pessoas que pensam o mesmo que ele: estou desafiando, de certa maneira, a organização prévia da fila.

A aglomeração acontece por conta de quatro mantenedores, acompanhando Kali, de pulsos presos.

Eles rumam através das filas para o galpão de atualização e suas grandes portas abertas. Duas garotas os acompanham. Uma delas tem cabelos vermelhos, corpo voluptuoso e pele excessivamente branca, enquanto a outra é negra, alta e magra. As duas tentam falar com a fatalista, mas ela as ignora. Depois de pouco tempo, um dos quatro mantenedores as afasta e ordena que retornem às suas posições nas filas.

Quando estou perto deles, furo a fila dos mercadores e me escondo entre eles.

Da entrada do galpão vem um outro mantenedor. Este, com aparência mais oficial.

— Meu nome é Dimitri O’Neil, sou o responsável pela manutenção do Programa de Proteção do Fluxo Humano — ele se apresenta, assim que chega perto da garota. — O programa que você foi responsável por arruinar, razão pela qual estamos aqui hoje.

Ela fica calada.

— Você sabe qual é a razão para esta atualização?

Kali permanece quieta.

— Você sabe qual é a razão para esta atualização? — Ele repete a pergunta, e há ácido corroendo cada uma de suas palavras. Ante o silêncio, outra vez, ele agarra o queixo dela e a força a olhá-lo. — Preciso da confirmação verbal.

Um dos mantenedores acerta as costas dela com um cassetete. Com os punhos presos por algemas eletromagnéticas, ela solta apenas um fraco gemido de dor.

— A confirmação verbal, por favor. — Rosna o homem.

— Sim. — Ela resmunga.

— Ótimo.

De junto do cinto ele tira um escâner portátil. A grade vermelha passa pelo braço relutantemente cedido da garota e ele, então, observa as informações em seu próprio *display*. Faz um sinal com a cabeça para os outros mantenedores, e todos eles seguem para o galpão.

Há programadores junto da entrada, fazendo a passagem das pessoas da fila para o interior. Saio do meio dos mercadores e volto a entrar na fila mais à frente, perto de onde os mantenedores agora acessam o lado de dentro.

Cada um deles apresenta seu antebraço esquerdo à programadora, que espera com a mão no ar por seus *displays*. Quando chega a vez de Kali, o mesmo mantenedor que a acertou com o cassetete agarra seu braço e empurra na direção da mulher, enquanto a garota mantém os olhos fixos no chão.

Decido aguardar onde estou, já tendo furado a fila vezes demais para continuar passando despercebido. Assim que dou o meu braço, vejo a fatalista sendo encaminhada para uma das grandes máquinas que chia e solta vapor de água para o alto teto do galpão. Um programador espera até que ela se aproxime.

Outra vez o braço dela é entregue.

Um cabo negro é plugado ao dermatrodo na articulação interna do braço esquerdo dela. A tela fica azul e apaga. O *display* reinicializa e, em menos de um minuto, está pronto.

A mão é estendida outra vez.

— Agora você. — Diz o programador ao líder dos mantenedores, Dimitri.

Ele parece incomodado, por um momento. Depois, estende o braço.

A garota sai de perto da imensa máquina e dá alguns passos em frente, agora liberta dos cinco mantenedores. Os cabelos negros, compridos e lisos, tapam os lados de seu rosto enquanto ela olha para o braço. Seus dedos tremem quando ela toca na pele e os desliza de um lado para outro sobre a tela.

Então, ela desaba.

Os joelhos batem com força no chão cimentado. Ela senta sobre os próprios tornozelos.

Se encolhe, como se quisesse simplesmente desaparecer.

E grita.

Quando chega o meu momento de atualizar, ela continua lá. O processo toma menos do que um minuto e é um pouco dolorido – afinal, trata-se de uma agulha que acessa o *chip* encravado no osso. A tela apaga, fica uns cinco segundos *offline* e volta.

Liga novamente.

A luz de fundo se acende e uma assinatura pessoal aparece, avisando da proximidade de um alvo.

Kali Assange, fatalista.

Levanto os olhos.

A garota caída de joelhos mais adiante é meu par.

E, agora, é também meu alvo.

5

Tarde. Depósito dos mercadores.

Todas as castas possuem uma espécie de quartel-general próprio. É onde geralmente passo meu tempo, assim como Jayden. O lugar é apenas um grande depósito de todo tipo de coisa, com um andar específico para cada subdivisão. O dos salteadores é um dos menores espaços e com menos coisas estocadas. Tudo que roubamos costuma ter um destino específico, que é evidenciado a cada semana, com a vinda dos mantenedores nos dias de repasse. Por essa razão, nosso andar possui basicamente mesas com tampo de vidro sensível ao toque: computadores com ligação direta a alguns servidores de arquivos que podemos usar para nos ajudar com nossos alvos. Podemos, por exemplo, acessar os relatórios de bens e descobrir o que cada pessoa possui. Ou, também, ver uma ficha detalhada a respeito de cada um de nossos alvos.

Às vezes, podemos até invadir seus *displays*.

— É possível bloquear o *display*? — Pergunto.

Jayden levanta os olhos para mim por alguns instantes, como se tentando descobrir a razão para eu estar fazendo essa pergunta. Ele está na mesa mais próxima de mim, à direita.

— Se for, deve ser ilegal — ele volta a olhar para seu tampo de vidro. — Porque, tá pensando em bloquear?

— Porque eu faria isso?

— Porque você acabou de perguntar.

Dou de ombros.

— É a Kali.

— O que tem ela?

Bato duas vezes no meu braço esquerdo, apontando para a tela integrada.

— Ela agora é meu alvo — digo. — Sempre quis ter acesso ao *display* e ao relatório de bens dela, você sabe. Antes só dava pra ver a ficha básica. Mas, agora, quando eu deveria ter acesso, parece que o *display* dela é bloqueado.

Jayden toca mais algumas vezes na tela de sua mesa antes de finalmente virar para mim e andar até a minha.

— Vamos ver o que aconteceu.

Como um *hacker*, ainda que amador, Jayden tem essa estranha mania de tentar se meter em qualquer tipo de problema de conexão ou programação, ainda que estes sejam incrivelmente raros. Ele toca na tela para acessar indiretamente o meu *display*. Apesar de praticamente todas as pessoas terem acesso remoto ao conteúdo da tela de cada indivíduo, tocar diretamente no *display* de outra pessoa é considerado uma grosseria.

Mesmo que seja seu melhor amigo.

— Realmente, parece que ela bloqueou — diz ele. — Agora, como ela fez isso...

provavelmente através de algum *hacker* muito bom. Alguém capaz de colocar o bloqueio bem debaixo do nariz da CMT e, ainda por cima, manter esse bloqueio em segredo, precisa ter uma habilidade exemplar.

— Você consegue desbloquear?

Jayden balança a cabeça.

— A única coisa que posso tentar é encontrar uma brecha pra vermos o que tem dentro, mas desbloquear é bem mais difícil — responde ele, tocando na grande tela da mesa. — Eu precisaria de um computador como esse, um cabo e o próprio *display* dela. Acha que a sua garota estaria interessada em vir até aqui?

— Duvido muito. — Respondo, com um sorriso torto.

Ele sorri de volta e, então, abre os códigos-fonte. Há uma profusão deles, de todos os tipos e cores, se misturando e entrelaçando de maneira que eu dificilmente entenderia. Jayden, porém, parece entender. Seus olhos correm de um lado a outro na janela que abriu até que ele para de ler e olha para mim.

— Isso foi feito por alguém *muito* bom — ele diz, estreitando os olhos para a tela. — Sempre achei que todo sistema tem uma falha, mas... se esse tem, ela está muito bem camuflada.

Deixo os ombros caírem.

— O que eu faço, então?

— Você tem outros alvos, não tem?

— Tenho.

— Então vá atrás deles. Quando toda essa história de atualização tiver passado, aí você pode voltar a essa garota — ele diz, dando de ombros e voltando à própria tela. — Que outros alvos você ganhou?

— Só ela.

— Só ela?

Faço que sim com a cabeça.

— E quanto aos pares?

— Continua sendo só ela.

Encaro a tela no tampo de vidro. A ficha básica de Kali está aberta no segundo plano, mas eu já sei tudo sobre ela.

— Eu tenho uma ideia — Jayden aponta para a porta à frente, pela qual entram os mantenedores responsáveis pelo dia do repasse. — O bloqueio, muito provavelmente, é ilegal, o que significa que, se você denunciar a sua garota para os mantenedores, talvez consiga forçar o desbloqueio. Acho que vale a tentativa.

Observo o pequeno grupo de três mantenedores entrando no depósito, com seus justos uniformes pretos com detalhes brancos. São duas mulheres e um homem, cada qual com um apetrecho: um deles possui um óculos com um prisma de vidro, que serve como tela, logo acima do olho esquerdo; o outro, um escâner; o terceiro, um *tablet*. Volto a olhar para meu amigo.

— E quanto à atualização? Como isso poderia ter passado batido?

— Quem sabe o *hacker* desbloqueou temporariamente. Talvez faça isso a cada cerimônia de inserção, pra passar sem problemas pelos programadores.

Quando os mantenedores se aproximam, fecho as janelas da tela rapidamente e a apago com um movimento da mão. Continua ligada, mas em espera.

Do armário embaixo do tampo tiro a faca de gume *laser* que roubei de Morfeu, mesmo que depois de sua morte. Coloco-a sobre a mesa, aguardando a chegada deles. É triste olhar para a mesa de Jayden e ver os quatro objetos que roubou na última semana. Sinto uma pontada de inveja.

— Isso quer dizer que ela se encontra regularmente com esse *hacker* — digo. — Será que são aliados?

— Ou pares?

O sorriso de Jayden é um pouco maldoso, e tento ignorar o que ele acabou de dizer.

Demora muito pouco até que os mantenedores façam toda a volta e cheguem até mim. Quando o fazem, mal me olham.

— O braço.

Estendo o braço esquerdo e a grade vermelha do escâner passa sobre o *display*. O homem com o óculos de prisma de vidro anuncia meu nome:

— Harlan Montag.

Concordo com a cabeça. Empurro de leve a faca na direção deles.

— Eu roubei essa faca de um alvo que foi morto antes do tempo. A responsável pela morte se chama Kali Assange, ela é fatalista — digo, rapidamente. — Imagino que possa haver algum problema com relação a este objeto porque foi roubado depois da morte do dono, mas quero esclarecer que o que aconteceu foi mais um desencontro do que um erro ou quebra no fluxo.

Os três mantenedores me ouvem, mas deixam o que eu falei sem resposta.

— Esta faca é Classe 2. Você deve repassá-la imediatamente a seus colegas mercadores. — Diz a mulher com o *tablet*.

Outra vez concordo, e volto a empurrar a faca na direção deles.

— Segundo os relatórios, você tem em mãos um colar que é Classe 1. Onde está?

— Foi roubado.

— Você o perdeu? — Pergunta a outra mulher do grupo.

— Não, foi roubado.

— Isso é impossível — diz ela. — Este colar deveria ter sido entregue à CMT logo que foi roubado por você. É o único caminho possível. Você é o único salteador responsável por essa conquista.

— Mas foi roubado.

— Entenderemos que foi perdido, ou que você está retendo bens que são de propriedade da Teia, o que é contra as leis. Você sabe que isso é proibido? — Pergunta ela. Fico calado. — Deve encontrar este bem e entregá-lo à Teia o quanto antes.

Respiro fundo enquanto eles se viram para seguir até a mesa do Jayden.

— Escutem, tenho uma pergunta.

A mesma mulher volta para mim, enquanto os outros prosseguem.

— Diga.

— Preciso de algumas informações sobre um alvo meu, mas seu *display* parece ser bloqueado.

— Então você não tem permissão para acessá-lo — diz ela, como se a resposta fosse óbvia. — E, provavelmente, eu também não. Certamente é um arquivo confidencial. Os bloqueios feitos pelos mantenedores sempre têm um fundamento.

— Mas foi feito por um *hacker*.

Ela fica em silêncio.

— Pode ser alguma falha no sistema. — Levanto a ideia.

— O sistema é à prova de falhas — ela decreta. — Vou verificar o que aconteceu.

A mantenedora se volta para os outros, que já estão terminando de recolher um dos bens do Jayden.

— Eu preciso informar o nome dessa pessoa... — Mas ela já foi embora.

— Como foi? — Pergunta meu amigo, enquanto eles se afastam.

Balanço a cabeça, derrotado. Jayden segura meu ombro com sua mão e me chacoalha de leve, tentando me animar.

— Fique calmo, os mantenedores têm um registro de todos os *displays offline* — diz. — Para quando precisam acessar alguma informação fora do sistema. Se formos até um posto avançado, vamos conseguir abrir o *display* dessa garota. Ele pode estar bloqueado no sistema, mas, em um registro *offline*, feito nas cerimônias de inserção, é certo que vamos conseguir acessá-lo.

Levanto uma das sobrancelhas.

— Você faria isso por mim?

— Estamos na galeria de alianças um do outro — Diz ele, e pisca pra mim. — Podemos levar o Mael junto, só pra ver a cara dele.

Dou um sorriso em retorno.

— Pode ser — digo. — Valeu.

6

Um pouco mais tarde. Do lado de fora.

Peguei minha capa de chuva antes de sair. Apesar da chuva, que cai o tempo inteiro, a temperatura é boa. Jayden desaparece por algum tempo e me diz para ir em frente. Pouco depois, surge de uma rua lateral, devidamente acompanhado por Mael.

— O que é que vocês vão fazer, afinal? — Pergunta este, com as duas mãos dentro dos bolsos e um capuz azul-escuro sobre a cabeça.

— Você vai ver. — Responde Jayden, rindo, antes que eu fale qualquer coisa.

Começamos a caminhar na direção do posto avançado de mantenedores mais próximo. Fica perto de um monumento, no subúrbio, a um homem chamado Gauss.

Pouco depois, chegamos ao lugar. Nos abrigamos debaixo de uma marquise. Mael olha para dentro da vitrine da loja atrás de nós, enquanto eu e Jayden

olhamos para o pequeno prédio circular mais à frente. É uma pequena torre de vidro escuro. Uma minúscula central que controla as câmeras das redondezas e abriga os mantenedores que fazem rondas no entorno. Um pouco mais adiante, é possível ver a luz vermelha que vem da porta de uma casa de sádicos, e ouvir o *dubstep* frenético que vem do lado de dentro.

— Normalmente, os mantenedores do próximo turno dão uma *passadinha* na casa de sádicos antes de entrar no posto avançado — diz Jayden, apontando para o lugar. — Mas eles fazem bem. Já fui a essa casa e, realmente, todos os produtos são de ótima qualidade.

— Talvez eu experimente, qualquer hora. — Comento.

— Os mantenedores do turno atual também costumam ir até ali, no final do deles — Jayden coça a cabeça. — É tão absurdo que eu poderia até achar intencional. Talvez seja. Todo sistema tem uma brecha para que possa ser desvendado e subjugado. Isso acontece com as nossas mesas digitais, com consoles que trancam portas e até com os computadores deles — indica o posto. — Talvez *realmente* seja de propósito.

— Tanto faz — digo, tentando ir direto ao assunto. — Como é que você sabe dessa troca de turnos, afinal?

— Tem gente que tenta se aperfeiçoar dentro da própria casta, ao contrário de *outras* pessoas — ele me lança um olhar inquisidor. — A melhor coisa para saber mais sobre os alvos é um computador de mantenedores. Achei que você soubesse disso.

— Poderia saber, caso meus *amigos* me contassem.

— Quem sabe você devesse *perguntar*.

— Ah, calem a boca — diz Mael, tirando os olhos dos produtos na vitrine. — O que vão fazer?

— Precisamos entrar no posto avançado e acessar algum computador. O par do Harlan bloqueou o *display*, então ele só vai conseguir saber mais sobre ela no

registro *offline* dos mantenedores.

Mael apenas concorda com a cabeça. Olho para o *display* para descobrir as horas: quase meia-noite.

— Quanto tempo vamos ter?

— Em torno de dez minutos. Os mantenedores costumam ser bem rápidos.

Esperamos algum tempo até que os dois que estavam dentro do posto avançado saem e se encontram com outros dois, que estão chegando. Eles vão à porta de luz vermelha, e entram depois de falar com um homem parado junto dela. Saímos da proteção da marquise e vamos à porta de vidro curvo da entrada do posto.

— Você consegue? — Pergunto.

Jayden coloca o joelho no chão e mexe no console junto da porta. Demora no máximo meio minuto, então a porta se abre com um barulho costumeiro de pneumática, e, depois de entrarmos, se fecha. Ele parte direto para o computador mais adiante, um gabinete sobre uma mesa e um projetor apontado para uma parede branca. Todos os computadores de Dínamo estão permanentemente ligados, então é só uma questão de dar algum comando a ele que a projeção aparece.

— É daqueles que podem ser controlados por movimentos — diz Jayden. — Mas, primeiro, tenho que desativar a proteção. Precisa da impressão digital de algum dos mantenedores, mas é bem fácil de contornar. Só espere um pouquinho.

Concordo com a cabeça e olho em volta. O interior é bastante simples, com alguns outros computadores, balcões, armários e estantes. Há algumas cadeiras espalhadas e um quadro digital que está apagado, no momento. Pressiono um botão no canto e ele se acende, mas mostra apenas uma lista e alguns números de apreensões. Na parede oposta à entrada fica uma porta que dá em uma escada para o segundo andar, também repleto de vidro e, provavelmente, abrigando o centro de monitoramento, com suas incontáveis telas apresentando as gravações

das câmeras da região.

Enquanto espero, percebo que meu *display* está iluminado.

Estranho.

É um aviso de proximidade. O *display* sempre avisa quando algum alvo está próximo e, pelo visto, tenho um, nesse momento. Acesso a galeria e vejo que se trata de um mantenedor. Só preciso descobrir o que roubar.

— Pronto. — Diz Jayden, e eu avanço para o computador. Mael faz o mesmo.

— Isso é certo? — Pergunta Mael, hesitando.

— É *preciso*.

— Você deveria tentar se manter na linha — diz Mael, olhando para mim. — É o que eu tento fazer, sempre. É perigoso fazer qualquer coisa fora do normal ou inesperada. Pode trazer problemas pra você, mais adiante.

Faço um gesto de “deixa pra lá” e olho para a projeção. Coloco meu braço na área indicada, próxima do gabinete do computador.

— Entra na assinatura dela.

Jayden tem uma prática absurda com qualquer tipo de tecnologia, mesmo essa que exige movimentos pra ser manejada. Em poucos instantes, o *display* da garota é aberto e podemos ver suas quatro galerias e uma foto pequena no canto.

— Quer ver a foto? — Pergunta Jayden, outro sorriso torto aparecendo em seu rosto. Sempre esqueço que ele é, para todos os efeitos, bissexual.

— Eu já conheço ela — digo. — O que eu preciso ver é o *display*. Abre logo a ficha dela.

A ficha aparece em seguida. Tudo que eu poderia querer saber está aí.

Kali Assange.

Mantenedora fatalista.

21 anos. Dois anos mais velha do que eu.

1,67m. 61kg. Devo ter uns vinte quilos a mais que ela e ser uns dez ou quinze centímetros mais alto.

— Olhe logo o que tem que ver — diz Mael. — Vai saber quanto mais tempo os mantenedores vão demorar pra aparecer? Prefiro estar longe daqui quando eles chegarem. Isso é errado.

Abro a mão na direção dele, pedindo para se acalmar.

— Mas que merda é essa? — Pergunta o Jayden, abrindo a galeria de alvos dela.

Todos os três olhamos para os dados projetados na parede. A lista de alvos dela é enorme, com uma barra de rolagem gigantesca. As assinaturas são tantas que umas se perdem em meio às incontáveis outras. Perto do número de alvos de uma pessoa normal, ela tem uma quantidade absurda. Perto do número de alvos de um curinga, como eu, a quantidade dela é... inconcebível. A lista parece infinita.

— Esse é o *display* com o maior número de alvos que eu já vi — diz Jayden. — E olha que eu já vi *muitos displays*. Algum de vocês já viu uma coisa assim antes?

Balançamos a cabeça. Eu, pelo menos, estou mudo.

Jayden continua, e abre a galeria de pares. Em contraste com a anterior, essa só tem uma assinatura.

A minha.

— Bem... parece que, pelo menos nisso, você se deu bem — diz ele, enquanto olhamos para a minha solitária assinatura pessoal. — Vai ter ela só pra você.

A galeria de alianças conta com quatro marcas. A de rivalidade, com um número enorme, assim como a de alvos. Provavelmente ela é rival da maior parte de seus

alvos, o que justifica o grande número.

— Quanto tempo ainda temos?

— Pouco. Melhor partir logo pra o que realmente importa.

Faço que sim com a cabeça, e Jayden acessa os relatórios de bens. Em pouco tempo já vemos tudo que a garota possui: na maior parte, armas. Um rifle, uma escopeta, duas submetralhadoras e uma pistola automática. Essa é a pistola com a qual ela me ameaçou. Além das armas, ela só tem artigos comuns como roupas e acessórios diversos. Tudo muito banal.

— Acho difícil que o que você tem de roubar seja uma dessas coisas. — Diz Jayden.

— Também acho. — Digo.

Mael, mais perto da porta, vira para nós dois.

— Temos de ir.

Jayden fecha os relatórios depois de passar os arquivos para um HD que eu trouxe.

— Calma, quero dar uma olhada nesse cara aqui. — Mostro o aviso de proximidade no meu *display*, e abrimos o relatório de bens do meu alvo. É fácil descobrir o que tenho que roubar e, também, o porquê de o *display* ter se iluminado aqui. Procuro em um armário, abro algumas gavetas e encontro um pacote embalado a vácuo com um adesivo que identifica o conteúdo: *nectarina*.

Saímos do posto avançado e os mantenedores entram em seguida. Andamos rápido pelas ruas até o nosso dormitório.

— Pra quê é que serviu vir até aqui e fazer algo ilegal? — Pergunta Mael, me recriminando. — O que você descobriu?

— Tecnicamente, muito pouco — admito. — Mas descobri que, se quiser saber mais sobre essa Kali, vou ter que ser mais direto. Jayden, você ainda está

vendendo aquelas câmeras?

7

Três dias mais tarde. Centro de treinamento da Kali.

Uma chicotada rápida nas costas, um vergão na pele, um filete fino de sangue escorrendo.

Há um fino e comprido tubo metálico na mão da tutora da fatalista, andando à sua volta. Um tubo usado para punir. A garota está com os braços para cima, segurando as correntes que prendem um saco de pancadas no teto. Suas costas estão à mostra, a parte de trás da blusa passada por cima da cabeça e presa como uma camisa de força no seu queixo.

Kali Assange fica parada, quieta.

Parece alguém completamente diferente da pessoa que estava no beco, assassinando meu alvo. Alguém mais próximo da garota que perdeu o controle e gritou depois da atualização. Pelo visto, sua tutora é uma das pessoas capazes de dobrá-la.

— Certo — diz a tutora, voltando à fatalista e esperando de braços cruzados. — Vamos continuar.

Kali, por sua vez, solta as correntes, os nós dos dedos brancos, e puxa para baixo a blusa cinza. Ao tocar na pele artificialmente escurecida, de leve, de suas costas – ao contrário da minha pele, naturalmente negra –, o tecido adquire riscos vermelhos de sangue.

Tomo um momento para admirá-la mais uma vez, como já fiz em tantas outras ocasiões. Meu par é a garota de altura mediana caminhando de pés descalços no tatame, corpo magro, mas com seios e traseiro salientes, pernas torneadas de alguém que treina muito. Apesar de os cabelos geralmente o esconderem, seu rosto é fino, com nariz e boca também finos, e olhos aquilinos. Seu olhar, porém, é como se pertencesse a outra pessoa. Ao mesmo tempo em que é profundo, é raso. Como se escondesse algo por debaixo de sua superfície. A barreira que impede qualquer um de ver esse segredo parece feita de puro gelo.

Pelo que entendi, todo esse centro de treinamento é exclusivamente usado por Kali e sua tutora. O que é justificável pelo fato de que fatalistas são amplamente malvistos e odiados, o que significa que a maior parte dos componentes dessa subdivisão dos mantenedores é solitária.

O centro de treinamento é um lugar grande o bastante para comportar todas as ferramentas de Kali, mas aconchegante, ao mesmo tempo. Tem uma pequena arena no centro, com tatame e um saco de pancadas, um mínimo estande de tiros que atravessa a sala na diagonal, uma seção com pesos e máquinas para musculação, e uma pra treinamento de agilidade, com obstáculos. Parecida com o que é usado nos treinamentos de *le parkour* dos salteadores. Uma porta leva até alguns vestiários, que parecem meio deslocados pelo fato de que *só ela* treina aqui. Do vestiário, é possível chegar a um mezanino, onde estou escondido agora. Parece ser usado muito raramente, o que me garante estar a salvo.

A única razão pra eu ter encontrado esse centro de treinamento é o console do lado da porta de entrada. Toda vez que alguém entra em algum lugar, sendo dormitório, refeitório ou qualquer outro, precisa fazer *check-in*. A partir disso é possível localizar praticamente qualquer pessoa inserida na Teia. E ser localizado, também.

— Quero que você faça o movimento correto, dessa vez. — Diz a tutora, austera.

Kali concorda com a cabeça e crava os olhos no saco de pancadas.

Um, dois, três socos, um chute. Uma joelhada. Outro chute, mais três socos. Ela finaliza com um golpe de cotovelo, que enverga o saco e deixa nele uma marca.

— Ótimo. — Diz a tutora, o rosto dela mostrando qualquer coisa, menos satisfação.

— Para que eu preciso dessas lutas antigas? — Pergunta a garota, evitando os olhos da outra, enquanto massageia o cotovelo. — É bem mais fácil pegar uma pistola e atirar do que dar um soco em alguém. Uma bala é *mortal*.

A tutora fica quieta por um instante, então olha para a aprendiz.

— É estupidez depender de suas armas. *Você* deve ser mortal — diz. — O momento de usar essas técnicas será o mesmo em que faltará tempo para puxar uma pistola. Já deveria saber disso. Mas, talvez, quando alguém fizer *isso* ou *isso* com você, pense melhor sobre essas “lutas antigas”.

Ela mostra dois ferimentos bem característicos: a falta do dedo anelar na mão esquerda e uma sinistra marca de enforcamento no pescoço. É roxa e vermelha, onde a corda raspou, como se tivesse queimado a pele no contato. Mas dá pra ver que ela tem muitos outros ferimentos. Uma coleção inteira deles. Hematomas permanentes, manchas, cicatrizes, calos. Só nos braços dela já dá pra perceber que é muita coisa.

— Duvido que algum dia eu realmente use isso. — Kali diz, levantando só por um instante o olhar, encarando a tutora.

É o bastante.

Ela coloca a fatalista contra o saco de pancadas de novo, e chicoteia suas costas até que haja mais marcas vermelhas do que pele saudável, além de alguns trechos em carne-viva. E a garota só fica segurando as correntes com força, completamente muda. Quando a mulher termina, exige que Kali tire as ataduras

que protegem suas mãos nas lutas. E chicoteia suas palmas.

— Você tem de aprender que há coisas no mundo que deve simplesmente aceitar. Tudo que faço é pelo seu bem — a tutora diz, dura. — O mundo não será gentil com você. Deve ser mais dura que ele para conseguir cumprir com o seu destino.

A tutora bate com o tubo de metal sobre o balcão e as mãos para limpá-las do pó.

— Terminamos por hoje.

Depois que a mulher sai, a garota ainda fica alguns momentos pendurada no saco de pancadas, como se fosse, ela mesma, parte dele.

Então, larga as correntes e se deixa cair sobre os joelhos, do mesmo jeito que fez quando teve o *display* atualizado.

E, ainda com a camiseta sobre o rosto, solta um grito do fundo da garganta.

Um arrepio sobe pelas minhas costas.

Kali coloca as mãos no tatame, se apoiando nelas com a cabeça virada para baixo. Respira fundo. As costas subindo e descendo, as marcas vermelhas brotando sangue a cada inspiração. As mãos tremem quando puxam a camiseta cinza por cima da cabeça, e ela a deixa caída no chão.

Tenho de olhar para seu corpo. Só com o *short* e um *top*, examino cada uma de suas curvas, mas, principalmente, uma cicatriz avermelhada no lado esquerdo da barriga. É grande, aparentemente recente.

Um velho alto e de rosto cansado aparece na porta de entrada. Kali o percebe imediatamente, e se tapa com as mãos, mesmo estando de costas para ele.

— Você deveria avisar quando está entrando. — Diz ela, olhando para o outro lado.

— Calma, garota — diz ele. — Eu já vi seus peitos muitas vezes, e ainda vou ver muitas mais. De qualquer maneira, pedofilia deixou de ser crime há muito tempo, para de hipocrisia — ele dá um sorriso enviesado. Logo depois, fica

sério. — Eu ouvi um grito. Foi você?

A fatalista vira o rosto um pouco de lado, para vê-lo.

— O que houve?

— O mesmo de sempre. — Ela responde.

O velho se aproxima e respira fundo.

— Eu sempre acho que tudo isso é porque eu sou um alvo dela — diz Kali, a cabeça entre os joelhos enquanto o velho abre a porta de um dos armários e traz um pote até ela. — Tudo pra ela é razão pra me punir. Não importa o que eu faça, ela sempre pega aquela bosta daquele tubo e me bate até *ela* ficar satisfeita. Dá pra ver na cara dela que ela *fica* satisfeita!

Ele gira a tampa do pote e espalha com as mãos o conteúdo, um creme branco-amarelado, em todos os machucados dela.

— É possível. — Ele diz.

— Como assim?

— A Sybil é uma mantenedora diferente, assim como você — ele diz, dando de ombros. — São da mesma casta, mas *muito* diferentes.

A garota vira o rosto de novo, tentando ver o homem.

— De que subdivisão ela é?

— Torturadores — diz ele, de costas pra mim. Pelo rosto da Kali, ela esperava outra resposta. — Você, provavelmente, é um alvo dela.

Ela se vira completamente, surpresa.

— E *existe* uma subdivisão dessas?

— Pouca gente sabe. Foi uma coisa feita por debaixo dos panos — ele empurra o rosto dela de volta para continuar tratando seus ferimentos. — Pura burocracia,

interesses, coisa e tal. Você sabe como a Teia está sempre acompanhando tudo que todos fazem. E quando descobriram que alguns mantenedores usavam a tortura pra conseguir o que queriam, pra *dobrar* as pessoas de um ou de outro jeito, perceberam que era uma questão a se pensar.

Kali fica quieta por um instante.

— Você quer dizer que a Sybil me tem como alvo pra *me dobrar*? — Pergunta ela, a voz dura.

— Acho que é você quem tem que descobrir isso. — Ele dá de ombros.

Ela fica lá, esperando, enquanto ele passa o creme nas costas dela.

— Acho melhor você tirar esse *top*, pra eu passar na parte de cima.

— Acho melhor você calar a boca.

O velho apenas ri para si mesmo.

— A maior parte dos mantenedores que torturavam eram fatalistas, como eu e você — diz ele. —, mas havia outros. Às vezes, tinha mercadores envolvidos, principalmente sádicos. A Teia raramente descobria quem eram os torturadores, porque, muitas vezes, os alvos acabavam morrendo e não havia testemunhas. Era uma coisa meio inconsciente, desorganizada. Poucos torturadores sabiam da existência de outros. Até que um deles foi morto, o que estava fora de qualquer *display*, e aí a coisa ficou séria.

— Foi morto? Quem matou?

— Dizem que foi um dos torturados que sobreviveu — o velho mete a mão no pote pra tirar outra generosa porção de creme. Me pergunto se ele está só aproveitando pra tocar nela. — Parece que se revoltou com o que aconteceu e acabou matando o cara. E esse era um fatalista, já tinha a morte prevista desde a proveta. Câncer pré-implantado. Quando o torturado matou ele, toda uma tropa de torturadores, que descobriram a história, foi atrás dele.

Existem três maneiras de ter o arco fechado pela Teia. Uma delas é ser preso na

CMT e apodrecer lá até morrer. Outra delas é por doenças pré-implantadas. Muitas vezes são cânceres, coisas que são colocadas no corpo ainda antes do nascimento e que são ativados quando todas as conquistas são alcançadas para fechar o arco. A terceira maneira é a dos fatalistas, a *menos agradável* de todas.

— Mas ele estava pronto pra morrer. Caso contrário, o fatalista não o teria torturado.

— Sim, estava pronto. Mas os amigos do torturador morto caçaram o torturado — diz o velho. — Quando outros mantenedores entraram no jogo, foi uma zorra. Teve muita morte fora do previsto, até fecharam uma das ruas com uma briga generalizada no subúrbio. Mais tarde, começou toda a coisa burocrática. Um político interviu e foi falar com o grupo dos torturadores. Tinha uma ideia de um projeto separatista, a ideia da criação da subdivisão e tudo o mais. Vinha a calhar, já que servia aos propósitos da Teia e a atualização ia ter que acontecer de qualquer jeito.

— Por causa das mortes fora do previsto. — O que ela está dizendo é óbvio, mas parece estar falando mais pra si mesma do que para o homem.

Ele concorda com a cabeça.

— Quem era esse político? — Pergunta ela, subitamente.

— O mesmo que discursa nas cerimônias de inserção. Silas alguma coisa — diz o velho. — Nome esquisito.

— E o seu é o que, Leon? — Já descobri o nome do velho.

Leon dá de ombros.

— Isso é novo. Eles conseguiram mudar os *displays*. — Ela resmunga.

— Mudaram, mas foi na base da força — responde ele, fechando o pote. — Mas o motivo pra tudo isso foi porque os torturadores se sentiam fora de lugar. Eles sabiam que ser mantenedores era diferente do que *eles eram*. Diziam que estavam no lugar errado, e queriam encontrar um lugar para eles.

— E forçaram uma atualização para isso.

— Sim.

Os dois ficam quietos. Kali se vira para ele e levanta, e o homem faz o mesmo.

— Eu também me sinto deslocado, às vezes — diz ele, em voz baixa. — E você?

Kali só fica em silêncio.

8

Três dias depois. Depósito dos mercadores.

Há diversas maneiras de perseguir alguém e se manter incógnito. Instalar câmeras de circuito fechado e tecnologia *wireless* que transmitam direto para minha mesa no depósito é uma delas. *Hackear* o *display* do seu alvo é outra. Uma terceira opção é ter acesso ao *chip* de georreferenciamento implantado no osso, capaz de informar com precisão a posição geográfica do alvo.

Apesar de as duas últimas opções serem complexas demais para minha pouca habilidade ou recursos, os computadores de mesa do depósito servem para praticamente todos os propósitos. Os centros de monitoramento dos postos avançados de mantenedores têm câmeras espalhadas por toda a cidade, sendo possível acompanhar qualquer pedestre em seu caminho – exceto quando estão em ambientes fechados, controlados, especificamente, por alguma casta. Para isso servem as microcâmeras que instalei no outro dia, depois do treino de Kali.

Obviamente, só consigo acessar as câmeras dos mantenedores por conta da minha casta. Certamente um curandeiro ou um laborador encontrariam apenas

avisos de acesso restrito. Como perseguir outras pessoas faz parte do meu trabalho, posso espionar quem eu quiser com o conforto de estar seguro dentro do depósito.

Observo as imagens projetadas na tela da câmera que foca a entrada do dormitório de meu alvo.

Uma hora depois do nascer do Sol, Kali sai de seu dormitório. Está vestida com um *short jeans* azul muito escuro, uma blusa decotada e um casaco branco e curto, com o zíper fechado até pouco abaixo dos seios. Ela usa fones de ouvido e mal olha para qualquer outro lado além do caminho que segue, virando à esquerda logo depois de sair pela porta.

Um pequeno mapa em outra janela me auxilia a identificar quais são as próximas câmeras que posso abrir, então tenho de fechar cada janela rapidamente e abrir outra. Se abrir a câmera errada, é provável que perca a garota em uma esquina ou em um beco qualquer. Se ela entrar em uma estação de metrô, a situação fica ainda mais complicada, pois as câmeras se limitam às estações. As internas dos vagões são restritas aos operadores do serviço de transporte, então eu precisarei checar o avanço do trem em que Kali tiver entrado e verificar se ela desce em alguma das estações mais à frente.

Felizmente, ela faz todo o seu caminho a pé.

Enquanto a maior parte das pessoas na rua anda olhando para o próprio *display*, interagindo remotamente com outras pessoas, ela olha para frente, desviando-se das pessoas que se encontram em seu caminho e evitando qualquer tipo de distração. Ainda assim, de certa maneira, parece que os fones de ouvido, provavelmente tocando música, servem a ela como um filtro da realidade. Como se quisesse mascarar o ambiente à sua volta.

Depois de andar por dez quadras, ela alcança um prédio vistoso da Teia, com um prisma sólido pintado na fachada.

— Banco de Dados de Dínamo. — Leio o que está escrito.

Kali aguarda por algum tempo do lado de fora, até que Leon aparece.

Coloco, eu mesmo, fones de ouvido sem fio e aumento o volume. Tento melhorar ao máximo a recepção do som, mas, mesmo com ajustes finos, as vozes ficam apagadas e baixas. Não consigo ouvir muita coisa. Espero que seja o bastante.

Depois de se cumprimentarem, eles sobem os dois pequenos lances de escadas à frente do prédio e entram.

Busco alguma maneira de ver o que ocorre do lado de dentro, em vão.

— Jayden. — Eu chamo.

Ele solta um suspiro, aparentemente irritado por ser interrompido, e vira para mim, as mãos ainda pousadas sobre a mesa à frente dele.

— Diga.

— O que é esse... Banco de Dados de Dínamo?

— Um servidor.

— Mas é diferente dos outros servidores.

— Porque esse é o *banco de dados* — diz ele, girando os olhos nas órbitas. — Os outros servidores são secundários, subestações. A cidade tem só uns cinco bancos de dados. É onde as coisas ficam *realmente* armazenadas. Todas as informações essenciais, sobre basicamente tudo, estão lá.

Olho para a fachada do prédio por mais alguns momentos.

— Eu consigo ver essas informações pela minha mesa?

— Já tentei, são bloqueadas — diz ele, voltando a dar mais atenção a seu computador que a mim. — Por alguma razão, a Teia decidiu que esse é um dos únicos prédios até o qual você precisa *ir* para ter acesso. Um grande desperdício de tempo, se quer saber minha opinião. Seria muito mais fácil liberar tudo o que eles têm para qualquer computador, *tablet* ou *display*, mas eles preferem complicar.

Ele toca na tela por mais meio minuto. Então para e se vira para mim.

— Por quê?

— A Kali está lá. Entrou com um velho tarado que a ajudou a tratar seus ferimentos, no outro dia.

— Um velho tarado. É um sádico?

— Fatalista.

Jayden apenas faz um som de compreensão.

— O que podem estar fazendo lá?

— Pode ser qualquer coisa. Vai saber o que os fatalistas têm na cabeça.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, enquanto eu continuo fitando a fachada do prédio, no vídeo.

— O que eu faço?

— Talvez você devesse se focar em algum outro alvo — diz meu amigo. — A sua garota nem ao menos *tem* o que você precisa roubar, ainda. Só um amontoado de facas e armas, e eu acho que... acho que deve ser alguma outra coisa que você tem de roubar dela.

— Mas como posso ter sido designado para roubar ela enquanto ela ainda não tem o objeto a ser roubado? — Pergunto. — Isso tem que ser algum problema na atualização.

— A Teia é à prova de falhas, você sabe disso. — Diz ele.

Batuco com os dedos da mão sobre a mesa, impaciente.

— Olha, Harlan, o importante é você aparecer com mais do que só uma faca no próximo dia de repasse — adverte. — E é melhor que encontre o quanto antes esse colar de ouro que eles te pedem todas as vezes. Eles estão te dando uma

chance, e você tá desperdiçando. Se cair no pente-fino da CMT, você sabe como vai ser difícil entrar na linha de novo, depois.

— Eu sei, eu sei. — Resmungo.

Continuo olhando para a tela por mais alguns momentos, refletindo se é possível que o velho e a Kali saiam em breve de dentro do banco de dados e eu possa continuar vigiando-a pelas câmeras.

Eles permanecem lá dentro.

Solto todo o ar dos pulmões e me abaixo, abrindo o armário embaixo da mesa e pegando as minhas coisas. Uma mochila, luvas, um HD – só por via das dúvidas –, e um tradicional *tablet*. Levanto, guardo tudo e penduro a mochila em apenas um dos ombros.

— Vou sair, até mais.

Jayden apenas levanta uma mão para se despedir, concentrado no conteúdo de sua tela.

9

Pouco depois. Rua.

O Banco de Dados de Dínamo é basicamente o que disse Jayden. Um grande servidor, com enormes prateleiras correndo de um lado a outro e cabos, pelo menos dessa vez, subterrâneos. Tudo é muito organizado, com consoles por todos os lados e separação por seções. Tudo feito de maneira automatizada.

Os computadores do servidor são de vidro transparente, mostrando todos os componentes que piscam e são arrefecidos no interior. A área central, com mosaicos de cores discretas em forma de hexágonos no chão, tem mesas coletivas de pesquisa. Essas têm cadeiras individuais e áreas delimitadas de toque para cada usuário, embora a maior parte delas esteja vazia.

Entro e imediatamente me escoro em uma das colunas de sustentação do teto, tentando desaparecer no ambiente. Leon e Kali estão completamente absortos no que estão fazendo na tela de uma das mesas coletivas mais escondidas, em um dos cantos. Uma luz difusa entra pelas janelas de vidro translúcido e ilumina todo o lugar. Sento a uma distância considerável deles, com uma mulher de, pelo

menos, trinta anos no meio do caminho entre eu e os dois. Ainda assim, consigo ouvir o que estão falando, mesmo que só conseguiria ver o que estão fazendo na mesa se estivesse olhando por cima de seus ombros.

É fácil descobrir o que fazem aqui.

Os dois conversam durante toda a manhã sobre três principais assuntos: armas, estratégia e anatomia. Aparentemente trata-se de uma espécie de “aula” que o fatalista mais velho dá a Kali, explicando como cada um desses elementos pode ser extremamente importante no momento de fechar um arco na prática.

— O canhão de Gauss — diz o homem, cheio do que poderia ser chamado de orgulho. — Trilhos de metal não-ferromagnético que servem como caminho para as balas. Funciona única e exclusivamente com a magnetização, que empurra cada uma das esferas dos trilhos para frente, sempre aumentando a força, até lançar o projétil para fora, na direção do alvo.

A garota parece genuinamente interessada.

— Mas esse modelo é grande demais. Como é que conseguiram miniaturizar tudo isso pra funcionar em uma pistola? — Pergunta. Isso porque todas as armas funcionam dessa mesma maneira.

— Bem, a tecnologia evoluiu muito desde que surgiu a primeira arma de pulsos eletromagnéticos — responde o homem, tocando na tela e abrindo alguma outra coisa. — Veja bem, tem armas antigas incrivelmente primárias. Veja essa.

— O que é?

— Arco e flecha. Funcionava meramente com o impulso dado por essa corda, que era presa nas duas pontas de um pedaço flexível de madeira. A flecha era um segundo pedaço de madeira, fino e comprido, que servia como os projéteis de hoje. Alcançava uma distância pequena e era muito difícil de mirar, já que era preciso considerar o vento, a distância, a força, a curva do movimento.

Kali concorda com a cabeça.

— Hoje, as coisas são muito mais fáceis. É só uma questão de mirar e atirar.

— Mas as armas e conhecimentos antigos têm que ser valorizados, e é por isso que nós estamos aqui — ele diz, sério. Então sorri, olhando para a tela. — Olha só: algumas tribos de guerreiras tiravam um dos seios para usar arco e flecha.

— O que? Porque faziam isso?

— Como era preciso puxar a corda até a orelha, a fricção do braço com o seio dificultava o manejo rápido.

— Então elas simplesmente tiravam?

— É.

— Acho que fico com a minha pistola.

Ele sorri ainda mais, olhando para ela, agora.

Próximo à metade do dia, eles se levantam e passam à minha frente. Os olhos dela continuam focados em outras coisas, alheios à minha presença. Saem do banco de dados e eu os acompanho, depois de fazer o *check-out* no console junto da porta, que só então libera a passagem.

Os dois se despedem e acompanho Kali pelas ruas movimentadas de Dínamo. Outra vez ela usa fones de ouvido, tocando no *display* de vez em quando. Suponho que esteja ouvindo música.

Poucas quadras à frente fica o seu refeitório, e, lá, ela passa o *display* no console junto de uma das portas e entra, deixando alguns créditos pela refeição. Paro junto de uma das portas e penso, por alguns instantes, se é possível usar outro refeitório além do que já se está cadastrado, e se valeria a tentativa. Alguém para atrás de mim e, movido pela pressão de sua presença, passo o braço esquerdo no console e entro.

O refeitório dela é exatamente igual ao meu, com paredes bastante sólidas e desprovidas de janelas, além de um teto com telhas translúcidas, que iluminam o ambiente. Há mesas separadas por um espaço pequeno, e algumas mesas coletivas, também. Tudo aparenta ser limpo e é bem organizado por corrimões,

que guiam as pessoas até a área onde servem suas bandejas e, depois, para as mesas. O lugar sempre tem o número de lugares vagos correspondente ao de pessoas que podem entrar; se estiver cheio, a entrada é trancada até que os lugares fiquem vagos outra vez. Isso é controlado pelo *check-out* em um processo automático.

Kali já pegou sua bandeja e se serve. Faço o mesmo, e a acompanho de longe, separado dela por algumas pessoas. Quando terminamos, ela escolhe uma mesa ao acaso e eu escolho uma mesa da qual possa ver suas costas, de maneira a não ser visto por ela.

É fácil perceber a razão para ela ter tão poucos aliados no *display*: ela fica completamente sozinha durante todo o tempo da refeição. Apesar de outras pessoas se sentarem em sua mesa, ela fica calada, apenas comendo.

É quando surgem as duas garotas da atualização.

A garota excessivamente branca cabelos vermelhos e a negra magrinha. Simplesmente chegam, largam suas bandejas sobre a mesa da fatalista, e sentam.

— Kali. — Diz a garota de cabelos vermelhos, que está sentada mais próximo dela.

— Onde você tem andado? — Pergunta a segunda.

— Longe de vocês. — Responde Kali, mal levantando os olhos para olhá-las.

Percebo seus punhos, crispados, dos dois lados da bandeja. Ela parou de comer.

Há um momento de silêncio entre elas. A garota magra lança um olhar incerto para a outra, que apenas dá um breve e discreto sorriso.

— Aconteceu alguma coisa? — Questiona.

— Você sabe muito bem o que aconteceu. E sabe muito bem o que eles me disseram na CMT.

— O que eles disseram a você?

A mão da garota de cabelos vermelhos desliza por cima da mesa e pousa por sobre a mão de Kali. Meu par a puxa de volta para si, ao mesmo tempo em que bate com seus talheres dentro da bandeja. Ela se levanta.

— Eles me disseram que a culpa disso é *sua*. Você não passa de uma puta vendida. — Ela aponta para o próprio *display*, batendo com força na tela com dois dedos.

Apesar da expressão espantada no rosto da outra garota, provavelmente espelhada no meu, a de cabelos vermelhos parece inabalável. Kali pega sua bandeja e deixa a mesa para trás. Olho para a minha própria bandeja, ainda com alguma comida e, respirando fundo, levanto e a levo para o descarte, também.

À tarde, Kali segue para o centro de treinamento, para encontrar com sua tutora.

Volto para o depósito, quando isso acontece. Observo-a durante a tarde fazendo as mesmas coisas que fez no outro dia. Ela é novamente punida pela tutora por conta de um motivo qualquer. Ela treina cada um dos equipamentos e, quando termina tudo e a tutora sai do prédio, vai ao vestiário, toma banho e, depois, sai. Passa por uma pequena feira de mercadores, examina as bancas a fundo, mas segue em frente de mãos vazias. E, então, vai para o dormitório.

E não sai mais.

10

Dois dias mais tarde. Refeitório da Kali.

Demora muito pouco para eu descobrir que o que vi no primeiro dos dias seguindo Kali é basicamente o que ela faz em todos os outros. Sua rotina é simplória, ainda que envolva práticas pouco comuns, e, claramente, seja bem delimitada e regrada. Ela sempre cumpre com todos os horários e expectativas, até porque sua tutora parece bastante disposta a puni-la por chegar atrasada. Kali é exemplar.

Exceto quando decide assassinar alguém.

Passo pelas bancadas e deixo que os empregados de casta laboradora do outro lado da bancada sirvam a comida nos espaços determinados da minha bandeja. Agarro um garfo e uma faca, pego um copo com suco sintetizado e ando como se realmente pertencesse a esse refeitório, apesar de sentar completamente sozinho.

Encontro uma mesa da qual possa enxergar meu alvo e começo a comer. De

alguma maneira, espero que espioná-la possa me ajudar a descobrir o que devo roubar.

— Ellie, nos encontramos lá fora. — Ouço.

A garota de cabelos vermelhos senta à minha frente, na mesma mesa que eu. As três amigas que a acompanhavam – incluindo Ellie, a mesma que a acompanhou até Kali, no outro dia – seguem em frente e sentam em outra mesa. Encaro o conteúdo de minha bandeja por algum tempo, me faltando coragem para levantar os olhos para a garota.

— Qual é seu nome? — Ela pergunta, repentinamente.

— O que?

— Qual é seu nome e casta?

Meu cérebro trabalha rápido, tentando descobrir por que essa garota sentou nessa mesa.

— Qual é o *seu* nome? — Pergunto, tentando me esquivar.

Ela dá um sorriso com os lábios vermelhos, sem mostrar os dentes.

— Meu nome é Lenina, sou uma mercadora. Estou aqui a trabalho, ou, a serviço da Teia, como você preferir.

Levanto uma das sobrancelhas na direção dela, mas o sorriso permanece lá, intocado.

— O que quer vender?

— Informações. — A voz dela é suave.

Eu a examino por alguns instantes. É uma garota que deve ter a mesma idade que a Kali, talvez um pouco menos. Cabelos antes vermelhos que ruivos, cacheados, os lábios com um batom quase tão vermelho quanto os cabelos. Tem um pequeno tope preto prendendo algumas mechas perto da orelha esquerda,

deixando o resto solto. Os olhos são grandes, expressam bem as emoções – ao contrário dos de Kali, estreitos e aparentemente insensíveis. A pele dela é bem clara, com pintas espalhadas por aqui e ali. O rosto é redondo. Veste roupas apertadas, embora esconda a pele.

— Que tipo de informações?

— Posso vender a você toda e qualquer informação que desejar saber a respeito *dela* — um dos dedos finos e de unha comprida dela aponta na direção de meu alvo. Agarro a mão dela e a prenso contra a mesa, impedindo-a de continuar apontando. — Qual é o problema?

— Quero passar despercebido.

Surge no rosto dela um sorriso zombeteiro, como que duvidando do que acabei de dizer.

— Você não conseguiu passar despercebido *por mim*.

Respiro fundo.

— O importante é passar despercebido *por ela*.

— Dê uma boa olhada e eu tenho certeza de que falhou com ela, também.

Olho para Kali, aparentemente entretida com a comida em sua bandeja.

— Eu já lhe disse meu nome. Agora me diga o seu.

— Harlan. Também sou mercador. — Digo, soltando a mão dela com cautela.

Ela morde o lábio de baixo, como se estivesse indecisa ou preocupada.

— É complicado fazer negócios com mercadores — diz. — A maior parte já conhece todos os truques e acaba passando a perna em quem está despreparado.

— O que não é a sua situação.

Ela fica quieta e pisca os olhos lentamente, mantendo-os mirando os meus.

— Sou da subdivisão dos salteadores. Acho que o que eu faço é bem diferente do que você faz — digo. — Certamente é uma difamadora. Vocês vendem informações. Então, é bem provável que consiga me enganar com os seus truques, se é que vai usar eles contra mim.

— Vou pensar.

Lenina batuca com os dedos de unhas compridas na bandeja, a comida intocada.

— Podemos combinar um preço, e eu conto a você o que quiser saber aqui e agora. — Ela diz.

— E qual é seu preço?

— Eu poderia difamá-la de graça, mas ela é minha rival e eu preciso de créditos — a garota sorri, as bochechas avolumando-se na direção dos olhos e fazendo-os se fechar ligeiramente. — Faço um favor a você se cobrar apenas duzentos créditos pelo preliminar. Caso você fique... satisfeito com o serviço, pode me contratar mais uma vez. Mas então teremos que rever os preços.

Ela só fica ali, esperando. Cruza os braços, a pressão dos mesmos aumentando o volume de seus seios.

— Duzentos créditos — reflito. — O que você quer dizer com "preliminar"?

— É justamente isso que eu estou vendendo — ela diz, e parece prestes a levantar. — Escute, garoto, é pegar ou largar. Pode pagar pelas informações ou *tentar* descobrir sozinho.

— Certo. — Digo, estendendo o braço esquerdo para ela. Lenina toca em seu *display* e o coloca sobre o meu. Depois de um instante, já está pago. Duzentos créditos.

A garota se senta outra vez, o sorriso voltando a aparecer em seu rosto. Ela volta a cruzar os braços. Aparentemente faz isso de propósito.

— Antes de qualquer outra coisa, preciso saber o que *você* sabe a respeito *dela*.

Parece estranho que ela esteja vendendo informações e eu esteja falando, mas aceito pelo fato de que, assim, ela saberá o que pode realmente ser útil para mim.

— Sei que é uma mantenedora, da subcasta fatalista, e tem uma lista gigantesca de alvos — digo. Penso se devo comentar que eu e elas somos pares únicos um do outro, mas mudo de ideia em seguida. Talvez seja melhor guardar essa informação para mim. — Também sei que ela é culpada pela última atualização, por ter ocasionado uma quebra de fluxo e... bem, acho que é isso. Como o *display* dela é bloqueado, meu acesso é bem restrito.

A mercadora parece surpresa.

— Ela bloqueou o *display* de novo? — Pergunta, e dá uma breve risada, ao mesmo tempo em que olha na direção da fatalista. — É muita burrice.

— Por quê?

Ela trança os dedos e encaixa o queixo sobre a mão.

— Essa informação é confidencial.

Sinto um calor de raiva surgindo dentro do meu peito, mas eu reprimo a sensação.

— E quanto ao relatório de bens? Ela também bloqueou? — Pergunta ela.

Só concordo com a cabeça. Um sorriso surge de novo no rosto dela, e seus olhos vão até a garota e voltam para mim.

— Então suponho que a razão para você estar atrás dela, e mesmo para estar aqui, é porque ainda precisa descobrir *o que* deve roubar, sendo um salteador. — Diz ela, entrelaçando os dedos em cima da mesa.

Concordo a contragosto.

— Vamos esquecer o que eu falei sobre dados preliminares e partir para o que interessa — diz ela, sua voz adquirindo um tom diferente. — Vou lhe vender o que você quer saber. Considere que pagou os duzentos créditos para descobrir o

que tem de roubar dela.

— Contanto que a informação seja verdadeira–

— É verdadeira — ela me interrompe, seu rosto fica duro. — Convivi com a Kali durante quase todo o meu tempo de inserção e a pessoa que melhor a conhece sou eu. Hoje ela já tem outra pessoa, mas fui amante dela. Se tem alguém capaz de dizer qual é a coisa mais valiosa para ela, sou *eu*.

Cruzo os braços.

— Diga.

— Seria inútil ter acesso ao relatório de bens — diz ela. Lembro de não mencionar o fato de que eu *vi* o relatório dela, no posto avançado dos mantenedores. — A coisa mais valiosa que ela tem está fora do catálogo. É um colar.

— Um colar?

— Um colar *roubado*. — Lenina diz.

Ela fica com o queixo apoiado nas mãos enquanto eu raciocino muito rápido. Lenina me lança um olhar de reconhecimento e eu olho para a fatalista, levantando-se para ir embora do refeitório. Abro a boca pra falar, fecho, abro de novo.

— Você me conhece. — Afirmo, em um *insight*.

— Sim.

— Sabe que sou o par dela e ela é meu par.

— Sei.

— Está aqui por causa disso, certo?

— Certo.

Sinto algo ferver dentro de mim. A mercadora sabia o tempo inteiro quem eu sou e estava aqui só pra me vender uma informação que eu ia acabar descobrindo, com o tempo. Cerro os punhos.

— Como foi que ela fez isso? Isso é ilegal!

— A Kali já fez muitas coisas ilegais. E, provavelmente, vai continuar fazendo — diz Lenina. — Eu até fico me perguntando se a atualização foi por causa do que ela *realmente* fez ou para impedir ela de manter essa... *atitude*.

Olho para a fatalista, saindo pela porta do refeitório.

— Se você precisar de qualquer coisa, estou à sua disposição — diz Lenina, estendendo a mão à frente, para que eu a aperte. — Foi ótimo fazer negócios com você.

Me sentindo enganado – e ainda pior por ela ter avisado que ia usar seus truques de mercadora –, aperto a mão dela e a olho pegar a bandeja e largar sobre um dos suportes específicos, ainda cheia de comida. Pouco tempo depois, faço o mesmo.

11

Começo da manhã. Dormitório.

— Eu fui roubado.

Jayden e Mael me encaram, o segundo com crescente desconfiança.

— Roubado? — Olha em volta. O dormitório começa a se esvaziar aos poucos, ainda que algumas pessoas que trabalham à noite estejam chegando. — Eu falei desde o começo que vir para esse dormitório era uma péssima ideia—

— Fique quieto, Mael. Deixa o Harlan falar. — Jayden interrompe o namorado.

— Não foi alguém daqui — digo, e o erudito automaticamente relaxa. — Um ano atrás.

Jayden dá um sorriso de leve.

— Você descobriu o que aconteceu com o colar, então.

— Eu fui roubado pela Kali. — Respondo.

Os dois ficam me olhando por algum tempo, até que Mael cruza os braços.

— Pelo que entendi, essa garota é uma fatalista. Logo, é impossível que ela tenha roubado qualquer coisa de você — argumenta. — É terminantemente proibido fazer qualquer coisa fora do *display*.

— Mas estamos falando da mesma pessoa que, por matar alguém antes do tempo, causou uma quebra de fluxo e a atualização, consequentemente — eu respondo, enquanto levanto e largo em cima da cama o lençol com o qual me cobri durante a noite. — Ela jamais registrou o roubo do colar, justamente por ser ilegal. Tanto que ainda me exigem essa maldita joia em todos os dias de repasse.

Jayden concorda com a cabeça, enquanto Mael continua me avaliando com os olhos.

— Queria saber o que aconteceria se soubessem que ela me roubou ilegalmente.

Saímos do dormitório e vamos caminhando devagar pelas ruas. Choveu à noite. Tem poças espalhadas por tudo, mas o clima está apenas fresco.

— Uma atualização? — Pergunta Jayden.

— Vocês só podem estar loucos de achar que o roubo de um colar fosse causar uma atualização daquele tamanho — diz Mael, rabugento. — Com toda certeza, se a atualização teve a ver com essa garota, foi porque ela matou alguém antes do tempo, ao invés de meramente roubar um colar. Um colar roubado está longe de ser o bastante para justificar uma atualização como a que aconteceu. Nos vemos mais tarde. — Ele levanta a mão para se despedir de mim, beija Jayden e parte pela rua em outra direção, enquanto eu e meu amigo vamos em direção ao metrô.

O vagão em que entramos está silencioso, apesar de lotado. Todos no interior permanecem quietos, cada um absorto em suas próprias ocupações – a maior parte com os olhos grudados no antebraço esquerdo ou em *tablets* – também

chamados de "segunda tela". Eu e Jayden entramos e nos seguramos em um cano de metal que passa pelo teto. Logo, o trem parte e tudo que podemos ouvir é o som dos motores e o silvo do vapor da água que os resfria.

— E como vão os *seus* alvos? — Pergunto.

— Vão bem — diz Jayden, olhando para fora da janela, que mostra apenas as paredes internas do túnel do metrô. — Acho que, no final de semana, vou ao centro para roubar uma artífice que ficou obcecada com sua própria produção.

— O que tem de roubar?

— O HD dela, com todos os seus projetos e trabalhos prontos — diz ele, dando de ombros. — Ouvi dizer que é por isso que os artífices são proibidos de fazer *backup* de seus projetos. Tenho que roubar a coisa mais valiosa dela.

Concordo com a cabeça. O trem para em uma estação e diversas pessoas saem; um número ainda maior entra em seguida.

— Sabe, eu sempre quis saber o que é que o Mael faz, afinal de contas.

— Eu também. Ele guarda em segredo o que os eruditos fazem em seu QG o dia inteiro — responde ele. — Mas tanto faz, de qualquer maneira. O que importa mesmo, pra mim, é outra coisa. O que ele faz no trabalho dele é irrelevante.

Eu e Jayden ficamos em silêncio pelo restante da viagem. Quando chegamos na estação certa, saímos pelas portas automáticas e usamos as escadas rolantes pra ir à rua. Dela, vamos para o depósito.

— Como foi que você descobriu que a sua garota roubou o colar, afinal? — Pergunta Jayden, no caminho até lá.

— Foi uma difamadora — digo. — Eu estava no refeitório da Kali e essa difamadora, que é uma rival dela, apareceu pra vender informações. Ela tinha descoberto o que eu estava fazendo, então... acho que queria aproveitar a minha inocência. Ela sabia exatamente quem eu era e o que poderia vender pra mim.

— O que você esperava de uma difamadora?

Faço um gesto com a mão para que ele esqueça meu erro.

— De qualquer forma, paguei duzentos créditos para ela pra descobrir isso.

— Algo que você, provavelmente, descobriria de qualquer maneira. Se tem um colar desses, ela deve usá-lo de vez em quando. Caso contrário, já teria sido recuperado pela Teia — diz ele. — Você sabe que eles revistam os armários pessoais uma vez por semana. Com toda certeza, ela estaria usando ele em algum dia. E como eu sei que você aproveita aquelas câmeras pra assistir ela trocar de roupa no centro de treinamento...

Lanço um olhar irritado na direção dele.

— Estou apenas fazendo meu trabalho. — Digo.

— É claro. — Ele dá uma leve risada.

Atravessamos uma quadra antes de ele voltar a falar.

— Aonde é que você estava com a cabeça indo atrás dela pessoalmente? — Pergunta, olhando para mim. — Quero dizer, você teve as mesmas aulas que eu e os mesmos treinos que eu. Como é que eu sei que os computadores dos mantenedores são o melhor lugar pra acessar informações sobre um alvo e que a *pior* coisa a se fazer a respeito é perseguir alguém fisicamente? Eu achei que você era bem mais inteligente que isso.

— Eu faço o que eu quero, Jayden. — Digo, um pouco irritado.

— Eu sei, eu sei. Só tô tentando te ajudar. Agora, se você quer sofrer as consequências com os mantenedores ou com o seu próprio alvo, o problema é seu — ele diz, levantando as mãos, como se estivesse se inocentando. Ele as abaixa em seguida. — Pelo menos me diga que descobriu mais alguma coisa sobre o colar roubado para ter valido os duzentos créditos.

Ando um pouco antes de responder.

— Descobri que ela é lésbica.

Jayden para de caminhar.

— Lésbica?

Ele tenta se segurar por um instante, mas, depois, começa a rir.

Respiro fundo e solto o ar.

— Eu sabia que devia ter ficado quieto.

— Calma, calma — diz ele, rindo por mais uns quinze segundos e então parando por completo. Ele põe no rosto uma expressão séria. — Quer dizer que você, além de ter só um par, descobriu que ela é lésbica?

— Foi o que a difamadora me disse — digo, contrariado. — Mas você mesmo disse que todo mundo é bi, hoje em dia.

— Bom, é verdade. Tenho certeza de que ela vai gostar de você — ele me dá dois tapinhas no ombro enquanto caminhamos na direção do prédio cinza com diversas janelas à frente. — *Eu* gostaria.

Dentro do depósito, trato de ir logo para a minha mesa. Pode ser que me falte em que trabalhar, mas saber o que tenho de roubar já me dá um rumo. A partir de agora é só questão de bolar um plano e colocá-lo em prática. Mesmo que Kali seja uma fatalista e treine o tempo inteiro, é impossível que esteja *sempre* preparada. Ou, pelo menos, é o que eu espero.

Duas horas depois, ela recebe uma ligação.

É bem fácil interceptar esse tipo de coisa com as ferramentas que a Teia nos dá, então logo estou ouvindo o que ela fala – e tentando identificar quem é o interlocutor. É uma mulher. Será que é a nova amante dela?

— Kali?

— Ceres — ela cumprimenta com o nome. — O que você tem pra mim?

Enquanto ouço as duas falando, toco em alguns botões na tela e acesso as

câmeras que coloquei no centro de treinamento dela. Vasculho por todas as partes, mas ela não está à vista. Pelo horário, deve estar no interior do banco de dados.

— Você vai ter o final de semana livre, dessa vez — diz a voz, que é meio abafada. Fico tentando imaginar como é essa tal Ceres. — Se bem que você já ignorou a falta de alvos, uma vez. Ou duas. Já me esqueci quantas foram. Quantas vezes você foi para a CMT, hein?

Um suspiro.

— Duas. E você sabe muito bem que os motivos pra eu ir pra lá foram *bem* significativos.

— *Bem* significativos para você.

— A vida é minha. Sou eu quem decide o que fazer, mesmo que isso me leve pra CMT. — Kali diz, como um ponto final.

Acho que a mulher do outro lado vai zombar, mas ela pula para o próximo assunto.

— O que aconteceu com o seu par? O garoto que colocou as câmeras no centro de treinamento?

Meu coração parece parar. Todo o meu ser fica esperando pelo que a Kali vai dizer em seguida.

— Sinceramente, queria saber o que ele está esperando. — Diz ela.

Um ou outro momento de silêncio antes da interlocutora falar.

— Você sabe o que ele está esperando. E sabe o que *você* tem de evitar.

Fico tentando entender o que ela disse, em vão.

— Vou evitar.

— Certo.

A ligação é encerrada desse jeito, uma desligando na cara da outra.

Olho por cima da mesa de tampo de vidro e penso a respeito do que ouvi. Minha presença não passou despercebida; e não apenas isso. Se fui descoberto e ela *está* esperando por uma atitude minha, é exatamente isso que vai ter.

12

Pouco depois do culto e cerimônia de inserção. Feira de mercadores.

Meu *display* se ilumina.

Kali Assange está dez passos à minha frente.

Seus olhos escuros atravessam cada uma das barracas da feira, como que procurando por algo. Ela anda a passos lentos, e eu a acompanho enquanto procuro por um local bom o bastante para roubá-la. Pode até ser que ainda seja dia, mas a luz do Sol é alaranjada enquanto o astro desce por trás das montanhas de Dínamo. Seus raios passam pelas lonas das barracas, formando mosaicos nas paredes dos prédios.

A garota passa pelos corredores formados pelas barracas. Os mercadores tentam, a todo custo, vender os produtos expostos – uma boa parte é de produtos roubados, Classe 2. Poucos salteadores mantém para si o que roubam, principalmente porque, em geral, uma coisa que era valiosa para uma pessoa pode não ter muita utilidade para outra.

Será que a Kali *comprou* o colar?

A quantidade de pessoas que transita é bastante grande, todas provenientes da cerimônia de inserção semanal. Os mercadores costumam montar suas bancas pouco antes da cerimônia terminar, obrigando todos a passar por dentro dela, na saída.

Há algumas áreas mais vazias, ideais para meu objetivo. No meio da confusão do mercado ao ar livre, será mais difícil acontecer algo fora do esperado.

Encontro um beco formado pela parte de trás de algumas barracas, escondido atrás das lonas e repleto de caixas de papelão com todo tipo de coisa dentro. Dou uma olhada ao redor para encontrar meu alvo e, tendo o localizado, entro no beco e aguardo.

Encaro meu *display*.

Quando ele se ilumina outra vez com a proximidade do alvo, estendo a mão para fora do espaço entre as lonas.

Por um instante, ela apenas dardeja o ar em vão, até encontrar cabelo. Então eu o agarro e puxo com força.

A garota cai sobre mim, e ambos vamos ao chão.

Ela chuta, soca, arranha.

Levanto os braços na frente de meu rosto, tentando me proteger. Subitamente, agarro seus pulsos, mas eles escapam de minhas mãos com facilidade, e ela soca meu rosto. Minha visão fica preta e eu luto às escuras.

Ao mesmo tempo em que tento segurar seus braços e pará-la, ela acerta uma joelhada nas minhas costelas.

Perco o ar.

— *Seu puto!* — Ela rosna.

Kali tenta prender minhas mãos embaixo de seus joelhos, mas para no meio do caminho, ao ver meu rosto.

Ela me examina.

— Harlan.

Por um instante apenas, ela se esforça menos para me prender.

Solto minha mão do aperto dela e meu punho encontra o lado de sua cabeça, sua orelha, sua têmpora.

Enquanto ela está tonta, eu a empurro e ponho-a contra o chão, ficando por cima dela, os joelhos dos dois lados de seu corpo. Agarro suas mãos com uma das minhas e as prendo acima de sua cabeça. Ela se contorce, e suas pernas continuam tentando me acertar.

— Eu quero o colar.

— Que colar? — Ela pergunta. Um sorriso desafiador aparecendo no canto de sua boca.

Ela para um pouco de tentar se soltar.

Ignoro a pergunta dela. Com a mão livre vasculho a gola de sua blusa azul-claro. Minha mão se enrosca no tecido e eu o puxo e rasgo; a fenda que aparece desce até o vale entre seus seios.

Ela não está com o colar. Aqui há apenas pele, pele lisa. Meus dedos tocam nela, sem querer, e o contato é elétrico. A garota parece ignorar completamente o toque. Todo o seu ser é o olhar que ela me lança.

Olhá-la de longe, vê-la em seu centro de treinamento e espioná-la em seu refeitório é totalmente diferente de encontrar com seu olhar frente a frente. De longe, ela é fria e calculista: uma perfeita fatalista. De perto, seu olhar me atravessa, enxergando o fundo de minha cabeça, como se eu fosse completamente transparente. Seus olhos são um poço infinito, do qual pode-se ver apenas a superfície, mas que guarda todo tipo de coisa mais para o fundo.

De perto, ela é a perfeita assassina.

De longe, seu olhar é gelo.

De perto, ela é puro fogo.

— O colar de pingente de aranha que *você* roubou de mim — eu digo, segurando seus pulsos. Ela tenta se soltar mais uma vez, mas eu seguro mais forte. — É meu, e eu quero de volta — espero um instante antes de arrematar: — E quero *agora*.

A garota apenas continua me olhando, e sua boca continua fechada.

— Você me roubou. — Resmungo.

Apesar de ser uma afirmação, ela concorda com a cabeça.

— Você foi contra tudo o que acreditamos — eu digo, finalmente desviando o olhar. Há algo de magnético em seus olhos, algo difícil de resistir. — Como conseguiu roubar esse colar e se manter longe da CMT? Como ainda o tem?

Embora o sorriso tenha desaparecido antes, agora retorna.

— Ele continua sendo seu.

Repentinamente, ela bate com a cabeça em minha testa e me desnorteia. Em segundos, ela solta as duas mãos e me joga por cima de algumas caixas. Pequenos relógios de energia vital caem de uma caixa e se espalham pelo calçamento à minha volta. Kali aproxima-se e me prende com os joelhos.

— Este colar estava em seu *display*. Ele sempre foi uma conquista sua, e continua sendo — ela diz, o rosto bastante próximo do meu. Próximo o bastante para que eu sinta seu hálito quente. — Ele sempre foi Classe 1. A escolha de mantê-lo consigo foi sempre sua, mas assumo a responsabilidade pela escolha de tomá-lo.

— Você o *roubou*.

— Eu sou uma fatalista. *Você* é o salteador — ela diz, e o sorriso já desapareceu há muito. — Escute, garoto. Eu quero que você pare de me perseguir. Quero que pare de me espionar, de ir ao meu refeitório, ao banco de dados, ao centro de treinamento. Sei que você colocou câmeras lá. Tire-as.

Respiro fundo.

— Você é meu alvo.

— Eu sei disso. — responde ela, e uma expressão estranha perpassa seu rosto, mas apenas por um instante.

— Somos pares únicos um do outro.

— Eu sei.

É tudo que ela diz.

Enquanto permaneço deitado, ela solta aos poucos minhas mãos, testando meus movimentos. Então começa a se levantar.

— Eu preciso desse colar — eu digo, e minha voz sai um pouco mais desesperada do que eu gostaria. — Preciso dele, Kali. Ele é meu, eu o roubei. É meu *direito* tê-lo.

— Para que possa devolvê-lo à Teia? — Pergunta ela, parando no meio do caminho.

Fico calado.

Ela volta a se mexer, e eu seguro sua mão, tentando impedi-la.

Há um momento de silêncio, como se ela estivesse tentando entender o que está acontecendo. Então, ela se abaixa para mais perto de mim e segura minha cabeça com as duas mãos.

E a bate contra o calçamento.

O impacto é forte e eu sinto uma dor aguda na parte de trás da cabeça. Deixo de enxergar qualquer coisa.

— Toque em mim outra vez e eu corto sua mão fora. — Ela diz.

Quando minha visão retorna, vejo-a colocando o curto casaco branco por cima dos ombros e fechando o zíper, por conta da blusa destroçada. Ela vai até o local de onde a puxei para dentro do beco e levanta a lona. Os raios de Sol entram pela abertura e tocam meus olhos, revelando apenas o vulto dela. Ela olha para trás por um instante e, então, sai. A lona desce e estou outra vez sozinho.

— Merda. — Resmungo.

Toco com a ponta dos dedos a parte de trás da cabeça.

Olho para eles. Estou sangrando.

13

Noite, um pouco mais tarde. Dormitório.

Durante todo o caminho até o subúrbio fiquei incomodado por conta do sangue que vertia em quantidade do ferimento que Kali abriu na minha cabeça. Na estação de trem do subúrbio, em um dos banheiros públicos, encontrei algumas toalhas de papel descartáveis, e usei-as para tentar estancar o sangue. O esforço foi válido, embora meus ombros tenham ficado avermelhados.

— O que aconteceu? — Pergunta Jayden, assim que me aproximo de minha cama no dormitório. Ele cutuca a própria cabeça.

— Acho que uma pergunta mais relevante seria *quem* aconteceu. — Diz Mael, seu olhar me avaliando.

Dou de ombros, incomodado com o que ele disse.

— Foi a Kali? — Jayden pula de seu beliche e vem até mim. Tira as toalhas descartáveis de meu couro cabeludo e arranca, nisso, o pouco sangue que

coagulou. Faço uma careta de dor.

Eu o afasto de mim e volto a colocar o papel na cabeça.

— Eu tentei roubar ela hoje, depois da cerimônia de inserção — resmungo. — Achei que a feira de mercadores seria uma boa oportunidade pra fazer isso, principalmente porque é difícil de ser localizado no meio de tanta gente. Me escondi no meio das barracas e ataquei ela. Mas, quando fui *realmente* roubar o colar... não estava com ela. Perguntei como o havia roubado e onde ele estava. E ela disse que o colar continua sendo meu.

— O que faz muito sentido, considerando o fato de que ela roubar é ilegal, e o roubo desse colar de você sempre esteve fora de qualquer *display*, pelo que entendi — diz Mael. — Tecnicamente, ele ainda é seu, sim.

— Tanto que os mantenedores sempre exigem ele a *você* nos dias de repasse. — Admite Jayden.

Solto um suspiro.

— Quer dizer que eu estava errado desde o começo?

Os dois dão de ombros de forma sincronizada.

— O que devo roubar dela, então? — Pergunto, confuso. A batida na cabeça ainda parece turvar meus pensamentos o bastante para que o enigma pareça mais difícil do que realmente é. — É impossível que eu tenha sido designado para roubar algo que ainda está no relatório de bens de outra pessoa, certo? Principalmente se essa pessoa for *eu mesmo*.

Jayden fica me encarando por alguns instantes. Depois olha para Mael, como que exigindo uma resposta.

— Talvez o que você deve roubar seja algo diferente do comum — diz ele, a voz lenta, como que testando as palavras. — Eu conheço muito pouco do ofício dos salteadores. Até que ponto vocês roubam objetos *físicos*, bens *materiais*?

Tanto eu quanto meu amigo lançamos a ele um olhar de descrença.

— *Tudo* o que roubamos são bens materiais. Sempre somos designados a roubar os bens materiais mais valiosos de nossos alvos. É o padrão. — Diz Jayden.

— E se vocês precisassem roubar uma ideia?

— Só se elas estiverem guardadas em algum recipiente físico — retruca Jayden. — Como o HD que preciso roubar de uma artífice no centro. Todas as ideias dela estão nesse HD, e é o bem mais valioso que ela possui.

— Pra roubar ideias e bens imateriais, existem os difamadores. Você deveria saber disso. — Estreito os olhos na direção dele.

Ele, em retribuição, estreita os seus para mim.

Mael se apruma sentado em sua cama.

— Vocês estão entendendo errado, estão limitando seus pensamentos — diz. — Talvez a questão seja muito mais profunda do que vocês imaginam. Quem sabe o colar seja apenas uma desculpa para que você se aproxime dela, e o que deve roubar seja algo muito mais subjetivo. Talvez tenha de roubá-la de si mesma.

Eu e Jayden nos entreolhamos.

— Isso é impossível — diz meu amigo ao namorado. — Para isso, ela precisaria pertencer a alguém e, ao contrário...

— Todos pertencemos à Teia. — Eu completo sua frase.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Então Jayden volta à sua beliche – o andar de baixo, já que Mael dorme no de cima e permanece lá durante toda a conversa – e se tapa com o lençol branco quase transparente com que devemos nos cobrir durante a noite.

Tiro as toalhas descartáveis de meu couro cabeludo e solto um som fraco de dor.

— Quer ir ao Hospital Geral? — Pergunta Mael.

— Duvido que eu passaria na seleção de cura com algo tão pequeno assim.

Assim que termino a frase, percebo a ironia na pergunta dele.

— Vá tomar um banho, Harlan — sugere Jayden. — Amanhã é um novo dia. Você ainda pode ir atrás dos seus outros alvos, certo?

— Sim, mas eu não deixo de ser um curinga.

Pego uma das toalhas brancas disponíveis em um dos armários coletivos e tomo banho no banheiro coletivo. A água que desce pelo ralo tem uma cor vermelha fraca, e eu massageio a cabeça com cuidado, mas a dor se limita ao ferimento. Quando termino o banho, arranjo mais algumas toalhas descartáveis e improviso um curativo com elas, para a noite. Ignoro sumariamente os arranhões e hematomas que a luta com Kali me proporcionou.

Quando deito em minha cama, Mael e Jayden já estão dormindo, virados para o outro lado.

Enquanto encaro o fundo da cama acima de mim, a impossível ideia de Mael parece muito mais possível do que antes.

14

Manhã. Depósito.

Com a cabeça retumbando com as possibilidades e com o fato de que o colar que eu acreditava precisar roubar ainda estar em meu relatório de bens, acesso as câmeras que instalei no centro de treinamento de Kali com poucas esperanças de encontrá-las ativas.

Mas estão.

Pelo menos duas delas ainda estão funcionando. Foram as mais difíceis de instalar, postas em dois cantos do teto e dando apenas uma visão aérea do lugar. O bastante, felizmente, para que eu consiga ver tanto Kali quanto quem quer que possa estar junto dela; assim como, através dos microfones integrados, ouvir praticamente tudo do que é dito no interior do lugar.

Ainda é cedo. O centro de treinamento está vazio, sua quietude intocada.

A escolha óbvia de onde procurá-la é o banco de dados. O acesso ao seu circuito

interno agora é possível, assim como foi possível da última vez em que estive lá. Me pergunto se o fato de eu ter ido até ele e me cadastrado com o *display* na entrada tem alguma coisa a ver com isso. Provavelmente, sim.

Kali está sentada outra vez ao lado de Leon, o velho fatalista. Os dois estudam na mesa coletiva.

— Como estão seus treinos com armas antigas? — Pergunta o homem, olhando para ela de bastante perto.

Coloco o fone de ouvido para conseguir escutar melhor o que eles dizem. Mesmo que os microfones sejam ótimos, os sons ao meu redor atrapalham na hora de tentar entender. Lanço um olhar para Jayden, completamente entretido com seus próprios assuntos, e me isolo do mundo para fazer o mesmo.

— Qual é a utilidade disso, Leon?

— A utilidade disso é que, em meu tempo de fatalista, as coisas eram um pouco diferentes.

— E quanto tempo faz isso? — Kali dá um sorriso, e o homem o corresponde, com ironia.

— Faz muito tempo.

Ele batuca com quatro dedos na tela, como se estivesse impaciente, ou pensando em alguma coisa.

— No meu tempo, usávamos facas com mais frequência — diz ele, os olhos mirando as janelas pelas quais entra a luz difusa do dia. — Elas serviam principalmente para quando o uso de armas de fogo era... inapropriado. Ou quando fosse necessário matar com discrição. Hoje a Teia vetou o uso delas por conta, justamente, do que aconteceu com os torturadores. É mais fácil torturar alguém com uma faca do que com uma pistola. Ainda que um torturador possa usar praticamente qualquer coisa para fazer o que bem entender.

— Se o uso de facas por fatalistas é vetado, porque você quer me treinar para *saber usá-las*? — Pergunta Kali.

Leon parece incomodado por alguns instantes, embora continue olhando para o lado de fora.

— Eu insisto no seu treinamento para o caso de...

— De eu querer me tornar uma torturadora? — Ela o interrompe.

— Não seja ridícula. Ninguém pode trocar de casta — ele suspira. — Não. Para o caso de você decidir poupar alguém, algum dia — ele diz, os olhos virando na direção dela. — Caso decida seguir por outro caminho.

Os dois permanecem em silêncio por algum tempo, até que ela puxa, do encosto de sua cadeira, a sacola preta que sempre carrega consigo, e a abre. Ela vasculha por alguns segundos o interior e, em seguida, põe sobre a mesa a faca que roubei de Morfeu. Está dentro de uma bainha.

O velho arregala os olhos.

— Essa é *aquela* faca?

Ela se limita a concordar com a cabeça.

— Onde conseguiu isso?

— Na feira dos mercadores, ontem, depois da cerimônia. — Responde ela.

— Como conseguiu comprar?

— O bloqueio no meu *display* me protege desse tipo de coisa, você sabe — a garota diz, como se o bloqueio fosse algo normal. — Até que foram poucos créditos para subornar o mercador. Tive a ajuda de algumas pessoas para isso. É importante para mim. De qualquer forma, a faca não vai constar no meu relatório de bens.

— Assim como o colar.

— Exato. — Ela fala.

O velho dá um sorriso torto e levanta um dedo na direção dela.

— Eu já disse que esse bloqueio só vai te trazer problemas. Além de que essa Ceres parece ser alguém em quem não se pode confiar.

— Ela é minha aliada.

— *Eu sei*. Mas eu também sou, e olhe onde você está, agora, por minha culpa. — Os dois sorriem um para o outro, e eu tento entender o que ele quer dizer com isso.

Os dois olham para a faca até que o velho a empurra na direção da garota, preocupado.

— Guarde logo essa merda antes que alguém veja e dê o alarme.

Ela coloca a faca com cuidado de volta dentro da sacola. Depois, volta a erguer os olhos na direção do velho fatalista.

— O Harlan tentou me roubar, ontem, nessa mesma feira de mercadores.

— E o que você fez?

— Basicamente o impedi de recuperar o colar e... bem, acho que consegui confundi-lo um pouco — ela diz, e ergo uma de minhas sobrancelhas em uma resposta silenciosa. — E quase o mandei para o Hospital Geral. Bati com a cabeça dele no chão.

— É algo ótimo a se fazer com um par. — Leon dá uma breve risada.

— Tanto faz. Eu só quero manter ele longe. — A voz dela é fria.

Eles encaram por um tempo a tela da mesa, calados. Enquanto eles esperam o tempo passar, meus pensamentos passam por todo tipo de hipótese para Kali me querer distante dela. Mas sua voz me interrompe.

— Você falou que se sentia deslocado, no outro dia.

Leon lentamente olha para ela.

— Sim, falei.

Ela ensaia falar alguma coisa: abre a boca e fecha, abre de novo. Então a fecha, e é a sua vez de olhar para fora da janela.

— Acho que eu concordo.

O velho e a jovem ficam lá por algum tempo, talvez um minuto ou dois.

— Que diferença eu posso fazer? — Pergunta ela, subitamente.

— Está falando do que a Teia quer de você. — É uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim — ela toca no antebraço esquerdo e abre a galeria de alvos. — Quero dizer... qual é o significado de tudo isso? Porque aconteceu isso, depois da atualização? Eu achei que as tarefas fossem divididas entre todas as pessoas, mas foi diferente, dessa vez. É como se...

— Como se tivessem tirado um alvo de cada fatalista de Dínamo e transferido pra você — resmunga Leon. — Tenho quase certeza de que foi o que aconteceu. Era a solução mais fácil, pra eles, se quisessem te punir, e é o que eles queriam. A única pessoa na cidade que teve grandes mudanças no *display* foi você. Todo o resto teve que se atualizar por conta dos ecos da mudança no *seu display*.

Ela volta a encará-lo.

— Teve mais alguém. — Diz a garota.

— Uma pessoa, apenas uma. Que diferença *uma* pessoa pode fazer?

— Eu também sou *uma* pessoa. Apenas uma.

Ele põe um dedo no meio do peito da fatalista, indicando-a.

— Mas *você* é diferente. Você pode *fazer* diferente.

Kali estava olhando para baixo, mas agora levanta o olhar para olhar o dele.

— Tem certeza? — É a pergunta dela.

Ele pega a mão dela e a segura com força, olhando dentro de seus olhos.

— Acho que está na hora de procurar aquele homem.

15

Uma semana depois. Depósito.

O dia do repasse acaba sendo uma situação constrangedora, pois não tenho nada para repassar à Teia.

— Você está em posse de um colar Classe 1. Deve repassá-lo o quanto antes. Caso contrário, será acusado de roubo ilegal. As multas são significativas — diz a mantenedora, que examina minha mesa vazia. — Caso lhe faltem créditos para pagar a dívida, ela poderá ser quitada com uma temporada de estadia na CMT.

— Este colar foi roubado e eu sei por quem.

— É impossível. Este artefato encontra-se registrado em *seu* relatório de bens e nenhum salteador foi designado para roubá-lo de você. — Ela diz, com uma certeza fria e rígida.

— O nome desta pessoa é Kali Assange, ela é uma fatalista. Foi a causadora da última atualização—

A mantenedora levanta uma mão para me impedir de continuar falando.

— Sendo uma fatalista, a possibilidade de este colar ter sido roubado por essa pessoa em específico automaticamente deixa de existir — ela diz, e seus olhos passam pelo seu *tablet*, em que ela abriu minha ficha e *display*. — Além disso, esta fatalista é um de seus alvos, o que evidencia que é *você* quem deve roubar algo dela, não o contrário.

— Eu sei disso, mas—

— Deve cumprir com suas designações e apresentar, no mínimo, um item roubado na próxima semana. Caso contrário, será levado à CMT e precisará depor a respeito de sua falta de compromisso, assim como arcar com as devidas consequências. — Ela dá o ultimato.

Os mantenedores continuam seu caminho até a mesa de Jayden, onde diversos itens estão dispostos organizadamente sobre o tampo escurecido. Sinto um pouco de inveja dele, e sei que, de certa maneira, ele sente orgulho pelo mesmo motivo da minha inveja.

Poucas horas depois, há sinais de atividade por parte de Kali.

Uma ligação.

— Ceres. — É a mesma mulher da ligação anterior.

— Kali — a mulher responde. — O que você quer?

— Preciso que você me passe todas as informações a respeito de Fenrir Roth.

Há, no fundo, o som de batidas de dedo sobre uma superfície. Provavelmente um teclado holográfico sensível ao toque.

— Pronto.

— E o georreferenciamento em tempo real. Preciso saber onde ele está.

— Feito.

— Isso é tudo.

Foi uma das conversas mais rápidas que já presenciei, mesmo que virtualmente.

Ergo uma de minhas sobrancelhas, uma ideia começa a surgir em minha mente aos poucos, se apoderando dela lentamente. Tiro os fones de ouvido e os guardo em um recuo da mesa. Levanto e vou até Jayden.

— Jayden.

Ele tira um de seus fones de ouvido e vira o rosto em minha direção, mas logo volta a olhar para a tela. Ele continua digitando rapidamente qualquer coisa no teclado integrado, assim como abrindo todo tipo de janela e código ao mesmo tempo.

— O que é?

— Eu preciso da sua ajuda.

— Sempre precisa. — ele sorri apenas com o canto da boca e então pausa a música que estivera ouvindo, olhando para mim, agora.

— Quero uma maneira mais fácil de rastrear a Kali.

— Eu também quero uma maneira mais fácil de rastrear os meus alvos — ele diz, fazendo uma careta como que se compartilhássemos nossos desejos. — Você, por acaso, descobriu como fazer?

Estreito os olhos para ele.

— Todas as pessoas têm um maldito *chip* de georreferenciamento encravado no osso, embaixo do *display* — digo, batendo com dois dedos na tela implantada no meu antebraço esquerdo. — Tem que ser possível acessar esse tipo de coisa. A Teia tem como fazê-lo e nós temos acesso à Teia. Você consegue rastrear alguém com esse tipo de coisa, só usando esses seus... códigos?

Jayden balança a cabeça positivamente.

— Poderia rastrear *você*, mas porque eu faria isso? — Ele dá uma risada. — Realmente as coisas seriam bem mais fáceis se isso funcionasse. O problema é que, pra acessar, tem que ser pelo dermatrodo.

Ele mostra o acesso direto na articulação do braço.

— É a única maneira?

— Sim — responde ele, seus olhos voltando para a tela mais uma vez, quando uma notificação surge. — A não ser que você encontre um *hacker muito* bom, capaz de fazer isso sem acesso direto. Mas eu acho isso bastante improvável.

Apoio a mão sobre a mesa dele e abro, involuntariamente, um aplicativo. Jayden me olha com desprezo e empurra minha mão para fora da mesa.

— Basicamente você teria que ter acesso ao *display* da sua garota, e eu duvido muito que você seja capaz de fazer isso, pelo menos presencialmente — ele diz, enquanto passa a mão pela própria cabeça. — Você teria que ter tido acesso a ele anteriormente, mas isso é praticamente impossível.

— Talvez...

Cruzo meus braços, tomando cuidado com relação à mesa de Jayden. Ele parece começar a ficar impaciente na medida em que novas notificações aparecem na tela. Ele cruza os braços, também, talvez para evidenciar isso.

— Acho que sei quem pode ter acesso direto ao *display* dela — digo. — É uma *hacker*, imagino que a mesma que fez o bloqueio.

— Então, com toda certeza, essa pessoa tem acesso ao *chip*. — Resmunga Jayden, ansioso.

— O maior problema é que essa *hacker* é aliada dela. Ceres.

Meu amigo dá de ombros.

— Suborne-a.

— Elas são aliadas.

— Sim, e nós dois também somos.

Demoro alguns instantes para entender o que ele quer dizer e acerto um soco fraco no braço dele, avisando que entendi o que ele quis dizer como uma brincadeira – mas deixando implícito que, se ele *realmente* estiver dizendo que aceitaria ser subornado com relação a mim, eu estaria disposto a fazer o mesmo com relação a ele.

— Seu puto. — Digo.

— Ora, vamos lá, Harlan. Todo mundo tem um preço. Essa *hacker*, com toda certeza, também tem um. Você só precisa descobrir qual é, e, então, terá o que quiser. — Ele diz, ao mesmo tempo em que finalmente volta à sua tela e a seus próprios compromissos. Ele mete os fones de ouvido nas orelhas e se isola.

Eu caminho lentamente de volta para minha mesa.

Rastreio rapidamente a ligação que Kali fez com os recursos que me são dados pela própria Teia. Uma das diversas possibilidades. Por mais que haja um tipo de bloqueador de rastreio no caminho dessa ligação, meus recursos conseguem ultrapassá-los e identificam o destino.

Um servidor, a dezesseis quadras de distância.

— Todo mundo tem um preço. — Murmuro.

16

Uma hora mais tarde. Junto do servidor.

É preciso pegar um metrô de circuito interno para alcançar o servidor em pouco tempo. Trata-se de um prédio baixo e sem janelas, no formato de um cubo cinzento, aparentemente colocado a esmo no terreno. Diversas antenas saem do topo, assim como sei que muitos cabos ópticos partem de seu subsolo, indo daqui para todo o restante da cidade, interligando diversos outros servidores e bancos de dados.

O único acesso ao interior é uma porta de metal lacrada.

Assim que me aproximo, o console ao lado dela se acende.

Aguardo por instruções, por alguns segundos. Depois, simplesmente passo o braço na grade vermelha.

— O que você quer? — Surge uma voz do console.

Poderia ser uma voz sintetizada, tamanha é sua agudez e ruído, mas acabo percebendo que trata-se da mesma que conversou com Kali uma hora atrás. Ou seja, a voz de Ceres.

— Meu nome é Harlan Montag, sou um salteador—

— Eu sei quem você é — a voz me interrompe. — É para isso que serve a identificação pelo *display*. A confirmação verbal é uma merda. O que você quer?

— Você é *hacker*. — Afirmo, talvez um pouco abrupto demais.

Há silêncio e estática por alguns instantes, antes da resposta vir.

— Sou uma mercadora, subdivisão dos salteadores.

— Ainda assim, você é *hacker* — insisto. — Sei que é a responsável pelo bloqueio no *display* de Kali Assange e estou aqui porque quero contratá-la para um serviço... parecido.

— Envolvendo quem?

— A própria.

Mais estática, dessa vez por mais tempo.

— Kali Assange é seu alvo e par — a voz parece cautelosa. — O serviço tem a ver com ela. — Diz ela, confirmando que entendera.

— Sim.

— Então você pode voltar para o lugar de onde veio, garoto.

O console se apaga e eu fico encarando-o, incomodado.

Passo o braço uma segunda vez na grade vermelha.

— Eu disse que é para ir embora, garoto. — Insiste a voz, e noto que ela é ligeiramente anasalada.

— Preciso ter acesso ao *chip* de georreferenciamento dela. Estou disposto a pagar o que for necessário.

Claro que o que estou dizendo é, em parte, uma mentira. Dependendo do número de créditos que ela requisitar, estarei *bem* longe de ser capaz de pagá-la.

— Todo mundo tem um preço. — Eu digo, parafraseando Jayden.

— Sim, é verdade.

— Qual é o seu?

Dois ou três segundos de silêncio.

— Acha que é fácil assim?

— Pelo menos estou tentando.

Uma risada breve e cortada, quase como se a pessoa estivesse se engasgando.

— Certo, você me compra com duas coisas — responde Ceres, e ouço um rangido de metal, talvez de uma cadeira. — A primeira: uma droga das boas. Se me conseguir alguma coisa de qualidade, posso fazer o serviço. A segunda: acesso ao *seu display*.

Por um instante fico indignado.

— Acesso ao *meu display*? Porque você iria querer isso?

A mulher dá uma tossida próximo ao microfone, e o alto-falante chia.

— Encare isso como um programa de fidelidade — diz ela. — Para o caso de você achar justo me foder se reportando à CMT ou comprometendo algum de meus outros clientes. *Em especial* a Kali.

Outra tosse.

— Somos aliadas.

— Eu sei.

— Como sabe disso?

— Vi no *display* da Kali — respondo. — Eu o acessei em um dos registros *offline* dos mantenedores. Era a única maneira de eu ter mais informações a respeito dela.

Um pensamento me vem à cabeça.

— Eu tenho um pacote de nectarina — digo, subitamente. — É uma droga boa o suficiente?

— Depende da procedência. Tem alguns mercadores que a trazem ilegalmente da zona Oeste, perto do escoamento do rio, e toda a nectarina que vem de lá é de péssima qualidade. O que é de se esperar de qualquer coisa que fique *depois* do Núcleo de Nascimentos. É uma das coisas mais sujas dessa porra de cidade.

— Eu a roubei de um posto avançado de mantenedores.

A pessoa parece perplexa, pelo silêncio.

— Você é louco? Isso estava no seu *display*?

— É óbvio.

— Bem, então alguém no programa de fluxo anda de zoeira comigo. Queria eu ter que roubar um posto avançado de mantenedores. — Outra vez a risada engasgada.

Outra hora se passa enquanto vou ao depósito e volto, o pacote da droga embalado à vácuo seguro firme nas mãos.

— Entra.

Há um forte estalo e a porta é destravada. Eu a puxo para fora com força, percebendo o quão pesada é. Os prédios dos servidores são alguns dos principais edifícios da Teia – e são edifícios *oficialmente* da Teia, o que é evidenciado,

mais uma vez, pelo prisma de seis lados sobre a porta. Perdem apenas para os bancos de dados, por conta dos arquivos neles contidos, e da própria CMT. Por isso são tão sólidos, e desprovidos de janelas.

O interior é repleto de prateleiras, da mesma maneira que o banco de dados, mas, aqui, o caos é completo. Há cabos subindo e descendo, passando de um lado a outro. Diversas caixas negras de circuitos ocupam espaço e há encruzilhadas de cabos nas prateleiras, piscando intermitentemente em luzes laranjas, vermelhas, verdes e amarelas.

A porta se fecha e me tranca no lado de dentro.

A escuridão é total, exceto por uma luz inconstante que vem de algum lugar à frente. Ando por um corredor e encontro quem, muito provavelmente, é Ceres, a mercadora e *hacker* aliada de Kali.

Trata-se de uma mulher enorme, incrivelmente gorda, sentada em uma cadeira de rodinhas que mal consegue aguentá-la, rangendo a cada movimento seu. Seus olhos são pequenos em seu amplo e rechonchudo rosto, e este é tomado por oleosidade, assim como seu cabelo. Os braços são grossos; os dedos, grandes e desajeitados, embora corram rapidamente de um lado a outro na mesa à sua frente. Há três monitores voltados em sua direção, além de um teclado projetado na mesa e um *touchpad* que ela usa para levar um minúsculo ponteiro através das telas, passando de uma para a outra.

Quando ela ouve minha aproximação, gira no eixo da cadeira e estende uma das mãos em minha direção.

— Onde está?

Tenho um pouco de receio em entregar o pacote a ela.

— Garoto, se quiser ter acesso ao *chip* de georreferenciamento da Kali tem que me dar essa porra de nectarina, ou então pode procurar por outro *hacker* que tenha acesso ao *display* dela. — Soa como uma ameaça, o que é confirmado pelo brilho obsessivo nos olhos da mulher.

Dou o pacote a ela.

A mulher abre a primeira gaveta de sua mesa, depois a segunda, e tira um pequeno canivete do interior. Corta um dos lados do pacote e dá uma cheirada dentro dele.

Lança um olhar em minha direção e, aparentemente satisfeita, guarda-o na terceira gaveta.

— Agora o braço.

Outra vez tenho receio.

— Dê logo. — Ela diz, e simplesmente aperta sua mão em volta de meu punho, me puxando para mais perto da mesa e simplesmente plugando um cabo negro na articulação do meu braço antes que eu possa ter qualquer reação. Solto um mínimo murmúrio de dor, que ela corresponde com um olhar zombeteiro, como se achasse graça em minha suposta fraqueza.

Ela mexe em qualquer coisa em sua tela da direita, repleta de códigos, e executa um programa.

— Vai querer um bloqueio, pra acompanhar? — Pergunta ela.

Fico mudo por um segundo.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Ceres dá de ombros, e a forma como seu corpo se mexe e a cadeira range com o movimento me deixa intrigado.

— A escolha é sua. A Kali me contratou pra bloquear o *display* há quase dois anos e, desde então, ela só teve problemas por... outras questões.

— A morte de Morfeu. — Digo.

A mulher para de digitar e me encara, como se estivesse questionando como sei a respeito disso. Mas decide ficar calada, provavelmente para não me dar

quaisquer outras informações.

— E o roubo do meu colar — digo, percebendo a hesitação dela. — O colar dourado com pingente de aranha que ela tem. Fui eu quem roubou, e ela o roubou de mim. Imagino que essa tenha sido a primeira vez em que ela foi para a CMT, certo? Mas, agora, eu tenho que roubá-la e, por alguma razão, é alguma outra coisa. Eu queria recuperar esse colar, mas ele *ainda é meu*.

A mulher pressiona uma pequena trava do cabo e ele se solta do meu braço. Ela o retira e eu evito olhar para a comprida agulha que penetra no osso para acessar o *chip*.

— Olha, garoto, isso é problema seu — diz ela, posicionando com cuidado o cabo negro em um suporte do lado da mesa. — Você me pagou para ter acesso ao *chip* da Kali, e é o que eu estou fazendo.

Abro a boca para falar alguma coisa, mas ela me interrompe.

— E só vou lhe dizer uma coisa: se quer mesmo tentar roubar aquele colar dela, ou qualquer outra coisa, é melhor desistir — diz, enquanto me encara com firmeza. — A Kali é invencível.

Ela digita alguma coisa no teclado virtual.

— Está pronto.

Olho para meu *display*. Há um novo ícone na tela inicial e, ao clicá-lo, eu acesso os mapas pré-carregados em minha primeira tela, mas, dessa vez, há uma opção que posso utilizar. Ao fazê-lo, um pequeno triângulo vermelho surge na tela.

— O triângulo aparece quando ela está longe de você — diz Ceres. — E aponta a direção. Se você diminuir o *zoom*, vai conseguir enxergá-la. Dentro do seu campo de visão, ela aparece como um círculo vermelho. Satisfeito?

Concordo com a cabeça, embora me mantenha sério.

Quando estou prestes a sair, ela me interrompe.

— Garoto, é melhor que você mantenha essa sua boca fechada — diz a mulher. — Se você me dedurar para a CMT, eu juro que vou pessoalmente pedir à Kali que o mate.

A mulher fica calada por alguns instantes, parecendo tensa com o que ela mesma disse. Eu aguardo.

— Vá embora, garoto. — Ela diz, por fim.

17

Três dias mais tarde. Trem para o centro.

Kali levou algum tempo para pensar antes de fazer qualquer coisa a respeito de Fenrir, quem quer que seja ele. Na infinidade de alvos de seu *display*, falhei em encontrar a marca dele, tendo visto no máximo um quarto de todas elas. Apenas depois de três dias ela pega o trem e vai atrás dele.

E eu vou atrás dela.

O trem que leva até o centro e à Praça Atômica começa seu caminho fora da terra, no subúrbio, mas entra no subterrâneo das montanhas, no centro da cidade, seguindo em uma linha reta ascendente até seu destino, andando sobre um viaduto.

A garota encontra-se na outra ponta do vagão, seus cabelos tapando os lados do rosto e os olhos fixos no *display*. Como de costume, ela tem fones de ouvido enfiados nas orelhas. O que é um comportamento bastante comum, já que a maior parte das pessoas no interior do vagão está quieta, mexendo em seus

displays, ouvindo música, jogando em *tablets* ou usando um daqueles óculos com prisma de vidro para acessar a Teia.

O trem passa por cima da Zona Industrial, que acompanha o rio, e bastante próximo do Núcleo de Nascimentos que Ceres comentou. Daqui é possível ver um pouco mais das montanhas do lado de fora da cidade, por cima dos altos muros que a cercam. O Sol desce lentamente atrás de uma delas, o céu se manchando com as cores do entardecer iminente.

Subitamente, o túnel.

O vagão é iluminado por luz branca no interior; pelas janelas só é possível ver as paredes do túnel, que passam a uma velocidade absurda. Apesar do isolamento acústico, o silvo do vapor de água usado para refrigerar os motores movidos a núcleos atômicos é alto e claro.

Estação da Praça Atômica, diz a voz sintetizada nos alto-falantes do vagão.

Geralmente é o destino da maior parte das pessoas, de onde pode-se pegar metrôs para qualquer outra área do centro da cidade. Também é o destino de Kali e, consequentemente, o meu.

O trem para na estação e as portas automáticas se abrem. A maioria dos passageiros sai, com exceção de poucos. Mantenho um dos olhos na garota e, o outro, no ponto vermelho que a representa em meu novo localizador georreferencial, que funciona apenas com ela. Aparentemente, ele é bastante exato. Eficiente como qualquer outra coisa produzida pela Teia.

— O braço.

Estendo-o à frente e a laboradora responsável pelo filtro de entrada no centro de Dínamo passa um escâner pelo meu antebraço esquerdo.

— Seu nome e casta.

— Harlan Montag, mercador. — Respondo à necessidade de confirmação verbal.

— Qual o seu objetivo em vir para o centro de Dínamo?

— Tenho um alvo se deslocando nessa mesma direção. Estou tratando de cumprir com minhas responsabilidades com a Teia e com meu *display*. — Digo, as palavras saindo extremamente claras de minha boca.

A mulher digita qualquer coisa no computador junto do qual está sentada, em uma cabine de controle na estação.

— Preciso do nome e casta de seu alvo.

— Kali Assange, mantenedora.

Ela digita mais alguma coisa e, então, me deixa passar.

Assim que passo pelo posto de controle, vasculho a área com os olhos, à procura de Kali. Ela, aparentemente, já passou. O ponto vermelho em meu *display* está se deslocando à frente, por um corredor. Eu o sigo, a seta branca que me representa cravada no meio do mapa.

O corredor tem as paredes curvas e segue por baixo da terra até uma seção de elevadores e escadas rolantes que leva à rua, acima. Luzes brancas longitudinais o acompanham, e diversos cartazes animados de publicidade piscam junto das paredes, seguindo as pessoas que passam.

Depois de uma curva, sou posto contra a parede.

— Eu lhe disse para ficar longe de mim. — A voz de Kali é fria e dura, como uma lâmina.

O braço direito dela passa sobre meu abdômen, me empurrando contra a parede curva e me fazendo perder o equilíbrio. Sua mão esquerda segura a pistola, e o cano toca a minha barriga incisivamente. Duvido que ela seja capaz de qualquer coisa contra mim, mas a ameaça funciona.

— Estou... indo ao centro. — Digo, incapaz de pensar em qualquer outro argumento.

Kali me empurra com força contra a parede, me pressionando.

Então, agarra meu braço esquerdo e olha para a tela. O mapa com o ponto vermelho e branco continua aberto, os dois encaixados um sobre o outro. Estamos praticamente ocupando o mesmo ponto no espaço.

— Quem fez isso? — Ela pergunta.

— Ela é sua amiga — digo, minha voz tremendo contra minha vontade. — Uma tal de Ceres. Encontrei com ela em um dos servidores da Teia. Queria a sua posição geográfica em tempo real e a paguei com nectarina.

— Está mentindo. Ela é minha aliada.

Os olhos dela penetram fundo os meus, me avaliando. A cor de seus olhos é de um marrom muito escuro, quase preto. A íris quase se confunde com a pupila, mas esta é um poço de escuridão que se destaca.

Fico calado, pois disse a verdade.

— Além do que, foi ela quem me avisou que você estaria atrás de mim — diz a garota, os olhos sorrindo um pouco, a boca estática. — Disse que descobriu que você conseguiu acesso ao meu *display* em um posto avançado de mantenedores e decidiu vir atrás de mim.

Respiro fundo.

— Eu disse a verdade. — Digo.

A garota continua me olhando por mais algum tempo antes de falar.

— Escute, Harlan, pois eu vou falar só uma vez — ela diz. — Você e eu temos de ficar separados, pelo menos por enquanto. Pelo menos enquanto eu tento resolver os meus problemas. Depois, veremos o que vai acontecer. Mas você precisa ficar longe, precisa me deixar em paz.

A voz dela é gelada, ainda que, como percebi da última vez, haja algo queimando por dentro de seus olhos.

— Talvez eu possa ajudá-la com seus problemas.

— São *meus* problemas. — Ela diz, severa.

Ela se desvencilha de mim e dá um passo atrás. Duas mulheres que andam no corredor desviam dela.

— Mas nós somos pares. — Resmungo.

— E isso só torna as coisas ainda piores. — Kali diz, dando mais um passo atrás, virando-se e seguindo pelo corredor. Ela guarda a pistola no coldre e segue em frente, entrando em um saguão e usando uma das escadas rolantes para subir ao nível da rua.

Eu fico parado.

Então, me movo, e subo as escadas também.

18

Duas horas mais tarde. Em uma exposição.

A Galeria de Artes de Dínamo é um prédio um tanto quanto diferente, repleto de curvas e formas que o tornam pouco prático. Há pequenas cascatas caindo por essas curvas, despejando água em uma piscina com um fio de água pelo qual passa uma passarela até a porta de entrada. Acima desta, feito inteiramente de vidro, há um prisma de seis lados. Discreto, mas, ainda assim, está lá.

Desisti de perseguir a Kali depois do que ela disse, mas, devido ao fato de Fenrir, seu alvo, ser a pessoa atrás da qual ela estava indo, decidi pesquisar a seu respeito usando o *display*. Surpreendentemente, foi bastante fácil encontrá-lo.

Fenrir Roth é um artífice, ou seja, uma pessoa responsável por criar obras de arte que vão desde pinturas e esculturas até a produção de narrativas. Embora, ao meu ver, a casta dos artífices seja completamente irrelevante, a fila para entrar na galeria de arte anuncia o contrário: há muito mais que uma centena de pessoas entusiasmadas em ver o que está no interior. Hoje é a abertura de uma nova exposição, o que significa que o alvo de *meu* alvo estará aqui.

E ela, também.

O espaço no interior é bastante amplo, com diversas paredes brancas vazias, por enquanto. A partir do momento em que a exposição for aberta, as obras serão projetadas nelas. Em um dos lados há uma parede branca maior, em frente a uma gigantesca área envidraçada que dá para um dos jardins artificiais do lado de fora.

Quando todos os visitantes estão em frente a essa parede, a projeção começa. Fenrir aparece nela. É um homem aparentemente baixo, troncudo e musculoso, de cabelos loiros compridos, pele branca e rosto quadrado.

— Achei que ele estaria aqui. — Comento comigo mesmo.

— Fenrir faz tudo via videoconferência — diz um homem a meu lado, a esmo. Seus olhos estão grudados na projeção. — Provavelmente está em seu apartamento na zona Oeste. Ele raramente vem a público, pois tem medo do que suas obras podem acarretar.

— O que suas obras podem acarretar? — Duvido.

O homem concorda com a cabeça.

— É. O homem é um rebelde, afinal de contas.

Ergo uma das sobrancelhas, mas permaneço quieto. Passo o tempo que dura o discurso do artífice procurando por Kali, em vão. Olho para meu *display*. O ponto vermelho que a caracteriza encontra-se na zona Oeste, o que agora faz completo sentido.

O discurso termina e a projeção se apaga. Os visitantes se dispersam para examinar as obras, agora visíveis nos quadros antes vazios. Decido olhar uma delas, antes de ir à zona Oeste.

Olho por alguns instantes, pasmo.

— Mas que...

A tela quadrada mostra, em seu centro, um quadrado negro e sólido com um círculo branco vazado, no meio, do qual uma linha sai na diagonal e atinge seu canto superior direito. É a totalidade da obra.

— Fenrir retrata sempre a nossa realidade e cotidiano em Dínamo — diz o homem, outra vez a meu lado, visivelmente empolgado. — Fenrir é um rebelde. Ele é o único capaz de ver a mentira em que vivemos e se arrisca ao expor a Teia desse jeito. Veja bem, a Teia é o quadrado, que aprisiona cada um de nós, representados pelo círculo. Fenrir mostra o caminho para sairmos de nossa prisão, pela linha que foge para fora do quadrado, escapando para fora da Teia.

— Quer dizer que estamos aprisionados na Teia? — Pergunta uma mulher do outro lado dele.

— Sim. É isso que ele quer dizer.

— E como se foge? — Questiono.

O admirador coça a cabeça.

— Como é?

— Se o certo a se fazer é fugir da "mentira" que a Teia é, como se faz isso? — Pergunto, enquanto olho para o quadro uma segunda vez. Todos os outros, à volta, também são preto e brancos. — E porque *ele* ainda está inserido na Teia, se ele mesmo diz que devemos escapar dela?

O homem e a mulher se entreolham por um instante.

— Ele comentou alguma coisa sobre isso na última das suas exposições...

— Eu estava lá.

— Ele disse alguma coisa sobre a rebeldia estar no próprio *display*...

A mulher engole em seco e concorda com a cabeça.

— A questão é que a rebeldia reside em estar inserido na Teia — diz ela,

gesticulando enquanto aponta para o quadro à nossa frente. — É a rebeldia prevista. Segundo Fenrir, a própria Teia escolhe alguns indivíduos para serem rebeldes.

— Porque ela faria isso?

— Faz parte do sistema. É um contraponto necessário. — Explica o homem.

— Esses dados estão nos *displays* das pessoas portadoras da rebeldia prevista. São codificadas em dados ocultos, porque o simples fato de os rebeldes prescritos *saberem* que são rebeldes prescritos muda completamente toda a sua noção — continua a mulher, depois de agradecer pelo comentário do homem com um gesto da cabeça. — É natural que alguém que se julga rebelde aja de acordo com essas predefinições dos dados ocultos. Então, muitas vezes, ao sermos rebeldes, estamos fazendo apenas o que a Teia nos diz, através de nossos *displays*.

Balanço a cabeça.

— Mas como alguém cumpriria conquistas ocultas? A pessoa seria incapaz de saber *o que* deve fazer.

— A Teia tem inúmeras maneiras de guiar as pessoas. — Retruca a mulher.

— É por isso que Fenrir continua inserido na Teia — diz o homem, dando um sorriso entusiasmado com a suposta lógica de seus pensamentos. — Ele é um rebelde previsto. Seu principal ato de rebeldia, então, é o de seguir com o conteúdo original de seu *display*, ignorando os dados ocultos que ele sabe existirem. Ele é rebelde meramente por ainda estar inserido.

— É um paradoxo. — Resume a mulher.

Minha vez de coçar a cabeça.

— Quer dizer que ser rebelde é fazer o que a Teia diz para fazermos através dos *displays*?

— Sim! — Os dois dizem, em uníssono.

— E se meu destino fosse ser alguém normal? Então ser rebelde seria ir contra o *display*, já que me faltariam os dados ocultos. — Penso em voz alta.

— É aí que está o paradoxo. Como você vai saber que a Teia previu que você será rebelde? — Pergunta o homem. — A única maneira de fazer isso seria lendo os dados ocultos, mas fazer isso seria rebeldia, e se a rebeldia estivesse em seu *display*, você estaria sendo condescendente.

Ficamos olhando para o quadro do quadrado negro, o círculo branco e a linha que escapa.

— Parece complicado, mas, na verdade—

— E se eu decepasse meu braço? — Pergunto.

Todos nós três ficamos em silêncio por pelo menos dez segundos.

— Porque você faria isso?

— Perderia seu *display*.

— Seria a verdadeira rebeldia — digo, ainda olhando para o quadro, enquanto eles me olham. — Me livraria do *display* e de todas essas dúvidas e paradoxos.

Os dois dão um sorriso que logo se transforma em pequenas risadas, que eles abafam rapidamente.

O homem, mais próximo de mim, bate com a mão duas vezes em meu ombro, de leve.

— Pelo menos você tem dois braços. — Diz, sorrindo.

— Por quê? — Pergunto.

— Para implantar um novo *display* no outro.

19

Começo da noite. Do lado de fora do apartamento de Fenrir.

O alvo de Kali mora em um apartamento só dele – o que é bem raro, levando-se em conta que quase todo mundo fica em dormitórios –, e este é quase completamente transparente. Fica no centro comercial, em um andar baixo de um prédio espelhado, e tem paredes de vidro à prova de balas e som. O único andar cujos vidros não são espelhados é o do apartamento do artífice. O fato de ficar em um andar baixo deve-se a uma plataforma que fica exatamente em frente, do outro lado da rua: há grupos de fãs e admiradores ali para acompanhar cada passo de seu ídolo.

Como se ele estivesse em uma tela e eles o estivessem assistindo.

Meu *display* brilha. Kali está por perto.

Acesso o dispositivo georreferencial. O ponto vermelho que a representa está exatamente no prédio em frente. Em algum ponto em seu interior, muito provavelmente, embora eu tenha dúvidas de como ela entrou. Há claramente um

console na porta principal, e ela jamais seria capaz de passar por ele. Seria necessário uma permissão especial.

Mas o fato de ela *já estar* dentro do prédio significa que está prestes a concluir o que veio fazer no centro de Dínamo.

Dentro do apartamento há, pelo menos, quatro seguranças.

— Achei que era proibido ter seguranças pessoais. — Resmungo.

— Fenrir teme pela própria segurança — diz um garoto de, no máximo, doze anos de idade a meu lado. Ele é baixo, tendo de se esforçar para enxergar por cima do parapeito da plataforma. — Ouvi dizer que a CMT já tentou matá-lo nove vezes, e ele se safou em todas elas.

Eu o olho com descrença.

— Quer dizer que ele decidiu ir contra a Teia até no fechamento de arco?

— Ele é um rebelde, pode fazer o que quiser! Eu até me sinto um rebelde, quebrando todas as regras, só de estar aqui — o *display* do garoto brilha de repente. Aparentemente tem alguém ligando para ele. — Com licença, tenho que atender essa.

O garoto se afasta.

Volto a olhar para meu próprio *display*, ainda brilhando por conta da proximidade de meu alvo e par. O ponto vermelho permanece onde estava, antes, e o medidor de altitude no canto da tela mostra que a em que ela está na mesma que eu.

Aguardo por quinze minutos, cercado por todo tipo de fã. Muitos deles usam máquinas fotográficas com lentes de *zoom* para tirar fotos de seu ídolo.

De súbito, a porta do apartamento se abre.

A garota irrompe por ela com passos decididos. Cada um dos quatro seguranças saca uma eletroarma de um coldre junto da cintura e aponta para a garota, que

para junto da entrada.

A eletroarma funciona com princípios de energia vital muito complexos, dos quais entendo muito pouco. Na Zona Industrial há um setor para captação de energia vital – geralmente quem se submete a isso precisa de créditos com urgência. As pessoas vão até lá e trocam um pouco da energia gerada pelo próprio corpo por créditos. O princípio da eletroarma é parecido: serve para eletrocutar uma pessoa que for acertada por ela, com a diferença de que usa, para isso, a energia vital da pessoa atingida. Basicamente serve para deixar uma pessoa mais fraca – pela eletricidade – deixando-a mais fraca – com a captação da energia vital.

Fenrir também tem uma eletroarma.

Os seguranças se aproximam de Kali e a ordenam que se livre de qualquer arma.

A garota abre a jaqueta branca – hoje ela está de roupas comuns, ao invés das roupas pretas que a vi usando quando estava fechando um arco – e solta algumas tiras de couro sintético que prendiam dois coldres junto de suas costelas. Há submetralhadoras, neles. Da cintura ela tira a pistola preto-fosca, a mesma com que me ameaçou no corredor do trem. Depois, levanta os braços, se rendendo.

Mas os olhos dela estão fixos em Fenrir.

Quase como se estivesse o caçando.

Um dos seguranças aparece com um escâner.

Ele passa a grade vermelha de luz pelo antebraço esquerdo dela e anuncia seu nome.

Fenrir fala qualquer coisa em voz alta e segura com força sua eletroarma, na direção dela.

Kali parece ignorar a ameaça.

Há um momento estático e silencioso. Na plataforma, todos também se calam.

— Quem é aquela? — Pergunta alguém.

— É a fatalista dele. — Eu digo.

Todo o público em torno fica confuso e, então, mergulha em um silêncio sepulcral.

No interior, o artífice parece relaxar depois que a garota fala alguma coisa.

Ele dá um grande sorriso, visivelmente forçado, e aponta para uma poltrona próxima dele.

Um dos seguranças vai até a poltrona e a puxa para colocá-la exatamente em frente ao homem. Kali é, então, guiada pelos outros até ela. E se senta.

O artífice segura na mão a eletroarma, ainda apontada na direção da garota. Em seu rosto permanece um sorriso aparentemente simpático, enquanto ele aguarda pela chegada de uma mesa de centro. Um dos seguranças põe, entre eles, a base de metal e, o outro, posiciona o tampo de vidro com cantos arredondados. Quando está pronto, Fenrir põe a arma sobre a mesa, ainda virada para a garota.

Esta parece tranquila com sua presença.

Os dois, então, começam a falar.

Fenrir começa, como que convidando a garota a falar.

Esta o faz, sentada muito ereta na poltrona. Há alguma tensão nela, embora esteja muito bem mascarada.

Há tensão no homem, também. Mas os dois a mascaram.

Os seguranças ficam parados ao redor, a uma distância pequena.

Os dois param de falar e olham para o lado de fora. Olham para a plataforma.

Fenrir faz um sinal na direção da gigantesca parede de vidro.

Então olha para Kali e lhe dá um sorriso irônico.

A garota se endurece imediatamente. Seu olhar volta a se fixar nele.

O homem dá de ombros.

Kali fala mais alguma coisa, e o homem dá de ombros outra vez.

Subitamente, a garota levanta a barra da perna esquerda da calça e tira, de dentro da bota, uma faca.

A faca. A faca de Morfeu, que ela comprou no dia em que tentei roubá-la.

Os seguranças voltam a sacar as eletroarmas.

Na plataforma, todos prendem a respiração.

Fenrir parece ficar tenso, os olhos correndo da garota e da faca para a eletroarma em cima da pequena mesa e de volta para a garota.

Por um instante, todos ficam parados.

Então, ele avança.

Estica a mão à frente e agarra a eletroarma com a mão esquerda.

Antes que ele seja capaz de pegá-la, a garota agarra a faca e a lança na direção dele.

E erra.

A lâmina se crava até o fundo no estofado vermelho.

E, então, é tarde demais.

O gatilho da eletroarma é pressionado.

O dispositivo repleto de fios voa na direção da garota e se prende em seu peito, na pele nua logo acima do decote da blusa. Ondas de eletricidade imediatamente passam por todo seu corpo e ela resvala pela poltrona, cai no chão e rola sobre si

mesma, impotente. Os olhos giram nas órbitas, perdidos. Saliva sai de sua boca em abundância e escorre até sua nuca, empapando seu cabelo negro.

No chão, ela convulsiona por alguns momentos.

Então, para.

Todos ao redor olham para ela, esperando que alguma coisa aconteça.

Na plataforma, os fãs e admiradores assistem exasperados.

Eu aguardo.

Mas ela permanece no chão.

PARTE DOIS

PRESCRITO

20

A primeira coisa que penso é que ela está morta.

A garota permanece desfalecida no chão, o corpo esparramado no carpete grosso. Os quatro seguranças se aproximam e um deles se abaixa. Põe os dedos indicador e médio junto do pescoço de Kali e, então, se levanta. Faz um sinal afirmativo com a cabeça na direção de Fenrir.

Ele, ainda segurando a eletroarma, deixa-a cair no chão.

Depois, desaba no sofá vermelho.

A garota é deixada por mais algum tempo no chão. O artífice toca em seu *display* e fala alguma coisa, aparentemente fazendo uma ligação. Toca mais algum tempo no braço, depois parece relaxar sobre o couro sintético vermelho.

Ao longe, sirenes.

As barras de *leds* piscando à frente dos carros dos mantenedores iluminam os altos prédios dos dois lados da rua, e os carros aceleram por ela. São dois

veículos tradicionais e um furgão, todos pretos com faixas brancas para identificação. No meio do capô, o tradicional símbolo do prisma de seis lados, também em branco.

Os mantenedores abrem a porta do prédio apresentando os *displays* ao console e entram.

Um minuto depois, eles passam pela porta aberta do apartamento e os quatro seguranças logo assumem uma atitude totalmente submissa. Os mantenedores fazem uma rápida busca. A faca, curiosamente, desapareceu de onde havia ficado, cravada no sofá vermelho.

Fenrir se levanta bruscamente e faz vários gestos e sinais na direção de Kali, ainda inconsciente no chão. Ele cutuca com a ponta do pé a cabeça dela. Ela não reage.

Dois dos dez mantenedores que subiram ao apartamento pegam a garota pelos ombros e a levam para fora do apartamento, suas pontas dos pés arrastando no carpete. Eles passam pela porta e a fecham, mantendo apenas o artífice e seus seguranças do lado de dentro.

Desço correndo da plataforma.

Chego ao nível da rua e me mesclo à multidão, que também corre, quase ao mesmo tempo em que Kali é arrastada para o lado de fora do prédio.

— Está inconsciente? — Pergunta um dos mantenedores, de aspecto mais oficial.

Os dois mantenedores concordam com a cabeça.

O oficial acerta o rosto da garota com um forte tapa, que vira sua cabeça para o outro lado.

Kali acorda e tosse, os pés imediatamente assumindo controle e pondo-a em pé. Ela tenta se livrar do aperto dos mantenedores, mas eles a seguram mais forte. Ainda assim, levanta o olhar e encara Dimitri, o mantenedor que a acusou de quebra de fluxo no dia da atualização.

Seu rosto se transforma em uma máscara de puro ódio. Ela tenta se soltar, mas as algemas magnéticas que prendem seus pulsos a impedem, assim como os dois mantenedores que a seguram pelos braços.

Ela escarra e cospe sangue com catarro no rosto do oficial.

O homem não diz nada por alguns instantes. Então cerra o punho e acerta o rosto dela de cima para baixo. A força a joga no chão, e os mantenedores não a seguram, fazendo-a cair. Eles a deixam no chão enquanto o oficial limpa o rosto com a mão coberta por uma luva. Só a levantam quando ele solicita.

— Tragam um escâner. — Ordena.

Um escâner é prontamente entregue em suas mãos. Os braços da garota são soltos apenas pelo tempo necessário para que ele passe a grade vermelha pelo identificador perto da articulação, depois voltam a prendê-los atrás de suas costas.

O homem, Dimitri O’Neil, olha para o próprio *display*, conectado sem fios ao escâner.

Ele olha para a garota.

— Dê-me o braço dela outra vez.

Dessa vez, ele puxa a manga da jaqueta dela o mais alto que consegue, revelando toda a tela implantada, e passa a grade vermelha pelo braço dela outra vez. Os dois se encaram por, pelo menos, dez segundos, e nenhum deles hesita por um instante que seja.

— Puta. — Ele xinga.

Acerta um terceiro soco nela e Kali parece prestes a desmaiar.

— Porque não consigo acessar o *display* dela? — Pergunta ele, em voz alta, se dirigindo a seus subordinados de casta.

Uma outra mantenedora se aproxima e dá uma olhada no braço do líder, tomando cuidado para não tocar acidentalmente na tela. Depois, nega com a cabeça.

— Está bloqueado.

Dimitri olha em torno, o braço esquerdo da garota ainda na mão, procurando por alguém em específico. Quando o encontra, faz um sinal com a mão para que se aproxime. É um jovem mantenedor. Mesmo não parecendo muito à vontade, ele se aproxima.

— Felix, isso era *sua* responsabilidade. — Dimitri diz, puxando o braço de Kali até a altura dos olhos do outro.

— Senhor, tenho certeza de que houve um problema na atualização. Isto não é normal. — Apesar do tom de voz sério e duro, Felix treme da cabeça aos pés.

— Como foi que passou despercebido na atualização?

— É possível que tenha sido mascarado de alguma maneira, ou que algum *hacker* tenha desbloqueado essa primeira tela em virtude da atualização, senhor — responde o jovem. — Esta é a mais provável hipótese para este problema não ter sido identificado antes.

Dimitri aproxima o rosto do mantenedor, suas respirações praticamente se misturando.

— Senhor, acredito que esta situação seja reversível — o jovem engole em seco antes de continuar. — Eu mesmo me encarregarei de regularizá-la, e garanto que farei melhor do que antes.

— Não basta desbloquear — Dimitri fala, duro. Se afasta e bate duas vezes na têmpora, depois faz um sinal para outro mantenedor. Prende os braços da garota e a empurra na direção de Felix. Ela tropeça e cai por sobre ele, que a ampara antes que caia no chão. — Faça mais do que isso — continua o líder. — *Garanta* que ela nunca mais seja capaz de bloqueá-lo.

O garoto concorda nervosamente com a cabeça e Kali é levada até a parte de trás

do furgão.

A multidão acompanha o movimento. Meu alvo passa pela porta dupla e desaparece no interior. Os onze mantenedores – e isso inclui o oficial – entram nos carros e partem. O furgão com a garota desce a rua com rapidez.

Não posso ficar parado.

Como que em resposta a meu pensamento, meu *display* se ilumina de súbito.

O dispositivo de georreferenciamento mostra um ponto preto muito próximo de mim. Toco nele e uma pequena janela se abre. Tenho um alvo pronto para ser roubado *neste exato momento*. Levanto os olhos e o encontro.

E, também, encontro o que devo roubar.

O garoto jovem, meu alvo, acaba de pôr na cabeça um capacete azul-marinho. Levanta uma das pernas e a passa por sobre a motocicleta de cor arroxeada muito escura, o emblema que a identifica brilha com o reflexo dos *outdoors*. RCZ, é o que diz.

Uma moto esportiva.

Corro na direção dele.

— O que você quer? — Ele pergunta.

Não há tempo para perguntar mais nada. Agarro seus dois braços, que ele imediatamente levantou para se render, e torço o direito. O esquerdo eu passo no console da moto, cujo motor inicia com um silvo de vapor de água. Prendo-o com a cabeça contra o console enquanto ele se debate, tentando escapar.

— Eu trabalhei por isso! — Ele grita.

Ninguém o ajuda.

Todos sabem que é fatal. Que é inevitável.

Eu o empurro por cima da moto e ele cai no chão da calçada, batendo a cabeça protegida pelo capacete. Antes que ele seja capaz de levantar, seguro o gatilho do acelerador. A roda traseira é tracionada, e ela derrapa no asfalto negro da rua. Uma leve fumaça levanta, junto com o cheiro da borracha queimada, e, então, a moto sai da inércia e se projeta pelas ruas.

Meu *display* se ilumina: um alvo a menos.

Não hesito. Aperto o gatilho do acelerador até o fundo e corto as ruas movimentadas com a moto, desviando de pedestres e veículos como posso. As ruas se entrelaçam de maneira aparentemente randômica, algumas subindo na forma de viadutos, outras descendo como túneis.

Subitamente, vejo as luzes das barras de *leds* à frente dos carros dos mantenedores.

O furgão passa velozmente por um viaduto à minha direita, e eu entro no primeiro acesso a seu nível.

Provavelmente estou arriscando tudo apenas por perseguir um veículo oficial da CMT, levando uma criminosa responsável pela atualização para desbloquear seu *display*. Ainda assim, ninguém faz nada, mesmo que eu saiba que algum dos mantenedores possa me ver.

O viaduto desce ao nível da rua mais uma vez, na zona central de Dínamo. O furgão entra na avenida principal da cidade e segue por ela. São três faixas em cada lado da pista, com um canteiro largo preenchido de concreto e altos postes que lançam luz branca em tudo nos poucos metros entre eles. O movimento na rua é intenso e preciso desviar de todos os carros que andam mais devagar do que o furgão – agora com a sirene ligada, abrindo caminho.

A CMT fica ao fim da avenida, construída em uma das faces do morro onde se empoleira o centro da cidade, voltada para a Zona Industrial e para o subúrbio. O quartel-general dos mantenedores e sede da Teia em si é uma fortaleza, quase sem janelas e com um formato trapezoidal, com enormes paredes cinzentas – negras, quando é escuro, como hoje. Aos pés das paredes ficam as entradas tradicionais, protegidas por inúmeros guardas.

O veículo segue até a entrada. A janela do motorista se abre e um braço esquerdo é posto para fora. A mulher na entrada passa um escâner por ele e a cancela se levanta. Sem qualquer palavra, o braço é recolhido e o furgão desce por uma rampa até um estacionamento subterrâneo.

Eu me aproximo com cautela, sem saber se é uma boa ideia.

— O braço.

Estendo o meu na direção da mulher. A grade vermelha passa pelo identificador.

— Você não tem permissão para entrar. — Ela diz. Olho para ela, e sua expressão é dura. O furgão já desapareceu depois da rampa, e eu continuo aqui fora.

Recolho meu braço, dou meia volta. E vou embora.

21

Começo da madrugada. Subúrbio.

É a primeira vez que uso os viadutos que ligam o centro de Dínamo e o subúrbio, e não o trem, para voltar. Debaixo de mim, as luzes brancas da Zona Industrial piscam de leve na atmosfera da noite. O céu escurece cada vez mais, conforme pesadas nuvens tomam conta. Pouco depois de eu chegar ao dormitório, começa a chover.

Paro a moto na rua e tomo cinco minutos para cadastrá-la como minha. Como qualquer veículo da Teia só liga com o *display* do dono, preciso excluir as permissões do garoto que roubei e transferi-las para mim.

Passo meu braço no console do lado da porta do dormitório, quando termino.

Não há nenhuma luz ligada no lado de dentro. Nunca há. Ignoro minha vontade de tomar banho e trocar de roupa, indo direto para meu beliche e me atirando no colchão. Respiro fundo e solto o ar lentamente, em seguida. Olho para Jayden e Mael, e ambos estão virados para o outro lado, dormindo.

Estico o pé e cutuco Jayden.

— Para com isso. — Resmunga ele, sonolento, sem se virar para mim.

— Jayden. — Eu o chamo em voz baixa, e cutuco outra vez.

Ele dá um grunhido e se vira devagar.

— O que foi, Harlan? — Pergunta. — Já faz algum tempo que eu tô dormindo. E pretendo continuar até o horário de levantar, amanhã de manhã.

— É *muito* importante.

— Essa coisa importante não pode esperar até amanhã de manhã?

Fico calado, e ele entende a resposta.

— Diga logo o que é.

Olho para o andar de cima da beliche dele e aponto para Mael.

— Você conheceu o Mael porque tirou ele da CMT, não foi? — Pergunto.

— Mais ou menos — responde ele, bocejando. — Ele foi pra CMT porque tinha rompido com uma aliança... ia ficar pouco tempo por lá. Mas eu percebi a situação e, como somos aliados, decidi me mexer e tirar ele de lá. Até hoje nada aconteceu como consequência do que fiz... e já faz uns dois meses.

Faço que sim com a cabeça.

— E como você fez isso?

Jayden coça os olhos.

— Harlan, até que ponto isso é importante para precisarmos conversar *agora*?

— É importante.

Ele suspira.

— Bom, todo mundo que vai preso na CMT passa por duas instâncias... primeiro, por um filtro lá dentro, pra classificar o que fizeram de errado. No caso do Mael era pouca coisa. Então eles determinam a pena a ser cumprida, baseados em umas planilhas. É tudo tabulado. Depois, cada um dos criminosos vai para um setor diferente do Núcleo de Reprogramação e Ajuste. É onde, geralmente, esse tipo de erro e quebra de fluxo é consertado — ele dá de ombros. — Como o Mael já tinha tido o *display* corrigido, acho que eles não se importaram muito com a fuga dele. Acho que ele ia ficar lá dentro só por uma semana.

Jayden olha para cima, como se buscando na memória o restante do que fez.

— Pra tirar ele de lá foi mais uma questão de códigos e de *hackear* o sistema. Eu já te disse que todo sistema tem uma brecha, inclusive o do Núcleo de Reprogramação e Ajuste. Foi uma questão de entrar nos códigos e passar por cima de alguns *firewalls* e tudo o mais — continua ele. — Foi bem... difícil. Não sei se eu faria de novo.

Subitamente ele estica a cabeça para fora do beliche e olha para cima, certificando-se de que o namorado estava mesmo adormecido.

— Mas saberia repetir?

— Provavelmente.

Jayden parece um pouco mais acordado de repente, e ergue uma sobrancelha.

— Por quê? — As palavras saem devagar de sua boca, desconfiando de alguma coisa.

Mordo os lábios.

— A Kali foi presa.

Meu amigo dá um sorriso torto.

— O que era de se esperar, levando-se em conta que essa garota simplesmente não mede consequências para nada do que faz — resmunga ele. — O que foi que ela fez, agora?

— Tentativa de assassinato. Ela quase quebrou o fluxo de novo.

Ele coça a cabeça.

— *O que* essa garota tem de errado? — Ele diz. — Mas foi só tentativa, certo? Quer dizer que ela não chegou a *quebrar* o fluxo. Significa apenas que ela tentou. Então não tem nenhum grande motivo pra eles deixarem ela lá dentro por muito tempo.

— Mas é possível que a punam.

— Ah, isso é certo — responde Jayden. — Já a puniram na primeira vez, com o seu alvo que ela matou antes do tempo. Eles nem precisaram deixar ela presa. A maior punição que ela poderia ter foi aquela que encontrou *fora* da CMT.

Concordo com a cabeça.

— A quantidade de alvos. — Murmuro.

— Exato.

Jayden volta a dar o sorriso torto.

— Eu sei o que você vai pedir, mas a resposta é não — diz. — Sinto muito, Harlan. Eu acho que não sou capaz de tirar a Kali lá de dentro e me arriscar, já que ela não é minha aliada, nem sua. Além de que é *muito* difícil tirar alguém de dentro da Central, ainda que haja uma brecha.

Deixo meus ombros caírem.

— Achei que haveria uma maneira.

— Desculpe.

Puxo os lençóis brancos por cima do meu corpo.

— Harlan.

— O que?

— Acho que você conhece alguém que é *hacker* e, ao mesmo tempo, é aliado da sua garota.

Olho para meu *display* e para o ícone dos mapas com georreferenciamento.

22

Dois dias depois. Próximo ao posto avançado dos mantenedores.

Esperamos debaixo de um toldo em frente a uma vitrine de loja, olhando para a pequena torre de vidro que preciso invadir outra vez. Jayden parece um pouco mais preocupado, hoje. Mael se recusou a cometer outro delito deste porte, nas palavras dele.

— Harlan, não acha que é exagero roubar duas vezes o *mesmo* posto avançado?

Faço que não com a cabeça, olhando para o lugar.

— Na verdade, faz sentido — digo, um pouco mais convicto do que realmente estou. — Quero dizer, eu já roubei esse posto antes, o que quer dizer que *já tenho* nectarina cadastrada no meu *display*. Como o pagamento dela para a *hacker* da Kali foi fora do *display*, faz sentido que eu roube mais para... preencher essa lacuna no meu relatório de bens, certo?

Meu amigo aperta as duas mãos entre si, enquanto olha para mim.

— Não sei se é assim que funciona.

— Fique quieto, eles estão saindo.

Observamos novamente enquanto os mantenedores do próximo turno se encontram com os do turno anterior, perto da casa de sádicos. Eles passam pela porta, e eu e Jayden nos aproximamos da torre de vidro.

Ele acessa o console do lado da porta deslizante e logo alcança seus códigos. Ele tenta mais de uma vez, antes de conseguir abrir a porta, que desliza com som pneumático. Eu entro.

— Vou ficar aqui fora, dessa vez. — Diz Jayden.

— Por quê?

— Para o caso de algo sair do controle.

Concordo com a cabeça, um pouco incomodado, e entro.

Meu *display* não brilha. Meu alvo já foi roubado e a conquista já foi marcada como concluída. Procuro ao redor por algum pacote, mas é ingenuidade acreditar que uma droga pesada como a nectarina seria encontrada em cima de um balcão.

Me agacho e tento abrir uma das portas do armário junto ao chão.

Trancada.

Talvez haja diferença entre algo que eu devo fazer e o que faço por minha própria conta. O fato de que o armário abriu, da última vez, deve ter alguma relação com o fato de eu *precisar* roubar aquela droga. Agora, como a conquista já foi realizada, o armário está trancado.

— Jayden, você consegue abrir isso?

Ele olha para dentro, tenso.

— Harlan, eu não sei se vai dar tempo de—

— Você consegue?

— É claro. — Ele diz, levantando uma sobrancelha, como se não acreditasse que eu duvidava de sua capacidade.

— Então abra.

Jayden corre para dentro e cai de joelhos em frente ao console. Ele desdobra a trava em páginas de códigos complexos e passa a testar senhas. Ele pluga um pequeno dispositivo de armazenamento móvel em uma entrada e faz rodar um programa específico.

— O que é isso?

— Um programa capaz de descobrir qualquer senha — responde ele, os olhos grudados na interface do console. — Ele testa todas as possibilidades até achar a correta. O maior problema é que a capacidade de processamento de um console de *armário* é bem pequena. Não sei quanto tempo vamos ter pra fazer isso.

Nós dois olhamos para o lado de fora ao mesmo tempo, tensos.

— Vá você lá fora, agora. Se os mantenedores estiverem vindo, dá um grito que a gente foge.

Concordo com a cabeça e atravesso a porta deslizante outra vez.

A noite é relativamente fria, principalmente por conta da garoa que desce pelo ar insistentemente, molhando aos poucos a roupa de quem se aventura pelas ruas a essa hora. A cidade está silenciosa, apesar dos pedestres e da música abafada da casa de sádicos, que toca sem parar.

Passam-se cinco minutos. Começo a ficar preocupado. Jayden continua junto do armário, agachado, quando subitamente a porta da casa de sádicos se abre.

— Jayden, falta muito?

— Quase nada.

Decido esperar um pouco mais. Se disser que os mantenedores estão chegando, ele com toda certeza vai querer fugir.

— Está pronto. — Ele diz, segundos depois.

Me apresso para entrar no posto avançado e me lanço de joelhos no chão, procurando o mais rápido que posso por algum pacote de nectarina. Tiro algumas coisas do caminho até encontrar um pacote duas vezes maior que aquele que usei para pagar Ceres. Eu o pego e levanto.

— Vamos embora, os mantenedores estão chegando.

— *O que?* — Pergunta Jayden, indignado. Estou prestes a passar pela porta quando ele me interrompe. — Todos os itens do posto avançado deles têm *chips* para não saírem daqui, Harlan! Se a gente sair *agora*, com eles tão perto, vamos ser pegos.

— E o que eles podem fazer a respeito?

— Podem nos levar para a CMT, e então não vai servir de nada termos vindo até aqui! — Diz ele.

Nós nos olhamos por um milésimo de segundo e, então, corro para fora do posto avançado.

A baixa torre de vidro se ilumina com luz vermelha e uma sirene baixa começa a tocar. Os mantenedores também correm, assim que nos veem fugindo. Mas eles entram no posto avançado. Quando saem, têm armas nas mãos.

— *Mas que porra!* — Grita Jayden, correndo mais rápido.

O som dos disparos é acompanhado por uma profusão de fagulhas e faíscas alaranjadas dos projéteis, nos perseguindo. A luz das fagulhas reflete no vidro das vitrines e das janelas dos prédios próximos, a rua fica laranja a cada piscar de olhos.

Sinto uma queimação e dor na panturrilha direita, depois no ombro, do mesmo lado.

Jayden tropeça, mas continua correndo do meu lado até virarmos uma esquina, depois outra e outra. Olho para trás antes de pensar em parar. Não vejo os mantenedores em lugar nenhum, e não sei se eles vão nos perseguir. Depois, com a quietude da noite e a calma com que desce a garoa fina, decido que conseguimos fugir. Ainda que talvez tenha sido a intenção dos mantenedores que isso acontecesse.

— Harlan... eu te mato. — Jayden põe as mãos sobre os joelhos, ofegante, tentando se recuperar.

Levanto a perna da calça e vejo uma marca inchada e redonda na panturrilha.

— Eles me acertaram.

— Não tem problema — diz ele, enquanto tira das minhas mãos o pacote de nectarina. Procura por apenas um instante e, então, arranca um pequeno *chip* de rastreamento, jogando-o para longe. — Os mantenedores não podem usar armas letais. Só usam balas de borracha ou, no máximo, eletroarmas. Você sabe que é ilegal matar alguém antes que se esteja pronto... e, de qualquer forma, aqueles são mantenedores comuns. Só os fatalistas matam.

Massageando o lugar onde a bala me acertou, olho para ele.

— Até parece que eu não sei disso. — Digo.

23

Um pouco mais tarde. Na porta do servidor.

O console ao lado da porta se acende quando me aproximo. Há uma câmera instalada no canto do prédio que segue meus movimentos. Provavelmente um circuito fechado que a *hacker* de Kali usa para se proteger de ameaças externas. Dou uma olhada na direção da moto, estacionada na rua, e passo meu *display* no escâner.

— O que você quer, garoto?

— Preciso falar com você.

— A resposta é não, a não ser que você tenha um bom motivo.

O pacote de nectarina que roubei do posto avançado tinha quatro menores no interior, e eu levanto um deles na direção da câmera.

— Já vi o pagamento, mas ainda não entendi o motivo.

— A Kali está presa.

— Eu sei.

A voz sai metálica, quase robótica. Ela sabe e não fez nada a respeito?

— Eu vou tirar ela de lá. E preciso da sua ajuda.

Um momento de silêncio, exceto por dedos batendo no teclado virtual.

— Ela sabe se cuidar. Porque acha que ela precisa da sua ajuda?

Ergo uma das sobrancelhas. Continuo olhando para a câmera.

— O que a leva a achar que ela *não* precisa?

Mais alguns instantes de silêncio, depois a trava da porta faz um clique alto.

Puxo a porta e fecho-a atrás de mim quando entro. Passo pelos corredores formados pelas prateleiras enquanto desvio dos diversos cabos negros que caem por elas.

— Só pra ficar claro, estou fazendo isso pela nectarina — diz Ceres, enquanto usa a ponta dos pés para girar a cadeira na minha direção. Ela coloca as mechas oleosas do cabelo atrás da orelha e limpa o canto do olho. — O que você quer?

— Não posso deixar a Kali presa.

Ceres respira fundo.

— Você nem ao menos *conhece* ela.

— E você, conhece?

O rosto dela se contorce em um lapso de raiva, mas em seguida já desapareceu. Sua voz, no entanto, sai afiada.

— Com certeza conheço mais do que você, pirralho — diz, os olhos semicerrados no rosto grande. — Tenho certeza de que ela está bem.

— Ela é meu par — respondo. — Não posso deixá-la presa.

A *hacker* ri por um instante apenas.

— Então ela agora deixou de ser seu alvo e passou a ser apenas seu par? — Ela grunhe, ainda com um sorriso no rosto. — Você sabe que ser o par de alguém não significa absolutamente nada, não sabe?

Permaneço quieto e ela fica séria novamente.

— Certo, passe pra cá. Do que você precisa? — Ela diz, agarrando o pacote de droga da minha mão. Ela verifica o conteúdo, como da última vez, e o guarda no interior da terceira gaveta.

— Preciso que um *hacker* quebre os *firewalls* da CMT e abra o caminho para eu entrar. As barreiras físicas.

— É uma péssima ideia — resmunga ela, cruzando os braços. — Se tentar entrar, será alvejado. Depois, seria preso, e então teríamos dois imbecis dentro da CMT; um deles à toa. E aí vocês dois iriam para o Núcleo de Reprogramação e Ajuste, e provavelmente deixariam de ser pares. Porque é o que eles fazem quando alguém é muito obcecado por outra pessoa. Quando não... — Ela parece pensar a respeito. — Quando não fazem coisas piores.

Ela faz um sinal na minha direção. Sinto minhas bochechas arderem.

— Eu não sou obcecado por ela.

— Certo. — Ela dá um sorriso sujo.

Respiro fundo antes de continuar.

— Se não posso entrar lá, o que posso fazer?

— Deixe que *ela* saia. É fácil abrir as portas da CMT. Difícil vai ser ela conseguir sair de lá, mas ela vai dar um jeito — Ceres não consegue esconder a ponta de alguma coisa: talvez orgulho, talvez paixão, que nutre pela fatalista. — De qualquer maneira, pode ser que ela *queira* estar lá dentro. Eu nunca sei o que

está se passando na cabeça dela.

— Pode ser que ela *não consiga* pedir ajuda.

— Talvez.

Fico calado.

— O que fazemos, então?

— O que *você* faz — ela aponta um dedo grosso na minha direção. — Eu vou ficar aqui e fazer a mágica. Você vai até a porta da CMT e espera ela sair. E, quando ela o fizer, você vai voltar para o subúrbio o mais rápido que puder com aquela coisa. — Faz um sinal na direção de um monitor, a imagem da câmera mostrando a moto, estacionada na rua.

Ceres empurra a cadeira até um pequeno armário e abre uma das gavetas. Pega, do fundo, um adesivo verde, e o joga em minha direção. Eu o agarro no ar.

— O que é isso?

— Nada de mais. Eu chamo de "campainha". Na verdade, é um dispositivo de rastreamento e alarme de circuito fechado e uso único.

— Melhor chamar de "campainha". Para que serve?

— Serve de aviso, um botão de pânico — diz ela. — Quando estiver posicionado, você aperta. Serve pra não termos problemas de sincronia, entendeu? Você aperta e descarta, porque só funciona uma vez. Vai aparecer o sinal no meu computador e eu vou fazer o *hack*. Aí é só esperar a Kali sair da CMT e fugir com ela. O que não é tão fácil quanto falar.

Colo o adesivo no braço, perto do dermatrodo.

— Boa sorte, garoto. — Ela diz, quando estou saindo.

— Espero não precisar de sorte. — Digo.

24

Quinze minutos depois. A caminho do centro.

São quinze os principais viadutos que passam sobre a Zona Industrial e fazem a conexão entre o centro e o subúrbio. E são, também, quinze postos avançados de mantenedores para fazer o controle da passagem de pessoas de um lado a outro.

Uma chuva pesada não dá trégua, ensopando minha roupa por completo.

O motor movido a núcleo atômico chia quando desacelero para parar junto da cabine do posto avançado. O toldo de vidro acima me protege temporariamente da água.

— O braço.

O homem na cabine nem me olha. Estendo o braço esquerdo e puxo a manga.

Ele passa um escâner pelo meu *display* e, então, para.

— O que é isso?

Sinto um arrepio na espinha e um forte frio na barriga.

— Um dispositivo de rastreamento e alarme. — Eu digo, lembrando do que Ceres disse. O homem olha para o adesivo verde colado na minha pele.

— Venha comigo.

Desço da moto sem desligar o motor. Se precisar fugir, é melhor que seja rápido.

O homem anda pelo lado de dentro e, eu, por fora da cabine, o acompanhando. Ele indica uma porta deslizante e aguarda até que eu chegue nela. A porta se abre com ruído de pneumática, e uma mulher está sentada atrás de uma escrivaninha com tampo de vidro. Sua expressão não parece muito amigável, ainda que ela também não olhe para mim.

— Qual é o problema? — Pergunta ela ao mantenedor.

— Dispositivo pirata implantado — ele diz, e parece bem pior nas palavras dele. — Preciso de uma verificação detalhada de seu funcionamento e interferência ou não no *display*.

A mulher concorda com a cabeça e aponta para uma cadeira. É uma cadeira simples, com pouquíssimo estofamento e uma parafernália acoplada ao encosto. No apoio de braço esquerdo há um cilindro comprido no qual devo colocar meu braço. Serve para ver a estrutura interna do *display* e, muito provavelmente, para analisar a tal campainha.

Praguejo em silêncio contra a *hacker*.

Eu me sento e coloco o braço no cilindro. Aguardo por algum tempo até que a mulher termine o que estava fazendo – aparentemente estava ocupada com algum tipo de rede de compartilhamento. Quando ela acaba, levanta e vem até mim.

— O que é isso?

A programadora provavelmente já topou com algo exatamente igual a isso, mas deve precisar da confirmação verbal para continuar com o exame.

— Um dispositivo de rastreamento e alarme — digo de novo, em voz baixa. — É uma campainha.

— Você sabe que implantar qualquer tipo de dispositivo que modifique funções do *display* é considerado crime e pode levá-lo à CMT, certo? — A mulher permanece com a expressão pouco amigável. — Qual é a função deste dispositivo?

Ela continua olhando para a máquina, e usa pequenos instrumentos de metal para tocar no adesivo. O contato é estranho, inesperado.

— Não é nada de mais — digo, e me odeio por minha voz tremer um pouco. — Ele lança um aviso para um computador distante e informa minha localização. É como um botão de pânico.

A mulher olha para mim pela primeira vez e me analisa por alguns instantes. E, finalmente, fala:

— Está liberado.

Solto todo o ar dos meus pulmões o mais discretamente que posso.

— Volte ao meu colega para fazer o restante da verificação.

Concordo e tiro o braço do cilindro, levanto da cadeira e saio rápido. Volto para a moto, parada no mesmo lugar, o motor ainda roncando muito baixo. Sento sobre ela e estendo novamente o braço ao homem. Ele não para de olhar para o adesivo verde, mas não pergunta qual é a análise da programadora. Provavelmente já está no sistema.

— O que vai fazer no centro? — Pergunta ele.

— Tenho um alvo. — Resisto à vontade de acelerar a moto e fugir.

— Qual é o nome?

— Kali Assange.

O homem digita qualquer coisa em seu teclado projetado sobre a mesa e olha para os dados na tela.

— Creio que não será possível roubá-la. Ela está na CMT.

— Eu... sei disso. — Digo, hesitando.

— E, mesmo assim, ela continua sendo seu alvo de hoje?

— Sim.

O mantenedor concorda e solta meu braço. Ele não diz mais nada.

A cancela que me parou, antes, agora é levantada. Pressiono o gatilho do acelerador e o vapor sai do escapamento com um som abafado. O pneu guincha quando parto. Logo estou atravessando a ponte sobre a Zona Industrial em alta velocidade, as luzes a certa distância umas das outras iluminando ora sim, ora não o meu caminho. Luz, escuridão, luz, escuridão, escuridão.

Chego ao centro da cidade sem reduzir de velocidade, e um dos carros forçados a parar pela minha presença buzina. Eu o ignoro, seguindo pelo caminho pré-traçado em minha mente para chegar à avenida principal. É só olhar para meu *display* e seguir o círculo vermelho que representa meu alvo.

Por muito pouco não bato em um carro parado em um semáforo e quase trombo com outra motocicleta em uma encruzilhada. Mas continuo acelerando até chegar à avenida.

E, quando chego lá, pressiono o gatilho até o fim.

A moto atravessa a avenida de ponta a ponta. Enveredo entre os outros veículos como se nem estivessem lá.

Finalmente, a CMT, no fim do caminho. O quartel-general dos mantenedores empoleirado na montanha da cidade, e as entradas oficiais com as cabines de verificação e as rampas que levam para o estacionamento subterrâneo. Kali está em algum lugar aí dentro. Olho para a tela em meu braço só para confirmar: o círculo vermelho continua exatamente no mesmo lugar em que estava, antes.

Mantenho a moto ligada, mas paro na descida para o subterrâneo. Longe o bastante para não chamar a atenção. Perto o bastante para ver os desdobramentos do que quer que vá acontecer quando eu apertar a campainha.

Olho para o adesivo colado no meu braço. Aperto-o e sinto uma leve corrente elétrica me transpassar inteiro. No *display*, a seta branca que me representa agora lança ondas circulares azuis para o entorno.

Puxo o adesivo pelo canto e ele arranca alguns pelos por conta da cola, então o solto no chão. Agora é inútil.

Olho para a entrada e para os guardas junto dela.

Por um minuto, nada acontece. Apenas a chuva continua caindo forte contra minhas costas.

Então, as entradas se iluminam de vermelho e uma sirene muito alta começa a tocar.

É a hora.

Acelero a moto na direção da entrada.

25

Por um instante não há gravidade.

Então, a queda.

A moto bate com força no chão, três metros abaixo. Quando ela cai, sou lançado por cima. O metal raspa no asfalto, faiscando, e eu bato com o rosto. O sangue verte. O gosto ferroso invade a minha boca.

Eu giro por cima de mim mesmo até parar, estatelado no chão.

Apesar do que eu havia imaginado, não há caos no interior do estacionamento.

A luz vermelha pisca como um coração batendo. As sirenes são ensurdecedoras. O estacionamento está repleto de carros de mantenedores, além de minha moto caída contra o pneu de um SUV estacionado. Os mantenedores, por outro lado, correm através de uma ampla porta de vidro.

Vou à minha moto e a levanto.

O motor apagou na queda, mas passo o braço pelo console e ele volta a funcionar. Eu a posiciono de frente para a rampa e, então, corro até a porta de vidro.

Cada um dos dez mantenedores lá dentro carrega, consigo, uma arma de balas de borracha. Todas elas estão apontadas para uma gigantesca porta de metal fechada, como que esperando alguma coisa acontecer. A formação deles é básica, com cinco abaixados à frente e cinco em pé, atrás.

Nenhum deles parece se perguntar o que está acontecendo. Mas parecem, todos, plenamente treinados e preparados para este tipo de situação.

Eu aguardo.

A sirene continua soando e, as luzes, piscando. Os mantenedores mantém suas posições sem hesitar, até que, cinco minutos mais tarde, há sons de tiros do lado de dentro da porta de metal.

Os sons são abafados, mas o tiroteio é evidente.

Dura pelo menos dois minutos. Então, para.

As sirenes também param. Depois, as luzes se estabilizam.

— O que isso significa? — Pergunta um dos homens.

— Significa que o fugitivo foi pego — responde a comandante. — Só o *display* de um mantenedor pode desligar a sirene, assim como apenas um mantenedor do lado de fora pode abrir essa porta.

Quando ela termina de falar, o som surdo de algo batendo contra a porta se faz ouvir. Todos se entreolham, e eu aguardo ansioso no estacionamento. Se Kali realmente tiver sido recapturada, vou precisar de uma boa desculpa para estar aqui.

— Abram as portas. — Diz a mesma mulher.

Um dos mantenedores vai até o console, ainda apontando sua arma para a porta,

e passa o braço esquerdo nele.

— Inativo.

A comandante vai até ele e passa o seu próprio braço.

— Está travada. É um ataque *hacker*.

Ela volta para onde estava no mesmo momento em que se ouve um segundo som surdo.

— Mantenham suas posições. — Ela diz.

É o que eles fazem.

Seguem-se outras três batidas contra a porta do lado de dentro.

Por pelo menos cinco minutos nada acontece. Ainda assim, todos os mantenedores ficam estáticos, esperando, com os olhos grudados na porta e as armas voltadas para ela. Os dez pontos vermelhos das miras ficam tão exatamente no mesmo ponto que começo a achar que sempre estiveram lá.

E, então, a porta começa a se abrir.

Assim que ela o faz, uma onda negra desaba para frente, e os dez mantenedores atiram sem parar. As balas de borracha atravessam o ambiente faiscando, acertando os componentes da onda negra, já no chão: cinco outros mantenedores, todos desacordados.

Atrás deles, Kali.

Ela gira o braço e lança sobre os dez uma bomba de gás, então outra. Seguem duas bombas de efeito moral, e, então, o ambiente se escurece com fumaça e explosões.

O gás escapa pela porta aberta, tomando tudo em instantes. Eu me afasto, temeroso.

Mais faíscas, mais gás, mais explosão. Então tiros, de todos os lados, ricocheteando nas paredes, fugindo pela porta de entrada e passando perto de mim. Eu me agacho atrás de um carro, mas continuo olhando para dentro. Há apenas gás e luz.

Então para. Silêncio. A garota surge do interior.

Kali carrega consigo duas submetralhadoras, uma em cada mão, e a pistola na cintura. As armas *dela*. Armas letais. No rosto dela, uma cruel e insensível máscara de gás, seu rosto inteiro escondido atrás dela, inclusive os olhos, os profundos olhos que ela carrega consigo para todos os lados.

Me levanto de onde estou e ela põe uma das miras sobre mim.

Ergo os braços o mais rápido que posso.

— Sou eu, Harlan! — Digo, minha voz com uma ponta de desespero.

A fatalista anda a passos largos na minha direção, a arma ainda mirando meu peito. Quando chega perto o bastante, para. Então abaixa a mão.

Aponto para a moto ligada. Subo nela e a garota faz o mesmo, ainda segurando as armas e com a máscara no rosto. Subimos a rampa que dá para a avenida principal.

Em uma meia-lua na frente da entrada estão dez carros de mantenedores com os faróis acesos apontados em nossa direção. Atrás de cada uma das portas abertas está um mantenedor, com uma arma virada para nós. São vinte deles contra nós dois.

— Vocês estão cercados — diz uma voz por um alto-falante. — Rendam-se.

Por alguns instantes, simplesmente não tenho ideia do que possamos fazer além de realmente nos render.

Então Kali segura minha cabeça com as duas mãos e a vira para a direita, na direção de um dos carros.

— A mulher na porta direita do segundo carro. — Ela diz, a voz abafada pela máscara.

— O que tem ela?

— Vou matá-la.

Antes que eu seja capaz de falar qualquer coisa, o tornozelo da mulher, visível por debaixo da porta, estoura com um tiro. Ela perde o pé e cai com a cabeça no chão e, então, a cabeça também estoura. Um rastro de sangue se espalha por ela e mais além.

— Acelera.

É tudo muito rápido.

Os mantenedores atiram. As balas de borracha faíscam para todos os lados, acertando-nos em todo o corpo. Eu pressiono o gatilho da moto e o pneu risca de preto o asfalto escuro, apesar da água acumulada nele. Ela voa para trás em milhares de minúsculas gotas até que a tração toma conta e saímos da inércia. A frente levanta e a roda dianteira bate contra a porta atrás da qual a mulher estivera escondida.

A porta se fecha.

A moto passa por cima do corpo da mantenedora e mói osso e carne.

Aceleramos pela avenida.

Dois carros da CMT nos perseguem de perto, cortando a noite com as sirenes ligadas e as barras de *led* piscando à frente. Desvio dos carros no caminho. Os pneus escorregam no asfalto molhado. Eu quase caio, e a garota se segura em mim, passando os braços em torno do meu corpo.

O contato com ela é elétrico.

Viro em uma encruzilhada apenas para descobrir outros carros dos mantenedores na rua lateral. Entro em um beco, mas há ainda mais veículos no final dele. Viro

à esquerda e ando por um viaduto que dá em outro setor da cidade.

Kali vira para trás e atira com as submetralhadoras na direção dos mantenedores. Ela acerta um pneu de um dos carros, que bate contra a mureta de proteção e para. O outro continua atrás de nós, enquanto algumas motocicletas aparecem na outra ponta do viaduto.

— *Para onde vamos?* — Eu grito, tentando me fazer ouvir em meio à chuva, às sirenes e ao vento.

A garota olha em volta e, então, aponta com a arma.

— *Para a Zona Industrial!* — Grita.

Olho para onde ela apontou. Certamente é uma vantagem o fato da Zona Industrial não ter qualquer tipo de posto de mantenedores no caminho, mas é difícil de nos locomovermos para lá, além de precisarmos encontrar alguma ponte baixa para atravessar o rio.

Ainda assim, não há nenhuma outra opção.

Acelero ainda mais e entro à esquerda em uma bifurcação do viaduto. As motos dos mantenedores continuam a perseguição, velozes. Kali atira mais algumas vezes, sem intenção de acertá-los. Eles se abaixam atrás dos pequenos parabrisas das motos, mas continuam atrás de nós na mesma velocidade de antes.

O viaduto desce até tornar-se uma rua. A cidade, aqui, é construída no morro, e as ruas são uma descida constante até próximo ao rio. Avançamos sem diminuir, enquanto alguns carros no meio do caminho buzinam com a nossa passagem. Enveredo por outros becos, tentando despistar as motos, mas elas também entram nele.

— *Mais rápido!* — Incita a garota.

Os becos ficam cada vez mais estreitos, e repletos entulho e objetos, dificultando a passagem. Parece que a qualquer momento iremos cair e, então, a fuga jamais será efetivada. Kali atira para trás mais algumas vezes. Ela não acerta em nada. O barulho dos motores atômicos tomam o espaço entre as paredes,

ensurdecendo-nos de tão alto.

Subitamente, o beco termina e estamos no pátio de uma das fábricas.

Tudo é muito iluminado. É impossível desaparecer nas sombras. Os altos postes, embora esparsos, deixam todo o lugar iluminado de branco, e a claridade é refletida nas poças cada vez maiores do chão. A chuva forte brilha junto das lâmpadas e, também, dos faróis dos caminhões que deixam a gigantesca fábrica. Das três altas chaminés escapa uma fumaça escura, quase invisível na noite.

— Núcleo de Nascimentos. — Murmuro, olhando para o letreiro iluminado na fachada. Acima dele, o prisma de seis lados.

Dou meia-volta, mas os mantenedores saem do beco um a um, fechando um cerco em volta de mim e da fatalista. Incapazes de fazer qualquer coisa, apenas aguardamos enquanto eles se aproximam. São sete motocicletas, e, em breve, os carros, que também nos perseguiam, nos alcançarão.

Kali permanece agarrada a mim.

Quando eles finalmente aproximam-se o bastante, a garota olha para um deles e puxa para cima a manga do braço esquerdo. O display *brilha*, exposto.

A mulher que ela matou, em nossa fuga, era um alvo.

Os mantenedores aguardam, por algum tempo, em silêncio. Então, o homem a que ela se dirigiu faz um sinal com a cabeça para os outros e todos concordam. Eles se afastam de nós, e os três carros que se aproximavam pela rua fazem a volta e retornam por onde vieram, saindo do pátio da fábrica.

— O que aconteceu? — Pergunto.

Kali guarda as armas e volta a se segurar em mim. Eu sinto a eletricidade outra vez.

— Não importa — ela diz, impassível detrás da máscara. — Vamos embora.

26

Madrugada avançada. Centro de treinamento.

A chuva continua caindo forte. Sem uma capa de chuva ou qualquer tipo de proteção, tanto eu quanto Kali chegamos à frente de seu centro de treinamento completamente encharcados. Ficamos em silêncio pelo caminho inteiro, sem que ela falasse qualquer coisa – e eu incapaz de quebrar seu silêncio por medo da resposta que posso ter. Então, simplesmente passamos pela Zona Industrial e andamos pelo subúrbio apenas com a eletricidade de nosso toque.

Paro em frente ao lugar. Kali imediatamente salta, suas botas batendo no chão e espalhando água. Ela, finalmente, tira a máscara de gás do rosto e a joga na sarjeta, passando o braço no console ao lado da porta e entrando em seguida, sem hesitar.

A porta de entrada do centro de treinamento fica aberta.

É um convite.

Eu me demoro mais um pouco do lado de fora. Toco na tela da moto e desligo o motor. O farol branco também se desliga, deixando a rua um pouco mais sombria e escura. Eu apoio o veículo com o pé de metal acoplado e me afasto.

Ando a passos lentos na direção da porta e a abro. Entro e ela se fecha atrás de mim. O som da chuva continua presente, abafado, embora ainda alto.

O interior está completamente imerso em escuridão. Dou alguns passos para o vazio em frente, abraçado em meus próprios braços e sentindo o frio gelando meus ossos aos poucos, tomando o lugar da adrenalina. Cada centímetro de meu ser parece estar molhado, e a água pinga das minhas roupas intermitentemente.

Então uma luz se acende.

Uma só.

Um foco de luz amarelada exatamente no centro do tatame no qual Kali costuma treinar. O tatame, vazio.

Então ela aparece, surgida do escuro.

Eu me aproximo aos poucos. A garota trocou de roupas enquanto eu estava do lado de fora e agora está mais seca do que antes. Usa uma calça preta folgada, assim como uma blusa de gola ampla. Mas há algo de errado nela, algo de errado na maneira como se põe em pé, como fica parada lá, como me olha. Apesar de ser o mesmo olhar – o olhar capaz de me ver no escuro do centro de treinamento e encontrar meus olhos no meio da noite –, há algo diferente nele.

Algo de errado.

Ela se senta no tatame e eu faço o mesmo, cada um de nós em um lado, junto da borda delimitada pelo círculo de luz.

Todo o cabelo do lado esquerdo da cabeça dela foi raspado. Totalmente raspado. O restante foi puxado para o outro lado, fazendo um arco sobre sua testa e caindo como uma cascata de água negra, úmido pela chuva, criando uma sombra em um dos lados de seu rosto. O outro é completamente iluminado. Duas metades opostas.

A princípio, nenhum de nós sente vontade de falar. Nos contentamos em nos olhar, em nos *analisar*. Em observar cada detalhe do rosto um do outro. E nós o fazemos sem pudor, sem vergonha. Enxergamos um no outro tudo que queremos ver. Pelo menos por uma vez, somos, os dois, transparentes. Como se fosse possível enxergar através dela e, ela, através de mim. Como se ela não estivesse no círculo de luz, mas desaparecesse por conta da escuridão atrás de si. Como se fizesse parte da escuridão.

— O que aconteceu com você? — Ela pergunta. Seus lábios quase não se mexem.

Levanto a mão e toco em meu rosto, raspado por conta da queda no estacionamento. Um momento de pura estupidez, de pura selvageria.

— Eu... caí com a moto.

Apesar de sempre ter estado lá, a partir do momento em que começo a pensar nele, o ferimento começa a doer.

— O que aconteceu *com você*? — Retribuo a pergunta.

— Não interessa.

A resposta é tão curta e seca que me surpreendo.

— Mas o que aconteceu com—

— Eu mudei. — Ela interrompe.

Ela me olha e, então, se torna translúcida. Em um segundo, Kali volta a ser opaca.

A garota puxa a manga da blusa para cima. Junto de seu *display*, perto da dobra, há uma campainha exatamente igual à que Ceres me deu. Um adesivo verde.

— Eu poderia ter saído. Se quisesse.

Ergo uma sobrancelha.

— Ou, se pudesse.

Ela solta a manga.

Por alguma razão, parece que qualquer outra palavra que possa ser dita soará incoerente, irrelevante. Abro a boca, fecho-a. Abro de novo e decido tentar.

— Eu vi seu *display*. — Digo.

Os olhos dela finalmente hesitam e ela olha para baixo. Seu rosto é tomado por uma expressão – por apenas um milésimo de segundo, antes que ela seja capaz de retomar sua frieza habitual. Mas é o bastante para que eu saiba que estava lá.

Medo.

— Eu o bloqueei. — Ela diz.

— Acessei os dados *offline* de um posto avançado de mantenedores — digo, e uma parte de mim sente culpa. A outra sente orgulho por finalmente ter conseguido tocar a fatalista, não importando como. — Precisava saber o que roubar de você, mas o relatório de bens não dizia nada de concreto. Então achei que era o colar e—

— Você não entende — a garota volta a me olhar. Através da gola ampla de sua blusa, vejo que ela *está* com o colar. O pingente de aranha brilha com a luz. — Eu bloqueei o *display* para que *você* não fosse capaz de vê-lo.

Fico mudo.

Jamais me ocorreria que o motivo para que a garota tentasse impedir o acesso a sua extensão fosse *eu*. Imaginei que servisse como proteção contra rivais, ou para se esquivar de pesquisas de seus próprios alvos.

— E o que você pretendia, com isso? — Pergunto, e há uma ponta de indignação em minha voz difícil de esconder.

O lábio inferior dela treme quando ela fala.

— Eu pretendia... pretendia impedir você...

— Me impedir de descobrir que somos pares um do outro? — Pergunto. — Que, assim como eu, o único par que você tem sou eu?

A garota apenas fica em silêncio.

— Ou tem a ver com o colar? — Faço um gesto na direção dele. — Porque tudo começou com ele, não é? Você o roubou de mim e ele continua no meu relatório de bens. Qual foi a razão para o terem deixado com você, na CMT? Se você estava com o colar, e eles sabiam que estava sendo procurado, porque não o tomaram? Eles vivem insistindo que é Classe 1 e que—

Kali levanta a mão em minha direção.

Ela tira o colar com cuidado e o segura na mão, o pingente faiscando.

Então o estende à frente.

— Fique com ele.

Estou prestes a fazer uma objeção, mas hesito. Olho para a joia, em dúvida sobre se ela está realmente a oferecendo para mim ou se tudo não passa de um truque. Então, estendo a mão, também, e a pego. Nossos dedos se tocam de leve, com um pequeno choque entre eles, energias de cargas opostas se encontrando.

Abro a mão e examino o colar dourado e o pingente com a aranha. Continua exatamente do mesmo jeito que estava quando eu o roubei, e quando foi roubado.

— Não posso ficar com isso.

— Pode, sim.

— Não, não posso — digo. — Não é uma de minhas conquistas previstas.

— Ele *já* está em seu relatório de bens. Ele é seu, sempre foi.

Seguro-o com força, mas então o coloco entre nós dois, no tatame.

— Você é um de meus alvos — argumento. — Há algo seu que preciso roubar. E continuo acreditando que, apesar de este colar estar no meu relatório de bens, é ele. É ele que devo roubar. Quando chegar o momento, eu vou fazê-lo. Assim como, quando chegar o momento, nos pearearemos.

— Mas não agora. — Diz ela.

Nós dois voltamos a nos analisar, dessa vez por muito mais tempo. O colar entre nós é como uma ponte, mas frágil e, de certa forma, intocável.

Dentro dos olhos dela, agora, não há fogo. Há algo morno, crepitando de leve.

— Vá embora, Harlan.

Sem falar uma palavra, eu me levanto. O tatame fica molhado, onde me sentei. O colar permanece onde está.

— Você não pode fugir do seu destino. — Digo.

— Eu sei.

Me viro na direção do escuro e entro nele, indo na direção da saída do centro de treinamento. Passo o braço no console e faço o *check-out*. A porta se abre e o som da chuva caindo volta a ficar mais forte. Olho para trás antes de sair.

Kali continua sentada no mesmo lugar. Ela olha para o próprio *display*.

Arranca o adesivo verde e o deixa caído no chão, a seu lado.

Então desaparece no escuro atrás de si.

27

Fim da tarde. Cerimônia de inserção.

— A primeira tela.

O orador levanta o braço, com seu *display*, que brilha sob a luz dos telões.

Todo o público faz o mesmo. Os braços são levantados, os *displays* brilhando, o punho fechado no topo. E todos ficam em silêncio, em seguida. O homem abaixa o braço e todo o restante das pessoas faz o mesmo, assim como eu, Jayden e Mael, lado a lado em meio à multidão.

— A nossa guia primordial, a nossa justificativa, nosso fim, nosso meio — diz o orador, à frente de outros cem jovens. Muitos outros já foram inseridos na Teia desde a primeira cerimônia após a quebra de fluxo. Já se passaram semanas. — Dínamo e toda a sociedade humana atingiram um nível inimaginável para nossas sociedades ancestrais. Temos controle dos começos, dos meios, dos fins. Estamos presentes em todo e qualquer acontecimento. A *segurança*, a palavra básica que guia nossas vidas até nosso fim de *felicidade*, é baseada completa e

inteiramente nos dispositivos implantados em nossos braços, em nossas mentes, em nossos *corações*.

Jayden olha para mim.

— Nos corações? Isso é possível? — Ele dá um sorriso torto, rindo.

— Deixe de ser imbecil. É uma metáfora. — Resmunga o namorado dele.

Meu amigo levanta uma sobrancelha na minha direção.

O orador puxa para junto de si um dos cem jovens: uma garota de pele num tom intermediário entre o branco e o negro, cabelos curtos e uma expressão um pouco assustada no rosto. O político toca no peito dela – na altura do coração.

— A Teia está presente dentro de cada um de vocês, de *nós* — ele diz, apertando com força o ombro da garota. — A Teia não é uma entidade superior a seus habitantes, ou que os comanda. *Nós* somos a Teia. Somos parte ativa dela. Por isso é que, antes de qualquer outra coisa, trabalhamos por ela e para ela, pois, assim, estamos trabalhando por e para *nós*.

Ele anda em volta da garota, que parece cada vez mais tensa.

— Esta é a razão pela qual devemos dominar a nós mesmos. Dominar nosso corpo, através do implante de *hardware*. Dominar nossa mente, com os recentes, e em breve amplamente difundidos, implantes cerebrais: a conexão genuína. E, acima de tudo, dominar nossas emoções. Mas como fazê-lo? Às vezes, domar nossos corações pode parecer muito mais difícil do que seria utilizar uma droga capaz de alterar nosso comportamento social. Pode, por vezes, parecer impossível. Domar a si mesmos é um dos maiores desafios de qualquer pessoa inserida na Teia e, de certa maneira, será o maior desafio de vocês, também.

Ele se dirige aos jovens, e coloca a garota junto ao grupo novamente. Ela parece aliviada.

— E, também, nessas ocasiões, a resposta pode ser encontrada na Teia — diz ele. — Um problema de pareamento pode ser resolvido com a ajuda de companheiros da casta dos mercadores, da subcasta dos sádicos. Um de aliança,

através de uma das inúmeras atividades sociais como festas, feiras, projetos de lazer e recreação espalhados pela cidade. Quanto a uma rivalidade mal resolvida, pode ser solucionada com desafios, com apostas, punições, pagamentos, ou qualquer outro tipo de recurso oferecido no Setor de Resolução de Conflitos. O mais importante de tudo é que nada que seja ligado à emoção altere qualquer característica ou determinismo já previsto no *display*. Nenhum tipo de emoção pode interferir em uma conquista de casta.

Ele para junto da borda do palco. Nos telões, seu rosto é gigante.

— E, se o problema for com um alvo, a única solução possível é seguir o *display* — diz ele, resoluto. — Seguir o *display* sempre será o antídoto para qualquer angústia pessoal ou emocional que possa acometer um habitante de Dínamo e da Teia. Nada, jamais, será comparável à capacidade de agraciamento e conquista que seguir nossos *displays* pode nos proporcionar. Servir à Teia é o nosso bem-maior, a nossa segurança e a nossa felicidade. E é a ela que buscamos, agora, e sempre.

O homem volta a puxar à frente a assustada menina, mas agora todos nós sabemos o que dizer.

— A Teia é sua própria soberana e tudo sabe, tudo pode, tudo engloba. Há um lugar para todos em seu seio, onde cada um existe no geral e no individual, ao mesmo tempo. O compromisso de cada um com a Teia é o de seguir seu destino e o de tornar-se, um passo a cada vez e na linha reta que lhe foi designada, uno. Juntos, somos mais fortes e, com a força, seremos, para sempre, invencíveis.

A menina vai ao programador e todos da praça começam a fazer o mesmo, dirigindo-se para as saídas. Os mercadores são os primeiros a sair, indo para suas tendas nas tradicionais feiras circundando a Praça Atômica.

— Foi um discurso inspirado. — Diz Mael. Eu dou de ombros. A percepção dele provavelmente é mais aguçada para esse tipo de coisa porque ele é um erudito. Para um salteador, como eu, é diferente.

— Porque você acha? — Pergunta Jayden.

— Bem, porque é verdade — responde ele. — Jamais podemos permitir que haja qualquer interferência externa durante o cumprimento de nosso *display*. Silas ainda foi muito brando com relação a isso. Normalmente a interferência de aspectos emocionais é considerada crime. Ele quase fez parecer como se isso fosse uma opção.

Concordo com a cabeça.

— Um bom exemplo é a nossa relação — continua ele, e faz um gesto com a mão indicando a si e ao namorado. — Por mais que gostemos um do outro, não podemos deixar que o que temos interfira no nosso compromisso com a Teia. Se a Teia fosse como o corpo humano, seria o mesmo que um dedo recusar-se a cumprir o seu papel com a mão, como se negasse estar com os outros dedos, em seu devido lugar.

Jayden apenas o olha, um pouco preocupado. O aperto da mão dele na do outro parece afrouxar um pouco.

— Isso significa que você abriria mão do que temos pela Teia.

— É claro. Não é uma escolha, não é um direito. É um *dever*.

Fico calado. Andamos em meio à multidão enquanto sinto uma coceira incômoda por debaixo dos curativos em meu rosto. Obviamente tratei dos ferimentos da queda com a moto em um posto avançado de curandeiros – para atendimentos simples que não precisam passar pela seleção de cura, no Hospital Geral de Dínamo. Apesar disso, a fuga de ontem ainda não foi comentada por nenhum oficial ou mantenedor. Sinto frio na barriga ao pensar no que pode acontecer caso eu seja barrado junto dos programadores, na saída da Praça Atômica.

— Algum problema? — Pergunta Jayden, olhando para meu rosto e identificando alguma coisa nele.

Hesito por um breve momento.

— Não. — Digo, por fim.

— Fique tranquilo, Harlan. Você conseguiu roubar aquela moto, pelo menos. Só torça pra não ser Classe 1 — ele dá dois tapinhas no meu ombro. — Te espero do outro lado.

Concordo com a cabeça e sigo para uma das filas que leva às cabines dos programadores.

— Seu braço.

O programador passa um escâner por ele. O homem é protegido por um vidro temperado e nosso único contato é através do espaço pelo qual tenho de passar meu braço.

— Harlan Montag, mercador — anuncia ele, e eu recolho meu braço. — Aparentemente sua semana foi calma.

— Sou um curinga.

— É claro — diz ele, o rosto sem qualquer expressão. Parece estar no modo "automático". — Ainda assim, é seu dever cumprir com seus objetivos o quanto antes, principalmente quando seus alvos encontram-se prontos. Segundo seu relatório e sua ficha, você tem um alvo não-ocasional ainda pendente.

Os alvos podem ser ocasionais ou não. Os ocasionais, geralmente, surgem de repente, em determinado momento e em determinado local – como ocorreu com a nectarina, que eu deveria roubar do posto avançado, e a moto. Os não-ocasionais são alvos mais elaborados, que devem ser pensados e estudados antes de tornarem-se uma conquista alcançada.

— Seu alvo é Kali Assange, fatalista. Houve algum problema para que ainda não tenha sido roubada?

— Sim — digo. — Tentei me reportar aos mantenedores, mas eles não me deram nenhuma resposta concreta. O relatório de bens dessa garota está incorreto. O objeto que preciso roubar está cadastrado no *meu* relatório, mas ela o roubou de mim sem registrá-lo. Isso ocasionou um problema técnico—

— A Teia é à prova de falhas. — Diz o programador.

— Eu sei disso. Ainda assim, o artigo que preciso roubar não aparece no relatório de bens dela.

— Qual foi a resposta dada pelos mantenedores?

— Nenhuma. Aparentemente o relatório pode ser bloqueado para mim, assim como o próprio *display* dela é bloqueado. Você pode tentar acessá-lo, mas não vai conseguir — respondo, um pouco irritado com a complexidade da situação. — Segundo eles, o bloqueio significa que não tenho permissão pra acessar esses dados, mas eu sei que o bloqueio foi feito por uma—

— Esse *display* não está bloqueado. — Diz o programador.

Me aproximo do vidro, tentando ver a tela dele.

— Como é?

— Não há qualquer tipo de bloqueio no *display* de seu alvo.

Ele vira a tela à sua frente na minha direção e vejo que todos os dados estão lá. A ficha completa, o relatório de bens, as galerias de casta, pareamento, aliança, rivalidade. Está tudo lá.

— O que pode ter acontecido? — Pergunto, verdadeiramente confuso.

— Pode ser que você esteja tentando lograr a Teia através da falta de cumprimento de suas conquistas e alvos nas galerias de seu *display* — ele diz, digitando alguma coisa no teclado virtual projetado na mesa. — O que é um delito considerado grave. É meu dever lançar uma advertência em seu nome no sistema por conta de sua falta de compromisso para com a Teia.

Ao mesmo tempo, meu *display* se ilumina e vejo o sinal amarelo da advertência no canto inferior direito.

— Isso não faz sentido — digo, me sentindo ruborizar. — Eu cumpri com uma conquista nessa semana. É só olhar meu relatório de bens e você vai ver que roubei uma motocicleta RCZ há—

— Uma conquista ocasional — interrompe ele. — O fato de ainda não ter roubado Kali Assange é considerado uma reincidência devido ao artefato Classe 1 que ainda não foi repassado à CMT em um prazo que ultrapassa um ano. Também é um agravante o fato de você ser plenamente capaz de se parear com este mesmo alvo e não tê-lo feito até o presente momento.

Respiro fundo.

— Como me livro da advertência?

— A única maneira é cumprindo com os seus deveres perante a Teia — diz o homem, digitando mais alguma coisa no teclado projetado. — Seu prazo máximo é de três meses. Após isso, será convocado à CMT para esclarecimentos e para receber as devidas punições.

Concordo com a cabeça e cedo meu lugar para a próxima pessoa na fila.

Talvez Silas, o orador da cerimônia de inserção, esteja certo. Talvez estivesse falando para mim.

Talvez eu não possa permitir que as emoções interfiram no que devo fazer.

Tenho três meses.

28

Dia seguinte. Depósito dos mercadores.

A garota está novamente dentro de seu centro de treinamento, dessa vez segurando um rifle e mirando em um alvo do outro lado do aposento. Kali está agachada, a arma firme nas mãos e o olho mirando através de uma lente. Sybil, sua tutora, está parada ao seu lado, em pé, de braços cruzados. E aguarda o disparo. As duas usam protetores auriculares.

O gatilho é pressionado.

O disparo é tão alto que tiro o fone de ouvido, irritado. Meus ouvidos zunem e eu massageio as orelhas.

— Tem que ter alguma maneira melhor de espionar alguém do que desse jeito. — Faço um gesto para o tampo de vidro da mesa.

— Ah, mas tem — diz Jayden, olhando para sua própria. — O maior problema é que, pra fazer isso, geralmente temos que sair do depósito. E, podendo acessar

qualquer coisa daqui, porque sairíamos? Podemos contatar pessoas por videoconferência, ver fichas e relatórios através dos mantenedores, basicamente ir a qualquer lugar virtualmente através dos servidores da Teia. É *por isso* que a cidade está toda conectada, assim como nós — ele mostra seu *display*. — É uma pena que ainda não tenham descoberto uma maneira de roubar *online* também.

Por alguma razão me lembro de Ceres, a *hacker*.

— Sei de salteadores que roubam através da Teia. — Digo.

Jayden deixa de olhar para sua tela e me encara pela primeira vez desde o início da conversa.

— É sério?

— Sim.

— Preciso falar com essa pessoa, então. — Ele diz, sorrindo um pouco.

Ele toca na tela de sua mesa por mais alguns momentos.

— Você comentou de uma difamadora, no outro dia — resmunga ele. — Me contou que descobriu alguma coisa através dela.

— Sim. Foi essa difamadora que me disse que foi a Kali quem roubou o colar de mim. — Respondo, lançando um olhar de esguelha para a tela à minha frente. A fatalista aparentemente não acertou o centro do alvo na primeira tentativa, e agora se prepara para atirar uma segunda vez.

Jayden concorda com a cabeça, olhando para a tela de sua mesa.

— Bom, talvez seja uma boa ideia tentar extrair alguma coisa dela — diz ele. — Quero dizer, se ela sabia que a Kali tinha roubado o colar de você, então certamente sabe de mais coisas. E, o que não souber, pode dar um jeito de descobrir. Como estão seus créditos?

Como tudo na Teia funciona a partir de créditos, preciso, é claro, pagar a difamadora pelo serviço prestado. O mesmo ocorre comigo. Nos dias de repasse

os créditos são automaticamente depositados em nossas contas virtuais dependendo da quantidade e qualidade do que roubamos na semana que se passou.

— Tenho alguma coisa. Acho que é o suficiente.

— Então, se você acha que vale a pena, invista na garota — diz ele. — Na *sua* garota. Mas não se esqueça de que a Teia não vai esperar por você. É melhor que continue atrás dos seus outros alvos, também.

— Esse é um dos problemas. Sobraram bem poucos.

Ele levanta as sobrancelhas e olha para o teto, como tentando se lembrar de algo.

— Ah, claro. Você é um curinga. Preparado pra passar um tempo na CMT, esperando pela segunda inserção? — Pergunta meu amigo. Percebo uma leve ironia e provocação na voz dele, quase pouco demais para se dar atenção, mas o bastante para que eu a note.

— Não. — Respondo, ríspido.

Viro para a minha mesa e volto a colocar os fones no mesmo momento em que a garota atira.

Meus ouvidos voltam a zunir e eu fecho os olhos com força, tentando me acalmar e impedir que o zunido continue.

— Dê-me isto. — Ouço a voz da tutora dela.

Volto a abrir os olhos e olho para o vídeo.

A mulher estende a mão na direção de meu alvo. Kali continua com o rifle apontado para o outro lado da sala, mas, então, levanta e o entrega à outra. Sybil o leva até um suporte e o coloca nele.

— Não vou permitir que alguém emocionalmente perturbado use um rifle.

A garota balança a cabeça muito de leve.

— Estou sempre armada, estando emocionalmente perturbada ou não.

A tutora para no meio do caminho enquanto trava a arma no lugar. Então, se vira.

— O que você disse? — Pergunta, os olhos estreitos, a boca tremendo. Qualquer tipo de objeção contra ela, pelo visto, é considerada uma ofensa, um motivo para punir a garota com o tubo metálico que a torturadora busca com os olhos no instante seguinte.

— Eu... eu quero saber o que aconteceu com você.

A mulher anda até o tubo metálico e o segura com força.

Dá meia volta e, então, anda com passos decididos na direção de Kali.

Levanta o braço.

Quando o gira na direção dela, a garota levanta a mão e segura o tubo no ar.

— Escute — diz ela, segurando o tubo. Sybil continua fazendo força para acertá-la. — Eu preciso conversar com você, preciso descobrir algumas coisas.

Sybil então para de forçar e puxa o tubo metálico de volta. Kali o solta, sua mão com um vergão vermelho onde a mulher acertou. Mas ela não recua, coloca a ponta do tubo no rosto da garota.

— Escute *você*, sua putinha — ela diz. — Eu não devo explicação nenhuma para você. Não preciso falar da minha vida, não preciso escutar nada sobre a sua, não me importo com seus problemas. Tenho meus próprios problemas. Estou aqui apenas para treiná-la, nada mais. Você não é minha rival, minha aliada, minha amiga. Você não é nada para mim além de uma marca no *display*. Uma estatística.

Então levanta o braço outra vez.

— Você não passa de um alvo para mim.

O que se segue é de tamanha brutalidade que sou incapaz de olhar a cena.

Desvio os olhos do braço que sobe e desce sem parar, o tubo metálico chispando no ar, cortando-o e acertando a pele, tornando-a vermelha. Ela continua batendo outra e outra vez até que a pele se abre e expõe a carne vermelha por debaixo, e o sangue vermelho começa a escorrer e pingar no chão.

O sangue logo se torna abundante, enquanto a garota cai de joelhos e se abaixa, tentando se proteger com os braços e as mãos. Passa-os por sobre a cabeça e se encolhe. Mas a torturadora não para, e um brilho de selvageria é visível em seus olhos enquanto ela pune a garota até o limite.

Ela só para quando há quase mais pele arrebentada do que saudável.

— Terminamos por hoje, garota. — Ela diz, enquanto põe uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Lança o tubo metálico no chão e sai do centro de treinamento.

Eu gostaria de poder levantar de minha cadeira, no depósito, e ir até o centro de treinamento dela. Mas sei que ela jamais esperaria pela minha chegada. Ela não iria me querer lá, me mandaria embora. Mas eu gostaria de poder ajudar, de alguma forma.

Leon aparece junto da porta de entrada cinco minutos mais tarde.

— Mas que—

Ele entra correndo e se ajoelha junto da garota, ainda caída no chão. Ele a puxa e vira, tirando o cabelo de seu rosto. Lágrimas correm por suas bochechas e ela se agarra ao homem, colocando a cabeça em seu peito e tentando, de alguma forma, se esconder nele.

Leon a puxa para fora de seu peito, tentando ver seu rosto.

— Você não está lidando muito bem com a coisa, não é?

A garota não responde, e volta a se esconder no peito dele. Sinto alguma coisa se quebrando dentro de mim, embora eu não tenha ideia do que seja. O velho, um pouco confuso, passa a mão esquerda sobre a cabeça de Kali, que chora

convulsivamente.

— O que aconteceu? — Ele pergunta, depois de algum tempo.

Kali não responde, a princípio. Ela continua onde está por, pelo menos, mais quinze minutos, incapaz de falar ou fazer qualquer coisa que não seja chorar. A cada vez que ela respira fundo, mais sangue brota em suas costas, braços e pernas, ensopando suas roupas.

Então ela respira fundo uma última vez, antes de falar.

— Eu perguntei a ela o que tinha acontecido... o que tinha acontecido com ela. E ela disse que eu não sou nada para ela, que ela tem seus próprios problemas pra tratar — ela não soluça, nem chora, mas sua voz treme um pouco. — Ela disse que sou só um alvo.

Leon morde o lado de dentro das bochechas.

— O que não surpreende nem a mim, nem a você.

Ela concorda com a cabeça, sem falar nada.

— Quer dizer que você perguntou a ela a respeito do dedo e da marca de enforcamento e esperava que ela simplesmente *contasse* a você o que aconteceu? — Pergunta ele, dando tapinhas bem de leve na cabeça da garota. — Você ficou completamente louca?

Dois segundos.

— Não.

— Pois parece que ficou.

Os dois ficam lá por algum tempo. Ainda é cedo da tarde, e a luz é abundante dentro do centro de treinamento. Começo a me preocupar com a quantidade de sangue junto dos joelhos e pés da garota, e me pergunto se não seria uma ideia melhor ir direto para o Hospital Geral, ao invés de eles ficarem conversando.

— Sybil amava o par dela.

A garota parece parar de chorar, e, se segurando nos ombros do velho, olha para ele.

— O amor é o mais fraco dos sentimentos, a mais frágil das emoções — diz ela, resoluta. — Amar é totalmente irrelevante.

Leon concorda com a cabeça.

— É claro, é claro — diz, fazendo pouco caso. — Mas Sybil amava seu par. E eles foram tão longe que, de certa maneira, quiseram demonstrar o que sentiam. Como você e seu par, eles eram pares únicos um do outro. Eles conseguiram anéis e os usaram no dedo anelar da mão esquerda. Um símbolo muito, muito antigo de união.

— Mas os pares são proibidos de permanecer juntos — diz ela. — Está nas linhas-guia. Nas linhas-guia da Teia.

— Sim — ele continua. — Por essa razão, o par dela foi parar na CMT. Ficou lá por um mês. Quando voltou, ele não estava mais usando o anel e tinha mudado completamente. Como se alguma coisa tivesse acontecido dentro daquele lugar. Então ele disse que ela precisava tirar o anel, que eles não podiam ficar juntos, e que cada um deveria seguir seu próprio caminho.

Kali apenas aguarda o restante da história. E eu, também, com os fones enfiados nos ouvidos, ignorando todo o restante do que acontece no depósito.

— Ela se recusou. Ele tentou tirar o anel à força, mas ela não permitia, e ele não conseguia. Então ele usou uma faca pra decepar o dedo dela. Quando ele fugiu... ela usou uma corda para tentar se suicidar. Os mantenedores apareceram e salvaram ela, mas ela não queria ser salva. Dizia que tinha perdido o propósito de viver. Mas ela foi para a CMT, também, e voltou como é agora. Na época, ela era muito diferente. Era outra pessoa.

— E, quando ficou sem par, o que ela fez?

— Ela tentou conseguir outro — diz Leon. — Ela foi à CMT, aos mantenedores,

conversou com políticos, tentou de tudo. A Sybil achava que conseguiria uma pequena atualização para ter um novo par, mas jamais chegou perto de alcançar seu objetivo. Quanto mais ela tentava, mais longe ficava de conseguir uma atualização. E, como os pares não podem permanecer juntos, ela nunca ficou com mais ninguém. Mais por fidelidade a seu antigo par do que qualquer outra coisa.

Leon arruma o cabelo da garota, expondo o lado esquerdo raspado.

— Eu gostaria que fosse possível os pares ficarem juntos. — Ela murmura.

Dessa vez, é o velho quem respira fundo e solta o ar lentamente.

— Vamos, garota. Você precisa ir pro Hospital.

Ele se levanta e estende as mãos para ela. Kali segura as dele e ele a levanta. A garota faz uma expressão de dor, mas parece tentar suportá-la sem demonstrar. Leon a ampara e os dois andam até o pequeno corredor que dá acesso ao lado de fora. Tanto Leon quanto Kali passam o braço no console ao lado da porta, a abrem, e vão embora.

29

Um dia depois. Refeitório da Kali.

Desta vez não estou aqui pelo meu alvo. Passo pela bancada e deixo que os laboradores do outro lado sirvam comida na minha bandeja. Depois, dou uma olhada no lugar, com apenas três quartos de sua capacidade utilizados. Kali está sentada sozinha, como de costume, perto da porta de saída. A garota com quem quero conversar, no entanto, está do outro lado do refeitório, sentada com outras três garotas. Uma delas é Ellie, uma das quatro aliadas de meu par.

Passo com dificuldade pelos corredores formados pelas mesas e cadeiras, desviando das pessoas que se levantam e caminham no sentido oposto.

Paro junto da mesa das quatro mulheres. E todas elas me olham.

— Eu sabia que você ia voltar. — Diz a garota de cabelos vermelhos, com um sorriso muito branco por trás dos lábios escarlate.

Apenas concordo com a cabeça. Ellie me olha, curiosa. As outras garotas me

examinam com olhares críticos.

— Quero contratar você. — Digo, sentindo-me ridículo por estar segurando a bandeja cheia de comida. Por alguma razão, tenho vontade de me sentar na primeira mesa vazia que aparecer. Mas a mais próxima fica a duas fileiras de distância.

A jovem faz um gesto para a mesa cheia.

— Sinto muito. Vai precisar me procurar no mercado político. Não faço negócios no horário do almoço — diz ela. — Tem alguns horários que devemos preservar. Estar no refeitório com aliados é um deles.

— Não me pareceu que você estivesse respeitando isso quando me vendeu informações que eu ia descobrir de qualquer jeito — respondo, incapaz de disfarçar a ironia na voz. — No dia em que eu infelizmente caí nos seus truques de difamadora.

As quatro continuam me olhando, e sinto meu rosto começar a arder.

Então Lenina bate de leve com as duas mãos nos lados da bandeja e se levanta.

— Bem, não vou deixar passar a oportunidade — diz ela, sorrindo para as outras e lhes lançando um olhar incisivo. — Vamos. — Diz para mim.

Ela pega a bandeja e eu a acompanho para uma mesa mais distante e vazia, onde teremos um pouco mais de privacidade. Ou, pelo menos, é o que eu acho.

Sentamos um de frente para o outro. Embora tenha comida na minha bandeja, não sinto vontade de comê-la.

Ela me olha, as pontas dos dedos unidas sobre a bandeja dela.

— Espero que você tenha conseguido roubar a sua fatalista. — Diz ela.

Solto um suspiro.

— O que aconteceu?

— Não importa — resmungo. — O que aconteceu é problema meu. Estou aqui apenas porque preciso de seus serviços, e é só a respeito disso que vamos conversar.

— Kali é o meu serviço, não é? — Pergunta ela. — Estou apenas tentando ajudar.

Olho para ela, um canto de sua boca se erguendo em um meio-sorriso. Ela sabe exatamente porque estou aqui.

— Sim. Kali é seu serviço. — Admito.

A garota concorda com a cabeça, muito de leve. As mechas rubras de seu cabelo se movimentam para frente e para trás com a cabeça. Ela pega seus talheres e recomeça a comer. Sem tirar os olhos dela, pego os meus e faço o mesmo.

— O que você precisa saber? — Ela pergunta.

— Tudo.

Levanto os olhos para encontrar os dela.

— Preciso saber tudo.

Lenina segura o garfo com um dedo só, como se fosse deixá-lo cair na bandeja.

— Imagino que você saiba que o preço de uma investigação completa não seja muito baixo — diz, gesticulando com a mão, o garfo indo para lá e para cá. — Ainda mais tratando-se de Kali. Quero dizer, devido ao fato de seu *display* estar bloqueado—

— Não está mais.

A garota levanta uma de suas sobrancelhas.

— Da última vez que você me contratou, lembro que disse que ela o havia bloqueado.

A difamadora olha na direção da rival, bastante longe, e dá uma risada leve.

— Acho que eu jamais vou conseguir entender ela — sibila, entre dentes. — Duvido que ela mesma consiga se entender. Você não tem ideia do caos que se passa dentro daquela cabeça — rapidamente ela larga o garfo em seu lugar na bandeja e dá um rápido sorriso. — Ainda assim, tenho certeza de que sou a pessoa mais indicada para... *tentar* entendê-la.

Não falo nada, apenas observo a garota à minha frente. Ela lança, mais de uma vez, o olhar na direção de meu alvo, e não sei direito que tipo de olhar é esse.

Então, volta a me encarar. Sempre que o faz, dá um pequeno sorriso, como que tentando ser simpática. Ou não.

— Creio que o seu interesse nela seja não só por ela ser seu alvo, mas, também, por vocês serem pares — diz, e, na voz dela, percebe-se uma ponta de escárnio: — Pares únicos.

Balanço a cabeça, lentamente, enquanto tomo um gole de uma bebida sintetizada sem gosto.

— Eu apenas quero entendê-la.

Por alguma razão, a mercadora parece descontente com o fato de eu tê-la contraposto. Ela corta um pedaço de carne e o leva delicadamente à boca, mastigando-o calmamente.

— Ainda que o *display* dela já não esteja mais bloqueado, o valor em créditos será, como é de se esperar, relativamente alto — diz ela, me olhando com o canto do olho. — Quanto você pretende gastar?

Dou de ombros.

— Diga seu preço.

— Trezentos e cinquenta créditos para cada informação nova — diz ela, e eu prendo a respiração no mesmo instante. — Sem concessões e com a informação entregue apenas no momento do pagamento. A regra é fazer as trocas de

informações prioritariamente no mercado político, embora eu possa fazer alguma exceção. Tudo precisa ser formalizado para ter validade. Inclusive nosso contrato de prestação de serviços.

Engulo em seco.

— De acordo?

Concordo com a cabeça.

— Você terá créditos o bastante para pagar por ela? — Lenina faz um sinal com a cabeça na direção da fatalista. Esta parece completamente imersa em seus próprios pensamentos, mal comendo o que está em sua bandeja.

Volto a encarar a mercadora.

— Sim.

Por ela, sim.

30

Quatro dias depois. Mercado político.

Preciso pegar a moto para ir até o local onde marquei encontrar com Lenina. Ela enviou uma mensagem para meu *display* informando o endereço, mas preciso usar o mapa e o localizador para achar o mercado político. Quando chego perto dele e estaciono a moto, passando o braço esquerdo pelo console do veículo, tenho certeza de que essa é uma região da cidade pela qual eu nunca passei. Caso contrário, saberia exatamente onde fica.

Trata-se de uma edificação murada em todos os lados, ocupando uma quadra inteira e de apenas um andar. Os muros são bastante altos, com passarelas no topo, como uma fortaleza. Sobre elas, guardas armados andando para lá e para cá o tempo inteiro. Os muros são pintados de branco, e a sua continuidade só é arruinada por um eventual prisma preto.

Há apenas uma única entrada, relativamente pequena. Uma porta de vidro a meia distância para o lado de dentro e, antes dela, uma cabine de controle protegida por vidro blindado. Quando me aproximo, percebo que quatro guardas, nas

passarelas, acima, se posicionam dentro de duas torres de proteção na entrada e apontam suas armas para mim.

— Por favor, passe seu *display* no console junto da cabine.

Concordo e o faço. O laborador no interior do mínimo recinto de vidro usa um computador para acessar as informações. Aguardo pelo menos cinco minutos, enquanto ele aparentemente verifica o conteúdo de meu *display* em minúcias. Tento não olhar muito para a tela dele, incomodado pela mira das armas postas sobre mim.

— Pode entrar. — Diz, enfim, o laborador.

A porta de vidro abre e, quando eu passo, se fecha. Fico preso dentro de um cubículo limitado por paredes e portas de vidro fechadas. Uma linha de luz passa do chão ao teto, provavelmente verificando minha situação física e se carrego algum item comigo que possa ser considerado perigoso. Como vim só com a roupa do corpo, a porta seguinte se abre e passo por ela sem problemas.

O interior do mercado político é amplo e cheio de vidro. O teto tem barras de metal preto atravessadas de um lado a outro e, no intervalo quadrado entre cada uma delas, há vidro translúcido que permite a entrada de luz difusa, mas não a visão do interior, a partir do alto. Há paredes de vidro por todos os lados, com adesivos foscos para guiar o visitante pelos corredores formados por elas. Inúmeras pequenas salas espalham-se por todo o lugar, todas com consoles nas portas, permitindo que apenas determinada pessoa seja capaz de entrar em cada um dos minúsculos aposentos.

Não demora muito para que eu encontre Lenina.

Olho através do vidro do pequeno aposento. Ela está acompanhada, por alguma razão, de Ellie. Passo meu braço pelo console e a porta se abre lentamente.

Cada uma das salas possui uma mesa que vai de uma parede a outra. Uma barreira de vidro separa mercador e cliente, sobre a mesa. A única maneira de conversar é através de um dispositivo que passa a voz pelo vidro, uma espécie de microfone que parece flutuar no ar em frente a nossas bocas quando me sento.

— Seja bem-vindo. — Diz a garota de cabelos vermelhos, sorrindo. A voz que passa pelo dispositivo é metálica e artificial, quase como se fosse sintetizada.

A porta atrás de mim se fecha, isolando todo o ruído do lado de fora.

Estando dentro da sala vedada é estranho examinar todo o entorno. Cada uma das pequenas salas fica extremamente próxima da outra. Parece que, se eu estendesse o braço, seria capaz de tocar no homem à minha direita, ou na mulher à minha esquerda – não fosse, é claro, pelo vidro. Ao mesmo tempo, todos se ignoram. É como se eu estivesse completamente sozinho em uma sala repleta de pessoas.

— Acredito que você tenha vindo preparado.

— Em que sentido? — Pergunto.

O console na mesa se acende.

— Combinamos trezentos e cinquenta créditos para cada uma das informações que eu conseguisse repassar para você — a garota diz, muito calma. — Alguns mercadores exigem o pagamento apenas no final, mas, como eu confio no meu trabalho, o pagamento sempre deve ser feito *antes* do repasse.

Ela batuca com as unhas da mão esquerda na mesa.

— Afinal de contas, créditos podem ser devolvidos. O conhecimento sobre alguma coisa, não.

Analiso-a por alguns instantes. Lenina mantém um leve sorriso confiante, como se realmente soubesse de alguma coisa de que eu não faço ideia. Seus cabelos ondulados foram torcidos em si mesmos e puxados para o lado direito, caindo por sobre seu ombro e descendo por seu peito. No antebraço dela, o *display* brilha de leve. No mesmo instante que o olho, ela gira o braço e esconde a tela de mim.

— É pegar ou largar. — Ela diz.

Observo-a por apenas mais quinze segundos.

Então, passo o braço pelo console.

Ela sorri um pouco mais, mas logo trata de esconder a expressão. Move a cadeira para próximo da outra, que esteve em silêncio até agora, e, então, a apresenta.

— Esta é Ellie, uma das quatro aliadas de Kali — diz, pousando delicadamente a mão sobre o ombro da amiga, que abre um pequeno sorriso. — Eu a chamei aqui porque, além de mim, a única pessoa que presenciou a mudança que aconteceu no seu alvo foi ela. E não apenas isso. Estivemos juntas por praticamente toda a vida dela, assim como ela esteve presente em praticamente toda a nossa. Até agora.

Ela cutuca Ellie com o cotovelo, mas esta não concorda.

Ellie mantém suas duas mãos sobre o colo, mais contida que a difamadora. Tem uma forma tímida de se movimentar e falar. Seus cabelos estão presos em um coque sobre a cabeça – provavelmente um penteado mais funcional que emocional –, e usa roupas simples, pretas. Não posso deixar de lembrar que, por trás do olhar aparentemente sincero e seu jeito discreto, ela é uma fatalista, exatamente como a Kali. Talvez – e essa é só uma suposição – ela não seja tão violenta ou complexada quanto Kali, mas, ainda assim, o trabalho dela, na Teia, é o fechamento de arcos.

Limpeza social, como costumam dizer.

— Eu conheço você — digo, olhando para ela, os olhos estreitos. — Vi vocês duas indo atrás da Kali no dia da atualização. Mas, quando os mantenedores afastaram vocês, eu as perdi de vista.

Ela concorda com a cabeça, lentamente.

— Foi nesse dia que tudo mudou.

— Não, não foi — diz Lenina, segurando a mão de Ellie para impedi-la de continuar falando. — Quando a atualização aconteceu, ela já tinha mudado.

— Mas a atualização foi o marco principal. — Insiste a outra.

— Sim, mas tenho certeza de que você se lembra de quando ela apareceu com aquele colar — retruca a difamadora. — O colar que ela roubou de você — olha para mim. — A partir do momento em que ela roubou o seu colar de pingente de aranha, Kali começou a se tornar outra pessoa.

— Por que?

— Quem sabe fosse porque saiu ilesa disso.

— Eu lembro que, no começo, ela teve muito medo de que roubar o colar fosse levá-la para a CMT — diz Ellie, empurrando para o lado a mão de Lenina. — Ela até pensou em levá-lo de volta, devolvê-lo para você de alguma maneira, sem que você percebesse. Mas, antes que ela pudesse fazer isso, os mantenedores apareceram. Surgiram no meio da noite, depois de uma festa. Estávamos voltando para o dormitório. Eles chegaram, se identificaram e pediram a ela pra verificar seu *display*. A Kali deixou e, então, levaram ela embora.

— Isso, um ano atrás? — Pergunto, para confirmar.

— Sim.

— Eu ainda não sei pra qual setor levaram ela — diz Lenina. — Primeiro achamos que tinha sido para o Programa de Proteção ao Fluxo Humano. Mas, tecnicamente, ela não fez nada que pudesse realmente interferir no andamento da Teia.

— Talvez tenha sido para a Recuperação de Objetos. — Responde Ellie.

— Só que ela ainda está com o colar. — A garota de cabelos vermelhos balança a cabeça na direção da amiga.

— O que não faz absolutamente nenhum sentido — eu resmungo. — Ela é meu alvo, e para mim é certo que tenho de roubar o colar dela. Mas o colar está registrado no *meu* relatório de bens. Nunca saiu de lá. Então, tecnicamente, também nunca foi dela. O que podem ter feito na CMT para não terem tirado o colar dela?

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

— É possível que tenha sido por conta da rebeldia — diz a fatalista. — Quero dizer, eles têm um setor específico para isso, se não me engano. Pode ser que tenham encontrado uma maneira de puni-la.

— Quem sabe tenham feito você ter que roubá-lo dela como forma de punição. — Diz a difamadora.

— E como isso seria uma punição?

As duas se entreolham, e Ellie parece querer falar alguma coisa. Abre a boca, ainda olhando para a outra, que faz um sinal afirmativo com a cabeça. Então, olha para mim.

— Kali sempre teve *alguma coisa* com relação a você, algo que nós nunca conseguimos entender — diz Ellie. — Ela tinha muito... carinho por esse colar. De certa maneira, o colar representava você e algo pelo que ela prezava muito.

Sinto minhas bochechas arderem em rubor.

— E isso seria..? — Pergunto, para ter certeza.

— O fato de vocês serem pares. — Responde a garota.

— Pares únicos. — Acrescenta Lenina, outra vez a ponta de ironia escondida por detrás das palavras.

Respiro fundo, tentando ignorar o que ela acabou de dizer.

— E essa foi a razão pela qual ela me roubou — digo. — Mas o fato de ela ser meu alvo não justifica ela continuar com o colar e, muito menos, o fato de o colar não ter sido registrado no relatório de bens dela.

Ellie concorda com a cabeça. Lenina apenas me olha.

— De qualquer maneira, foi na atualização que a atitude dela realmente mudou — diz Ellie. — Se depois do roubo do colar e da primeira *visita* à CMT ela já

tinha começado a se afastar; depois da atualização, ela simplesmente nunca mais se aproximou. Ela entrou em uma espiral crescente de isolamento que só a levou cada vez mais para longe de... nós. Agora, pelo que sei, ela só fala com o Leon, a Ceres e a Sybil.

— O velho, a gorda e a louca. — Adiciona a mercadora.

— E qual foi a razão para ela se afastar?

— Acho que, por algum motivo, ela acredita que a culpa de ela ter sido presa foi nossa — diz Ellie, dando de ombros e abrindo as mãos. — O que, também, é o motivo pelo qual ela não fala mais comigo, apesar de estarmos na galeria de alianças uma da outra.

Faço que sim com a cabeça, mas me viro para a outra.

— Eu ouvi ela falando, certa vez, no refeitório, que estava tentando ficar longe de vocês porque haviam dito alguma coisa a ela, na CMT — digo, forçando a memória, tocando com os dedos na têmpora. — O que disseram?

— Não sabemos.

Olho para a difamadora.

— Mas vou tentar descobrir. — Ela diz, e seu rosto assume uma expressão séria.

Ellie bota as duas mãos cruzadas sobre a mesa.

— Uma coisa que você precisa saber sobre ela é que, de certa forma, ela tem... duas personalidades — diz a fatalista. — Talvez tenha sido o nosso destino como casta, a rebeldia, ou... — volta a olhar para a difamadora que, dessa vez, não concorda. Há algo que ela não quer que Ellie me conte. — Ou talvez outra coisa. Mas conforme tudo isso foi acontecendo, as idas à CMT, o colar e tudo o mais, ela foi assumindo uma personalidade fria, distante de nós.

— E como ela era antes?

— Era nossa *amiga*. — Diz Lenina, me encarando.

Ela solta um suspiro.

— Ou pode ter sido a própria atualização — eu as incito. — Talvez o fato de ter recebido tantos novos alvos tenha mexido com ela e a transformado no que é hoje.

As duas voltam a se entreolhar.

— Talvez. — É tudo que dizem.

31

Um dia depois. Depósito de mercadores.

Quando chego ao depósito, ela está lá.

Não Kali, mas Lenina.

A garota de cabelos vermelhos está parada ao lado de minha mesa, incapaz de se mesclar ao ambiente.

— Quem é essa garota? — Pergunta Jayden, em voz baixa, enquanto nos aproximamos dela com passos lentos, para que dê tempo de conversarmos a respeito antes de a alcançarmos.

— Lenina. É *a* difamadora — respondo. — Eu a contratei pra descobrir mais a respeito da Kali, como a gente conversou, no outro dia.

— Bem, vale a tentativa. Mas fique de olho.

Eu olho na direção dele, surpreso.

— Como?

— Fique de olho. — Ele apenas repete.

Concordo com a cabeça, apesar de não ter entendido de todo. As outras mesas começam a ser preenchidas aos poucos, enquanto os salteadores aparecem. Alguns não vêm. Muitos trabalham durante o dia, apesar de a luz natural dificultar, em alguns momentos, a prática. Os mercadores que usam as mesas durante o dia normalmente planejam os roubos para a noite – como é o caso de Jayden.

— Como entrou aqui? — Pergunto à garota, confuso.

— Antes de qualquer outra coisa, sou uma mercadora — diz ela, dando de ombros. Seu corpo inteiro parece refletir o movimento. — Mesmo que eu trabalhe mais no mercado político, os difamadores têm uma área designada, aqui no depósito. Mas temos apenas computadores, HD's e armários pequenos. Ao contrário dos outros mercadores, descobrimos que existem coisas muito mais valiosas que joias ou veículos.

Olho para ela com o canto do olho, captando a crítica.

Passo o braço pelo console do computador da mesa e ele imediatamente acende a tela.

— Não me preparei para gastar mais trezentos e cinquenta créditos hoje. O que você quer?

— Não estou aqui para cobrá-lo — diz ela, apoiando as duas mãos nas bordas da mesa e se curvando um pouco. A porção de pele nua que a gola de sua blusa mostra aumenta um pouco. — Estou aqui porque você é meu cliente. E eu prezo pela fidelidade.

Ela dá um sorriso em minha direção. Retribuo erguendo as sobrancelhas.

— Preciso saber o que você *já sabe* a respeito da Kali.

Toco na tela e abro a ficha de Kali, girando-a com a palma aberta e empurrando-

a virtualmente na direção da difamadora.

— Sei tudo o que me é permitido saber — digo. — Agora tenho acesso total a seu *display*, mas isso é completamente inútil. Não muda nada. A ficha também foi desbloqueada depois da sua ida à CMT, há algum tempo. E é só.

— Acho muito difícil que, tendo perseguido ela por tanto tempo, você saiba tão pouco.

— Se soubesse mais, com certeza teria sido capaz de roubá-la. — Resmungo, irritado não com ela, mas comigo mesmo.

— Então você *tentou* roubá-la.

— É claro que sim — retruco. — Depois de uma cerimônia de inserção. Ela estava na feira de mercadores, procurando por alguma coisa. Eu me escondi no meio das tendas e puxei ela para um beco. Caímos no chão, e eu tive o controle por alguns segundos. Mas ela me superou e bateu com a minha cabeça no chão antes de ir embora. Naquele mesmo dia, ela "comprou" uma faca com gume *laser*. A faca do homem que ela matou.

O sorriso da difamadora escorrega de seu rosto e ela subitamente fica séria.

— Morfeu. — Ela diz.

Faço que sim com a cabeça.

— Parece que você não sabe tão pouco assim a respeito de seu alvo. — Diz Lenina.

Passo os dedos pela tela no tampo de vidro da mesa, pensativo.

— Como você a conheceu?

— No dia em que ela matou Morfeu — respondo. — Ele era meu alvo, também. Eu o perseguia, e, de repente, ela apareceu no meio de um beco escuro e me ameaçou. Disse que me estourava as bolas caso continuasse atrás dele. Então correu atrás dele e... bem, ela não fechou o arco dele. Ela... o assassinou. Não foi

isso que aconteceu?

Lenina apenas me encara, sem falar nada.

— Mas porque ela fez isso se sabia que, errando o *timing*, iria para a CMT? — Pergunto.

A garota continua parada e em silêncio.

— E, por outro lado, porque a morte de alguém quase pronto para morrer, como Morfeu, afetaria tantas pessoas a ponto de ser necessária uma atualização tão grande quanto a de Edward Blair? — Questiono.

Ela faz um sinal para que eu continue falando, mas eu não falo.

— O que mais aconteceu naquela noite? O que mais eles falaram?

— Lembro que Morfeu falou alguma coisa a respeito de Fenrir — tento me lembrar, olhando para cima. — Como a Teia iria levá-la até ele. E, pelo que descobri, Fenrir é um rebelde, ou um falso rebelde. Falei com algumas pessoas em uma exposição dele e ninguém soube me explicar direito se ele é ou não. A mim pareceu que ele é apenas mais uma pessoa completamente subordinada à Teia, mesmo achando que não é.

— Fenrir era namorado de Edward Blair.

Paro de mexer na tela para encará-la.

— Como é?

— Fenrir e Edward. Os dois eram namorados.

— Eram. E onde está Blair, agora? — Pergunto.

— Provavelmente preso na CMT. Ninguém nunca mais falou a respeito dele, de qualquer maneira — ela dá de ombros. — Nem mesmo Fenrir. O que Kali queria com ele?

— Eu não sei. Achei que ela ia matá-lo, que o seu ciclo estava fechado, mas não. Aparentemente, Fenrir não estava com o *display* zerado. Ela entrou no apartamento dele por algum motivo, e conversou com ele durante um tempo. Então, algo saiu do controle e ela lançou a faca na direção dele. Mas errou. Ele acertou ela com uma eletroarma e ela foi levada para a CMT, porque, supostamente, tentou quebrar o fluxo.

Lenina balança a cabeça.

— Kali sempre foi especialmente estúpida em se tratando de tomar decisões — diz, finalmente soltando as bordas da mesa e se aproximando um pouco de mim, olhando para a ficha dela. Toca na foto e a visão panorâmica da mesma fica ampliada em toda a tela. — Ela sempre toma as piores.

— Como o bloqueio? — Pergunto.

A difamadora me olha, visivelmente surpresa.

— Exato. Como o bloqueio.

Olhamos para a foto e para a garota que está nela.

— Então ela foi para a CMT, mas eu a ajudei a fugir.

— Você?

— Sim. Pedi ajuda a Ceres para *hackearmos* os acessos e, assim, permitir que ela saísse do prédio. Então eu a busquei e trouxe de volta — digo, como se fosse algo simples. — Na verdade, os mantenedores quase nos pegaram, na zona industrial. Eles poderiam ter feito isso, mas não fizeram. Por alguma razão, eles desistiram.

Continuamos com os olhos na foto. Lenina, então, olha para mim, mas eu não consigo tirar os olhos dos da garota na foto.

Há algo neles.

Embora eu não saiba o que.

— Parece que temos muito mais incógnitas do que respostas — diz a difamadora. Ela pega meu queixo com delicadeza e vira minha cabeça em sua direção, para encará-la. — Morfeu, Fenrir e... você. Se conseguirmos traçar um plano de metas, possivelmente teremos todas as respostas em pouco tempo.

Ela bate com a palma sobre um dos cantos da tela, e a fotografia desaparece.

— É melhor que você tenha os créditos necessários — diz ela, começando a se afastar. — Eu vou tratar de conseguir todas as respostas e, quando eu as tiver, vou chamá-lo.

Sem falar mais nada, ela se vira e anda até a porta, desaparecendo depois dela.

Levanto os olhos para Jayden, que faz o mesmo para mim.

— O que achou? — Pergunto, indeciso.

Ele dá de ombros.

— Bem, os créditos são seus — diz ele. — Acho que, a princípio, é capaz de ela conseguir alguma coisa. Difamadores conseguem descobrir qualquer coisa, não importa o quão bem guardadas as informações estejam. Eles têm seus truques.

— Eu já sei disso.

— De qualquer maneira, talvez fosse um melhor investimento se você usasse esses trezentos e cinquenta créditos em uma casa de sádicos — ele diz. — Quero dizer, tem muita coisa de qualidade que você pode conseguir por bem menos do que isso.

— Eu não quero uma sádica. — Resmungo.

Ele franze os lábios.

— Bem, então trate de aproveitar bem esses créditos. Quem sabe essa Lenina tenha, ela mesma, uma ponta de sádica. — Ele diz, dá uma risada e volta a olhar para sua tela.

Eu faço o mesmo.

32

Uma semana depois. Mercado político.

Outra vez Lenina me avisa, através do *display*, que tem uma nova informação para mim. Então novamente subo na moto e vou ao mercado político, onde passo o braço pelo console na cabine de vidro e sou analisado pelo detector. Quando chego ao interior, entretanto, Lenina está junto da entrada.

— Achei que ia encontrar você em uma dessas cabines.

Ela dá de ombros.

— Essas cabines servem para proteger os mercadores, principalmente quando se trata de alguma coisa extremamente sigilosa ou perigosa — diz ela, arrumando os cabelos ondulados. — O que estamos fazendo, eu e você, é bem diferente. Tem algumas salas privativas, do outro lado do mercado, que podemos usar. — Ela diz, apontando para um lado.

Ela se vira e anda naquela direção, seus quadris indo de um lado para o outro

conforme ela caminha. Passamos por um arco aberto na parede e andamos por um corredor amplo, bem iluminado, até chegar em uma área diferente do lugar. Aqui, apesar de haver portas de vidro, as paredes são opacas. Continua havendo uma mesa entre os dois lados, mas não há uma barreira material entre eles.

A porta se abre quando Lenina se aproxima, e ela acena com a mão para dentro.

Sentamos um em cada lado, como se a barreira de vidro ainda estivesse aqui.

— O que você tem a dizer? — Pergunto.

Lenina sorri um pouco e, então, bate duas vezes com a unha do indicador sobre a mesa, indicando-a. Olho para ela e vejo um console. Passo o braço por ele e, trezentos e cinquenta créditos mais pobre, volto a olhar para a garota.

O sorriso dela cresce em seu rosto.

— Certo. — Ela diz.

Nos olhamos por algum tempo, enquanto eu aguardo que ela fale.

— Eu entrei em contato com a *hacker* da Kali — diz ela. — Ceres.

— Sim, eu a conheço, como você sabe — resmungo. — Foi ela quem me ajudou a tirar a Kali da CMT.

Ela concorda.

— Exato. Acho que talvez você já tenha percebido a minha estratégia. Vou entrar em contato com todos os quatro aliados dela para descobrir o que ela compartilhou com eles e o que, consequentemente, posso compartilhar com você a partir disso — diz a garota. — Duvido que haja alguma maneira melhor de descobrir os segredos de Kali.

Uma pergunta vem à minha mente.

— O que você era, dela, antes da atualização?

Lenina fecha o rosto, os olhos ficam fundos.

— Como assim?

— Você disse que era amiga de Kali antes da atualização — digo. — Você e Ellie. Isso quer dizer que vocês eram aliadas, não?

Ela apenas me encara por alguns segundos, e quase posso ver seus pensamentos se entrelaçando dentro de sua cabeça. Aparentemente há muita coisa que ela decidiu não me contar por ora, a respeito de Kali e de si mesma.

— Sim. Éramos aliadas. — Ela finalmente diz.

— Houve alguma razão para que você deixasse de estar na galeria de alianças dela?

A garota cruza os braços sobre o peito.

— Eu não consigo entender como isso possa ser relevante na nossa negociação — diz. — Pelo que me lembro, estou vendendo informações a respeito de Kali, não de mim. Se quiser saber a meu respeito, deve procurar outro difamador.

Me inclino um pouco à frente.

— Se não é mais aliada dela, o que é, agora?

Sua face se contorce em o que poderia ser uma tentativa de mascarar raiva, e ela descruza os braços, pondo-os sobre a mesa.

— Isso não importa. O que importa é que eu *fui* aliada dela. Ninguém nunca foi tão próximo dela quanto eu. E, por essa razão, ninguém é mais qualificado do que eu para falar a respeito dela — Lenina fala, olhando nos meus olhos, incisiva. — Foi por isso que você *me* procurou para o serviço, não foi?

Coço o queixo.

— Tudo bem. — Digo.

Ela parece relaxar um pouco, e volta a mexer nos cabelos. Penteia-os com os dedos.

— Você por acaso usou nectarina para comprar as informações de Ceres?

— Não interessa. — Ela diz.

Mas, dessa vez, sua voz é mais doce e musical do que antes.

— Bem, o que descobriu, então?

— Não o motivo, mas o que motivou Kali a fazer o que fez — responde ela, prontamente, as palavras na ponta da língua. — O que a levou a matar Morfeu antes do tempo, antes que você fosse capaz de roubar a faca dele.

Faço um gesto com a cabeça para que ela continue.

— Foi Ceres quem informou a Kali tudo que ela precisava para encontrar Morfeu — diz Lenina. — Por uma questão lógica, os fatalistas só recebem os dados completos e posição geográfica de seus alvos quando eles estão prontos para ter o arco fechado. Kali jamais seria capaz de encontrar Morfeu sem a ajuda de um *hacker*, e foi Ceres quem o encontrou para ela — Lenina para de mexer nos cabelos e põe as duas mãos abertas sobre a mesa, a primeira mesa analógica que vejo em muito tempo. — Ceres disse que Kali simplesmente não conseguiu esperar o momento certo para matá-lo.

— Eu não consigo entender o porquê. — Digo, inconformado.

O rosto da difamadora se endurece outra vez.

— Aparentemente, Kali não queria que ele estivesse pronto. Ela *queria* matá-lo antes do tempo.

— Isso não faz nenhum sentido — resmungo. — Ela estaria conscientemente indo contra a Teia e as linhas-guia da própria casta. Assim como contra as linhas-guias gerais, também.

— Exato.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, e eu fico deglutindo a informação.

— Ceres disse que a intenção de Kali era, antes de qualquer outra coisa, se vingar.

— Se vingar? De quê?

Ela dá de ombros.

— Ainda preciso descobrir o que foi que aconteceu entre ela e Morfeu — diz. — Mas pretendo fazê-lo em breve.

A mercadora se inclina um pouco sobre a mesa, chegando mais perto de mim. Eu acabo fazendo o mesmo.

— Ceres me disse mais uma coisa.

— O que?

— Ela me disse que Kali saiu do servidor cheia de fúria, assim que conseguiu a localização de Morfeu. Ela disse que Kali tinha saído para se vingar. Não para fechar um arco, mas para *assassinar* — diz Lenina, e seus olhos vão se afundando cada vez mais em seu rosto, conforme ela fala. — Ceres disse que Kali tinha uma verdadeira razão para quebrar o fluxo, ou, pelo menos, assim imaginava. Disse que não apenas Morfeu era alvo de Kali...

Sua boca mal se move, agora.

— Como Kali era de Morfeu.

33

Dois dias depois. Cerimônia de inserção.

— Foi-me perguntado, no outro dia, o porquê de as coisas serem da maneira como são — diz o orador, no palco circular. — Uma pergunta infantil, talvez meramente inocente, a respeito do que, em outros tempos, era chamado de destino. Uma ficção secular, capaz de transtornar a noção de presente, passado e futuro e modificá-la, turvá-la perante nossos olhos. Mudá-la de forma a confundir nossos pensamentos, fazer com que se criem dúvidas e questões que jamais deveriam surgir na mente de um habitante de Dínamo, alguém já inserido na Teia.

Todo o público aguarda.

— A ideia de que alguma coisa, em algum lugar, pudesse estar escrevendo um livro imaginário a respeito da vida de todas as pessoas é completamente irracional. Cogitar que as vidas humanas estivessem pautadas pela mera vontade de uma entidade superior, muito maior e poderosa que qualquer pessoa, é irritantemente imbecil. Qualquer hipótese que não a verdadeira, a que sabemos

ser verdadeira com toda a nossa força, no fundo de nossos âmagos, deve ser descartada imediatamente. Refletir sequer por um instante a respeito da possibilidade de o "destino" existir não é uma opção. O que devemos fazer é, antes de mais nada, pensar, sim, mas a respeito da *impossibilidade* de qualquer uma dessas ideias.

Ele começa a andar para lá e para cá, em pequenos círculos, sobre o palco.

— A subjetividade não é e nunca foi uma boa guia — diz. — A subjetividade é imprevisível, emocional, difícil de controlar e muito propensa a gerar desigualdades e injustiças. Supõe o caos, a desorganização, o irracional e o impulsivo. Todas essas, características com as quais decididamente nenhum habitante de Dínamo iria querer ter de conviver. A objetividade, por outro lado, propõe a igualdade, a racionalidade, o previsível e controlável. O estável. O justo. E, ainda que seja fatal, a segurança.

Olho para Jayden, minha mente vagando muito longe de onde estou.

— O que vai acontecer comigo, quando terminar com todos os meus alvos? — Pergunto.

— Você é um curinga, não é? — Pergunta Mael, surgindo do lado de Jayden.

Faço que sim com a cabeça, embora incomodado com a interferência do namorado de meu amigo.

— Bem, acho que o que eles costumam fazer é recolher você para a CMT e deixá-lo esperando por lá. — diz Jayden, de braços cruzados.

— *Quem* faz isso? — Pergunto.

— Mantenedores, obviamente. — Diz Mael.

— Bem, se depender disso, então acho que tenho razão em ficar preocupado com o término dos meus alvos — digo. — Até agora, nunca vi ninguém ser levado para a CMT tranquilamente.

— É porque a maior parte das pessoas não entende a situação em que se

encontra — continua Mael. — São poucas as pessoas que entendem que cometeram erros, crimes ou que, simplesmente, o tempo de inserção delas na Teia já terminou e precisam ceder lugar a alguém mais qualificado, ou que tenha mais alvos.

Jayden se põe um pouco à frente, tapando minha visão de Mael.

— Bem, tenho certeza de que você vai ser transferido para o lugar de alguém com muita coisa pra fazer — diz ele. — Como o próprio orador disse, a objetividade é justa. Como você teve poucos alvos até agora, quando for realocado, com toda certeza vão te dar muitos mais.

Seu namorado põe a mão em seu ombro e volta a se aproximar.

— Na verdade, a maior parte das pessoas que morre e precisa ser substituída tem muito pouca coisa para fazer — ele insiste. — Esses são dados oficiais da Teia. São raríssimas as ocasiões em que essas substituições rendem.

Jayden o empurra para trás.

— Quantos alvos você ainda tem? — Jayden desiste de tentar me consolar.

— Poucos — faço um sinal na direção das cabines dos programadores, nos limites da Praça Atômica. — Só que os programadores sempre insistem que eu tenho que fazer mais coisas, assim como os mantenedores, nos dias de repasse.

— E você *está* fazendo mais coisas?

— Eu estou tentando. — Digo.

— Mas a investigação a respeito da Kali não vai ajudar você em nada — diz Mael, outra vez se intrometendo. — Ela é completamente inútil.

Jayden volta a empurrá-lo, tentando tirá-lo da conversa.

— Escute, Harlan, eu não acho que o Mael esteja completamente certo, mas é verdade que essa investigação não vai te ajudar a se livrar dos mantenedores — diz ele. — Você precisa roubar mais alguma coisa, antes que eles voltem a te

incomodar. Você sabe como eles são. Se você aparece mais do que duas semanas sem nada, vão te colocar no pente-fino. Nós já conversamos sobre isso.

— Só que eles já me colocaram no pente-fino — digo. — Me deram três meses como prazo máximo para eu devolver à Teia o colar que a Kali me roubou. Se não fizer isso, vou ser levado para a CMT.

Jayden fica calado por algum tempo.

— Isso nunca aconteceu comigo.

— Porque ninguém nunca roubou de você algo que não estava previsto para ser roubado — digo. — Tem uma razão para eu estar indo atrás da Kali, e é porque, se eu não for, *não sei* o que pode acontecer.

No palco, o orador continua falando.

— Está bem — Jayden me segura pelo ombro. — Está bem. Acho que você tem que continuar atrás dela, então. Mas tome cuidado com essa difamadora. Difamadores não são confiáveis sob nenhuma circunstância. Fique de olho.

Faço que sim com a cabeça.

O orador continua falando.

— A palavra destino, a qualquer habitante de Dínamo, hoje já não confere qualquer tipo de reação emocional, subjetiva ou mesmo racional. A palavra destino há de ser apagada de nossas mentes, juntamente com todas as concepções que a acompanham e todas as impossibilidades que a cercam. Hoje já não somos destinados a nada através de coincidências, sorte ou azar. Hoje nos baseamos em padrões, em cálculos matemáticos, fatores muito mais relevantes e confiáveis que qualquer subjetividade.

Ele finalmente para de andar, e se prostra, altivo, no palco.

— Hoje, a palavra destino mudou.

O orador olha para seu antebraço esquerdo, e, então, mira o público.

— Hoje, chamamos o destino de "Teia".

34

Uma semana e meia depois. Mercado político.

Estou de volta à sala privativa, junto de Lenina. A expressão dela não mostra nenhum sorriso. Seus olhos estão fundos, mas não como se não tivesse dormido; ela apenas parece soturna, sombria. Fica de braços cruzados durante todo o tempo, sem falar muito, esperando para que nos trancássemos na sala com porta de vidro.

Antes de falar qualquer coisa, a garota acena na direção do console.

Eu passo meu braço e volto a olhar para ela.

— Falei com a Sybil.

O que não é exatamente algo de se surpreender. Surpreendente é o fato de a torturadora de Kali aparecer em sua galeria de alianças. Ela fornecer informações a Lenina, por outro lado, é exatamente o que eu esperaria de uma pessoa que trabalha para a Teia ferindo pessoas física e psicologicamente por

uma razão que, para mim, ainda é desconhecida.

— Eu descobri porque a Kali matou Morfeu antes da hora.

— Vingança, você me disse.

— Sim.

Lenina descruza os braços e os põe sobre a mesa.

— Kali quis se vingar dele porque ele a estuprou.

De certa maneira, agora parece completamente irrelevante estar sentado nesse banco, conversando com essa garota e tentando compreender razões pelas quais algo saiu do controle da Teia. É ridículo. O ar torna-se mais pesado e difícil de respirar; algo sólido parece ter se alojado sobre os meus ombros, empurrando-me para baixo, contra o estofado, me afundando no banco mais e mais. Meus dedos e mãos formigam, como se não pertencessem a mim. Subitamente, parece que sei o motivo porque os olhos de Lenina estão fundos em seu rosto. Olho para minhas mãos e vejo que elas tremem de leve.

— Sybil me disse como foi que aconteceu. Você quer saber?

Olho para ela, confuso apenas por um instante.

— Sim. — Digo.

Lenina concorda, e as próprias mãos dela estão tremendo um pouco enquanto ela entrelaça os dedos. Lembro, imediatamente, que há uma razão para ela estar abalada. Kali era sua amiga até pouco tempo atrás.

— Kali tinha ido a uma festa em uma noite e estava voltando sozinha — diz Lenina. — Ela sempre foi assim. Sempre disse que não precisava de ninguém, que não precisava de escolta ou qualquer coisa do tipo. Que estava preparada para o que quer que fosse encontrar no caminho. Mas, dessa vez, ela não estava. Morfeu a encontrou em um beco.

Em minha mente surge a visão do beco em que eu perseguia Morfeu. O beco

escuro e misterioso no qual ele se meteu e através do qual eu o segui. E como Kali estava lá, escondida nas sombras, invisível a meus olhos até que ela quisesse ser vista.

— Ele a abordou com violência. Disse que ela era seu alvo, mas que ele faria parecer que eram pares — o rosto de Lenina, agora, não mostra qualquer tipo de emoção. — Ele era um sádico. Estava em seu *display* que deveria estuprá-la, e ele estava lá para isso.

— E ela não fez nada?

— Kali tentou fugir. Mas não conseguiu. Morfeu tentou segurá-la, e ela se debateu e bateu nele, também. Ele se irritou e a esfaqueou.

— A faca que eu precisava roubar — murmuro. — A faca que ela comprou na feira.

A difamadora concorda com a cabeça.

— Ele a acertou na barriga.

Morfeu, quando a colocou no chão no dia de sua morte, puxou a blusa dela para cima e tocou na cicatriz em sua barriga. Ela ficou furiosa.

— Kali caiu no chão, sangrando e muito ferida. Morfeu a puxou para trás de um contêiner de lixo e amordaçou-a, para que não gritasse. Amarrou seus pulsos e pés e a estuprou, depois de esfaqueá-la. A cada vez que ele investia contra ela, mais um pouco de sangue saía do corte. Quando ele finalmente terminou, ela já estava inconsciente.

Os olhos da mercadora estão molhados, mas ela não se permite chorar.

— Ela quase morreu, naquela noite.

Olho para minhas mãos, incomodado. É certo sentir algo como o que estou sentindo por alguém tão distante de mim? Alguém que é meu alvo e meu par, mas se recusa a admitir qualquer das duas coisas?

— Não demorou muito para que os curandeiros aparecessem. Ela já tinha sido pré-selecionada para a seleção de cura, e eles sabiam exatamente onde e quando buscá-la. Levaram-na para o Hospital Geral, mas foi quase tarde demais. Ela perdeu uma quantidade muito grande de sangue. Se ela tivesse ficado um mínimo de tempo a mais quase-morta atrás daquele contêiner, não estaríamos aqui hoje.

Fico calado por alguns segundos.

— Você não sabia disso? — Pergunto. — Na época, vocês eram amigas.

— Ela não me contou. Não contou a Ellie, também. Sobre o ferimento e o tempo que passou no Hospital, disse que havia sido um alvo que havia revidado.

Respiro fundo, pensando a respeito.

— Isso ainda não justifica o fato de ela ter matado Morfeu antes do tempo — digo, minha voz treme da mesma forma que minhas mãos. — Ela poderia ter se vingado depois de ele zerar o *display*.

Lenina nega com a cabeça.

— Ela não poderia fazer isso. Ela *não queria* fazer isso. Ela não queria apenas fechar seu arco. Queria *assassiná-lo* — diz. — Kali sabia que se fizesse isso, seria punida, mas, também, estaria desestabilizando a Teia. Quando ela descobriu que era *um alvo* de Morfeu, que era a intenção da Teia que o estupro acontecesse... ela decidiu que se vingaria tanto dele quanto dela. Da Teia.

Eu concordo, quieto. Apoio a cabeça na mão esquerda, meus pensamentos em um turbilhão, embora, agora, as coisas tenham finalmente começado a ficar claras. Ainda assim, o ar fica cada vez mais pesado, assim como a solidez que se instalou sobre meus ombros.

Kali tinha uma razão para matá-lo. Uma *boa* razão.

35

Noite. Depósito de mercadores.

A noite fria não me consola. Enquanto os outros mercadores saem do depósito para tratar de seus alvos, ou para ir a seus dormitórios, eu permaneço junto da minha mesa, sentado em uma cadeira alta. Na tela do tampo de vidro há apenas duas janelas abertas: as duas câmeras restantes no centro de treinamento de meu alvo.

A garota já terminou o treino e, felizmente, Sybil não a puniu, hoje. Não houve motivo. Kali praticou todos os seus golpes e sequências com precisão milimétrica, cirúrgica. Seus olhos aquilinos se focam no que ela quer acertar e ela não parece ser capaz de pensar em mais nada. Sybil, de braços cruzados ao lado dela durante toda a tarde, apenas aprecia em silêncio os movimentos da fatalista.

Mas, agora, ela está sozinha.

Ela sai do tatame no centro e desliga algumas das luzes.

A garota vai até os armários em um dos cantos e abre uma das portas. Lá de dentro tira algumas roupas, que ela troca no mesmo lugar em que está. Parece que qualquer outra porção de seu corpo que não a cicatriz em sua barriga não me chama atenção, agora. A marca de violência em seu abdômen é clara; sua presença, inegável. O que Lenina me revelou é verdade.

Do pescoço da garota, pousando sobre seu peito, o colar com pingente de aranha.

Ela põe uma blusa e guarda o pingente dentro dela pela gola, a corrente desaparecendo, também.

O que eu faria, se estivesse no lugar dela? Se eu fosse do sexo feminino e fosse abusado sexualmente em um beco escuro por alguém que não conheço, de pés e mãos amarrados e um corte profundo aberto na barriga... o que eu faria?

Não aceitaria o destino, o fatal.

Provavelmente faria o mesmo que ela fez.

Mataria o responsável.

Ainda que isso desconstruísse a Teia, ainda que isso me levasse para a CMT e ocasionasse uma atualização que influenciasse a cidade inteira e todos os seus habitantes. Ainda assim...

— Kali.

Ela levanta os olhos na direção da entrada. Leon está lá, mais uma vez.

Aumento um pouco o volume, tocando na tela, e afundo um pouco mais os fones nas orelhas.

— Leon. — Ela também o cumprimenta com o nome.

Os dois se olham por alguns instantes. Ela enrola um par de faixas vermelhas e joga dentro do armário.

— Você tem aparecido aqui com mais frequência — diz ela. — Está me

espionando?

Ele dá uma risada.

— Espionando? *Eu* não. — Ele diz.

Kali balança a cabeça de leve.

— Eu mesma tirei todas as câmeras do centro de treinamento. — Resmunga, e percebo que estão falando de mim.

— Isso não quer dizer nada. O garoto pode ser mais inteligente do que parece e ainda estar nos espionando — diz o velho, aproximando-se passo a passo, lentamente. — Quero dizer, espionando *você*. Porque razão ele iria querer olhar para um velho caquético como eu se pode vigiar alguém como você?

A garota levanta uma das sobrancelhas.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que você tem muitos mais *atributos* do que eu para conquistar um garoto — ele dá de ombros. — Melhor não entrar em detalhes. Talvez ele *realmente* esteja nos ouvindo.

Ela sibila.

— Acho pouco provável. Ele está gastando todo o seu tempo com a Lenina.

Leon dá um sorriso muito rápido, mas não rápido o bastante para impedir a fatalista de vê-lo.

— Bem, e qual é o problema nisso?

Kali para de guardar suas coisas para olhá-lo. Seu nariz se franze.

— *A Lenina*. Você conhece a Lenina — diz, simplesmente. — E eu fico pensando se tomei a decisão certa. Se, no final das contas, não devia ter deixado que as coisas acontecessem conforme fosse necessário. Talvez eu tenha

simplesmente me jogado ainda mais para o fundo do poço.

— Isso já não importa mais, agora, não é? — Pergunta o velho. — Está feito.

Kali olha para o chão, pensativa.

— Talvez.

Ele concorda com a cabeça e se aproxima dela, pondo a mão em seu ombro.

A fatalista segura a corrente de ouro com as duas mãos, parecendo prestes a tirá-la do pescoço. Então, para. Dá uma olhada para dentro do armário e solta a corrente outra vez. Mantém a joia consigo. Fecha o armário e a porta se tranca sozinha.

— Vamos, garota — diz Leon. — Podemos conversar em outro lugar. Aqui, as paredes têm ouvidos.

— Não só aqui. — Ela diz, e eles saem.

36

Cinco dias depois. Refeitório da Kali.

Passo pelas bancadas e, enquanto os laboradores do outro lado servem a minha bandeja, procuro, com os olhos, pela fatalista. A princípio, porém, sou incapaz de encontrá-la.

Lenina cumprimenta suas amigas, incluindo Ellie, e, então, me segue até uma mesa vazia no meio do refeitório. Sento virado para a entrada.

Meus olhos buscam por ela o tempo inteiro, em vão.

— Está procurando Kali? — Pergunta Lenina.

Não respondo. Ela segura meu queixo com os dedos finos, as unhas roçando na minha pele, e puxa meu rosto para encará-la.

— Concentre-se — diz ela. — Ver essa garota não vai fazer diferença nenhuma, principalmente porque você mesmo me disse que *ela* não quer ver você. Então é

melhor que se concentre no que realmente importa.

Fico calado, os pensamentos longe.

— Eu tenho algo para você. — Lenina diz.

Meus olhos voltam-se para encontrar os dela, deixando a entrada do refeitório.

— Não estamos no mercado político — digo. — Como vai me vender informações em um refeitório?

Ela dá de ombros e toca no *display*, esticando o braço esquerdo por cima da mesa. Olho para ela, em dúvida, mas logo seguro seu braço. Após um milésimo de segundo, a transação está feita.

— E quanto ao sigilo na venda de informações?

— Foda-se o sigilo — ela diz, o rosto duro. — Eu falei com Leon.

Levanto uma sobrancelha.

— Com Leon? — Pergunto. — E o que conseguiu tirar dele?

— Descobri o que aconteceu com Kali no dia em que foi à CMT pela segunda vez — Lenina diz, ignorando sua comida, mexendo nos cabelos vermelhos. — A vez em que você a tirou de lá. O motivo pelo qual foi até Fenrir Roth, o artífice.

Ergo a mão.

— Espere. Como conseguiu tirar esse tipo de coisa de Leon? — Pergunto. — Quero dizer, ele não é só um dos únicos quatro aliados dela, mas, também, seu melhor amigo. Ou, pelo menos, é o que parece.

Lenina para de mexer no cabelo, e então sorri.

— Todo mundo tem um preço.

Nós nos olhamos, até que decido desviar o olhar.

— O que ele disse?

A mercadora volta a mexer em seus cabelos.

— Imagino que você saiba quem é Fenrir e o que ele faz.

— Sim. Entendi que ele é um rebelde. Já conversamos a respeito disso.

— É claro — ela concorda, os fios vermelhos em ondas girando entre seus dedos. — E Kali, como você deve saber, também é, de certa maneira, uma rebelde.

Subitamente, lá está ela, como eu sabia que estaria. Segurando uma bandeja nas mãos, com o rosto sério e incapaz de demonstrar qualquer tipo de emoção. Seus longos cabelos negros puxados para o lado direito, a cabeça raspada do outro, o cabelo começando a crescer lentamente. Ela não lança nenhum olhar em outra direção que não à frente, como se todo o restante do mundo fosse invisível.

Inclusive eu.

— Sim... ela é uma rebelde — digo. — A partir do momento em que me roubou, ela já se tornou uma, não?

— E, ao matar Morfeu, ela apenas selou seu caminho e ocasionou a mudança em seu *display* — diz a difamadora. — O que a levou à atualização. Leon me disse que foi justamente por essa razão que ela foi até Fenrir. Ela queria descobrir se seria possível contornar a mudança em seu *display*.

— Como?

— Com uma *nova* atualização. — Responde a garota.

Mantenho os braços sobre a mesa, olhando para a fatalista. Lenina volta a segurar meu queixo e força-me a encará-la.

— Quer dizer que ela não quer matar todas as pessoas que estão em sua galeria de alvos?

— De certa maneira, é isso — responde. — Eu sempre soube que Kali era uma fraca. Que, assim que um desafio realmente grande se pusesse em seu caminho, ela fraquejaria e desistiria — Lenina me olha de baixo, as pupilas quase se misturando visualmente à maquiagem que contorna seus olhos. — Mas Leon me disse mais.

Ela fica calada por apenas um instante, permitindo que minha mente dê voltas intermináveis.

— Ela quer trocar de par.

Fico quieto.

— O que? — Pergunto.

— Leon me disse que Kali pretende duas coisas com essa atualização — diz Lenina, um estranho sorriso aparecendo em seus lábios vermelhos. — A primeira é se livrar da gigantesca quantidade de alvos com que foi punida na atualização. A segunda é se livrar de *você*.

Abro a boca, pensando em algo que possa falar. Fecho-a e abro outra vez.

Tenho um vislumbre da fatalista, impassível, seus olhos perscrutando o refeitório em busca de uma mesa vaga.

Sentindo meu rosto queimar e algo dentro de mim fazê-lo, também, levanto e carrego comigo a bandeja ainda cheia de comida. Vou até a lixeira e largo-a lá dentro. Depois, vou embora.

37

Noite seguinte. Depósito dos mercadores.

Tenho um pequeno dispositivo de armazenamento móvel firme na mão. A passos largos, atravesso o salão com os computadores, a essa hora, vazio.

Passo o braço esquerdo sobre o console na minha mesa e abro a porta do armário debaixo dela. Coloco o dispositivo no interior e olho para ele. Depois, fecho a porta e levanto.

— O que aconteceu com você? — Pergunta Lenina.

Dou de ombros, apoiado com as mãos na borda da mesa, olhando para o pequeno ponto de luz que pulsa como um coração, indicando que o computador continua vivo, ainda que adormecido. Respiro fundo e bato com os dedos sobre a tela, incomodado. A garota surge ao meu lado e passa a mão em minha nuca, arrepiando todos os pelos de meu corpo e me fazendo levantar a cabeça para olhá-la.

Lenina balança a cabeça lentamente, em negativa, embora haja um sorriso em seus lábios. Sua pele alva se destaca contra o escuro do depósito, seus cabelos vermelhos parecem mais vívidos do que nunca. Ela põe uma de suas mãos sobre a minha, ainda na beirada da tela.

— Qual pode ser a razão para Kali me querer fora de seu *display*? — Pergunto.

A garota dá de ombros, seu corpo inteiro respondendo ao movimento.

— Eu não sei — diz. — Pode ser que, por alguma razão, eu tenha errado quando disse que ela era apaixonada por você. Talvez o que ela sentisse fosse algo passageiro. Talvez tenha se arrependido de ter roubado o colar e ter ocasionado tudo o que se passou. Quem sabe queira a atualização para se renovar por completo, porque queira desaparecer daqui, encontrar outro caminho para si.

— Mas isso é impossível.

— Só que ser impossível nunca a impediu de tentar. — Retruca a garota.

Ela coloca sua mão dentro da minha.

— O fato de Kali querer se afastar de você não é, necessariamente, uma coisa ruim — Lenina me olha nos olhos. — Significa apenas que ela quer alguma coisa diferente, assim como já quis no passado.

Eu ergo uma sobrancelha.

— O que você quer dizer com isso?

O sorriso volta a aparecer na boca dela, dessa vez um pouco diferente. Há algo por trás dele.

— Eu e Kali fomos amantes — diz. — Você bem sabe que quase ninguém é heterossexual, de qualquer maneira. Às vezes, nós ficávamos juntas. Quando a solidão dela ficava muito forte ou a nossa vontade se tornava equivalente, nós nos beijávamos.

A mão dela em minha nuca aperta um pouco mais forte, agora. Eu me viro,

dando as costas à mesa e virando de frente para a mercadora.

— Vocês se beijavam? — Pergunto, sentindo sangue retumbando em meus ouvidos e a excitação descendo por meu corpo.

Lenina não diz nada, e continua me olhando.

— Foi sempre a solidão que a guiou até mim, e eu sempre a acolhi — diz. — Por alguma razão, ela sempre acreditou que o que ela tinha não era o bastante, sempre teve dúvidas a respeito de sua galeria de pareamento. Ela não sabia a razão para ter apenas um par, e não sabia o porquê de vocês dois serem tão distantes um do outro. Talvez tenham sido essas dúvidas a guiá-la até Fenrir.

Fico imóvel, a respiração aos poucos aumentando de ritmo.

— Em algumas noites, ela chorava muito — murmura a garota. — Então eu deitava junto dela. Eu a beijava, eu a fazia esquecer todos os pensamentos que turvavam sua mente. Nós ficávamos nuas, juntas, debaixo das cobertas. Eram sempre noites frias. Nós nos esquentávamos com o calor uma da outra. Nos entrelaçávamos e, de certa forma, ainda que não totalmente, nos tornávamos uma.

Ela se aproxima pouco a pouco, uma de suas mãos na minha e a outra ainda em meu cabelo, eriçando-o.

— O que vocês faziam? — Pergunto.

Lenina se aproxima. Seus lábios quase encostam em minha orelha e eu sinto o leve perfume que emana de seus cabelos vermelhos. O corpo dela fica muito perto, e nós dois quase nos tocamos.

— Ainda que fôssemos mulheres, sentíamos uma à outra — ela diz, sua voz sussurrada entrando pelo meu ouvido com delicadeza. — Eu a tocava e ela a mim, com os dedos. Eu entrava nela e, ela, em mim. Mas nem sempre era o bastante. Nos faltava algo, algo que apenas alguém como você seria capaz de nos dar.

A mão esquerda dela desce de minha nuca para a parte já excitada abaixo de meu

abdômen.

Ela me acaricia, então me segura em sua mão. Seu rosto surge à minha frente outra vez, seus olhos me olham.

Então, nossas bocas se encontram.

O batom vermelho borra meus lábios. Ponho a mão em suas costas, puxando-a para mais perto de mim. Sua boca se abre, convidando-me para dentro, e eu a invado. Nos entrelaçamos. Meus dedos se metem em seus cabelos, enrolando-se neles, suas mechas se desmanchando. Ela fica de olhos fechados, até abri-los e morder meu lábio inferior com força.

Giro-a e empurro contra a mesa, e ela se dobra sobre ela. Eu beijo seu pescoço, descendo até seu peito, sentindo seu cheiro, seu gosto.

A porta deslizante do depósito se abre com um estrondo.

Subitamente, nos pomos em pé e olhamos para ela.

Um retardatário, um salteador cuja mesa fica do outro lado do grande aposento. Ele faz um sinal de reconhecimento com a cabeça e eu correspondo, sentindo minhas bochechas arderem.

Lenina segura minha mão e beija meu rosto.

— Está tudo bem — ela diz. — Continuamos outra hora.

Então se afasta de mim e vai embora.

38

Começo da noite. Feira de mercadores.

Ando a esmo pela feira, sem procurar nada em específico, os olhos vagueando de uma banca para outra. Vejo uma delas vendendo HD's e dispositivos de armazenamento móveis. Outra vende relógios que funcionam com energia vital. Uma terceira faz o comércio de armas – inclusive facas. Uma quarta vende joias.

Jayden e Mael disseram que me encontrariam no dormitório. Eles precisam de um tempo sozinhos, como qualquer outro casal.

A cerimônia de inserção terminou há pouco, e eu não tive nenhum vislumbre de Kali, de Lenina, Ellie ou qualquer outra pessoa conhecida. Há muito tempo evito olhar para o mapa virtual na tela do meu braço e para o círculo vermelho que representa a fatalista.

Prefiro não saber onde ela está.

Sinto alguém pegar em minha mão e a puxo de volta, com força, assustado.

Olho para trás e percebo Lenina no meio da multidão, os cabelos vermelhos inconfundíveis. Seu rosto mostra preocupação fora do comum. Seus olhos estão fundos outra vez.

— Lenina — digo. — O que houve?

Ela volta a se aproximar de mim, passando por entre algumas pessoas.

— Eu... preciso falar com você.

Fico sério.

— O que aconteceu?

— Não aqui. — Ela diz.

Sua mão busca pela minha e ela segura com força. Logo percebo que suas mãos estão frias e tremem um pouco. Olhando melhor, percebo que toda ela treme. Há algo de soturno preenchendo-a tão bem que esse sentimento escorre para fora, passando de seus dedos finos para os meus e me contaminando.

Ela me puxa pelos corredores formados pelas barracas e caminhamos até uma área um pouco mais afastada, próxima da Praça Atômica, agora vazia. O Sol desce atrás do monumento no centro da praça, as linhas que o formam projetadas na calçada. Restam, aqui, apenas alguns programadores registrando suas próprias conquistas nos computadores, trancando as cabines de controle com os *displays* e indo embora, também, ou encontrando-se uns com os outros para conversar.

Lenina puxa meu pulso para que fiquemos frente a frente.

Estendo meu braço esquerdo para ela e ela o empurra sem muita delicadeza de volta na minha direção.

— Achei que você precisasse falar comigo — digo. — Imaginei que tivesse alguma informação nova para me vender.

Ela balança a cabeça e as mechas vermelhas de seus cabelos tapam seu rosto. Uso a mão direita para colocá-las atrás de suas orelhas. Os olhos dela

lacrimejam, e ela limpa as lágrimas deles antes que caiam.

— Não — ela murmura, a voz tremendo como nunca. — Dessa vez, sou eu quem precisa de ajuda. Da *sua* ajuda.

Lenina segura fracamente minhas mãos com as dela. Eu as ponho sobre as minhas palmas e as aperto.

— O que aconteceu?

A mercadora volta a balançar a cabeça.

— Eu... contratei um *hacker* pra fazer um serviço rápido pra mim — diz ela, olhando para o chão com a voz tremida. — Achei o anúncio do serviço pesquisando na Teia, foi coisa simples. Ele não me cobrou quase nada.

— Sim. Que serviço era?

— Eu queria ter acesso ao *display* da Kali — a garota continua. — Você tinha dito que estava sem bloqueio, agora. Imagino que isso tenha acontecido quando ela foi para a CMT. Quis aproveitar, antes que ela o bloqueasse de novo, por algum motivo. Queria saber o que mudou no *display* dela e se realmente fui parar na galeria de rivalidade.

Aperto com mais força as mãos dela.

— Porque você se importaria em ser rival ou não dela?

— Porque fomos aliadas durante todo o meu período de inserção — ela replica. — Por mais de nove anos fomos aliadas, e, então, as coisas simplesmente desandaram de uma maneira... eu não sei o que aconteceu. Não consigo entender o que foi que aconteceu. Sei que não fazia sentido para mim que tivesse simplesmente entrado em outra galeria.

— E você *está* na galeria de rivalidades dela?

Lenina concorda.

— Sim. Eu e ela não somos mais aliadas, nem amigas — fala, e sua voz vai diminuindo de volume. — Mas não foi só isso que eu descobri.

— O que você descobriu?

A garota nada diz, e continua olhando para o chão. Seus cabelos se desprendem de suas orelhas e voltam a tapar seu rosto. Como ela fez comigo, seguro seu queixo e puxo seu rosto para cima, forçando-a a me encarar. Seus olhos estão vermelhos e inchados e, deles, surgem lágrimas que descem por toda a extensão de sua face, chegando até o queixo e molhando os meus dedos, que o seguram.

— O que você descobriu, Lenina?

Minha voz agora é mais dura e enfática.

A garota respira fundo antes de falar.

— Eu sou um alvo dela.

Seu corpo inteiro começa a tremer mais forte. Ela tenta se enfiar em meu peito, se esconder, de alguma maneira, em meus braços. Mas eu a impeço e a forço a continuar me olhando.

— Você... Kali é sua fatalista? — Pergunto, descrente.

Ela apenas assente com a cabeça.

Lenina solta os braços do aperto de meus punhos e se joga contra mim, me abraçando em uma estranha ânsia por ter meus braços a envolvendo. Eu os passo em redor dela, mas há algo de mecânico no movimento, algo de errado, como se minhas juntas, metálicas, rangessem enquanto seguro seus ombros. Ela fecha os olhos e se esconde, mas eu mantenho os meus abertos, o rosto voltado na direção da feira.

Os últimos raios de Sol se despedem por detrás das montanhas e atingem um dos corredores.

Ela está lá.

O rosto virado em nossa direção, contra o Sol, as feições frias.

Kali.

39

Enveredo pelos corredores de lona branca conforme as luzes brilhantes da cidade são ativadas automaticamente pela própria escuridão. As cores e animações dos *outdoors* piscam, iluminando de maneira caótica as minúsculas ruas temporárias formadas pela feira, queimando as retinas de quem as vê, ficando gravadas no fundo do olho. Cada vez mais fica difícil encontrar um caminho definido, conforme a feira se fortalece e o comércio de drogas e de produtos falsificados toma conta. A cacofonia se mistura à cacolumia e, em segundos, tudo o que resta é caos.

Ao mesmo tempo, a noite se torna mais escura. Nuvens negras tomam conta do céu com rapidez. Um vento forte sopra na altitude.

Ergo meu braço esquerdo e olho para o mapa virtual. O círculo vermelho que corresponde a meu alvo se encontra próximo de onde estou.

Faço uma curva, desviando de um grupo grande de pessoas, e avanço na direção dela.

Meu *display* se ilumina com a proximidade.

Seguro seus ombros e a viro. Agarro sua roupa e a puxo, girando contra a parede e a colocando lá com força.

A princípio, não falamos nada.

Quando ela ergue o olhar para mim, parece que esqueço completamente a razão pela qual decidi abordá-la outra vez. Os olhos dela me atravessam como já fizeram em tantas ocasiões; em suas profundezas está o fogo que sei queimar o tempo inteiro por dentro dela. Um olhar e a eletricidade entre nossos corpos, e fico quase sem reação, incapaz de fazer qualquer outra coisa além de encará-la.

O momento passa.

— *O que há de errado com você?* — Minha voz sai alta, e as pessoas no entorno nos olham.

Ainda assim, nada fazem. Não estão autorizadas a interferir.

Ela demora pelo menos dez segundos para responder. A espera é pesada.

— Eu gostaria de saber o mesmo a seu respeito. — Diz.

Balanço a cabeça.

— O que você pretende? — Pergunto. — Lenina me disse que descobriu ser seu alvo, e você estava lá, olhando para mim e para ela. Porque estava lá, se disse que eu deveria me afastar de você? Eu ouvi você e Leon falando a respeito de mim e dela, também. Sei que você percebeu que eu tenho andado com ela. Mas porque percebeu isso, se quer ficar distante?

— Imaginei que, tendo você me espionado por tanto tempo, eu tivesse o direito de fazer o mesmo. — Diz ela, em voz baixa.

— E então o quê? Instalou câmeras no depósito, também?

Ela nada diz.

Sinto um crescendo de fúria dentro de mim.

— Certamente já sabe que eu e Lenina estamos juntos, se o fez.

— Sim. Eu sei.

Bato-a com força contra a parede.

— Eu não consigo entender o que se passa em sua cabeça — digo, entre dentes. — Contratei Lenina para descobrir tudo que pudesse saber a seu respeito. Queria saber como poderia roubá-la. E acabei descobrindo todas as verdades a seu respeito.

Volto a bater. Kali solta todo o ar de seus pulmões.

— Tudo.

Ela inspira fundo, mas continua me olhando. Seu olhar não vacila por um instante sequer.

— Descobriu o que queria saber com a pior fonte possível — diz, enfim. — Lenina é uma difamadora, uma falsa, uma vagabunda. Vive de vender as pessoas que *confiam* ou *confiaram* nela. Ela não se contenta apenas com as informações.

— O que quer dizer com isso?

— Ela me vendeu para a CMT — a fatalista continua, sua voz seca, áspera. — Quando eu mais precisei de ajuda, quando precisei me vingar, ela me vendeu.

Aperto-a com mais força.

— Foi ela quem me falou a respeito de Morfeu — digo. — Foi ela quem me disse o que aconteceu e o fato de que tinha sido vingança. E ela descobriu isso com os *seus* aliados. Com as pessoas em quem *você* confia.

Kali nega. Seus cabelos, como os de Lenina, caem por sobre seu rosto, mas apenas o lado direito fica tapado.

— Nenhum de meus aliados me venderia. Exceto por ela — fala, em voz baixa, e tenta se desvencilhar de mim, em vão. — Ela sempre soube tudo a respeito de

Morfeu, e sempre soube o porquê de eu estar fazendo o que fiz. Mas ela me tinha como seu alvo. Eu deveria ser vendida por ela, e ela o fez sem pensar duas vezes. Ela avisou aos mantenedores onde eu estaria, o que faria, como faria. E, quando eu terminei, eles estavam lá. Eu não consegui fugir.

— Não conseguiria, de qualquer forma. É fatal. — Eu digo.

Ela volta a tentar se desvencilhar, e consegue. Segura meus braços com força e me empurra contra a parede.

— Eu pretendia fugir — diz, e repete. — Eu pretendia fugir. Mas tudo ocorreu do jeito errado. Nada foi como eu tinha esperado, nada correu direito. Quando eu percebi, estava na CMT e, então, na atualização, e a punição já havia sido aplicada. Tudo por culpa dela.

Minha vez de tentar me soltar, mas ela me prensa contra a parede, meus braços dos lados de minha cabeça.

— Mas porquê? — Pergunto. — Porque me espionar quando me disse para ficar longe de você? Para encontrar outra pessoa para mim?

Kali engole em seco.

— Qualquer pessoa, Harlan. Qualquer pessoa, *menos* ela.

— E porque você se importaria com isso? — Pergunto, a voz soando mais alta, pouco a pouco. — Foi você quem foi até um rebelde para tentar descobrir como se livrar, não só de seus alvos como, também, de mim. Se não se importa com o fato de que somos pares, por qual razão me espiona? Porque a incomoda eu estar com Lenina?

— Eu não...

O aperto dela se enfraquece um pouco, o bastante para que eu possa me soltar.

Mas não a seguro, agora, assim como ela também não me prende. Cada um de nós se afasta um do outro.

— Você não entenderia. — Ela diz, simplesmente.

Então é como se todos os sons do entorno se emudecessem, e todas as luzes se apagassem. Um raio risca o céu e ilumina a cidade por completo, apenas para deixá-la imersa em escuridão logo em seguida. O estrondo que se segue preenche cada rua, cada esquina, cada beco, cada canto de meu ser.

— O quê? — Pergunto. — O que eu não entenderia?

A fatalista nega com a cabeça o que quer que seja.

— É melhor nos afastarmos, Harlan. É melhor que fiquemos distantes. Eu tenho problemas, e preciso resolvê-los antes que possamos ficar juntos.

— Mas como podemos ficar juntos, se está tentando me tirar de sua galeria de pareamento?

Ela finalmente olha para o chão, desviando o olhar.

— Se quer se livrar de mim, porque roubou o colar? — Pergunto, e me aproximo dela. Por baixo de sua jaqueta preta, da blusa grossa e uma mais fina de encontro a sua pele está o colar dourado com pingente de aranha. — Lenina me disse que você o roubou porque...

Sinto algo dentro de mim se torcendo.

— Porque *me amava*.

Outra vez ela engole em seco.

— Isso não é verdade. — É um murmúrio. Mas, no silêncio da feira em que apenas nós dois estamos, é o suficiente. Leio seus lábios, e é o bastante.

Sinto minha respiração pesada.

— Nós... nós precisamos nos afastar. O quanto antes. — Diz ela.

Ela dá um passo atrás, mas eu a acompanho. Kali me empurra.

— Porque precisamos ficar distantes? — Pergunto. — O que significa o colar, se não o fato de sermos pares? Porque você o roubou, se agora não me quer mais como par?

Ela deixa de tentar fugir.

— Você não entenderia.

Estendo a mão e pego a dela.

— Me deixe tentar entender.

Com delicadeza, ela desvencilha a mão dos meus dedos.

— Eu não posso... eu...

Os olhos dela voltam a encarar os meus, o fogo se transformando em brasa, se apagando.

Um novo raio no céu ilumina seu rosto.

— Eu não quero.

O fogo desapareceu. Suas pupilas negras, envoltas pelas íris quase tão escuras quanto, começam a esfriar, a congelar. Mas o gelo trinca, e rachaduras passam por toda a sua extensão.

— O que você não quer?

Há neve e frio no fundo de seus olhos.

A voz dela, quando sai, é tão fria quanto. Áspera como uma lixa, seca como um deserto.

— Não quero ser par de um de meus alvos.

O estrondo do raio finalmente chega, e é tão alto e ensurdecedor que simplesmente me desintegra.

— Eu preciso matar você.

PARTE TRÊS

PASSAGEM

40

Duas horas mais tarde. Dormitório.

Encaro o teto.

De certa maneira estou surdo, e a única coisa que consigo ouvir são as batidas de meu coração, ritmadas, mas imprecisas. Como se houvesse algo de errado com elas. Como se, a qualquer momento, meu coração pudesse parar, eu deixasse de respirar e restasse apenas um corpo deitado sob os lençóis brancos, no colchão duro da beliche.

É quase como se eu já estivesse morto.

Jayden e Mael demoram, mas finalmente chegam. Incapaz de dormir, olho para eles, logo abaixo.

— Onde vocês estavam? — Pergunto, minha voz saindo rasgada da garganta.

Os dois olham para mim.

— Mael teve que passar no QG dos eruditos — diz Jayden. — Eu fui com ele.

Ele me encara profundamente.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele pergunta.

— Sim.

Ele se senta em seu colchão, olhando para mim. Põe debaixo da cama os chinelos que usava até então e cruza as pernas.

— O que houve?

— Foi logo depois de vocês saírem da feira — respondo, sentindo meus olhos pesados tanto pelo sono quanto pelo cansaço físico e mental. — A difamadora veio atrás de mim. Disse que tinha descoberto uma coisa, e não cobrou créditos por isso. Ela disse que tinha pedido a um *hacker* o acesso ao *display* da Kali e que tinha encontrado a própria assinatura na galeria de alvos dela.

Mael dá de ombros.

— O que não é surpresa — diz ele. — Pelo que eu entendi, essa difamadora está na galeria de rivalidade da sua garota. Como ela é uma fatalista, é de se esperar que rivais sejam, também, alvos dela.

Fico calado por alguns instantes.

— Mas eu não sou rival dela. — Murmuro.

Ficamos calados por alguns segundos, então Jayden leva a mão esquerda à cabeça.

— Merda. — Ele diz.

Segue-se silêncio, até mesmo por parte de Mael.

— Você é um alvo dela. — Resmunga Jayden.

— Sim. — Concordo.

Jayden abaixa a mão, deixando-a pousada no colo. Seu namorado permanece a seu lado, em pé.

— Eu vi que a Kali estava por perto, quando a difamadora me disse que era alvo dela. Então eu decidi perguntar a ela o porquê de tudo isso, o porquê de estar me seguindo, tendo dito que queria se manter distante — digo, desolado. — Eu fui atrás dela e foi ela mesma quem me disse que sou seu alvo.

— O que ela disse sobre isso?

— Nada. Não disse nada — resmungo. — Mas eu perguntei a ela se... se me amava.

Mael lança um olhar acusador na minha direção.

— É impossível que ela o ame — diz ele. — Vocês são pares, e apenas isso. Devem efetuar seu pareamento com uma relação sexual. A correspondência entre vocês não passa de fórmulas químicas, feromônios e cálculos matemáticos.

— Qual foi a resposta dela? — Pergunta Jayden, ignorando completamente o que o outro disse.

— Disse que isso não é verdade — respondo com a voz baixa ainda saindo rasgada, como se cada palavra arranhasse a parede da minha garganta e levasse, consigo, um pouco dela e de mim. — E que nós deveríamos ficar longe, um do outro.

Mael sobe em sua beliche. Jayden concorda com a cabeça.

— Acho que isso é realmente a melhor coisa que vocês podem fazer, agora. Quanto mais tempo puderem evitar que as coisas aconteçam, mais tempo *você* vai ter. — Diz.

— Está dizendo para ele *não* cumprir com as suas conquistas previstas no *display*? — Pergunta o erudito, parando no meio do caminho da sua subida. — Sabe que isso é proibido, não sabe? E que qualquer pessoa que se recusar a cumprir com seu *display* ou atrasar um alvo ou conquista está sujeito a ser

convocado para ir à CMT prestar esclarecimentos?

Ele sobe o restante e senta em sua cama.

— E, na CMT, a primeira coisa que os mantenedores farão é obrigá-lo a concluir o que você não queria fazer — dá de ombros. — O que acabaria dando no mesmo. Não se pode protelar um dever para com a Teia.

— Mas você ainda tem outros alvos. — Jayden insiste para mim, e sua expressão me pede que eu tenha.

Faço que sim com a cabeça, mas muito de leve, e muito devagar.

— Poucos. Quase nada.

— Bem, sim. Nós estávamos falando sobre isso na cerimônia de inserção da semana passada — diz o erudito. — É claro que não teriam simplesmente *surgido* novos alvos no *display* dele.

Jayden me olha.

— Você é um curinga.

— Não. Eu não sou um curinga. — Murmuro, quase sussurro.

Ficamos quietos. Mael se arruma em sua cama e Jayden vai lentamente fazendo o mesmo. Eu volto a encarar o teto.

— Será mesmo impossível manter-se inserido, sem morrer, não fazendo nada por algum tempo? — Pergunto. — Deve ter gente que consegue se safar.

— Mas são caçados dia e noite pelos mantenedores — diz Mael, virando-se no colchão. — Não é completamente impossível, mas é ilegal. Todo mundo sabe disso, e você também sabe. Sempre soube. Se fosse diferente, não teria necessidade nenhuma de irmos a cada semana à Praça Atômica para a cerimônia.

Eu me viro também, para olhar para os dois de novo.

— Será que eu só me tornei um alvo dela depois da atualização? — Questiono. — Quero dizer... será que, em algum momento, eu fui um curinga? Talvez eu esteja sendo punido, também, junto dela. Talvez as consequências do que ela fez e faz estejam repercutindo em mim, também.

— Isso é irrelevante. O que importa é o presente — diz Mael, enquanto Jayden parece refletir. — Se o fato de que você deve ter o arco fechado por seu par está em seu *display* e na projeção da Teia atual, então é isso que vai acontecer. É o correto.

Jayden olha para mim, mas nada diz. Não há nada a dizer.

Puxo os lençóis um pouco mais para cima, me tapando até o pescoço. Apesar da calefação, o tempo frio começa a se fazer cada vez mais presente. É a troca de estações.

— Parece que a Kali está tentando uma atualização.

Os dois giram o corpo na minha direção ao mesmo tempo.

— O quê?

— Na ocasião em que eu a tirei da CMT — digo. —, ela estava falando com Fenrir Roth. O homem é um artífice, supostamente um rebelde. O que ela tentou descobrir, com ele, foi se era possível conseguir uma atualização para reverter o que a anterior ocasionou — continuo. Prefiro não dizer que, entre as coisas que ela gostaria de mudar encontra-se o fato de *eu* ser seu par. — A Kali quer se livrar de seus alvos.

Mael finalmente fica apenas calado.

— Seria possível? — Pergunta Jayden, os olhos se iluminando de leve.

— Eu não sei. Mas, talvez, valha mais a pena do que simplesmente aceitar o destino.

Ele concorda.

Volto a olhar para o teto.

Agora, sim, não há mais nada a dizer.

41

Dois dias depois. Mercado Político.

Aguardei algum tempo antes de procurar Lenina. Depois da descoberta de que sou um alvo de Kali, toda a Dínamo começou a parecer mais agitada e perigosa, mais fria e cinzenta. Ontem gastei um dia inteiro com perambulações e tentativas de encontrar uma solução.

Sem sucesso.

Hoje, decidi ir até Lenina.

Assim que a encontro, dentro do mercado político, ela segura minha mão com firmeza.

— Eu precisava falar com você — digo, sem saber exatamente como começar.
— Preciso pagar?

Estamos novamente na mesma sala privativa com porta de vidro. A garota está

mais quieta do que o normal. Não dá nenhum sorriso, também. Pela primeira vez, prendeu seus cabelos, mostrando seu rosto com mais clareza.

— Não. Não precisa.

Meu braço esquerdo já estava próximo do console, mas então coloco-o sobre a mesa outra vez.

— O que houve?

— Eu encontrei a Kali na feira, no mesmo dia em que você me contou que é alvo dela — digo, sério. Agora, a investigação que eu e ela empreendemos parece irrelevante, ridícula. — Nós... conversamos. Eu queria saber o porquê de não podermos nos parear.

— Essa foi sempre a sua maior preocupação, não? — Ela quase me interrompe. Seus olhos parecem verdadeiros, mas sua boca se torce um pouco quando ela fala. — O fato de vocês serem pares. Não o de ela ser seu alvo.

Eu aguardo um pouco, sem saber o que responder.

— Isso não importa — digo. A garota torce a boca outra vez, mas eu ignoro. — Eu falei com ela. E ela me disse que eu também sou alvo dela.

Lenina fica calada, seus olhos mirando a mesa, sem me olhar.

Estendo a mão e tento pegar a dela, mas a garota a recolhe para junto de seu colo.

Deixo minha mão sobre o tampo de vidro, e a examino.

— Você sabia disso? — Pergunto.

A mercadora permanece em silêncio.

Recolho a mão.

— Você *sabia* disso. — Afirmo.

— Fazia parte da investigação — diz ela, em voz baixa, ainda sem me olhar. — Eu precisava descobrir quem eram os alvos dela. E eu vi, sim, que você é um deles. Mas também vi que eu sou.

— Porque não me disse? — Pergunto, sentindo minha voz se alterando. — Eu paguei trezentos e cinquenta créditos a cada informação que você conseguia para mim, mas o que eu queria descobrir foi justamente o que você *não* me disse!

— Eu não disse porque não me era permitido fazer isso. — Diz ela.

Crispo meus punhos e os coloco debaixo da mesa para que ela não veja a raiva que concentro neles.

— O que você quer dizer com isso?

— Estava em meu *display*, tudo isso — responde. — Eu sabia tudo que deveria dizer a você e, também, o que não deveria. Os difamadores também têm seus relatórios de bens, mas eles funcionam de uma maneira diferente. Temos relatórios de dados, de informações, de conhecimentos. E você não deveria saber que tem uma relação não apenas de pareamento mas, também, de casta, com a Kali. Eu não podia dizer a você.

Cruzo os braços. Como um espelho, ela faz o mesmo.

— Kali me disse que você não falou com nenhum de seus aliados.

Lenina continua olhando para a mesa.

— Ela disse que você sabia tudo que me disse. Que você sabia a respeito de Morfeu, da rebeldia dela, de que ele a estuprou, do colar, de tudo — eu digo, sério. — E também disse que foi você quem a mandou para a CMT.

A garota finalmente levanta os olhos para mim.

— O que ela disse?

— Disse que contou a você que havia sido estuprada por Morfeu, que iria matá-lo, que iria se vingar — eu digo, encarando-a. — E disse, também, que você

revelou aos mantenedores que isso iria acontecer. Que você a traiu, e que essa é a razão pela qual ela se afastou de você e de Ellie.

Ela descruza os braços e, finalmente, dá um vislumbre de sorriso.

— Você não pode me julgar, Harlan — diz. — O que eu faço é apenas cumprir com meu *display*. Faço apenas o que todas as outras pessoas também fazem.

— Trair sua melhor amiga. Era isso que estava em seu *display*? — Pergunto.

Lenina nada diz.

— O que Kali fez ao matar Morfeu não estava no *display* dela, nem no de ninguém — eu falo, enquanto me levanto. — Não estava em seu *display* que deveria delatá-la para a Teia, para a CMT. Você fez isso porque quis. Traiu sua melhor amiga.

Paro antes de abrir a porta de vidro.

— Não tenho mais negócios a fazer com você. — Digo.

E saio.

42

Noite. Centro de treinamento.

É a primeira vez que entro no lugar sem sentir um peso na consciência por estar fazendo algo para espionar meu alvo e par. Passo o braço no console ao lado da porta e ela se abre com um estalo. Atravesso a curta passagem em arco e chego ao interior. Impossível entrar lá e não olhar para os cantos entre as paredes e o teto, onde as minhas duas últimas câmeras continuam alojadas.

Kali está sentada em um dos equipamentos para musculação, perto da porta do vestiário.

A maior parte das luzes está desligada, da mesma forma como estiveram no dia em que a tirei da CMT. Algumas delas, junto das paredes, permanecem acesas, mas são difusas e iluminam muito pouco.

A garota enrola na mão direita uma faixa branca, junto do pulso. Quando a porta se fecha atrás de mim, ela levanta os olhos.

— Você não deveria se aproximar de mim — diz ela. — Eu sou sua fatalista.

Paro um pouco distante dela. Fico longe de qualquer outra coisa, também. A parede fica a diversos passos de mim, assim como os outros equipamentos de musculação. Parece que estar parado no meio do aposento é errado, como se eu precisasse de algo em que me apoiar para continuar em pé.

— Mas também é meu par. — Digo.

Ela continua me olhando.

— E também é meu alvo — continuo, minha voz saindo baixa, na defensiva. — Acho que temos mais em comum do que apenas o fato de sermos pares um do outro.

O olhar dela não hesita, me examinando a fundo.

— Pares únicos. — Acrescenta.

Concordo com a cabeça.

— O que está fazendo aqui? — Ela pergunta. — Achei que estaria com a Lenina. Pelo que sei, você estava me investigando através dela. — O tom não é pesado, embora as palavras carreguem, consigo, uma carga intrínseca de ironia.

— Não há mais nada que eu precise saber por ela.

Kali nada diz, e então volta a olhar para o punho. Ela passa a faixa mais algumas vezes em torno dele, trançando-a em alguns pontos, apertando firme. A ponta do final cola com um adesivo na própria faixa, e a garota testa o punho, girando-o, abrindo e fechando a mão.

— Eu quero ajudar você. — Digo, respondendo à pergunta dela.

A fatalista se apruma sobre o equipamento, colocando as mãos entre as pernas, esquentando-as com o próprio calor.

— Eu não preciso de ajuda. — Ela diz.

— Precisou quando estava presa na CMT — digo, lembrando da última vez em que estive neste mesmo lugar. — Você disse que solicitaria ajuda, se precisasse, e eu sei que usou sua campainha. Eu vi, quando estava saindo, que você tirou ela de seu braço. Ceres disse que as campainhas são descartáveis, só se pode usar uma vez. E você a usou.

Kali parece desconcertada, embora haja pouco reflexo disso em sua expressão. Mas tenho certeza de que está lá.

— Eu não preciso de sua ajuda *agora* — ela se corrige. — Preciso apenas que você fique distante. Preciso que você demore o máximo possível para completar sua lista de conquistas. Quero que nosso pareamento não ocorra antes do momento certo.

— E qual seria esse momento? — Pergunto. — Pelo que sei, você estava tentando se livrar de mim quando foi até Fenrir. Com a suposta atualização.

Ela apenas me olha por debaixo das sobrancelhas.

— Você queria trocar de par.

— Não. Eu não queria especificamente trocar de par — ela resmunga. — Eu apenas queria não precisar matar você. E se o preço para isso fosse não tê-lo como meu par, então eu aceitaria essa consequência.

Espero um pouco, mas ela não diz mais nada.

— Por que você não quer me matar? — Pergunto, por fim. — Você fecha o arco de pessoas o tempo inteiro. Pelo que vi em seu *display*, a quantidade de alvos que você tem poderia tomar uma vida inteira, mesmo fechando um arco por semana. Eu sou apenas mais um alvo entre tantos outros. Qual é o motivo para que você prefira me perder como par apenas para não ter de fechar meu arco?

Kali nada diz por algum tempo, e então se levanta. Ao contrário do que imaginei que faria, não vem em minha direção. Ela recolhe suas coisas, espalhadas pelo chão e sobre o banco em que estivera sentada, e vai na direção dos armários. Ando lentamente atrás dela.

Ela abre os armários e guarda com cuidado suas coisas no interior, colocando tudo em seu devido lugar. Ela pega um pote de dentro e o abre. Tira, dele, o colar dourado com pingente de aranha.

— Foi isso que começou tudo.

Me limito a olhar para ele e para ela.

A fatalista põe a joia sobre a mão esquerda e a examina.

— Eu imaginava que seria mais difícil fazer algo fora do *display* — diz ela, e o brilho da joia agora reflete em seus olhos. — Mas não foi. Não foi difícil. Foi apenas uma questão de encontrar você, entrar em seu dormitório e abrir seu armário com uma chave de acesso falsa. Na época, eu já conhecia Ceres — acrescenta, ante meu olhar de suspeita. — Eu tirei esse colar de seu armário e fiquei com ele para mim. Por algumas semanas, nada aconteceu; depois, eles me chamaram para uma pequena atualização. Eu fui. E, depois disso, Morfeu me atacou.

O brilho nos olhos dela subitamente muda; agora, parte de dentro para fora.

— Depois disso, quando eu descobri que havia sido um alvo dele... eu não poderia suportar saber que trabalhava de bom grado para a mesma instituição que havia me sujeitado... *àquilo*. Então eu o matei. Eu o assassinei, fora do meu *display*, propositalmente antes que você conseguisse roubar a faca do sujeito. E, por isso, eu sei que é possível.

Ela volta a guardar a joia no pote, e o coloca de volta no armário. Mas o brilho permanece.

— O que é possível?

— É possível contornar o *display*, é possível fazer o que se quer, ao contrário do que todos pensam — diz ela. — Ainda que haja punições... eu sei que não é impossível, e isso basta. Basta para que eu não desista de mudar as coisas, de tentar, de alguma maneira, resolver os problemas que criei não só para mim, mas, também, para você.

Agora estamos mais próximos, mas ainda há distância, entre nós.

Lembro do que ela e Leon conversaram, em certa ocasião.

— Quando estava vigiando você, ouvi uma conversa entre você e Leon — digo, sentindo o rubor subindo por meu rosto mais uma vez. — Vocês falavam sobre os resultados da atualização. E ele disse que somente você havia sido afetada. Mas você disse a ele que não. Que havia outra pessoa.

Ela concorda com a cabeça.

— Sim. Há outra pessoa.

Sinto minhas mãos suarem.

— Todos os meus outros alvos foram apenas realocados — murmura ela, se afastando de mim e andando pelo centro de treinamento. Eu fico parado. — Como uma punição em forma de me fazer trabalhar para a Teia ainda mais do que antes. Eu já tinha um número considerável de alvos, é claro, mas, para me punir, eles tiraram um alvo de todos os outros fatalistas da cidade e os realocaram em meu *display*. Mas, com você, foi diferente.

— Eu era um curinga. — Digo.

— Sim. Você era um curinga, e, quando terminasse com suas conquistas, seria levado à CMT e realocado, colocado no lugar de algum salteador acidentado ou algo do tipo — ela diz, sem parar de andar. — Mas, por conta do que eu fiz... do fato de eu ter roubado o colar e, depois, matado Morfeu, o seu destino mudou. O que você tem em seu *display*, agora, é tudo que vai fazer durante sua vida inteira. Eles me puniram me obrigando a matá-lo. E, também, puniram você.

Ela para e cruza os braços.

— Preciso matá-lo, e a culpa é minha.

Dou alguns passos em sua direção.

— É meu dever mudar as coisas, reorganizar o meu *display* e, também, o seu —

diz ela. — Fui a Fenrir não porque queria tirá-lo da minha galeria de pareamento e não somente porque queria tirá-lo da minha de alvos. Fui a Fenrir porque quero salvar você. Quero salvá-lo de mim.

— E você acha que a atualização é o caminho para fazer isso?

Ela concorda com a cabeça. Na luz difusa, os olhos escuros dela quase se perdem em meio ao seu rosto, não fosse o fogo que volta a arder dentro deles.

Avanço mais um passo para ela.

— Não posso deixar que decidam meu destino em meu lugar. — Digo.

Kali apenas me encara.

— E acha que pode confiar em mim?

— Espero que sim. — Respondo.

43

Manhã. Banco de dados.

Eu e Kali passamos pelas ruas já movimentadas do subúrbio usando casacos mais pesados do que de costume. Um vento gelado parece soprar das montanhas e canalizar-se pelas ruas. Quando chegamos ao banco de dados, meus dedos estão gelados, assim como grande parte do meu rosto.

— Como acha que Leon pode nos ajudar? — Pergunto. Tento mascarar meu nervosismo quanto a conhecer o homem. Trata-se da mesma situação em que estive quando conheci a fatalista pela primeira vez. Uma coisa é espionar alguém através de câmeras; outra, completamente diferente, é encarar essa pessoa nos olhos.

— Ele não pode nos ajudar. Mas eu quero falar com ele.

Concordo.

O velho já está no topo das escadarias que levam para o interior do edifício e,

quando nos vê, dá um sorriso.

— Este é quem eu acho que é? — Pergunta.

Nós subimos os degraus e paramos em frente a ele.

Em meio às rugas de seu rosto e por trás de uma espessa sobrancelha de fios brancos ficam olhos vívidos. Por alguma razão, eles sempre me haviam parecido mortos e cinzentos, ao vê-lo nas imagens no tampo de vidro no depósito. Mas são coloridos.

— Sim. Harlan Montag, mercador. — Diz Kali, me apresentando.

Não tenho certeza se devo fazer alguma coisa, oferecer-lhe a mão para que a aperte, ou não. Por fim, acabo fazendo apenas um sinal com a cabeça, que ele corresponde.

— Imagino que tenha acontecido alguma coisa, para que ele esteja aqui. — Diz o velho, estreitando os olhos.

— Eu tive de contar a ele, Leon.

Apesar de parecer concordar, ele suspeita.

— Bem, imagino, então, que o melhor momento para encontrar com aquele homem seria agora. Vocês certamente estão à procura de alguma coisa — diz ele. — Uma atualização, ainda? — Ele olha para a garota.

— É nossa única opção. — Ela diz.

— A não ser que *não seja* uma opção — o velho vira-se na direção do banco de dados e passa o *display* no console para entrar. Eu e a fatalista fazemos o mesmo. — Você foi até Fenrir, e veja o que aconteceu.

— *O que* aconteceu, afinal? — Pergunto.

Kali gira os olhos nas órbitas.

— Ele simplesmente não entendeu nada do que eu tinha a dizer — diz, com desgosto. — Achou que eu estava lá para fechar o arco dele, ainda que ele não estivesse pronto para isso. Pelo que entendi, ele tem medo de que a CMT vá caçá-lo por conta de suas obras de arte supostamente rebeldes. O único problema é que a Teia não tem nenhuma razão para caçá-lo pelo simples fato de que ele *não faz nada* de errado. E, de qualquer maneira, ele enlouqueceu quando eu falei a respeito de Edward Blair.

Concordo.

— Pelo que entendi, ele é um falso rebelde.

— Um conceito criado por ele para justificar sua própria preguiça em levantar da cadeira e fazer alguma coisa — fala Leon, em voz alta. — Duvido muito que seja possível existirem dados ocultos nos nossos *displays*. Não faria nenhum sentido.

Dou de ombros. Kali apenas continua andando atrás dele. Vamos até uma das mesas coletivas e nos sentamos juntos, longe de outras pessoas.

— Mesmo assim, vocês estão atrás de uma atualização. Duvido muito que possam contar com esse Fenrir.

— Achei que seria uma boa ideia — diz Kali. — Principalmente depois do que Morfeu falou, quando morreu. Sobre eu ser levada até esse artífice, que a Teia ia me conduzir. Eu fui por conta própria, mas não consegui entender o que ele quis dizer.

— Temos alguma opção, além de falar com esse homem? — Pergunto. Por alguma razão, falar com ele não me parece exatamente uma boa ideia.

— O que mais vocês podem fazer? — Leon dá de ombros. — Algo realmente efetivo seria encontrar com Edward Blair. Mas ninguém sabe onde ele está.

— E se procurássemos pelo pessoal da nectarina?

Levanto uma sobrancelha.

— Da nectarina? O que há com ela?

— É feita por um pessoal anônimo, supostamente rebelde, espalhado pela cidade — diz Kali. — São chamados de rebeldes porque a droga incita as pessoas a quebrarem o fluxo por não controlarem direito as próprias ações e pensamentos.

— Por outro lado, tem efeitos interessantes. — Murmura Leon.

Olho para ele, mas Kali não parece incomodada.

O homem bate com os dedos, ritmicamente, sobre o vidro da mesa.

— Não há caminho fácil para o que vocês pretendem fazer — ele diz. — Uma atualização é algo enorme, muito complicado e, de certa maneira, perigoso.

— Porque perigoso? — Questiono, a voz saindo irritada. — O que a Teia pode fazer a nós além do que já fez?

Leon aponta um dedo para meu rosto.

— Você não tem ideia do que a Teia é capaz de fazer, garoto.

— E você, tem?

Ele me olha e, subitamente, lembro que ele também é um fatalista.

— Se vocês estiverem realmente dispostos a isso, vão ter de se arriscar — diz ele, ignorando o que perguntei. — Não será nada fácil ir contra a Teia e contra o Programa de Proteção ao Fluxo Humano. Aquele Dimitri voltou a contatar você? — Pergunta à garota.

— Não. Por enquanto, não.

— E nenhum mantenedor falou nada suspeito, mesmo depois da fuga desastrosa de vocês da CMT, certo? — Ele lança um olhar de relance em minha direção.

— Não. Nada.

— Menos mal.

— Mas *eu* tenho tido alguns problemas com mantenedores — me intrometo. — Estou sendo cobrado a apresentar o colar que Kali roubou de mim. Como tenho poucos alvos, não dou conta de aparecer com uma coisa roubada a cada semana. E, mesmo quando consigo, eles sempre me dizem que tenho um artefato Classe 1 para repassar à Teia. Me deram um prazo de três meses.

— E quanto tempo faz isso?

— Uns dois meses.

— Ótimo. — Resmunga o velho, irritado. — Pelo visto, vocês vão ter pouco tempo.

— E se o Harlan se recusar a devolver o colar? — Pergunta Kali. — Ou, ainda, se o devolver, mas não nos parearmos?

— Eles vão dar um jeito de que as coisas aconteçam conforme eles querem. Você os conhece. — O velho diz, coçando a barba. Ele passa uma das pernas por cima da outra, cruzando-as.

— O que podemos fazer, então? — Pergunta ela.

— Você acha que é cedo demais para tentar Fenrir outra vez?

— Com certeza. Se conseguirmos encontrar uma solução em que possamos evitar contato com ele, melhor. — Ela diz.

Nós três pensamos por alguns instantes.

— Bem, a menos que vocês estejam dispostos a decepar seus braços, acho melhor continuar com a atualização em mente. — Diz Leon.

— Eu não... — Kali começa, mas para. Ela olha para ele e, então, para mim. Por fim, encara seu *display*. — Eu acho que a atualização é nossa única opção.

Leon estende a mão e toca no ombro dela. A garota o olha e os dois conversam com apenas um olhar. Depois, ele solta seu ombro.

— Vocês deveriam falar com a Sybil, antes de mais nada — diz ele. — Talvez tenha sido precipitado demais correr para o Fenrir antes de fazer isso.

— Não foi. Falar com Sybil é ainda pior que falar com Fenrir.

— Talvez. Mas ela já tentou isso muito antes de vocês — diz ele. — Quem sabe ela tenha algo a dizer. Com certeza vale mais a pena tentar falar com ela do que decepar o braço.

44

Tarde. Centro de treinamento.

Eu e Kali esperamos no interior do lugar pela chegada de sua torturadora.

Sybil passa pelo arco da entrada olhando para o *display*, aparentemente distraída. Então, olha para nós, e fecha a cara.

— Quem é o garoto? — Pergunta.

— Deixe que eu falo. — Murmura Kali.

A sensação que me perpassa é perturbadora. Há algo de errado com essa mulher. Kali com toda certeza já percebeu isso, e é possível que sinta essa sensação todos os dias, durante a tarde. Ser obrigada a permanecer todos os dias por um turno inteiro com uma pessoa especificamente responsável por torturá-la não deve ser muito agradável.

— Este é Harlan Montag, meu par. — Diz a garota.

Faço um sinal na direção da mulher com a cabeça, como fiz com Leon. Ela não corresponde.

— Você está aqui para praticar suas técnicas físicas — diz, entre dentes. — Desde o começo ficou estabelecido entre nós que este período seria exclusivamente para seus treinos, e que eles seriam feitos *apenas* entre nós duas. Você está claramente desobedecendo uma de nossas regras.

Kali faz que sim.

— Eu sei — diz, e as sobrancelhas da outra se curvam para dentro. — Mas é por uma boa razão.

Sybil cruza os braços.

— Estou esperando.

— Eu e Harlan somos pares. Pares únicos, um do outro — diz a garota, e há uma mínima hesitação por parte da torturadora, quase imperceptível. — Depois da última grande atualização, ele se tornou, também, um de meus alvos. Descobrimos que a única maneira de reverter o que aconteceu seria com uma nova atualização.

— Eu não me importo com seus alvos ou seus pares — diz a mulher. — Eu não tenho nenhuma responsabilidade quanto a seu *display*, exceto a de que *você* é meu alvo.

Os olhos dela passam de relance pelo tubo metálico, pousado sobre uma reentrância na parede não muito distante de sua mão. O que aconteceria, caso ela decidisse punir Kali, agora? Eu seria punido, também?

— Leon me disse que você se envolveu com isso. Que já tentou uma atualização — a fatalista fica o tempo inteiro com as mãos dentro dos bolsos de sua jaqueta, com o corpo contra a parede. — Ele disse que eu deveria falar com você sobre isso.

Cada vez mais parece que o rosto de Sybil se fecha, e ela cruza os braços.

— Leon é um imbecil.

Por alguns momentos não parece que ela vai falar alguma coisa.

— Eu já me envolvi com atualizações, sim — diz, por fim, como que cedendo, embora sua expressão continue pesada. — Eu tentei uma atualização em uma ocasião. A razão é irrelevante. Eu procurei por grupos de rebeldes, mas eles são difíceis de achar. Contatei outros mantenedores da mesma subcasta que eu — por alguma razão ela não fala a palavra “torturadores”. — Eles souberam me dizer muito pouco. Mas eu acabei achando um grupo de pessoas da casta dos subsistores. Eles pretendiam encontrar uma solução para se desvencilhar de seu trabalho, extremamente penoso, nas plantações subterrâneas. Foram à CMT, trataram com o Programa de Proteção ao Fluxo Humano. Eu os segui, mas a certa distância — ela mostra os dentes. — Se eles fossem capazes de conseguir uma atualização, eu certamente conseguiria, também. Mas em certo momento, eles tomaram a decisão de assumir qualquer risco para atingir seus objetivos.

— O que eles decidiram fazer? — Pergunta Kali.

— Pelo que sei, pretendiam falar com um programador — ela diz, com escárnio. — Eu disse a eles que era estupidez. Um programador jamais faria o que eles pretendiam. Mas eles disseram que queriam tratar na raiz do problema.

A garota concorda com a cabeça.

— E o que aconteceu a eles?

— Voltaram ao subterrâneo.

— E quanto a você? — Pergunto. Kali me olha inquisidoramente. — Não encontrou uma solução sozinha?

— Não. — É tudo que ela responde.

Ela permanece de braços cruzados, nos examinando com cautela. Passa um tempo considerável olhando para mim.

— Vocês certamente já ouviram falar de Fenrir Roth. — Diz ela.

Concordo com a cabeça. Kali não emite qualquer resposta.

— Talvez vocês devessem falar com ele — continua. — Ele sabe absolutamente tudo a respeito de rebeldia e de *falsa* rebeldia.

— Você falou com ele? — Pergunto.

— Sim. Falei.

Ela volta a ficar quieta, a falta de resposta me constrangendo.

— Eu tentei outro ato de rebeldia, depois de falar com ele — diz ela. — Eram outros tempos. Tempos nos quais a minha missão dentro da Teia ainda me parecia pouco clara. Perguntei a Fenrir o que aconteceria caso tentasse matar meu fatalista.

Kali se apruma de leve.

— Você sabe quem é seu fatalista?

— Descobri acessando os computadores dos mantenedores — diz Sybil. — Não é apenas você que é uma mantenedora, por aqui.

— Mas minha subcasta não é a principal.

— Nem a minha. Mas você é uma *fatalista* — o escárnio na voz dela volta a aparecer. Ela retorna à história. — Depois de saber quem é meu fatalista, decidi que tentaria...

Ela fica subitamente muito mais séria, e olha para a garota.

— Tentaria *me vingar* da Teia, matando-o. Assassinando meu assassino.

Percebo o lábio inferior de meu par tremendo de leve.

— Fatalistas não são assassinos. Nossa função é unicamente a de fechar arcos.

— E “fechar arcos” não é apenas uma maneira diferente de se dizer “terminar uma história”? — Pergunta Sybil. — Falem com Fenrir a respeito. Ele é um

artífice. Certamente terá muito a falar a respeito de fatalistas.

— Sim. Ele tem.

A resposta é curta e grossa, e até mesmo a tutora da garota parece se surpreender. Então, dá um sorriso enviesado, que desaparece no instante seguinte.

— Eu, é claro, não consegui fazer o que pretendia — diz ela, ainda de braços cruzados, imóvel. — A Teia tem todo tipo de artifício para impedir seus subjugados a subjugarem-na. Por isso a falsa rebeldia. E, é claro, o Programa de Fluxo.

— E Dimitri O’Neil.

Há um olhar de reconhecimento trocado entre elas.

— Você já o conhece, pelo visto.

Kali permanece quieta.

Um silêncio constrangedor toma conta do centro de treinamento.

Sybil finalmente descruza os braços.

— Espero que você saiba que precisa sair para que sua garota cumpra com suas responsabilidades. — Diz a mulher, olhando para mim.

— É claro. — Digo, em voz baixa.

Faço um sinal com a cabeça para a torturadora, e ela, outra vez, não o corresponde. Kali segura meu braço.

— Me encontre do lado de fora no começo da noite — diz. — Temos muito a fazer.

Concordo. E então saio, deixando-a à própria sorte.

45

Mais tarde. Na rua.

Kali sai do centro de treinamento no mesmo horário em que seus treinos sempre terminam. Sybil sai antes dela, sem olhar para os lados, e desaparece no meio das pessoas da rua.

— Como foi? — Pergunto.

A garota me olha dos pés à cabeça com uma expressão estranha na face.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que... — subitamente me ocorre o quão estranho é admitir em voz alta que eu a espionei por um tempo considerável e sei a respeito das inúmeras vezes em que a tutora dela a puniu. — Bem, ela é uma torturadora, certo?

— Sim.

— Ela puniu você?

Kali me olha por algum tempo.

— Não importa. Vamos.

Puxo a gola de meu casaco e tento me proteger do vento.

— Aonde vamos?

— Ao servidor.

— E o que vamos fazer lá?

A garota parece andar um passo à frente de mim, ainda que a meu lado. É difícil acompanhá-la.

— Acho que talvez a nossa solução não seja esperar que *surja* uma solução, mas agir baseados no que já sabemos — parece que nunca a vi andando. Sua postura é muito ereta, e ela não parece sentir o mesmo frio que eu, ainda que tenha vestido um casaco grosso ao sair do centro de treinamento. — E eu acho que talvez o grupo de subsistores ao qual Sybil se referiu pode ter seguido o caminho certo.

— Ou seja, acabar voltando ao mesmo lugar do qual vieram? — Pergunto com uma ponta involuntária de ironia na voz.

— Não — ela responde, um pouco ríspida. — Acho que estavam certos em tentar tratar do problema em sua *raiz*, não no meio ou no fim. E nós dois sabemos que nosso problema começou com a atualização, no galpão de atualização, com um programador. Talvez o caminho certo seja encontrarmos um programador e fazê-lo atualizar nossos *displays* à força.

Olho para ela.

— À força.

— Você acha mesmo que um programador faria isso se simplesmente pedirmos a

ele? — Ela não responde ao meu olhar.

Resmungo qualquer coisa.

— E como vamos levá-lo até um dos galpões? — Questiono.

— Nenhum programador iria até um dos galpões por vontade própria — Kali diz. — Vamos sequestrar um.

Fico calado depois do que ela diz, sentindo um frio na barriga. Depois disso, o vento começa a parecer mais forte e, o frio, mais gelado. Meto as mãos nos bolsos. A garota tira, de um bolso interno do próprio casaco, os fones de ouvido que sempre a vejo usando. Toca no *display* e coloca os fones.

Então, fico sozinho.

Fazemos todo o caminho até o servidor lado a lado, mas distantes. Nos isolamos. Ela distraída com seus fones e seu *display*; eu, mudo e mergulhado em pensamentos.

A caminhada nos toma um tempo considerável. Quando chegamos à pesada porta de metal e passamos nossos braços no console, todas as luzes da cidade já estão acesas em preparação para a noite. A porta se destrava com um sonoro estalo, e entramos. A escuridão no interior é profunda.

Kali se afasta de mim e não a vejo no escuro. Aguardo e, então, há uma explosão de luz no interior. Luz branca e dura, iluminando todos os cantos. Fileiras e fileiras de lâmpadas espalhadas longitudinalmente por todo o ambiente.

— Mas que *porra* é essa? — Ouço um grito de raiva à frente.

Passo pelas prateleiras, desviando de fios pendurados e cabos colados ao chão por fita negra.

Chego a Ceres e seu computador com três telas. Ela tapa os olhos com a mão, procurando por alguém.

Kali se aproxima dela, e Ceres gira a cadeira de rodinhas em sua direção.

— *Pode apagar as luzes?* — Ela pergunta, irritada.

— Não — responde a garota. — Talvez você devesse ligá-las de vez em quando.

A mulher esfrega os olhos com esforço e pisca muitas vezes. Quando finalmente parece se acostumar com a claridade, olha para meu par e dá um sorriso de canto.

— Está bem — diz. — O que você quer de mim, hoje? Porque nunca vem até aqui a não ser que queira algo realmente grande ou importante. E nem isso, às vezes.

Kali solta um suspiro.

— Seria bom se você me visitasse mais vezes. — Continua a *hacker*.

Noto admiração na voz de Ceres, e em seus olhos há orgulho, além de algo como amor.

— Eu preciso de sua ajuda, outra vez.

A garota anda até o computador da mulher e procura pelo cabo negro conectado, na outra ponta, à CPU. Enfia a agulha no dermatrodo junto da dobra de seu cotovelo sem hesitar ou parecer sentir dor.

— Diga o que precisa. — Diz a mercadora, parecendo desapontada com a falta de atenção de Kali para si.

— Quero que você analise todo o meu *display* e me diga quantos de meus alvos e rivais são programadores. — Responde Kali.

Ceres bate com os dedos na mesa, digitando no teclado projetado. Passa os dedos engordurados pela tela, abrindo e fechando diversos programas e aplicativos até achar um aparentemente simples, capaz de pesquisar no *display*. Ela estabelece filtros e aciona o mecanismo de busca.

Depois de cinco segundos, todos os resultados são mostrados na tela.

— Bem, há diversos deles — diz ela, olhando para a tela central. — Parece que você tem mais rivais do que alvos.

— Faça a média. Quantos rivais a mais eu tenho?

Ela examina os dados nas telas e combina as informações, colocando os nomes iguais lado a lado. Apenas um nome aparece sem correspondente na galeria de alvos.

— Somente um é apenas seu rival.

— Nome.

— Simus Westerfeld.

Kali olha para seu *display*, tocando na tela da extensão e procurando-o.

— Você tem a ficha completa dele? — Pergunta. — Faça o *upload*.

O *display* dela brilha.

— Consegue a posição geográfica?

— Parece que você se esqueceu de com quem está falando — diz a mulher, girando na cadeira de rodinhas para encará-la. Dá um sorriso de dentes amarelados, que Kali não corresponde. Ela apenas a olha, aguardando. — Espere um pouco. — Ela volta para o computador e para as telas.

Demora no máximo um minuto. Então, a tela de Kali volta a brilhar e ela abre o mapa. Nele brilha um novo ponto vermelho.

De relance, vejo – e não posso deixar de ver – que a seta que representa Kali está acompanhada de um outro círculo vermelho. Próximo demais dela para ser qualquer outra pessoa que não seja eu.

Ela esteve me espionando, também.

— Isso é tudo de que você precisa? — Pergunta Ceres, voltando-se outra vez

para a fatalista, um sorriso sempre se abrindo quando ela a olha.

— Sim, Ceres. É tudo.

— Quando precisar de mais alguma coisa, você pode vir até aqui — diz ela, arrumando os cabelos atrás das orelhas. — Não precisa me ligar. Você é sempre bem-vinda.

Dou uma olhada nela.

— E quanto a você, garoto — o tom dela muda drasticamente, tornando-se mais sarcástico e duro. — Trouxe algo para mim?

— Não. Dessa vez, não.

— Se souber de mais um pouco de nectarina... mas nectarina *boa*, como a que você me trouxe das outras vezes, me avisa — diz ela, esfregando as mãos uma na outra. — Anda difícil conseguir nectarina de qualidade nos últimos tempos. Os mantenedores andam fodendo um pouco até com o pessoal que traz da parte depois do Núcleo de Nascimentos, e aquilo é um lixo.

Kali levanta um dedo na direção dela, como se falasse com um recém-inserido.

— Você deveria parar com isso. *Toda* nectarina é um lixo.

As duas se olham e, então, Ceres abaixa o olhar.

— Vamos, Harlan.

Faço que sim e me afasto da mulher. Kali nada diz para se despedir dela, nem eu.

Olho para trás quando saímos e vejo que ela ainda encara o chão. Então, Kali desliga as luzes e mergulha o servidor inteiro na escuridão; apenas as pequenas luzes dos computadores piscam em diversas cores no meio do negrume.

46

Quinze minutos depois. Posto avançado de mantenedores.

— O que um programador faz em um posto de *mantenedores*? — Pergunto.

Obviamente não se trata do mesmo posto avançado do qual roubei a nectarina nas duas últimas vezes. Há inúmeros deles espalhados pela cidade. Este é apenas mais um deles, com outros dois mantenedores em seu interior e, aparentemente, um programador, também.

— Eu não tenho ideia — diz ela. — Pelo que sei, é uma subcasta dos políticos.

— E *onde* os políticos costumam ficar?

— Eles atuam junto dos mantenedores, em geral — diz Kali. — Tem muitos, muitos *mesmo* na CMT. Os outros trabalham em outras edificações da Teia. Alguns, no Hospital Geral. Outros, no Setor de Transportes. Ou nas fábricas da Zona Industrial. Sei de alguns que trabalham fazendo a distribuição do Núcleo de Nascimentos.

Sinto um calafrio percorrer minha espinha ao pensar nisso.

— O que vamos fazer? — Pergunto.

Kali olha para a torre de vidro opaco e, então, para seu *display*.

— Pelo medidor de altitude, ele está no andar de baixo — diz ela, tocando na extensão e ampliando o *zoom* do mapa. — Os mantenedores certamente estão no segundo andar. É onde fica a central de monitoramento e todas as câmeras.

Levanto os olhos para uma delas, escondida junto de uma marquise de loja.

— Se eles estão monitorando as redondezas, vão nos ver.

Kali não parece preocupada.

— Tudo isso não passa de um panóptico — diz ela, séria. — Não há ninguém monitorando as câmeras, às vezes. Em outros momentos, há. Estão aí apenas para que *achemos* que estão nos monitorando o tempo inteiro.

Olho para ela, confuso, e, então, para a câmera.

— Qual é o plano? — Pergunto.

A fatalista olha para o braço esquerdo e para seu *display*. Então, levanta o olhar para o posto avançado.

— Eu já entrei em postos avançados com a ajuda de um amigo meu que é *hacker* — digo, ante à não resposta dela. — Ele *hackeou* o console da porta para que pudéssemos entrar sem problemas.

— O que você estava fazendo invadindo um posto avançado de mantenedores? — Pergunta ela.

Sinto estranheza.

— Eu precisava saber a respeito de você — digo. — E a única maneira para fazer isso era acessando seu *display*. Na época, ele era bloqueado. Precisei entrar

nos registros *off-line* dos mantenedores, para isso. No final das contas, porém, fazer isso não adiantou nada. O que eu ainda preciso roubar não estava e ainda não está no seu relatório de bens.

— Ainda acha que tem de roubar meu colar?

Dou de ombros.

— O que mais poderia ser? Além dele você só tem roupas e armas.

A mão esquerda dela sobe para sua nuca, e ela toca, por um momento apenas, o lugar onde o colar deveria estar. Ela parece pensativa. Dentro dos olhos dela há brasas.

— Eu bloqueei o *display* porque não queria que você descobrisse que era meu alvo — diz ela, olhando na direção do posto dos mantenedores. — Queria garantir que você ficaria distante, por mais que eu achasse que a melhor maneira de fazer isso fosse dizendo a você que eu tenho de fechar seu arco.

— Mas você fez isso.

— Eu sei — ela resmunga. — É uma pena que o bloqueio tenha sido... desativado.

Me pergunto o que passa na cabeça dela, mas ela subitamente começa a andar na direção da baixa torre de vidro.

— O que está fazendo? — Pergunto, andando a passos rápidos ao lado dela.

— Esse é um posto avançado de *mantenedores* — diz. — Eu sou uma fatalista, sou de uma subcasta dos mantenedores. Se Sybil foi capaz de acessar os computadores *deles*, então eu também posso.

Eu a acompanho até a porta deslizante do lugar e nós dois olhamos para o console. Ela remanga a jaqueta e me encara por um instante antes de passar o braço na pequena tela ao lado da porta. Com o mesmo ruído de pneumática de sempre, a porta se abre e corre para a esquerda.

No interior, atrás de uma mesa, o programador. Simus Westerfeld, os olhos correndo por uma sequência intrincada de códigos passando em um monitor físico sobre a mesa. Os dedos batendo sobre o teclado projetado, indo até a tela *touchscreen* periodicamente.

Ele olha para nós.

De repente, Kali saca sua pistola do coldre e a aponta para o homem.

Os olhos dele se arregalam.

— Quem são vocês?

A mira *laser* vermelha paira sobre o ombro direito dele.

— Você não é meu alvo, mas estou disposta a mandá-lo para o Hospital Geral, se não cooperar. — Diz ela. O programador olha para o ponto vermelho sobre seu ombro.

A mão direita dele desliza por sobre a mesa, buscando por um controle com um único botão.

Kali puxa uma submetralhadora de dentro do casaco e a segunda mira pousa na mão dele.

— Aperte esse botão e é a última coisa que você fará com essa mão.

Ele para. O controle de alarme parece, subitamente, distante demais.

Os dois trocam olhares.

— Levante.

— Eu não—

— *Levante!*

A voz dela é ríspida, resoluta. A mesma voz que ela usou no dia em que a encontrei no beco.

O programador levanta as duas mãos e também levanta da cadeira, cautelosamente.

— O que você quer de mim?

— Cale a boca. — Kali decreta.

O homem, então, nada mais diz.

Ela faz um gesto com a cabeça para a porta e o lado de fora. Saio do caminho do homem conforme ele passa por mim, me lançando um olhar acusador. É um homem baixo e troncudo, de uns trinta e cinco anos de idade, pele morena e olhos claros. Há algo de ingênuo em seu rosto.

Ele sai do posto avançado.

Kali faz o mesmo. Eu fecho a porta atrás de nós e os sigo.

A fatalista se aproxima o máximo que pode dele, guardando a submetralhadora e mantendo a pistola colada às costas dele. O cano da arma permanece sobre sua coluna espinhal. Os dois andam quase colados.

Eu caminho atrás deles.

— Espero que você saiba que vai para a CMT por conta disso.

Ela enfia o cano da arma nas costas dele com mais força.

— Não importa o que, se fizer alguma coisa, eu estouro sua coluna e você nunca mais irá a uma casa de sádicos — ela diz, séria. — Eu não temo a CMT.

O ritmo é rápido, ela o empurra o tempo inteiro, forçando-o a caminhar mais depressa.

Embora as ruas ainda não tenham se esvaziado por completo – nunca se esvaziam –, nenhuma das pessoas que passa perto de nós parece perceber qualquer coisa. Se percebem, simplesmente ignoram. Kali parece saber

exatamente para onde ir, verificando vez ou outra o *display* para se certificar de que continuamos no caminho certo.

O programador dá uma ligeira olhada para trás.

— Estão me levando para o galpão de atualização.

A garota apenas o empurra com mais força.

— Vocês pretendem conseguir uma atualização—

— Cale a *porra* da sua boca. — Ela diz, entre os dentes.

De fato, virando uma esquina, aguardando para atravessar uma rua movimentada, achamos um dos galpões de atualização: um prédio gigantesco, com uma grande praça imediatamente à frente de suas portas enormes. Mas, aparentemente, abandonado.

— Está *off-line*. — Eu digo.

— É o que eu estou tentando dizer—

A fatalista agarra a gola do homem e coloca a pistola em sua cabeça.

— Não me faça ir para o Programa de Fluxo outra vez.

A respiração entrecortada dele mostra que ele acreditou.

Pior que isso: *eu* acredito.

Atravessamos, em poucos minutos, a praça onde as filas se espalham nos dias de atualização. Há uma pequena porta inserida nas maiores, que se abrem por inteiro. E, junto dela, um console inativo.

— Abra.

Ela se afasta dele, mas mantém a arma apontada em sua direção. O programador treme.

— Não posso abrir, não há energia — diz ele, e faz um gesto para o complexo inteiro. — Todos os galpões ficam inativos quando não estamos em época de atualização. Para prevenir que coisas como *o que está acontecendo*, aconteçam. Eu não posso fazer nada.

Kali permanece com a mão esquerda apontando a arma na direção dele. Usa a outra mão para abrir sua sacola preta e tira, de dentro, um cabo negro. Ela o joga na direção dele.

O cabo bate em seu peito e cai no chão.

Ele olha para o cabo.

— Não. — Ele diz.

Uma das pontas é exatamente igual à que pode ser inserida no dermatrodo. A outra, capaz de ser plugada nas entradas auxiliares de qualquer console ou computador.

— A quantidade de energia necessária para rodar um galpão de atualização é grande demais para mim — diz o homem, sua face se contorcendo em desespero. Simus pega o cabo e o oferece de volta para Kali. — Rodar o galpão em energia vital me mataria.

Ela pega o cabo e se aproxima do homem. Agarra seu braço esquerdo e enfia a agulha profundamente em seu dermatrodo, a ponta tocando no *chip* implantado no osso. Simus, a princípio, tenta se desvencilhar. Mas a pistola permanece onde está.

— Então é melhor se apressar. Abra.

O homem respira fundo.

Então pluga a outra ponta no console, na entrada de captação de energia vital.

No mesmo instante em que o console se ilumina, as pernas do homem parecem falhar em mantê-lo de pé.

Já identificando o programador, a porta se abre.

— No momento em que ligarmos qualquer uma dessas máquinas, a CMT será notificada — diz o homem, quando Kali desconecta-o do console. — Eles chegarão aqui muito rápido. E, então, vocês serão presos e levados para lá.

Eu ando lentamente atrás deles conforme a garota o leva até a máquina mais próxima. Não há luzes no interior. Tudo que podemos ver é através de uma fraca luz que entra por janelas estreitas próximas ao teto. A luz da cidade.

— Por quanto tempo alguém é capaz de manter um *hardware* desses? — Pergunto a Kali, em voz baixa.

Ela balança negativamente a cabeça.

— Terá de ser o bastante.

O programador para e tenta se virar.

A garota o força a continuar.

Ela o prende contra a máquina e pluga a outra ponta do cabo na grande máquina de atualização.

Dessa vez, o programador precisa se apoiar contra ela. Seus joelhos parecem ficar fracos, assim como todo o restante de seu corpo. A grande tela da máquina inicia, e a garota se aproxima do banco no qual os habitantes da cidade se sentaram durante a última atualização.

— Faça a atualização.

O homem olha para ela, o rosto contorcido.

— Tire-o de minha galeria de alvos. — Diz ela, oferecendo a ele o seu *display*.

Ele põe a mão sobre o plugue em seu braço.

— Impeça-o.

Eu me aproximo e seguro com força o braço direito, dele. Mas o homem já está fraco tão instantaneamente que é incapaz de resistir.

Kali pluga seu *display* à máquina, mas no cabo de atualização. Os olhos dela brilham em fogo.

— *Faça!*

O programador toca na tela e tenta acessar os menus, mas nada funciona. Cada um deles trava, ou simplesmente não abre. Ele tenta mais de uma vez, mas em nenhum momento a máquina responde.

— Eu não... — Ele tenta dizer, mas sua voz se embarga. — Eu não posso.

— Você é um programador — diz ela. — Sua única função na Teia é a de organizar, codificar e programar *displays*. Eu *exijo* que você faça o que lhe é um dever.

— Eu *não posso*.

— *Porque?* — Ela grita, seu rosto parece uma máscara de pura fúria.

— Eu não sou um imune. — Diz ele.

Quase que automaticamente, seu *display* se apaga e, no instante seguinte, a máquina, também.

O corpo do homem tomba por sobre mim. Eu me desvencilho dele, e o programador desaba no chão, morto.

Minhas próprias pernas parecem falhar.

— Precisamos sair daqui. — Eu falo, em voz baixa.

Kali permanece sentada no banco, o plugue enfiado no dermatrodo até o fim.

— Vamos — eu digo. — Os mantenedores não vão demorar a chegar.

Ouço sirenes soando muito longe. A garota apenas olha para mim, seus olhos

refletindo as luzes da cidade.

Ela nada fala.

Sinto algo dentro de mim fervendo em pânico, e avanço até ela. Arranco o plugue de seu braço e o lanço na direção da máquina. Puxo-a pelas mãos, forçando-a a levantar.

— E quanto a ele? — Pergunto.

— Morte acidental por uso excessivo de energia vital. Vão arranjar um curinga. — Murmura ela.

Concordo com a cabeça e a arrasto para fora. Bato com força a porta do galpão quando saímos e corro, puxando-a para longe da praça e do prédio. Antes de nos enveredarmos nas ruelas e becos, as barras de *led* dos veículos dos mantenedores já iluminam a noite.

Foi quase tarde demais.

47

Dez minutos depois.

Não tenho ideia de quais possam ser as consequências do que acabamos de fazer, mas imagino que o que aconteceu possa ser considerado uma imprevisibilidade. É possível – mas apenas *possível* – que Simus tenha o destino que Kali disse: ser considerado um acidentado e substituído, como uma peça defeituosa, por um curinga.

Kali parece distante, mesmo enquanto corre pelas ruas.

— O que ele quis dizer quando disse que não era um imune? — Pergunto.

Viramos uma curva e começamos a caminhar. Nos distanciamos o bastante do galpão de atualização para sermos confundidos com passantes. Paramos e descansamos em um beco.

— Eu nunca ouvi falar de nada do tipo. — Responde a garota, respirando profundamente e soltando o ar com força. Eu me apoio nos meus joelhos e

respiro rápido, pela boca.

— E ele seria imune *a quê*?

Ela balança a cabeça, mas para em seguida.

— À Teia, talvez. — Resmunga.

— Imune à Teia?

Ela só me olha, pensativa.

Então, passa um dos dedos pelo *display* e, pouco depois, tira o fone de ouvido de um bolso da sacola e o põe na orelha.

— Ceres. — Ela diz, um segundo depois.

Aguardo enquanto ela ouve.

— Fui atrás do homem que verificamos no meu *display*, antes. Ele comentou alguma coisa sobre ser imune.

Mais um momento de espera.

— Preciso saber o que é isso.

A garota olha para mim, sua respiração se regularizando.

— Certo. — Diz, por fim, tocando na tela outra vez e desligando.

Ela se vira para mim, ainda apoiado nos joelhos.

— Precisamos voltar ao servidor — diz ela, começando a andar para fora do beco. Me apresso a acompanhá-la. — Ceres disse que é muito perigoso falar de imunidade através de uma ligação, porque todas elas são monitoradas por um algoritmo que caça palavras suspeitas.

Abro as mãos para ela.

— Mas agora você já disse a palavra “imune”, enquanto falava com ela.

Kali se limita a ignorar o que acabei de dizer.

Pouco depois chegamos ao servidor. Antes mesmo que passemos nosso braço no console a porta já estala, e a trava é recolhida. Mas passamos os braços mesmo assim, para fazer o *check-in*.

— Não ligue as luzes. — Diz Ceres, de onde está.

A fatalista parece pensar por um instante, e, então, continua caminhando. Passamos pelas prateleiras e chegamos a Ceres. Ela digita freneticamente em seu teclado projetado.

— Esperem aí. Eu estou preparando algo para vocês — ela diz, e, então, aperta alguns botões virtuais nas telas e olha para cima. No teto, vemos um projetor virado para uma parede sem prateleiras ou cabos correndo por ela. O aparelho solta um bipe e as lentes giram e ligam. — Só deixem essa porcaria esquentar. Eles acham que ninguém vai usar o espaço dentro dos servidores, então deixam equipamento ultrapassado instalado. Dá nisso.

Eu espero de braços cruzados enquanto a imagem projetada se torna gradualmente mais nítida.

Quando finalmente é possível ver com clareza o que há para ser mostrado, percebo que é um mapa. Um mapa composto por infinitos pontos ligados por linhas de quatro cores: brancas, vermelhas, azuis e amarelas. A imagem parece estar em movimento. Há um ponto praticamente isolado, com apenas uma linha branca se ligando a ele, que desaparece enquanto olho. Algumas outras linhas também desaparecem.

— O que é isso?

A mulher abre as mãos e as acena na direção da projeção na parede.

— Esta é a Teia.

Eu e Kali nos entreolhamos.

— O que quer dizer com isso? — Pergunto.

— Isso que vocês estão vendo é a versão atualizada e rodando em tempo real da Teia de Dínamo — diz ela. — Cada um dos pontos representa um *display*, o que significa que cada um deles representa *alguém*. As linhas que ligam os pontos são representações visuais das conquistas. As linhas brancas são das galerias de alvos; as vermelhas, de pareamento; as amarelas, de aliança; e, as azuis, de rivalidade.

Ceres passa a mão em sua tela e a projeção se distancia, os pontos e as linhas tornam-se minúsculos.

— Claro que a complexidade de nossa Teia é enorme. Isso é tudo que somos.

Olho para o diagrama à nossa frente. É estranho imaginar que toda a cidade de Dínamo e seus habitantes encontram-se limitados à objetividade de um infográfico.

— Onde estamos nós? — Pergunta Kali.

Ceres passa a mão na tela outra vez e um campo de busca surge.

Ela digita o nome de Kali e, em seguida, o ponto que a representa aparece no meio da tela. Há uma infinidade de linhas brancas saindo dele, espalhando-se para todos os lados, e a quantidade de linhas azuis também é enorme. As amarelas, no entanto, são quatro. Há apenas uma linha vermelha.

Antes que eu fale qualquer coisa, a mulher na cadeira de rodinhas segue o traçado da linha vermelha. Paralela a ela seguem duas outras linhas, brancas.

De mim, na Teia, saem quatro linhas.

— Harlan. — Diz Kali, em voz baixa.

— Sim.

— Você tem quatro conquistas — ela diz, virando o rosto em minha direção e me olhando. — E três me envolvem.

Respiro fundo, e olho para meu antebraço esquerdo.

— Porque não disse que estava tão próximo assim de zerar o *display*?

Olho para ela. Seus olhos perderam um pouco do brilho.

— Eu achei que você sabia.

— Eu sabia que você tinha poucos alvos. Mas não sabia que nós estávamos tão...

É a vez dela de respirar fundo.

Nós continuamos nos olhando por algum tempo, na escuridão do servidor.

— Achei que vocês tinham vindo até aqui para descobrir alguma coisa. — Ceres tenta interromper.

Kali concorda e seus olhos desgrudam dos meus. Quando o fazem, uma espécie de vazio me toma.

Dou um passo à frente, me aproximando do diagrama.

— Porque está nos mostrando isso? — Pergunto.

Ceres me olha.

— Existem três tipos de pessoas na Teia — diz Ceres, olhando para nós dois. — Aquelas em preparação, as inseridas e as que estão no limbo, esperando para morrer. Todas elas aparecem nesse diagrama, até mesmo quem ainda não foi inserido. Eles se encontram em uma área reservada, as ligações com o restante da sociedade ainda esperando para serem efetivadas. Isso porque não podemos ter uma nova atualização a cada semana, a cada cerimônia de inserção.

— E porque precisaríamos? — Questiono.

— A complexidade da Teia é muito maior do que você ou eu somos capazes de imaginar, garoto — ela faz uma careta de escárnio. — Cada um dos jovens inseridos tem o *display* programado no mínimo dez anos antes de sequer

nascerem. Dessa forma, quando forem inseridos, irão interagir com inúmeras pessoas diferentes, que entraram na Teia até dez anos antes que eles. E, consequentemente, interagirão com pessoas inseridas dez anos mais tarde que elas.

— São as gerações. — Diz Kali, aproximando-se de nós dois.

— Então cada geração dura vinte anos? Nunca vou interagir com alguém que seja mais velho que dez anos do que eu? — Pergunto.

— Não necessariamente. Em alguns casos, os cálculos vão ainda mais longe — diz Ceres. — É o caso de Kali e Leon.

— Vocês são aliados. — Digo.

Ela lança um olhar para mim.

— Sim. Aliados.

Kali não mantém o olhar por muito tempo, por mais que eu permaneça a olhando.

— E quanto aos imunes? Onde eles se encaixam?

— Essa é a questão — diz Ceres, girando a cadeira de rodinhas, que range. — Os imunes não se encaixam em lugar nenhum. São pessoas *sem display*.

— *Sem display*? — Pergunto. — Isso é *possível*?

A mulher dá de ombros.

— Vocês queriam saber a respeito dos imunes. E isso é o que eu sei a respeito deles — diz ela. — São pessoas que têm total controle sobre os códigos-fonte da Teia. Pode até ser que nenhum *hacker* seja capaz de quebrar o sistema de segurança da Teia, mas *esses caras* conseguem. E têm acesso a tudo.

— Mas todos sabem que todo sistema tem uma brecha. — Digo.

— Todos os sistemas *da* Teia. Não *a* Teia — diz ela, como se a resposta fosse óbvia. — Se os *hackers* fossem capazes de quebrar a criptografia da Teia, o sistema entraria em colapso.

— E o que os impede de fazer isso? — Eu pergunto, outra vez.

— A criptografia da Teia tem os códigos modificados o tempo inteiro, baseados em aleatoriedade, como um vírus muito forte faz com seu código genético — diz ela. — É completamente impossível quebrar a Teia. — Ela balança a cabeça, tentando clareá-la.

— Isso não importa — diz Kali, interferindo. — Fale sobre os imunes.

Ceres concorda, e volta a olhar para o diagrama.

— Eles têm *displays* meramente estéticos. Funcionam como qualquer outro, mas não têm *chip* localizador, nem galerias, nem conquistas, nem alvos — resmunga Ceres. — A função deles, sendo a de regular e manter a Teia, ainda mais que os mantenedores, não pode interferir diretamente na sociedade. Caso fizessem isso, a Teia se tornaria muito parcial e subjetiva. Ela não pode ter interferência externa.

— Mas eles estão inseridos?

— Sim. Estão por aí — diz a mulher. — Se escondem por trás de funções muito específicas. Geralmente são políticos, pelo que sei, mas não só. Ao mesmo tempo, são invisíveis. Eles fazem *check-in*, têm sistemas de crédito e tudo o mais, mas são indetectáveis. Completamente invisíveis à Teia.

Nós dois concordamos com a cabeça.

— E você acha que eles seriam capazes de conseguir uma atualização para mim? — Pergunta a garota.

Ceres cruza os braços.

Ela pensa por algum tempo.

— Sim. Definitivamente.

Eu e Kali nos entreolhamos.

— O que vocês deveriam fazer é entrar em contato com Fenrir — diz Ceres, batendo com um dos dedos sobre a mesa, olhando fixamente para a garota. — Ninguém é melhor do que ele para falar sobre isso.

48

Manhã. Dormitório.

— Vocês já ouviram falar a respeito de imunidade?

Jayden e Mael se inclinam um pouco para fora de suas camas para olhar para mim.

— Imunidade? — Pergunta Jayden.

Faço que sim com a cabeça.

— Onde você ouviu essa palavra? — Pergunta Mael. Sua voz tem um tom estranho. Um tom quase de ameaça.

Lanço um olhar para Jayden, e ele faz um gesto negativo com a cabeça.

— Ouvi por aí. Porque?

O namorado de Jayden aponta um dedo para mim.

— Imunidade é uma palavra poderosa e perigosa, Harlan — diz ele. — Não é algo que se ouça em qualquer lugar. Quem falou a respeito disso?

— Ninguém, Mael. — Digo, sério.

— Vou lhe dizer uma coisa, Harlan — ele é incisivo, me olhando com uma firmeza que eu não sabia que tinha. — É melhor não falar essa palavra em nenhum lugar, para ninguém. A não ser que você queira arranjar mais problemas do que já tem.

— Pode deixar. Eu sei tomar conta de mim mesmo.

Ele concorda.

Jayden parece perdido por apenas um instante.

— Mael, porque não vai tomar banho? — Pergunta.

O garoto olha para nós dois e nos analisa. Depois, desce de sua cama e anda pelo corredor formado pelas beliches, sem falar nada.

— Certo, Harlan. Onde foi que você ouviu isso?

— Kali e eu matamos, sem querer, um programador, ontem à noite — digo. — Ela o forçou a usar energia vital para rodar um galpão de atualização... a gente tentou fazer a atualização à força. Mas ele morreu antes de conseguir fazer qualquer coisa, por conta da quantidade de energia necessária. Mas, antes de morrer, ele disse que não conseguiria fazer a atualização, de qualquer forma, porque não era imune.

Jayden ergue as duas sobrancelhas, pasmo.

— Você está louco? — Ele pergunta, embasbacado. — Vocês mataram um *programador*?

— Tecnicamente, pode ser considerado um acidente — eu digo, em voz baixa. Olho em volta, pensando em o quão perigoso é o que estamos falando, caso alguém nos ouça. — Ele será substituído por um curinga.

Ele cruza os braços e balança a cabeça.

— Harlan, isso está ficando perigoso. Você está obcecado por essa garota.

Respiro fundo.

— Como posso *não* estar? — Pergunto. — Ela é meu par, meu alvo e minha fatalista. Ela está no centro de tudo que sou e do que *posso* ser. Se não for atrás dela, agora... se não continuar fazendo o que estou fazendo, vou ter o arco fechado por ela e estarei aceitando isso de bom grado.

Cruzo os braços, também.

— E eu não posso fazer isso.

Ele bota a mão sobre meu ombro.

— Tome cuidado, Harlan — diz Jayden. — A partir de agora, não há mais volta.

49

Começo da noite. No caminho para o centro.

Uso a moto para encontrar Kali na frente de seu dormitório.

— Qual é o plano? — Pergunto a ela.

— Não há nenhum plano. Nós vamos até o centro e conversaremos com Fenrir.

— Conversar? Da última vez que você tentou fazer isso, foi para a CMT — digo. — E isso não está nos meus planos.

— Nem nos meus, Harlan. — Ela rebate, me olhando fundo nos olhos.

Faço um sinal com a cabeça para que ela suba, e ela passa uma das pernas por cima do veículo, sentando-se atrás de mim. Como da última vez, passa os braços em torno de meu corpo, ao invés de se segurar nos apoios junto de seu banco. Uma onda breve de eletricidade me perpassa.

Toco no console da moto e acerto nossa trajetória. Acelero e sigo a linha laranja

traçada no mapa.

— Acha que Fenrir vai aceitar falar com a gente?

— Ele *precisa* aceitar — diz ela, e estende o braço à minha frente. Olho para seu *display*, a assinatura digital do artífice em destaque. — O preço é sua vida.

Dou uma olhada rápida para trás.

— Ele zerou o *display*?

— Sim.

— E essa é nossa moeda de troca?

— A nossa moeda de troca é a vida dele — diz Kali. — Se conseguirmos uma atualização para você, podemos inclui-lo nela, também. Ele nos dirá qualquer coisa para continuar vivo.

Faço uma curva fechada. Ela se segura com força em mim, mas nada diz. Seguimos na direção do viaduto que leva ao centro da cidade, desviando dos carros que andam devagar.

— E por quanto tempo você pode segurar alguém pronto?

— Como assim?

— Por quanto tempo você pode *não* matar alguém que já zerou o *display*?

Ela se segura em mim com mais força, mas não responde.

— Kali. — Chamo.

— Há um nível de tolerância. Alguns meses, no máximo. — Resmunga ela, a voz fraca.

Diminuo um pouco a velocidade.

— Então ainda temos tempo. Tempo para mim. — Digo, olhando para ela. Mas

ela esconde o rosto na minha roupa.

— Não.

Paro a moto.

— Você disse que tem tolerância.

Olho para trás. Os olhos da garota lacrimejam.

— Leon está pronto há seis meses.

Fico parado por alguns instantes, sem falar nada, a moto um pouco inclinada para a esquerda, eu com o pé cravado no asfalto, segurando-a em pé. A fatalista passa as mãos por debaixo dos olhos, limpando as lágrimas que tentam escapar e escorrer por seu rosto. Ela não quer, por alguma razão, que eu a veja chorando. Então desce da moto e anda até a calçada, olhando para dentro de uma loja muito pequena. Olhando, na verdade, para seu próprio reflexo na vitrine.

Quando ela me deixa sozinho na moto, o vento frio da noite me gela por completo. Desligo o motor, levanto e vou atrás dela.

— Leon é seu alvo? — Pergunto.

Ela volta a limpar as lágrimas, e confirma.

— Ele sabe disso?

Ela balança a cabeça.

— Eu não tive coragem de contar a ele — diz ela. — Como poderia?

— E ele *sempre* foi seu alvo? Ou ele também foi inserido no seu *display* na atualização?

— Sempre foi — murmura ela. A luz fraca da vitrine desce em seu rosto, refletido no vidro. Fico parado atrás dela, olhando para seu reflexo. — Ele sempre foi meu aliado e sempre foi meu alvo. Mas eu achei que esse momento

nunca iria chegar. E ele continua achando que, na verdade, será levado para a CMT, e os mantenedores estão apenas dando alguma folga a ele. Mas não estão.

Ela respira com força.

— Dimitri O'Neil... o chefe do Programa de Fluxo. Sempre que ele me vê, diz que Leon está pronto, e que a CMT também está pronta para ele — a voz dela é meramente um sussurro. — E que eu tenho de matá-lo o quanto antes. Mas eu não sei como fazer isso. Eu não sou forte o bastante.

A fatalista passa uma das mãos nos cabelos, prendendo-os atrás de sua orelha direita.

Vira-se para mim. Seu rosto parece limpo demais, à mostra demais. Essa é a primeira vez em que os olhos dela mostram o que há por trás de sua superfície. Pela primeira vez, eu posso vê-la.

— Eu sou fraca, Harlan. Eu não sou nada.

Ela é incapaz de segurar as lágrimas, e elas descem abundantes por seu rosto, contornando suas bochechas, indo até o queixo e molhando seu pescoço. Suas mãos tapam seu rosto e ela parece pequena, pequena demais para o que está disposta a fazer, ou para o que *deve* fazer.

Como quando eu a via ser punida no centro de treinamento, sinto uma urgência em protegê-la.

E, dessa vez, eu posso.

Eu me aproximo e passo os braços em volta de seu corpo, como ela fez comigo ao subir na moto. Puxo-a para perto e a seguro firme, dizendo a ela, de alguma forma, que ela não está sozinha. Uma tentativa de dizer isso, também, a mim mesmo.

Kali esconde o rosto em meu peito e parece desaparecer.

— Você não é fraca — eu digo, em voz baixa. — Você é a pessoa mais forte que eu conheço.

Ela passa os braços em torno de mim e, então, ficamos assim.

As luzes dos carros nos iluminam e deixam no escuro vez sim, vez não. Na maior parte do tempo, no entanto, permanecemos abraçados como se fôssemos parte da noite, quase como apenas um ser.

A garota lentamente para de chorar. E respira fundo.

— Você está bem? — Pergunto a ela.

Kali não responde, a princípio. Então me larga e dá um passo atrás, olhando para o chão.

Seguro seu queixo e o puxo para cima, e ela me olha. Ainda que não haja fogo ou gelo em seus olhos, eles voltaram a ser rasos. Mesmo que algumas lágrimas ainda turvem seu olhar, a garota que chorou há pouco não está mais aqui.

— Nós... temos que ir. — Ela diz.

Nos olhamos por breves momentos. Um homem passa correndo por nós, vindo de uma rua lateral. Um segundo corre atrás do primeiro.

— Sim. Vamos.

Volto para a moto e subo nela. A garota faz o mesmo, e volta a se segurar em mim. Eu giro a maneta e acelero, e nós dois seguimos em silêncio pelo restante das ruas que levam ao viaduto. O movimento é grande, como de costume. Eu costuro por entre os carros, evitando outras motos que fazem o mesmo. Em certo momento, bato, sem querer, em uma câmera retrovisora de um veículo, e a arranco dele. O motorista abre a janela, mas, quando começa a praguejar, já estamos longe demais.

Alcançamos o viaduto e eu acelero através dele. Invado uma das pistas para chegar o quanto antes às cabines dos mantenedores.

— Os *displays*. Dos dois.

O homem no interior é muito jovem, com aparência de recém-inserido, ainda

que provavelmente já tenha no mínimo cinco anos de inserção. Ele estende a mão e segura, na outra, um escâner. Kali dá seu braço a ele primeiro.

— Kali Assange, mantenedora. — Ela diz, antes que ele peça a confirmação verbal.

— O que tem a fazer no centro?

— Tenho um alvo. Seu nome é Fenrir Roth, artífice.

O jovem bate com os dedos no teclado projetado e faz um sinal com a cabeça em concordância. Então estende a mão para mim, e eu dou a ele meu braço.

O escâner passa por ele.

— Harlan Montag, mercador.

— O que tem a fazer no centro?

— Ela é meu alvo.

O mantenedor dá uma olhada em Kali, como se para se certificar de que eu estava realmente falando a respeito da garota que me acompanha. Ele examina alguma coisa em seu monitor e dá uma olhada na eletroarma próxima de sua mão esquerda – próxima demais, também, da abertura em seu cubículo de vidro.

— Aparentemente a sua entrada no centro está vetada. — Diz ele.

— Estou proibido de ir ao centro?

— Segundo os dados nos relatórios, seus únicos alvos estão no subúrbio, o que faz com que sua ida ao centro seja irrelevante e, também, proibida. — Diz ele, olhando outra vez para a eletroarma.

Olho para a arma também.

Subitamente, meu *display* se ilumina: proximidade de um alvo. *Outro* alvo, não Kali.

Rapidamente estendo a mão e agarro a eletroarma, mirando e apertando o gatilho. O jovem tenta se esconder, mas é tarde demais: os fios se prendem nele e a descarga elétrica o perpassa por inteiro. Ele convulsiona e cai no chão, junto dos pés de sua cadeira.

Nos outros cubículos, os demais mantenedores param o que estão fazendo. E olham para nós.

— *Acelera!* — Kali grita em meu ouvido, e, sem largar a arma, giro a acelerador.

A moto escapa de meu controle, o pneu gemendo contra o asfalto.

A borracha risca de preto o chão e cheiro de queimado impregna o ar. Mas, antes que qualquer um dos mantenedores seja capaz de fazer algo, nós partimos.

Atravesso o viaduto o mais rápido que a moto aguenta, e seu motor anda no limite.

A fatalista agarra meu braço esquerdo e olha para o *display*.

— Harlan, ele era seu alvo — diz ela, em voz alta, para ser ouvida acima do vento. — Você agora só tem três conquistas.

Olho para meu *display*, brilhando.

— *Merda*. — Digo.

Em minha mão continua a eletroarma.

Coloco-a na barra da calça e continuo acelerando.

50

Pouco depois.

Alcançamos o prédio em que fica o apartamento envidraçado de Fenrir, e examinamos o entorno. Como de costume, a plataforma em frente ao primeiro andar está repleta de pessoas, olhando para dentro do apartamento do artífice. De onde estamos é impossível ver o homem.

— Vamos ficar aqui. — Digo a Kali.

Ela desce e eu estaciono a moto junto do meio-fio. Desligo o motor e desço dela, também.

— Você acha que é uma boa ideia entrar em contato com Fenrir? — Pergunto.

A garota olha para mim e me examina.

— Porque?

Dou de ombros.

— Eu estava lá quando você matou Morfeu — digo. — Ele disse alguma coisa a respeito desse artífice. Disse que você seria encaminhada para ele. Isso não significa que, de alguma forma, o que estamos fazendo já está previsto pela Teia? Quero dizer... será que, contatando um falso rebelde, não estamos sendo, também, falsos rebeldes?

Ela fica calada por alguns instantes.

— E o que podemos fazer, além disso? — Ela pergunta. — Como podemos ser rebeldes verdadeiros?

— Decepando nossos braços, talvez. — Resmungo.

Tanto eu quanto ela lançamos olhares involuntários para os braços esquerdos um do outro. Tento imaginá-la com apenas um deles, mas é difícil demais.

— Nós temos que tentar. — Ela decreta.

Atravessamos a rua movimentada, quase sendo cegados pelos faróis de *led* dos carros.

— Como vamos fazer isso? Tem dois guardas pessoais na entrada da porra do prédio.

Kali parece pensar. Depois, olha para mim.

— Dê-me a eletroarma.

Tiro-a da folga da calça e entrego para ela. A garota abre o compartimento da munição e conta quanta há.

— Eu achei que esse tipo de coisa não usasse munição. — Digo.

— Usa. *Essas* eletroarmas usam. Eles precisam vender munição, de qualquer maneira — ela diz. — Cada uma delas vem com cinco disparos. Deve ser o bastante.

Estou prestes a perguntar mais para ela quando ela anda até os dois guardas na

entrada e dispara. Os fios se entrelaçam e prendem em suas peles, e eles deixam cair suas próprias armas no chão. Seus joelhos se dobram e eles desabam, salivando e tremendo, já inconscientes.

Corro até a garota. Como da última vez, o público sobre a plataforma começa a falar mais baixo. Com certeza já nos viram e muito provavelmente sabem que alguma coisa está prestes a acontecer.

Me abaixo para pegar uma das eletroarmas dos guardas caídos, mas Kali me impede.

— Se você roubar essas armas deles, seremos chamados para a CMT — diz. — Deixe aí.

Volto a me levantar.

Entramos no amplo e vazio saguão do prédio pelas portas de folhas duplas da frente, deixando que se fechem automaticamente após nossa passagem. A recepcionista do lugar – uma laboradora –, sentada atrás de um balcão, levanta uma das mãos ao nos ver.

Kali aponta a eletroarma para ela.

— Libere o elevador. Nós vamos subir.

A mulher abre a boca para falar. Mas somente aperta um botão atrás do balcão e a porta do elevador se abre.

A fatalista nada diz, e simplesmente entra. Eu faço um sinal com a cabeça para a laboradora, que fica impassível, e entro em seguida.

Ela pressiona o botão correspondente ao andar do apartamento de Fenrir e o elevador começa a se movimentar. Não há tranco algum. Ele para eficientemente no andar certo e as folhas duplas das portas deslizam para os lados, abrindo caminho para nós dois.

Quando nos aproximamos da vistosa porta de entrada, alternando metal dourado e hexágonos de vidro, formando pequenas janelas opacas, o console ao lado de

Kali se ilumina.

— Passe seu braço. — Diz a garota.

Me adianto e passo o *display*, mas o acesso é negado. Passo uma segunda vez e o mesmo acontece.

— Eu não tenho nenhuma ligação com ele — digo. — Talvez você consiga alguma coisa.

Kali passa a eletroarma da mão esquerda para a direita, e põe o braço perto do escâner. Demora alguns poucos instantes, mas a porta se destranca e abre automaticamente.

Nós dois aguardamos, parados em frente ao arco aberto da porta.

— Ele está pronto, agora — murmura a garota, mais para si mesma do que para mim. — A Teia está liberando meu acesso porque ele está pronto para ter o arco fechado.

Subitamente, outros dois guardas aparecem.

Antes que eles possam pressionar seus gatilhos, Kali pressiona o dela, e as duas últimas cargas são lançadas contra eles. Quando estão no chão, passamos por cima deles e fechamos a porta em seguida.

O apartamento é amplo e limpo, quase que inteiramente branco, exceto por alguns móveis e paredes vermelhos. A gigantesca janela que toma toda a largura do lugar mostra a plataforma do outro lado da rua no mesmo nível, e o público aguardando. Não há qualquer som, no interior. O apartamento é totalmente isolado acusticamente, de forma que nada se ouve do exterior. Espalhadas pela área do local estão esculturas diversas, assim como pinturas e outras obras de arte. Em frente a um ostentoso sofá vermelho fica um enorme telão que faz as vezes de televisão. Além de mim, Kali e dos dois guardas, não há ninguém no apartamento.

— Onde ele está? — Pergunto.

Como que em resposta, o artífice aparece, vindo de outro cômodo, passando pelo arco aberto e sem porta que faz a ligação entre os aposentos. Veste apenas um roupão, e caminha o amarrando. Seu cabelo comprido também está amarrado.

— O que está acontecendo? — Pergunta ele, antes irritação em seu rosto do que qualquer outra coisa. — Eu estava na cápsula de contato quando ouvi—

Ele para bruscamente e olha para nós dois, e para os guardas caídos no chão.

— Kali. — Ele diz.

Ela levanta a eletroarma na direção dele.

— Sente-se no sofá — diz ela. — Precisamos conversar.

— Conversar da mesma maneira que conversamos da última vez? — Ele questiona, segurando o laço que fez para amarrar o roupão. — Porque você tentou me matar, se é que me lembro bem. E eu estou preparado para o que quer que você esteja querendo agora, também.

— Não estou aqui para matá-lo.

— Mas vai me matar, se for necessário, certo? — Ele pergunta, ainda parado no mesmo lugar, os olhos correndo da eletroarma para o rosto dela e, também, para mim.

A garota não responde.

— Eu conheço eletroarmas — diz ele, sua voz é clara e aberta. — Eu sei que a que você tem está vazia.

A fatalista larga a arma no chão e puxa, do coldre, a costumeira pistola preta, a mira vermelha pousa com naturalidade sobre o coração.

— Sim, Fenrir. Eu o matarei, se for necessário.

Sinto a eletricidade presente no ar, e no olhar que os dois trocam. Ainda que eu não saiba exatamente o que Kali pensa a respeito desse homem, sei que seu

sentimento com relação a ele pode não ser muito bom. O último encontro entre eles rendeu a ela uma visita à CMT.

— Sente-se.

O homem estreita os olhos em nossa direção e vai até o sofá vermelho. Mas senta-se em uma poltrona branca, posicionada exatamente à frente.

— Onde estão meus modos? — Ele pergunta, e abre um sorriso forçado. Ele indica o sofá. — Sentem-se, também. Fiquem à vontade.

— Tranque os guardas em outro cômodo. — Ordena a garota, e eu concordo com a cabeça. Rapidamente arrasto os corpos dormentes dos dois e os tranco dentro de uma despensa. Depois, vou até os dois e sento junto da garota, no sofá vermelho.

— O que vocês querem? — Pergunta Fenrir, cruzando as pernas.

— Apenas conversar.

— Se quisessem apenas conversar, deveriam ter marcado uma videoconferência. — Diz ele, entre dentes.

A mira da arma de Kali desce e ela pousa a pistola sobre a mesa de centro, ainda ligeiramente apontada para o artífice. Os olhos dele acompanham a trajetória da arma e permanecem nela.

— Tenho certeza de que você sabe que a Teia liberou o fechamento de seu arco assim que você terminou com todas as suas conquistas — diz a garota, cravando os olhos nele. — Mas não estou aqui para fechar seu arco. Pelo contrário. Estou aqui porque o que temos a falar não pode ser compartilhado através da Teia. Eu precisava falar com você cara a cara.

— Estamos aqui para negociar. — Eu digo.

Pela segunda vez o artífice pousa seus olhos em mim.

— Quem é você, afinal de contas?

— Este é Harlan Montag, ele é meu par. É a razão pela qual estamos aqui, hoje.

Ele me analisa friamente, para apenas então olhar para a garota.

— E ele está envolvido nessa... negociação?

— Eu quero fazer uma troca — ela ignora a pergunta dele. — Troco sua vida por uma informação.

O homem também cruza os braços, agora.

— Minha vida... — fala, baixo, enquanto seus olhos passeiam pelo meu rosto e pelo rosto de meu par. — De que informação vocês precisam?

A garota mantém o olhar firme no dele.

— Preciso saber quem são os imunes e onde posso encontrá-los.

Ele parece parar de respirar, e o ligeiro sorriso que ainda se mantinha em seu rosto desaparece pouco a pouco.

— Os imunes? — Pergunta. — Quer saber como encontrá-los?

Kali apenas o olha, a resposta intrínseca em sua espera.

O homem não fala nada. Apenas aponta para o *display* dela.

51

Nós três olhamos para o braço da garota, o *display* brilhando por conta da proximidade com dois de seus alvos.

— Os imunes estão em meu *display*? — Pergunta ela, genuinamente confusa.

— Estou falando de uma possibilidade, baseado no fato de que você seja uma rebelde prevista — diz Fenrir, mexendo apenas os olhos e os lábios, enquanto fala. — E eu acredito que você realmente seja uma falsa rebelde.

— Uma falsa rebelde? — Pergunto.

— Explique. — Diz ela.

Fenrir dá de ombros.

— Imagino que você saiba a respeito do paradoxo da falsa rebeldia, certo? — Ela não responde. — Quero dizer, toda a história de querer se rebelar contra a Teia, mas esta rebeldia já estar prevista em dados ocultos do *display* e ser uma espécie de contra-ataque da Teia contra os rebeldes?

— Eu ouvi falar disso — digo. — Foi um de seus fãs. Ele disse que você é um rebelde por não ser rebelde.

— Exato — ele concorda, dando um breve sorriso de dentes muito brancos. — Sendo a falsa rebeldia uma situação prevista no *display* e já programada anteriormente, a única opção real para a rebeldia seria a de não compactuar com este tipo de previsão. A solução seria a de seguir os dados visíveis do *display*, de forma a se rebelar contra a falsa rebeldia.

— Ser rebelde não sendo rebelde — resmungo. — Não faz nenhum sentido.

— Por isso chamamos de paradoxo, garoto. — Diz o artífice.

— E como se sabe se você é um rebelde? — Pergunta Kali.

— Todos são — diz Fenrir. — Todo e qualquer *display* possui duas programações. Uma delas é a programação normal, visível através da interface; a segunda é o lado B, programada em dados ocultos e visível apenas se fosse possível quebrar os códigos do *display*. Seria preciso *crackear* o *display*, o que é não apenas improvável, como impossível.

— Então todas as pessoas possuem tendência à rebeldia?

O homem faz um gesto de escárnio.

— Bem, sim. Como seres humanos, estamos todos propensos à subjetividade. Por mais que a Teia tente nos tornar robôs, continuamos sendo capazes de pensar — ele bate com um dos dedos duas vezes na têmpora. — Nossos pensamentos ainda estão livres da Teia. *Ainda*. Pelo que sei, estão botando em prática uma campanha de atualização de *hardware*. Quem quiser fazer o implante cerebral do *display*, por enquanto, tem que pagar. Mas, daqui a um ano, no máximo, a coisa vai ser incorporada completamente, e vamos sair em mutirões para atualizar os *displays*.

— Ouvi dizer que é possível compartilhar pensamentos no *display* aprimorado. — Digo.

— É possível, sim. — Diz Kali.

— De qualquer forma, é inegável que todos os habitantes da Teia possam sofrer uma crise de identidade ou ficar insatisfeitos com algum aspecto de seu destino — continua o homem. — Para compensar esse tipo de situação, existe a rebeldia prevista. Uma forma simples de controlar os cidadãos que não querem seguir o fluxo.

Eu e Kali concordamos.

— E onde os imunes entram, nisso?

O olhar do homem paira sobre a arma.

— Você poderia guardar essa pistola? — Pergunta ele. — Acho que eu me sentiria mais à vontade para falar sobre isso sem uma escrava da Teia prestes a fechar meu arco.

Embora incomodada, a garota guarda a pistola.

— Quanto vocês sabem a respeito da imunidade? — Pergunta Fenrir.

— Quase nada. — Digo.

— Sabemos que são pessoas com *display* estético, capazes de acessar e modificar a Teia, responsáveis pela administração e programação internas. Estão além do sistema, embora estejam virtualmente inseridos nele.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Bem, essa história de que os imunes têm *display* meramente estético é uma mentira — diz ele. — Uma mentira espalhada pelo Blair. Ele sempre disse que os imunes eram realmente *imunes* à Teia. É daí que vem o nome. Na verdade, eles não são imunes. Estão tão sujeitos à Teia quanto nós, porque têm as quatro galerias, alvos, pares, alianças e rivalidades. A única diferença é que eles *não têm* a falsa rebeldia na programação. Eles são imunes a esse aspecto do sistema porque são eles os responsáveis por verificar o fator *humano* da Teia. Eles examinam minuciosamente cada uma das conquistas de cada novo cálculo da Teia e as aceitam ou rejeitam. Eles têm poder para mudar o que quiserem, mas

não para mudar os *seus* próprios *displays*.

— Então a imunidade é falha.

— Não — ele diz. — Ela é perfeitamente funcional. Pelo menos, do ponto de vista da Teia. Um imune não pode tomar decisões acerca de si mesmo, nem de seus alvos ou quaisquer pessoas relacionadas em suas galerias; mas pode decidir o destino de outras pessoas. Se ele pudesse resolver seus próprios impasses, a Teia estaria se contradizendo. Não há espaço para subjetividade.

Faço que sim com a cabeça.

— Porque você iria querer ser um rebelde? — Pergunto.

O homem descruza as pernas, e cruza-as novamente no outro sentido.

— O que quer dizer com isso, garoto?

— Você é um falso rebelde, como qualquer outro, mas decidiu rebelar-se contra a Teia cumprindo com o seu *display* da maneira típica — digo. — Mas porquê?

Um sorriso muito pequeno brota no canto de sua boca. Seus olhos se iluminam muito de leve.

— Eu sempre fui gay, sabe? — Diz ele. — Não bissexual, como a maior parte das pessoas, mas gay. Sempre achei que não encontraria o que queria em mulheres, e nunca encontrei, mesmo que todos os meus pares fossem mulheres. Eu sempre soube que somente *um* homem seria realmente compatível comigo.

— Edward Blair. — Diz Kali.

— Sim. Éramos pares não-oficiais. Namorados. Algo permitido, até certo ponto.

— Que ponto?

— O ponto em que começamos a nos amar. — Diz Fenrir, e posso ver que sua mente não está mais conosco.

Ficamos calados por algum tempo, até que Kali interrompe os pensamentos de todos.

— E quanto a Blair? — Pergunta ela.

— O que há com ele? — Fenrir parece incomodado por ser trazido de volta à sala.

— Ele é um verdadeiro rebelde. Ele passou por cima da rebeldia prevista. — Ela diz, encarando fundo os olhos do artífice.

— Sim, em parte. Mas ele foi um rebelde em apenas um nível. Dentro do *reality show* — diz ele, e há amargura e azedume no fundo de sua voz. — Ele foi incapaz de fugir de lá. Foi preso no mesmo momento, e, desde então, estou sozinho.

— Porque *ele* decidiu se rebelar? — Pergunta Kali.

O artífice sorri, quase ironicamente.

— Bem, essa é uma história que pouca gente conhece, certo? — Ele diz. — Pouquíssima gente. Bem... eu só o encontrei depois que ele começou a se tornar um rebelde, de qualquer maneira. Quando comecei a ficar com ele, ele já se recusava a contar a totalidade de sua história. O porquê de tudo aquilo. Não me interessava.

— Mas você deve saber alguma coisa.

— Sim, eu sei — ele diz, rindo de leve. — Sei muito bem. O Blair era um artífice, assim como eu sou. Mas, ao contrário de mim, que faço pinturas, ele escrevia. Era um escritor. Ele tinha uma lista de autorizações de histórias que poderia contar, cada uma delas seguindo uma linha específica e um *plot* predeterminado. De certa maneira, as ideias eram pré-fabricadas, e tudo que ele precisava fazer era transcrevê-las. Pelo que sei, ele se rebelou porque não podia escrever o que queria. Não podia usar suas próprias ideias em suas histórias. A Teia não permitiria esse luxo a ele.

Ele para de rir.

— Histórias têm poder... é inacreditável o quanto pode-se mudar a mente de alguém apenas contando uma história. Elas mexem com nossas cabeças, alteram nossos pensamentos, confundem nossos sentidos e mesclam nossos princípios. Inserem e retiram informações e dados de nossos âmagos, nem sempre para o bem, nem sempre para o mal. Que poder pode ser maior do que o sobre a mente das pessoas?

Nós três apenas nos olhamos. O ar vai ficando pesado.

— Vocês nunca se perguntaram qual é a serventia da casta dos artífices? — Pergunta ele. — Para a Teia, controlar a arte é controlar as pessoas. Nada pode ser maior do que ser capaz de controlar as mentes dos cidadãos através de algo que eles são incapazes de interpretar ou entender.

Kali continua o encarando.

— O que Blair queria escrever?

— Ele nunca me disse.

— E onde ele está agora? — Pergunto.

— Pelo que sei, encarcerado na CMT.

Todos nós ficamos em silêncio, um analisando ao outro.

— O que vocês pretendem com os imunes? — Pergunta ele.

— Uma atualização. — Diz Kali.

— E o que querem atualizar?

— Isso não é de sua conta — diz ela, lançando um olhar incisivo para ele. O homem começa a se distrair mexendo na costura do sofá. — Mas, se nos ajudar, me comprometo a inclui-lo na atualização. A salvá-lo do fluxo.

— Eu não preciso disso.

— Não? — Ela volta a puxar a arma. — Então está pronto para morrer?

Fenrir levanta as duas mãos, impotente, dos dois lados de sua cabeça.

— Não, também — diz ele, e Kali lentamente abaixa o cano da arma, mas a mantém sobre o próprio colo. — Blair sempre disse que o caminho correto seria o de seguir a falsa rebeldia para, então, quando se estivesse no ápice do que foi programado, cometer um ato de rebeldia verdadeira. Quanto mais afastado se estiver do lado A de seu *display*, mais possível será de se cometer esse tipo de transgressão. Mas é preciso cautela e muito, muito estudo.

— E porque você ainda não fez isso? — Pergunto.

— Não posso fazer isso sozinho — a voz do homem sai baixa. — Eu só vou conseguir se for com *ele*.

Por alguma razão, meus olhos buscam a mão de Kali, pousada com certa delicadeza sobre a brutalidade da pistola negra sobre seu colo. Por dentro, sinto que minha mão gostaria de buscá-la, mas algo me impede. Possivelmente, o peso de minha timidez ou o medo – *o medo* – que sinto dela.

— Você acha que seria possível conseguir uma atualização com um imune? — Pergunta a garota.

— Definitivamente.

Kali me olha. Há um fio de esperança, uma chama tênue, mas constante, em seus olhos.

— E como posso encontrá-los?

— Como eu disse, a resposta está em seu *display* — diz Fenrir. — Sua rebeldia, no ponto em que se encontra agora, está prevista, com toda certeza. E essa rebeldia pode até estar em dados ocultos, mas o reflexo sempre vai aparecer em suas conquistas. Se houver imunes em seu caminho, eles serão, no mínimo, seus rivais e, como uma fatalista, no máximo, seus alvos.

— E eles são políticos.

O homem surpreende-se, e ergue as sobrancelhas.

— Se supõe, consensualmente, que os imunes sejam políticos — diz ele. — Isso é verdade. Não acho que seja uma regra, mas você, com certeza, será capaz de identificá-los. Abra seu *display* e procure por pessoas *grandes*. Que tenham uma função realmente importante na Teia. Cargos administrativos em geral.

Penso por alguns instantes.

— Como o chefe do Programa de Proteção ao Fluxo Humano? — Pergunto.

— Dimitri O'Neil? — Pergunta Kali.

— Não. Ele não — diz Fenrir. — Ele é apenas mais um boneco da Teia. Talvez o chefe *dele*. Silas Markham.

— Silas Markham? — Pergunto. Nunca ouvi o nome antes.

— O orador das cerimônias de inserção. — Diz Kali.

Concordo com a cabeça.

— Procure por pessoas com um cargo significativo — diz o artífice, descruzando as pernas e inclinando o corpo para mais próximo de nós, apertando as duas mãos juntas. — Você vai matá-los, todos; ou, pelo menos, eles estarão em sua galeria de casta. É assim que você vai encontrá-los.

Kali faz que sim, também.

Ela se levanta, guardando a pistola no coldre.

Eu levanto, também. Estamos de saída.

— Espere — ele se dirige a meu par. — Eu tenho uma coisa para você.

A garota olha para ele. Fenrir procura em uma cômoda e em seguida se aproxima, entregando a ela a faca de lâmina vermelha. A fatalista, por sua vez, acena em reconhecimento para ele.

— Não se esqueça, garota, do que eu lhe disse — Fenrir levanta e aponta um dedo para ela. — Não se esqueça. Quando você alcançar o ponto máximo de distanciamento do seu *display* normal: esse é o momento certo para se rebelar de verdade. Pode parecer difícil, mas somente assim vocês vão conseguir o que planejam.

— Não será um problema. — Eu digo.

O homem me olha.

— Kali já é uma rebelde.

52

Cinco minutos depois.

Descemos para o saguão do prédio e imediatamente vemos que há barras de *led* branco piscando do lado de fora das portas de entrada, apontadas para dentro. Assim que as portas do elevador se abrem, tanto eu quanto a garota ficamos paralisados.

— O que é isso? — Pergunto.

Ela olha para o lado. A recepcionista desapareceu.

— Mantenedores.

— E porque estão aqui?

Kali olha para mim; dentro de seus olhos faísca o costumeiro fogo.

— Estão aqui por nossa causa.

— Devemos fugir?

Ela olha para fora e eu faço o mesmo. Os corpos inconscientes dos dois guardas não estão mais onde nós os deixamos.

— Não. Eles têm todas as ferramentas de que precisam para nos encontrar.

Puxa a manga de seu casaco e mostra o *display*. Ela está certa.

Andamos cautelosamente na direção da saída e as portas se abrem quando nos aproximamos.

— Kali Assange, mantenedora; Harlan Montag, mercador — diz a voz de um dos mantenedores, parecendo automática e mecanizada através de um megafone. — Aproximem-se devagar e com as mãos para cima.

Há dois carros com os faróis e as barras de *led* virados para a entrada, nos cegando. À frente deles, um grupo grande de mantenedores, cerca de dez. O décimo primeiro está mais avançado, parado mais próximo, com o megafone na mão esquerda: Dimitri O'Neil. Separados de nós por faixas de isolamento está um público considerável, examinando com voracidade o que se passa.

Enquanto eu levanto as mãos, Kali busca sua pistola com as suas.

— Nenhum dos mantenedores aqui está pronto para ter seu arco fechado — diz o homem, através do megafone. — Armas são inúteis. Esta é apenas uma inspeção de rotina.

— Não me parece ser "de rotina". — Digo, um súbito espasmo de coragem, ainda que, por dentro, eu me sinta remexido e ansioso.

Dimitri se aproxima de nós, entregando o megafone a outro mantenedor.

— Receio que você ainda não me conheça — diz ele, olhando para mim. — Meu nome é Dimitri O'Neil, sou o chefe do Programa de Proteção ao Fluxo Humano. Meu trabalho é o de garantir que todos os habitantes de Dínamo façam jus a seus direitos a partir do cumprimento de seus deveres. Seus deveres com a Teia. E isso se resume em alcançar o maior número de conquistas possível.

Abaixo lentamente as mãos, sentindo-me esquisito.

— Para tanto, preciso ter acesso imediato a seus *displays*, de maneira a verificar em que ponto vocês se encontram em sua trajetória dentro da Teia — diz ele, estendendo a mão direita. — É vital que este tipo de procedimento seja executado de forma satisfatória e eficiente. Peço, portanto, sua colaboração, para que possamos fazê-lo o quanto antes e seja possível que vocês continuem com seus percursos.

Kali deixa de procurar por sua pistola e me olha. Não faço qualquer gesto ou sinal. Não há nada que possamos fazer, de qualquer forma.

— Seus braços.

A garota estende o braço esquerdo antes de mim, e Dimitri se aproxima, um escâner chega até sua mão esquerda através de um outro mantenedor. Ele passa a grade vermelha pelo braço de Kali.

— Aparentemente seu *hacker* pessoal foi incapaz de ultrapassar as modificações que fizemos em seu *display* — diz ele, sempre falando com um forte apelo oficial. — Como era de se esperar, a cada momento as tecnologias e atualizações de *hardware* da Teia aprimoram ainda mais a segurança de todos os cidadãos e implementam novos tipos de *firewall*, totalmente protegidos contra ataques *hacker*. Tenho certeza de que, agora, o bloqueio não mais será possível.

Kali apenas o encara.

Ele examina informações em um *tablet*.

— Fenrir Roth está pronto para ter o arco fechado — diz ele. — Preciso de sua confirmação verbal quanto a isso.

— Sim. — É o que ela responde.

— É necessária, também, uma declaração que justifique a sua opção por não fazê-lo hoje, tendo em vista que você esteve na presença de seu alvo e não fechou seu arco — o mantenedor diz, sem olhar para o rosto dela. — O mesmo se aplica a Leon Zamyatin.

— A tolerância de seis meses ainda se aplica a Leon. — Diz ela, também exageradamente formal.

— Mas vence no próximo final de semana — retruca ele. — Creio que você compreenda o que isso significa.

— Sim. É claro.

— E quanto a Fenrir Roth? Tendo em vista que todo o tempo de tolerância aplicável a você foi gasto com Leon Zamyatin, é de se esperar que você não aguarde fechar o arco de outros alvos que já estejam prontos para terem seus arcos fechados — os olhos dele levantam na minha direção por apenas um milésimo de segundo. — Preciso de sua declaração e uma confirmação verbal.

A garota responde imediatamente, como se nem precisasse pensar para responder.

— Acredito que se aplique, aqui, a linha-guia de equivalências — diz ela. Provavelmente é uma regra interna dos fatalistas. — Enquanto outros alvos continuarem sendo executados, os já prontos ainda podem ser considerados dentro de algum tempo de tolerância.

— Sim. Uma semana.

Ela concorda com a cabeça.

— Algo mais? — Ela pergunta, e é clara a ironia que toma sua voz.

Dimitri a analisa por alguns instantes. Parece prestes a dar um passo à frente, a se aproximar dela por algum motivo, os olhos, ferozes, comendo-a viva. Mas não o faz.

— Não. As advertências que eu tinha a dar a você estão feitas.

Ele se vira para mim e eu, inconscientemente, dou um passo na direção da garota. Nossos braços se tocam de leve.

— Seu braço.

Estendo-o à frente e o escâner passa por ele.

O homem examina minha ficha em seu *tablet*, sem olhar para mim em qualquer momento. Demora-se um pouco, toca na tela e acessa algum outro tipo de informação.

— Mercador — diz ele. — Prestes a zerar o *display*. Pelo que posso ver, você tem apenas mais duas conquistas, e ambas envolvem Kali Assange — ele fala como se ela não estivesse presente. — Qual é a razão para que você conviva de maneira intensiva com seu principal alvo e par, mas não tenha roubado, nem se pareado com ela, ainda?

A primeira parte da questão é trivial. Por outro lado, a segunda é muito mais intimista, e sinto minhas bochechas arderem em rubor mais uma vez. Não tenho coragem de olhar para a garota, imediatamente a meu lado. Há algo dentro de mim que me impede de fazê-lo tanto quanto de abrir a boca para falar qualquer coisa. Minha garganta fica seca e as palavras grudam nela, impedidas de sair.

— Estamos em preparação para o pareamento. — Diz a garota.

— Compreendo — responde ele. — Recomendo que vocês dois tratem de se parear o quanto antes. Os procedimentos de pareamento são muito bem-cotados, e, quando ignorados, o privilégio de tê-los pode ser retirado de vocês. Imagino que saibam que o pareamento é perecível.

Concordamos.

— Ótimo — ele toca na tela mais uma vez. — Por outro lado, aparentemente há alguns problemas com o seu *display* também — faz um sinal com a cabeça para mim. — Pelo que posso ver, você possui três itens Classe 1 em seu relatório de bens.

Três?

— Uma joia, uma eletroarma e uma motocicleta.

Cutuco a garota com o cotovelo e ela me entrega a eletroarma. Eu a repasso para o mantenedor, que faz o mesmo para uma mulher atrás de si.

— E quanto aos outros itens?

— A joia é justamente um dos itens que devo roubar — digo. — Acredito que haja um problema no *display*, já que ela não está no relatório de bens de Kali, mas ela é meu alvo. Portanto, é tecnicamente inviável que eu o roube, já que está no *meu* relatório.

— Os *displays* não possuem problemas técnicos. — Decreta O'Neil.

Engulo em seco, sem saber o que dizer.

— Eu não sei, então, o que é que devo roubar dela.

O mantenedor apenas me encara, segurando com a mão esquerda o *tablet*.

— E quanto ao terceiro item?

Meu olhar resvala para a moto, estacionada do outro lado da rua, atrás dos carros dos mantenedores.

— Eu não consigo entender o que possa ter acontecido — eu digo. — Já faz um tempo considerável que roubei a moto, e ela passou pelos dias de repasse sem problemas. Até agora, ela era Classe 3. Estava comigo, está cadastrada no meu relatório de bens. — Minha voz treme enquanto eu falo.

— A motocicleta é Classe 1 — diz ele, sério. — Você deve entregá-la imediatamente.

Aperto minhas mãos uma contra a outra.

— O mesmo vale para o colar.

Os olhos dele vão até o pescoço da garota, procurando pelo colar dourado com pingente de aranha.

Os meus passam por todo o entorno, procurando alguma maneira de escapar da situação.

Por fim, faço um gesto com a cabeça na direção do veículo, e os mantenedores rapidamente o recolhem. Eu passo o braço no console para desbloquear a moto, e, então, ela desaparece da minha vista.

Dimitri permanece à nossa frente por mais algum tempo, sem falar nada. Aos poucos, o frio do vento que varre a rua parece um pouco mais frio, e as luzes das barras de *led* parecem mais fortes e agressivas. Os mantenedores, então, simplesmente começam a entrar nos carros e a dar partida nos motores, que silvam vapor de água. O chefe do Programa de Fluxo guarda o *tablet* em um grande bolso interno de seu uniforme.

— Gostaria de adverti-los mais uma vez com respeito a seu pareamento — diz ele, alternando olhares fixos em mim e em Kali. — Se não se parearem, perderão o direito a fazê-lo e, então, realizar intercurso sexual entre vocês dois será considerado ilegal.

Concordo rapidamente. Kali permanece quieta.

— Vocês devem se parear imediatamente. Não importa o que isso signifique.

Não importa que isso signifique que vou morrer.

53

Uma hora depois.

Eu e Kali sentamos um de frente para o outro no vagão do trem, voltando para o subúrbio.

O vagão não está nem cheio, nem vazio. A vida noturna de Dínamo é agitada, ainda que se esconda nos becos e nas sombras dos prédios. Nos isolamos o máximo possível do restante das pessoas e permanecemos quietos durante praticamente todo o trajeto. Assim como ficamos calados quando os mantenedores foram embora e rumamos para a estação da Praça Atômica.

Kali pôs os fones de ouvido e, desde então, eu caminhei sozinho.

Me aprumo no assento desconfortável e olho para ela. Seu rosto está virado para baixo, os olhos aquilinos miram a tela implantada no braço. Seu cabelo negro e liso, puxado por sobre sua cabeça, cai como uma longa cascata por cima de seu ombro direito. O lado esquerdo de sua cabeça, com fios novos e curtos crescendo aos poucos. A pele bronzeada do pescoço à mostra. O fone de ouvido

metido em sua orelha.

— Kali. — Eu a chamo.

Ela não me ouve.

Espero algum tempo. Então me aproximo dela e tiro o fone de sua orelha. As pontas de meus dedos tocam de leve a pele de seu rosto, e ondas de eletricidade se espalham por todo o meu corpo.

Kali olha para mim. Outra vez há apenas brasas dentro de seus olhos.

— Nós precisamos conversar. — Digo.

Ela tira o outro fone e olha para mim.

— O que vai acontecer a Leon, quando o prazo de tolerância vencer? — Pergunto.

— Os mantenedores vão levá-lo até a CMT e lançar uma convocação para que eu compareça a uma sessão de execução — diz ela. — É uma maneira de forçar os fatalistas a cumprir com conquistas difíceis de alcançar. Como é o caso dessa.

— E se você se recusar a ir?

— Então passo um período presa. E Leon será fuzilado.

Arregalo de leve os olhos.

— Achei que apenas o fatalista designado tinha permissão para matar alguém.

— Há exceções. — Ela dá de ombros.

Olhamos, os dois, para fora da janela. Ela segura os dois fones de ouvido na mão esquerda e, por alguma razão, eu tenho medo de perdê-la para o *display* outra vez.

— Eu gostaria que as coisas fossem diferentes. — Digo.

— Eu também.

No rosto dela, agora, não há lágrimas rolando. Há apenas tristeza.

Ficamos calados por mais algum tempo. Do lado de fora do trem, a Zona Industrial brilha como uma fileira de pedras preciosas ao longo do rio que corta Dínamo de uma ponta a outra.

— O que é uma cápsula de contato? — Pergunto.

A garota ergue uma sobrancelha e me olha.

— Como assim?

— Quando Fenrir apareceu na sala de entrada de seu apartamento, vestindo um roupão, ele disse que estava em sua cápsula de contato — resmungo. — Mas eu nunca ouvi falar desse tipo de coisa.

Curiosamente, Kali sorri de leve.

— É para fazer sexo.

Minha vez de levantar uma sobrancelha.

— Para fazer sexo através da Teia — ela complementa. — Pelo que sei, você acessa a Teia pelo seu *display* ou qualquer computador e escolhe alguém aleatoriamente. Depois, entra em uma câmara de vácuo e faz sexo com alguém à distância, através de estímulos sensoriais diversos que simulam a experiência real. Tecnicamente você não sabe com quem está transando, mas isso não importa.

— Porque alguém faria isso? — Pergunto, ainda que minhas bochechas ardam outra vez.

— Ouvi dizer que é totalmente seguro — responde ela. — E mais higiênico.

Percebo que ela enrubesce um pouco, mas seus cabelos tapam a luz e me impedem de ver seu rosto por completo.

Quase ao mesmo tempo, o trem silva um pouco mais, e os freios começam a agir. Pouco depois, paramos na estação do subúrbio e o vagão se esvazia. Outras pessoas entram em seguida.

Andamos lado a lado, mas a uma distância de um passo, entre nós. Descemos um pequeno lance de degraus na saída da estação e paramos frente a frente. Como se houvesse algo a ser dito, embora nenhum de nós seja capaz de começar a falar.

— O que você quis dizer com... estarmos nos preparando para parear? — Pergunto.

— Nós precisamos nos parear — murmura ela. — Você sabe disso.

Sinto que algo dentro de mim parece rachar, uma dor quase física de ansiedade e nervosismo.

— Eu achei que nós iríamos esperar.

— Não podemos nos dar a esse luxo.

As mãos dela apertam uma à outra, seu corpo parece tremer com o vento frio da noite. Todo o ar parece mais gelado do que antes. Eu dou um passo à frente e, ela, também. Ela olha ligeiramente para cima, para me encarar; eu olho um pouco para baixo. Nossos olhos se prendem, nossos olhares se cruzam e não se largam mais.

— Foi por isso que começamos o que estamos fazendo — diz ela. — Tudo que está acontecendo é derivado do que temos de fazer. Somos pares, e isso muda *tudo*. Você sabe disso.

— Sim, eu sei.

Ela estende as mãos para pegar as minhas. Seus dedos estão gelados; os meus, enrijecidos. Ainda assim, eles se entrelaçam e se apertam, firmes, como se devessem ter estado juntos desde sempre.

Quase automaticamente, nossos rostos se aproximam devagar, e primeiro nossas

testas se tocam, nossos narizes, nossas bocas. Os lábios se abrem, se encostam, as línguas se buscam e se encontram. Os braços passam por trás das costas, puxam para perto, seguram firme, como se não quisessem largar, como se quisessem encarcerar um ao outro. O beijo dela é terno, calmo, seguro de si. O gosto de sua boca é doce, mas é como se o que eu sinto não fosse tudo o que seu beijo é. Seguro-a firme, mas isso não parece o bastante.

Mantenho os olhos fechados por um tempo, os lábios colados aos dela. Depois, me afasto e abro os olhos. Ela faz o mesmo.

Há fogo.

Um fogo forte, que queima, arde com força, com voracidade, destrói tudo o que encontra pelo caminho. Um fogo totalmente diferente do que o que ela acabou de fazer. Um fogo que não condiz com o beijo que ela me deu.

Um beijo superficial.

Um beijo mecânico, automático. Um beijo prescrito pelo *display*, em conformidade com a Teia. Incapaz de quebrar sua superfície de gelo e alcançar seu fogo, no mais profundo recanto de seu âmago, queimando de uma maneira que eu não consigo entender. Algo que eu só *espero ter* algum dia.

Algo que ela sempre teve.

— Eu tenho que ir, Harlan. — Ela murmura.

— Sim. Eu também.

Nós dois ficamos lá por apenas mais um momento. Ela solta minhas mãos.

— Boa noite. — Diz.

— Boa noite. — Digo.

Viramos as costas um para o outro e seguimos, cada um, o seu caminho.

Depois de alguns passos, olho para trás.

Ela se afasta com os fones de ouvido nas orelhas.

Continuo meu caminho sozinho.

54

Manhã. Dormitório.

Encontro Jayden e Mael saindo do lugar ao mesmo tempo em que eu chego.

— Está *chegando* agora? — Pergunta Jayden, me olhando de cima a baixo.

— Eu estava com a Kali. — Digo.

Não sei direito o que dizer, e troco o peso de um pé para o outro.

— Ela me beijou.

Ele ergue as sobrancelhas. Mael, a seu lado, permanece apático.

— E como foi?

— Foi... totalmente diferente do que eu imaginei que seria — respondo. — Foi automático. Como se já tivéssemos feito isso vezes demais e tivesse perdido todo o significado. Como se o fato de sermos pares únicos não mudasse nada.

Vejo que há algum tipo de reação por parte de Mael.

— Seu par é uma fatalista. Não era de se esperar que fosse muito diferente. — Diz ele.

Troco um olhar significativo com Jayden, e o puxo para um lado, para longe de seu namorado.

— Nós fomos até Fenrir Roth, um artífice falso rebelde, para saber mais sobre os imunes — digo, em voz baixa, olhando de canto para o erudito. — E ele nos disse o que temos que fazer. Pelo que entendi, é possível conseguir uma atualização com eles.

A boca de Jayden treme, mas ele concorda.

— E os imunes *existem*?

— Como assim? É claro que existem.

— Eu perguntei a um amigo meu, pela Teia — diz ele, dando de ombros, como se fosse algo pouco importante. — Outro *hacker*. Perguntei a ele qual era a possibilidade de existir alguém capaz de subjugar a Teia e usar para seus próprios fins. Ele perguntou se eu estava falando de imunidade, e eu disse que sim... e o que ele me respondeu foi que isso não passa de uma mentira.

Faço que não e seguro-o pelos ombros.

— Escute, Fenrir sabe das coisas. Ele era namorado de Edward Blair — digo. — O homem que ocasionou a última grande atualização antes da causada por Kali. Ele disse que os imunes são indetectáveis e que, ao contrário do que a maior parte das pessoas pensam, eles *têm displays*, e estão inseridos na Teia. A única diferença é que eles são capazes de modificar os códigos-fonte.

— E o que vocês vão fazer, agora?

— Pelo que sei, identificar quem são os alvos de Kali mais prováveis de serem imunes e, depois, ir atrás deles.

Jayden tira minhas mãos de seus ombros e as segura com força dentro das suas.

— Eu preciso que você tome cuidado, Harlan. Se alguma coisa sair errado, não sabemos qual será o preço que você terá de pagar.

Eu devolvo o aperto.

— Sabemos o preço que terei de pagar caso *não* faça isso. — Respondo.

55

Quatro horas mais tarde.

A escuridão do interior do dormitório é interrompida pelo clarão do meu *display*. Tapo-o com o lençol, ouvindo baixos protestos de outros frequentadores do dormitório, e procuro pelo meu fone de ouvido, próximo da cabeceira. Eu o enfio na orelha e toco na tela para atender à chamada.

— Harlan.

— Kali. — Digo, minha voz um pouco embargada.

Um tempo de silêncio.

— O que está fazendo? — Ela pergunta.

— Estava dormindo. Estou no dormitório — digo, esfregando os olhos com força. — Qual é o problema?

— Nós não podemos perder tempo — ela diz. — Precisamos procurar por eles o

quanto antes, e precisamos fazer isso *agora*. Me encontre no servidor daqui a meia hora. Vamos conversar com Ceres a respeito disso. Ela, com certeza, saberá como identificá-los.

— Certo. Eu encontro você lá.

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa ou me despedir, ela já desligou.

Pego um dos metrôs internos do subúrbio para chegar ao prédio cinza e sem janelas o mais rápido possível. Quando passo meu braço pelo console ao lado da porta e ela se abre, no entanto, a garota já se encontra no interior. Seu rosto é iluminado de leve pelas luzes das três telas, assim como o de Ceres. As duas olham para uma longa lista de nomes, lendo todas as informações disponíveis.

Paro junto do fim das prateleiras, esperando.

Ceres olha para mim.

— Ouvi dizer que você roubou uma eletroarma, garoto — diz ela. — Ainda quero saber a razão pela qual os mantenedores não me dão *esse tipo* de conquista.

— Mas não pude ficar com ela, de qualquer maneira.

— Classe 1 — resmunga a mulher, passando a língua pelos dentes da frente. — É uma pena. Se você trouxesse ela para mim, conseguiríamos uma boa quantia em créditos no mercado negro.

Dou alguns passos à frente, receoso em me aproximar de Kali. Ainda que tenha me beijado ontem, parece haver algum tipo de barreira entre nós dois, algo que eu sei ser capaz de ultrapassar, mas tenho medo do que possa acontecer, caso o faça.

— E o que estamos fazendo, agora? — Pergunto.

— Eu contei a Ceres tudo que ela precisava saber a respeito dos imunes e do que Fenrir nos disse — diz Kali, sem olhar para mim. Seus olhos acompanham a lista de nomes, que passa conforme Ceres raspa os dedos na mesa. — Agora, estamos

pesquisando meu *display*. — Ela levanta o braço, do qual pende um cabo negro.

Ceres para de rolar a lista.

— Mas precisamos de algum filtro — diz, fechando a janela ao passar um dedo engordurado pela tela. — Não adianta verificarmos um a um. Você tem alvos demais e tempo de menos.

— O que vai fazer, então? — Questiono.

— Estabelecer um filtro. É coisa simples — ela diz, abrindo uma nova janela, de fundo preto e com diversas linhas de códigos se entremeando e misturando. A mercadora seleciona uma porção do código e substitui o texto por um filtro capaz de captar apenas políticos. — Pronto.

Ela volta a abrir a janela anterior, e os nomes diminuíram consideravelmente.

— Ainda não é o bastante. — Diz Kali.

— E como é que você quer filtrar esse tipo de gente, então?

— Nós não temos tempo de ir atrás de todos os políticos que eu tenho no meu *display*. A quantidade é absurda — ela indica com a mão a tela. — Precisamos de algo mais específico.

Cruzo os braços e batuco com os dedos de uma mão.

— Você não consegue identificar os dados ocultos da rebeldia prevista?

— São chamados de *dados ocultos* por uma razão, garoto. — Responde a mulher, irônica.

Solto o ar, incomodado, e continuo pensando.

— E se nos focarmos nos políticos que estão prontos para ter o arco fechado? — Pergunto.

Kali olha para mim, inquisidoramente.

— De que isso adiantaria? — O olhar que me lança tem fogo.

— Fenrir disse que parte de sua rebeldia prevista pode estar em matar os políticos que são imunes — digo. — Ainda que seja apenas uma hipótese, serve para fazermos um filtro. Temos que começar em *algum lugar*.

A garota se escora na mesa e olha para a *hacker*.

— Você consegue encontrar os políticos com o *display* zerado?

Um sorriso zombeteiro surge nos lábios de Ceres, e ela bate os dedos com força no teclado projetado na mesa. Em pouco tempo ela passa a mão pela tela e atualiza a lista, que se limita, agora, a três nomes.

— Estarão prontos no final de semana, com certeza — diz a mulher, cruzando os braços sobre o peito. — Tudo que eles têm a fazer está previsto para acontecer até essa data, o que é bastante promissor. Se o seu trabalho de fechar arcos se confunde com a sua rebeldia, com certeza é algo bem válido.

— Quem são eles? — Pergunta a garota.

Dou outro passo à frente, e paro ao lado dela. Por alguma razão, parece que deveríamos segurar a mão um do outro, ou nos beijar, ou demonstrar qualquer tipo de sinal que nos caracterize como pares únicos. Mas nenhum de nós toma qualquer iniciativa, e o mero ato de parar ao lado dela parece estranho e deslocado. Ainda assim, há um fluxo de eletricidade entre nós dois, ainda que ele seja completamente invisível e sua intensidade, agora, pareça menor.

— Alys Taylor e Caleb Ford são dois deles — Ceres abre suas fichas de identificação lado a lado, e pequenas fotos os identificam. — Trabalham, ambos, no Núcleo de Nascimentos.

— Acha que eles podem ser imunes?

— Eles são os responsáveis por implantar os *chips* originais nos bebês, antes de serem encaminhados para distribuição por toda Dínamo — a mulher lê sua ocupação, na ficha. — Por mais que eu possa estar enganada, acho que também devem ser os responsáveis por *programar* os *chips*. E se eles têm esse tipo de

poder, com toda certeza devem ser capazes de mais.

Ela fecha as duas fichas e abre a terceira.

— E esta é Jeanine Morgan.

— Eu a conheço. — Diz Kali.

Ela estreita os olhos na direção da tela, tentando confirmar o que acabou de dizer.

— Ela trabalha no Hospital Geral de Dínamo — diz, por fim. — Seleção de Cura.

Ceres dá um sorriso amarelo e concorda com a cabeça, os olhos brilhando na direção de meu par.

— Sim. É ela quem decide se os doentes que se apresentam no Hospital Geral devem ou não passar na seleção de cura e ser ou não tratados e curados — diz. — Um trabalho bastante asqueroso, se quer minha opinião. Me pergunto se ela consegue dormir à noite, depois de lembrar quantas pessoas forçou a morrer por simplesmente *não fazer nada*. Somos responsáveis não apenas pelo que fazemos, mas, também, pelo que *não* fazemos.

Olho para Kali.

— Você a conheceu quando precisou passar pela Seleção de Cura depois de ser atacada por Morfeu.

É uma afirmação.

A garota olha para mim, os olhos subitamente mais fundos do que antes; e completamente negros, infinitos.

— Sim. — É tudo que diz.

Um silêncio pesado se instala entre nós três. A lembrança do que aconteceu com ela cala a nós três, principalmente a ela. Sua mão direita inconscientemente vai

até o lado direito de sua barriga, onde está a cicatriz da facada que levou do sádico. E, depois, desce para junto da calça.

Ela está com a faca que a feriu.

A faca que quase a matou.

— Porque está com essa faca? — Pergunto.

A profundidade em seus olhos começa a se tornar opaca, e toda a sua transparência torna-se sólida. Ela me impede, novamente, de ir além da superfície. Há algo por trás, algo que ela não pode ou não quer me dizer, e que ela compartilha com Ceres ao lançar a ela um olhar carregado de significado.

— Não importa. — Diz.

Eu continuo a encarando, mas ela não devolve meu olhar.

— Vamos começar por ela. Jeanine Morgan.

Ela bate de leve sobre a mesa, como que dando o assunto por encerrado, mas a impeço.

— E quanto a Silas Markham?

— O orador das cerimônias de inserção? — Pergunta Ceres, dando uma risada engasgada.

— Sim. Se há alguém capaz de lidar com os códigos-fonte, certamente é alguém que conhece a Teia a fundo — digo. — Alguém como ele. E, de qualquer maneira, foi Fenrir quem deu a sugestão.

— Apenas porque você deu uma ainda mais ridícula — diz Kali, séria. — De qualquer maneira, jamais seremos capazes de sequer chegar perto dele. O homem é o Mestre da Manutenção da CMT. Fica quase vinte e quatro horas por dia enclausurado dentro daquela fortaleza. Ele é inatingível.

A mercadora morde o lábio superior.

— Por outro lado, não dá pra negar que, se há alguém que pode ser um imune, é ele. — Resmunga.

Kali a encara e torce a boca.

— Certo. Coloque-o na lista e me dê as coordenadas geográficas de cada um deles. Não quero ter de voltar aqui antes de ter a atualização engatilhada. — Diz, com uma certeza que eu não sinto.

Ceres se estica e segura o braço dela, tentando impedi-la de partir, ainda que o cabo negro continue encravado em seu dermatrodo. Kali aguarda, então, enquanto ela vasculha suas gavetas e tira, de dentro de uma delas, uma campainha. A garota agarra o adesivo verde.

— Caso você precise.

— Espero não precisar.

A mulher, então, abre a terceira gaveta e tira, de dentro, um dos antigos pacotes de nectarina que eu trouxe a ela.

— Tome. — Estende a droga a Kali.

A fatalista apenas olha para o pacote, sem reação. Ceres mantém o braço no ar.

— Escute, talvez você precise de um reforço, qualquer hora dessas — insiste, pondo o pacote ainda mais à frente, mais próximo da garota. — Eu sei o quão forte você é, mas ninguém é capaz de suportar tudo isso. Quero que fique com isso, caso seja necessário.

Parece que a fatalista não vai pegar o pacote, mas ela o faz e guarda dentro de sua sacola preta.

— Espero que não seja. — Diz.

56

Final da manhã. Banco de dados.

Kali para no primeiro degrau da escadaria do banco de dados.

— Harlan, eu preciso saber se você está realmente disposto a fazer o que estamos fazendo. — Ela diz.

Fico parado abaixo dela, para então subir no primeiro degrau, também.

Ela me olha, seus olhos encarando os meus, passando por eles e chegando ao fundo de minha cabeça. Como se eu fosse completamente transparente.

— Se você quiser desistir, esse é o momento de falar.

Balanço a cabeça negativamente.

— Se há alguém que devia estar fazendo essa pergunta, sou eu, a você. Você não tem nada a perder.

Engulo em seco.

— Nada a perder, me matando.

— Perderia tudo que fui até hoje. — Diz.

Ela abre um pouco a gola de seu casaco. Em volta de seu pescoço, o colar que ela roubou de mim.

Volta a fechá-lo.

— Você tem de estar plenamente ciente do que nos espera — diz ela, séria. — A partir do momento em que entrarmos nesse banco de dados, nada mais será igual.

— Já não é. — Respondo.

Kali me olha por mais algum tempo, para se certificar de que não estou mentindo.

Não estou.

Ela faz um breve sinal com a cabeça, de compreensão, e continua a subida das escadarias.

Passamos nossos braços pelo console na porta de entrada e encontramos Leon no lado de dentro, sentado em uma cadeira junto de uma mesa de tampo de vidro. Suas mãos passam por ela, abrindo e fechando janelas diversas. Quando nos aproximamos, percebo que ele está estudando anatomia. Nas imagens abertas à sua frente há cortes transversais de corpos, esmiuçados até o limite em infográficos que explicam a localização e funcionamento dos órgãos internos. O rosto dele parece muito mais sério do que jamais o vi.

Ele subitamente percebe a presença de Kali.

— Kali, eu encontrei algo que vai solucionar o seu problema — ele diz, passando a mão pela tela e mostrando o corpo a partir da perspectiva externa, sem mostrar o interior. — Veja bem, se você se empenhar, tenho certeza de que

vai conseguir fazer isso sem—

Leon me vê.

— O que... o que esse garoto está fazendo aqui? — Pergunta, e sua voz parece ligeiramente desesperada. — Achei que isso era algo apenas entre *nós dois*. Você sabe o que—

— Sim, Leon, eu sei — diz ela. — Mas as coisas mudaram.

Ele abre e fecha a boca, parecendo não saber o que dizer.

— O que mudou?

— Eu acho que nós encontramos uma maneira de conseguir uma atualização. — Diz ela.

— Espero que não seja matando outro programador em um galpão de atualização — Ele estreita os olhos em nossa direção. As rugas em torno deles são profundas, muito marcadas. — Porque, se for, tenho certeza de que vocês não vão se safar, dessa vez.

Ainda que eu não tenha estado presente na ocasião, Kali deve ter contado ao velho o que aconteceu quando matamos acidentalmente o programador. Afinal de contas, eles são aliados.

— Descobrimos que existem imunes. — Eu digo.

Leon olha para mim e, então, para a garota. Depois, solta uma risada não muito alta, mas o bastante para que as outras pessoas usando a mesma mesa se voltem para nós.

— Imunes? — Ele pergunta, falando baixo, balbuciando. — Quem falou a vocês sobre essa imbecilidade?

— Ceres. — Digo.

— Ceres é uma completa imbecil — diz ele, fazendo um gesto com a mão. — Se

ela realmente soubesse de alguma coisa, sairia daquele servidor e iria para a ação, ao invés de ficar roubando pessoas através da Teia.

— E Fenrir Roth.

— O antigo namorado de Edward Blair. — Diz Kali.

De repente, Leon se enrijece.

— Edward Blair? — Pergunta. — O homem do *reality show*?

Nós dois concordamos com a cabeça. O velho, então, parece afundar de leve na cadeira estofada, e leva a mão esquerda ao queixo, coçando a barba com um ruído áspero. Olha para fora da janela e para a luz que entra através dela, e, depois, levanta os olhos para nós.

— O que ele disse? Esse Fenrir.

— Disse que os imunes se escondem por trás de *displays* funcionais, como políticos. E a única diferença, para serem chamados de imunes, é que eles têm acesso aos códigos-fonte da Teia. Ele disse que devemos procurar por eles e tentar uma atualização assim. — Diz a garota, cruzando os braços sobre os seios.

— E vocês sabem *onde* procurar?

Kali toca em seu *display* e acessa as fichas que Ceres baixou para o disco rígido.

— Dois políticos no Núcleo de Nascimentos, um no Hospital Geral e o *Mestre de Manutenção da CMT* — Leon examina a lista e volta a dar uma pequena risada. — Acho que vocês podem diminuir a lista para três.

A fatalista fecha as fichas e Leon se joga para trás na cadeira.

— E o que vocês pretendem fazer? Simplesmente ir atrás deles e *pedir* por uma atualização?

— Eles são meus alvos.

Leon apoia os dois braços na cadeira.

— Você sabe que, se nada disso der certo, vai estar fazendo exatamente o que a Teia previu para você, não sabe? — Pergunta ele. — E, então, vai precisar matar esse garoto antes de vocês conseguirem o que pretendem.

— Fenrir nos explicou tudo.

— É a falsa rebeldia — eu explico. — O que a Kali vai fazer está escondido em dados ocultos no *display*. Segundo ele, resta, no final, fazer algo que seja considerado rebeldia verdadeira.

Leon olha para ela e bate de leve na mesa à sua frente.

Kali parece entender o recado.

— Harlan, nós nos encontramos mais tarde — ela diz, tirando a sacola negra por sobre sua cabeça e jogando-a sem cerimônia em uma cadeira ao lado de Leon. — Eu vou pesquisar o que precisamos fazer e, à noite, vou contatá-lo para darmos continuidade ao nosso plano.

Ela se senta e eu permaneço em pé. Sinto-me deslocado e mandado embora.

— Certo.

Faço um gesto com a cabeça para o velho e me pergunto de que maneira devo me despedir da garota. Tudo que ela faz é me olhar com o mesmo olhar profundo e incandescente de sempre. Então, simplesmente me viro e começo a andar na direção da saída.

Antes de sair, no entanto, olho para trás.

Kali põe a faca de gume *laser* que roubei de Morfeu sobre a mesa.

Leon abre os infográficos sobre anatomia. E os dois voltam a olhar para mim.

Passo o braço no console, faço o *check-out* e saio.

57

Começo da noite. Dormitório parcial.

Eu e Kali atravessamos a cidade de uma ponta a outra usando apenas metrôs internos e caminhando entre uma estação e outra, de maneira a evitar a verificação tradicional que ocorre tanto nos viadutos para o centro quanto no trem principal. A única forma de passar despercebido é a mais longa e demorada. Os metrôs internos fazem voltas e mais voltas, mas levam aos mesmos lugares. Só é preciso saber quais utilizar.

Descemos bastante perto da estação da Praça Atômica, mas seguimos no sentido contrário.

— Você trouxe as roupas pretas? — Pergunta a garota, referindo-se ao que me pediu por uma ligação.

— Sim.

— Espero que você esteja preparado para agir como um fatalista, hoje — diz ela,

e poderia ter sorrido, mas não o faz. — Eu vou lhe dar uma arma, mas você precisará tomar cuidado com o que faz com ela. Não queremos arranjar ainda mais problemas com a CMT. Então mire nas pernas, se precisar atirar.

Continuamos caminhando. Dínamo está em seu horário de pico, com carros andando em alta velocidade pelos viadutos, pelas ruas e ruelas, e pessoas preenchendo as praças e calçadas. Diversos restaurantes e bares começam a receber seus clientes e eu sinto uma estranha inveja, um sentimento de injustiça, vendo a realidade trivial dos habitantes da Teia.

A minha realidade.

— Qual é o sentido de tudo isso? — Pergunto à garota. — Porque só agora a vida em Dínamo me parece... errada?

— Porque agora você sabe — diz ela. — *Saber* é o que importa. E eles não querem que nós saibamos.

Tento ignorar o frenesi da cidade e me focar no que temos de fazer.

— Nós vamos começar por Jeanine Morgan, a mulher responsável pela seleção de cura — diz Kali. — Ela é a mais próxima de zerar o *display*. Assim que ela o fizer, estaremos prontos para ir atrás dela. Até lá, vamos esperar em um dormitório parcial.

Ela abre o *display hackeado* da mulher.

Aponto para a galeria de alianças da mulher de casta política, ainda cheia de assinaturas digitais.

— São apenas parâmetros para a vida na Teia — explica Kali, antes que eu pergunte. — Não definem nada, quando o assunto é o fechamento de arco. Não impedem que o arco seja fechado, até porque as alianças nem sempre supõem algo a ser feito.

Recolho minha mão, percebendo que quase toquei no *display* dela.

— E, agora, vamos para um dormitório parcial.

— Sim. A previsão é que a última conquista de Jeanine seja alcançada durante a madrugada — diz Kali. — Um substituto já foi selecionado para assumir sua função.

Não demora muito para que nos aproximemos de um dos dormitórios parciais. Trata-se de um dormitório que qualquer pessoa, de qualquer casta e gênero, pode utilizar. Funciona como os dormitórios de casta, mas tem acesso liberado.

É um prédio diferente dos dormitórios do subúrbio, onde há mais espaço físico e a maior parte dos prédios é construído horizontalmente. Este dormitório é mais vertical do que horizontal, com quatro andares e revestimento externo em vidro, com a estrutura metálica aparecendo por debaixo. Todo o lugar tem um estranho formato oval, e as luzes brancas no interior, ainda acesas, fazem com que o edifício pareça uma joia brilhando na noite, que desce rápida. Conforme o Sol deixa Dínamo para trás, o frio parece mais severo e agudo.

Alcançamos a entrada e passamos nossos braços no console. Quando o fazemos, uma quantia considerável de créditos é deixada para trás.

— Precisamos *pagar* para usar esse dormitório? — Pergunto.

— Quem não tem créditos suficientes precisa voltar para o seu dormitório original. — Diz a garota. É obrigatório que, a cada dia, todos os habitantes de Dínamo se reportem a seus dormitórios ou apartamentos pessoais, de modo a fazer um *check-in* rotineiro. Para mostrar que tudo segue nos conformes. Aparentemente, o dormitório parcial serve como um desses *check-ins*, mas há um preço para isso.

Seguimos por um breve corredor branco até a entrada do lugar. Aqui não há beliches, mas camas espaçadas e corredores formados por elas. Todas estão milimetricamente arrumadas. Há dois elevadores que levam para os outros três andares, e, no corredor da entrada, armários.

— Os níveis mais altos têm menos gente. — Diz a garota.

Ela toca no botão do elevador, que se ilumina. Em segundos, as portas se abrem e entramos por elas.

O elevador é limpo em excesso, com aço escovado para todos os lados e paredes espelhadas. Kali toca no número que corresponde ao quarto andar e aguardamos.

Paramos frente a frente.

Os espelhos refletem um ao outro, suas imagens se duplicando, triplicando. A fatalista desaparece de vista no infinito virtual do mundo além da fisicalidade dos espelhos, mas seus olhos estão lá. Multiplicados, todos eles me encaram com o mesmo peso e significância. E me atravessam como se eu fosse de vidro, como se não houvesse nada no caminho deles, mirando um horizonte distante e, talvez, inalcançável.

As portas se abrem.

Passo o braço por um dos consoles dos armários, e uma das portas se abre automaticamente. Dentro há um pequeno *kit* de higiene pessoal e um pijama padrão de cor cinza. Tiro ambos de lá e coloco a mochila que trouxe comigo em seu lugar. Kali abre outro armário e tira suas coisas, colocando sua sacola negra dentro, também.

Vou ao banheiro, tomo banho, arrumo minhas coisas e ando até a área principal do dormitório. O lugar realmente não está muito cheio. Em uma das áreas mais afastadas simplesmente não há ninguém.

Deito em uma das camas e espero.

Um estranho frio na barriga me toma, e sinto estranheza. Cubro o corpo com os lençóis, sentindo frio, apesar de os ambientes internos estarem sempre com temperaturas agradáveis.

Depois de algum tempo, Kali sai do banheiro, também.

Olho para ela, vestida com o pijama cinza, assim como eu. Não há qualquer marca de seu corpo por baixo dele. Sua cintura, sempre evidente em qualquer roupa que use, desapareceu. Seus seios aparecem como pequenas protuberâncias, quase imperceptíveis. As calças também são frouxas. Ela parece pequena demais dentro da roupa, e, curiosamente, mais jovem.

A garota se senta na beira de sua cama, virada para mim.

— O que foi? — Pergunto.

Kali fica me olhando por algum tempo, parecendo confusa pela primeira vez em todo o tempo em que a conheço.

Então ela se deita em sua cama.

Seu rosto repousa com delicadeza sobre o travesseiro branco, os cabelos jogados por cima deste, caindo pelo outro lado. Ela puxa os lençóis até a altura do peito. Seus olhos parecem distraídos por algum tempo, enquanto ela se arruma na cama, até que finalmente se encaixam dentro dos meus.

Ficamos lá. Nos olhando.

Não há qualquer palavra que possa ser dita e, se há, a cada instante parece que elas ficam mais longe do meu alcance.

Os olhos dela pegam fogo, queimam com força. Há um poder magnético neles que torna tudo a seu redor obscurecido, distante e desfocado. É impossível olhar para qualquer outra coisa.

As luzes se apagam.

À minha frente, restam os olhos dela, cravados nos meus, iluminados pelo que parece ser uma luz própria.

Fecho os meus e me viro na cama. Não quero mais olhar para ela.

Cinco minutos se passam sem qualquer som ou movimento. Outras duas pessoas entram no dormitório, mas se instalam muito longe de nós dois. Os outros já parecem adormecidos. Ainda que eu tente ficar de olhos fechados, minhas pálpebras parecem ser incapazes de colarem-se uma à outra.

Ouço o som de lençóis atrás de mim.

— Harlan. — A voz dela chega perto demais de mim, soando como um sussurro,

como uma brisa, junto de minha orelha.

Eu me encolho.

— Harlan, nós precisamos nos parear.

O frio em minha barriga parece aumentar.

— O que? — Pergunto, a voz falhando.

Eu me viro para olhar para ela. Kali senta-se na beirada de minha cama e me olha.

— Nós precisamos nos parear. — Repete.

— Nós não... não podemos. — Digo.

Ela balança lentamente a cabeça. Ainda que seus olhos estejam em chamas, ela parece triste.

— Não se trata de uma questão de poder — diz. — Nunca foi nos dada escolha. Nós *devemos* nos parear.

Me aprumo um pouco, sentando.

— Isso não faz sentido — resmungo. — Há não muito tempo, tudo que você queria era permanecer distante de mim. Você disse que tínhamos de nos afastar, de evitar nosso pareamento. Precisávamos não fazer isso. Para termos tempo o suficiente para... consertar as coisas.

— Não há mais tempo. — Ela diz, a voz baixa, quase como uma carícia.

Ela levanta as mãos e as põe sobre a pele do meu rosto. Embora sejam macias e suaves, estão frias. Ainda que haja calor no interior do dormitório... suas mãos estão geladas.

— Kali.

A garota permanece me olhando, mas eu pego suas mãos e as tiro de meu rosto.

— Kali — digo, outra vez. — Se fizermos isso, estarei um passo mais próximo de morrer. E, você, de precisar me matar.

Ela se livra do meu aperto, e segura meus ombros.

— Nós não podemos nos dar ao luxo de não fazer isso — diz, e tira a joia de dentro da gola do pijama. — É essa a razão pela qual ainda tenho esse colar. Estamos lutando por nós dois. Eu preciso me parear com você, Harlan. Preciso ter certeza de que tudo isso vale a pena.

— Vale a pena. — Digo, e dessa vez pego o rosto dela nas minhas mãos.

Ainda que eu saiba quem ela é e o que representa, ter sua face tão próxima, tão à minha mercê, faz com que pareça frágil. Faz com que eu saiba que seria capaz de esmagá-la, de destruí-la.

— Vale a pena. — Digo, de novo.

Ela se aproxima um pouco mais, e sinto o cheiro de seu hálito, fresco, mas quente. Ela toca muito de leve seus lábios sobre os meus, e então se afasta para me olhar uma última vez.

— Não pense, só *aja*. — Diz.

Eu respiro fundo e olho para o meu antebraço esquerdo e para a tela implantada nele.

— Você sabe que eu daria qualquer coisa para estar com você — eu digo, ainda olhando para a extensão. — Qualquer coisa. Mas isso... isso simplesmente não parece...

— Confie em mim.

Aquelas palavras me mostram o que há por baixo de sua superfície: aquilo que ela não quer falar, aquilo que ela insiste em esconder em seu interior. O que suas palavras dizem são exatamente o que querem dizer, mas há algo puro, intocado, por trás. Algo que ela geralmente não se propõe a mostrar. Algo que não está em

qualquer outro lugar de suas feições ou movimentos.

Vejo a superfície enquanto ela me beija, e há superfície em seu toque, macio, mas distante.

Sua boca e sua língua buscam pelas minhas, mas não pareço ser eu, nem ela, a fazer qualquer uma dessas coisas.

Não sou eu quem está lá, tirando a roupa dela.

Não é ela quem tira a roupa de mim.

Não somos nós que, nus, nos abraçamos e colamos nossos rostos.

Não são minhas mãos que passam por suas costas, que seguram seus cabelos negros e os puxam.

São as mãos de outra pessoa que tocam em sua pele.

Que sobem para seus seios.

Que descem por suas pernas.

É outra garota que sobe em mim e desce, em seguida.

Ainda que eu visite o local mais profundo de seu ser, ainda que eu tente atingir seu âmago, não será ela mesma.

Ainda que sejamos um – por um instante apenas –, somos só superfície.

E, mesmo assim, sou incapaz de entender.

Apenas confio.

Mas são nossos *displays* que brilham. Somos nós dois que nos pareamos em um dormitório parcial.

Seguro o corpo dela com força, como se ela fosse capaz de me escapar pelos dedos como água. Mas ela nunca esteve comigo. Aquela coisa pura e intocada,

aquilo que eu realmente desejo, nunca esteve em meu poder. Quem ela realmente é, o que suas palavras queriam dizer, permanece em algum outro lugar.

Confie em mim.

Eu encaro o fundo de seus olhos, buscando por essas palavras, procurando pela verdade por trás delas.

E há apenas fogo, queimando com força, destruindo tudo. As palavras não estão lá.

Não agora.

PARTE QUATRO

DERROCADA

58

Ainda é noite quando sou forçado a abrir os olhos mais uma vez.

Estão pesados. As pálpebras não parecem dispostas a serem separadas, e demora um pouco até que eu consiga abri-las e esfregar os olhos. Sinto a leve pressão de uma mão sobre meu ombro esquerdo.

— Harlan, está na hora.

Olho para a garota. Kali está completamente vestida de negro. As luvas continuam em uma jaqueta de couro sintético com corte perfeito. Ela veste uma calça muito justa preto fosca, com apenas uma faixa vertical no lado de fora das pernas em couro sintético, brilhante. Calça botas que vão até o meio da panturrilha, firmemente presas por uma fivela que um dia fora prateada, mas teve a pintura raspada. Seus cabelos descem do lado de seu rosto como cascatas. Por sobre seu ombro está sua sacola negra.

Ela está vestida para fechar o arco de alguém.

— Seu alvo está pronto?

— Ficou pronto há cerca de quinze minutos — diz ela. — Se não nos apressarmos, vamos perdê-lo. O expediente noturno dela termina em, aproximadamente, uma hora.

Concordo com a cabeça e me sento na beira da cama, me obrigando a acordar. Levanto, ainda meio tonto, e vou até os armários. Em pouco tempo saio do banheiro vestido de forma parecida à dela, e penduro minha mochila em apenas um dos ombros.

Fazemos o *check-out* e vestimos pesados sobretudos para encarar o frio extremo do lado de fora. Uma névoa pesada toma conta das ruas.

— Qual é o plano? — Pergunto.

Kali tira, de dentro de sua sacola, o ponto eletrônico que a vi usando no beco em que a encontrei pela primeira vez. Ela o põe na orelha, que desaparece, logo depois, tapada pelo cabelo.

— Vamos ser assessorados por Leon e Ceres — diz ela. — Leon vai nos ajudar com relação ao que vamos efetivamente fazer, com relação à imunidade. Ceres vai abrir as portas em nosso caminho e remover obstáculos, além de facilitar nossa escalada no prédio, desligando as luzes onde estivermos. Quanto mais discretos formos, melhor.

Os nossos *displays* brilham.

— O que é isso? — Pergunto.

— Ceres baixou a planta do edifício inteiro para que possamos ter um guia — a garota fala, enquanto caminhamos pela rua. A temperatura parece ficar cada vez mais baixa. — Vai ser útil tanto na entrada, quanto na saída. Precisamos ter um plano de fuga.

— Certo.

— Vamos trabalhar com a pior hipótese possível — Kali me olha nos olhos o tempo inteiro, ignorando o caminho à sua frente, mas sem tropeçar em nada. — A de que tenhamos de tomar providências drásticas. Se fizermos isso, as outras

hipóteses serão mais fáceis de pensar rápido, quando chegar o momento.

— Qual é a pior hipótese?

A fatalista toca na tela em seu braço.

— Ficarmos encurralados dentro do escritório de Jeanine Morgan, no quinto andar, e precisarmos fugir pela janela — diz ela. — Toda a parede é feita de vidro, então teremos de atirar nos cantos e quebrá-lo.

Pisco algumas vezes, tentando compreender.

— Vamos fugir pela janela do *quinto andar*? — Pergunto.

— Há um prédio mais baixo imediatamente do lado do Hospital Geral, quase na altura do andar dela — responde Kali. — Se chegarmos a esse ponto, nossa única saída será pular para o terraço desse outro prédio e fugir a partir de lá.

Ela aponta para meu braço.

— Quando o fizermos, é bom que você se guie pelo seu mapa — diz ela. — Se acabarmos nos separando, vamos marcar, como ponto de encontro, o centro de treinamento. Caso tudo saia errado, nos encontramos lá. Se o outro não aparecer, saberemos que algo muito sério aconteceu.

— E você acha que precisaremos nos separar?

— Tudo é possível.

Olho para ela, e seus olhos não mentem.

— Escute, Harlan, é bom que você saiba que o que estamos fazendo não é algo simples — diz ela. — Deve estar pronto para aceitar as consequências.

Demoro um pouco, mas acabo concordando.

Ela mete a mão dentro de sua jaqueta e tira sua pistola preto-fosca.

— Tome.

A fatalista oferece o cabo para mim, e tento não tremer a mão quando a pego. Seu peso é muito maior do que eu havia imaginado. O peso da arma não é apenas físico, mas, também, psicológico. Um artefato feito unicamente para ferir, para destruir, para matar.

— Não esqueça que você só pode acertar nas pernas de quem estiver nos perseguindo. — Diz ela.

— Espero não precisar usar.

Andamos durante todo o caminho em silêncio. Todas as ruas parecem desertas até que topamos com alguém escondido no meio da névoa. Mal podemos ver três metros à nossa frente. Ao atravessar porções de asfalto, andamos com cautela. Os carros e motos que andam pela Dínamo noturna raramente o fazem em uma velocidade baixa. Só podemos vê-los por conta das luzes brancas dos faróis de *led*, que se dispersam na névoa.

Depois de meia hora, chegamos ao Hospital Geral.

É um edifício alto, de estrutura metálica e revestimento de vidro, assim como o dormitório parcial, mas em uma escala muito maior. O vidro é espelhado, impedindo que seja possível ver, do exterior, o lado interno. Luzes externas iluminam o prédio de cima a baixo. Há uma grande porta de entrada, com colunas brancas a adornando e estátuas de metal muito altas junto de uma espécie de espelho d'água, que cerca o lugar. Nos bancos da pequena praça à frente do prédio há grupos de pessoas esperando sentadas por alguma coisa.

— O que essas pessoas estão fazendo? — Pergunto, em voz baixa, quando nos aproximamos delas.

— São as pessoas que não conseguiram passar pela seleção de cura. — Diz Kali.

Olho para elas. Ainda que alguém tenha algo importante na vida a concluir, pode não passar pela seleção de cura pela complexidade do que precisa ser feito para que essa pessoa *seja* curada. Sempre há curingas para substituir uma peça defeituosa na grande máquina da Teia. A maior parte parece estar doente, com o

rosto cansado e deteriorado, ou acidentada de alguma forma. E completamente sozinhas. Todas, sozinhas.

— O que estão fazendo?

— Estão esperando.

— E não há mais nada que eles possam fazer? — Questiono.

— O que *você* faria?

Incapaz de pensar em uma resposta, decido ficar calado.

Damos a volta no edifício, circundando o espelho d'água e deixando os debilitados para trás.

Kali para.

— A entrada que vamos usar fica na parte de trás do prédio, mas é vigiada — diz ela. — Há apenas uma pequena passarela que leva até ela, e os guardas ficam nessa passarela. É simples. Tudo que precisamos fazer é passar por dentro do espelho d'água e entrar por trás deles.

Ela abre o zíper de sua sacola e tira, de dentro, um pote pequeno. Ela o abre e vejo que, no interior, há uma pasta negra. Kali põe os dedos na pasta e, depois, a passa em meu rosto. Em pouco tempo minha pele já escura fica da cor da noite, e ela me passa o pote para que eu faça o mesmo nela.

Tiro a luva e tinjo de preto todo o seu rosto. Ela me olha o tempo inteiro.

Quando está pronto, ela guarda o pote e tira um pequeno recipiente.

— O que é isso?

— São as minhas lentes. Eu trouxe um par reserva para você.

Rapidamente, com uma prática extraordinária, ela usa os dedos indicador e polegar para colocar as rígidas lentes de vidro preto de encontro a seus dois

olhos. E então me olha. É como na primeira vez em que a vi, escondida na escuridão. Ainda que eu sofra um pouco com o processo, ela me ajuda a colocar as lentes, e, então, somos plenamente capazes de nos mesclar às sombras.

— Vamos. — Ela diz.

Concordo com a cabeça e a sigo.

Ela põe os pés dentro do espelho d'água e anda até a estrutura dele. Faço o mesmo, sentindo a água gelada invadir aos poucos minhas botas não-impermeáveis e molhar meus pés. Imediatamente sinto todo o meu corpo começar a tremer.

Mas não digo nada.

Kali faz um gesto com a mão para que eu a siga, e andamos lentamente junto da parede espelhada. Ela põe sua mão esquerda nela, usando-a como guia. Arrastamos os pés devagar dentro da água, de forma a não fazer qualquer tipo de som. Depois de caminhar um pouco, avisto a passarela que atravessa o espelho d'água, e dois guardas parados nela, mesclados à névoa.

A fatalista segura meu braço para que eu pare, e põe o indicador sobre os lábios.

Ela puxa a manga esquerda para cima e a borda da luva para baixo, desvelando um adesivo verde colado próximo da dobra de seu braço. Ela o pressiona e aguarda pelo menos um minuto antes de voltar a se mover. Então, sobe cautelosamente na passarela e passa o braço no console ao lado da porta. Ela se abre com um ruído baixo, e eu mantenho meus olhos sobre os guardas, tentando identificar qualquer tipo de mudança em seu comportamento. Mas não há nenhuma.

Subo na passarela e entro. Depois, fechamos a porta.

— Tudo bem? — Pergunta a garota.

— Sim. — Digo, ainda que abrace a mim mesmo, sentindo frio até os ossos.

Estamos em uma área pequena, um *hall* de escadas em espiral que sobe até

muito alto sobre nossas cabeças. Olho para cima e tento acompanhar o desenho das escadarias, com o vão central circular desaparecendo de vista. Uma porta logo à frente dá acesso à área principal do térreo, mas não é para lá que nós vamos.

Quase ao mesmo tempo em que começamos a subir, as luzes do setor das escadas em que nos encontramos se apagam.

Cada um dos andares possui um longo lance de degraus, que demoramos um tempo considerável para vencer. Depois de pelo menos dez minutos chegamos ao quinto andar e paramos junto da porta que dá acesso a ele.

— Você disse que ela estaria terminando seu turno da noite — digo. — Ela vai entrar em seu escritório para fazer o *check-out*, certo?

— Sim. É quando vamos encontrar com ela.

— E como vamos entrar?

Kali dá um inesperado sorriso.

— Ceres é, antes de mais nada, um contato *meu* — diz ela, mostrando um pouco suas fileiras de dentes brancos. — Antes de você pagar a ela com nectarina, eu já a tinha como aliada há muito tempo.

Curiosamente, correspondo ao sorriso e nós dois abrimos, quase ao mesmo tempo, as folhas duplas da porta corta-fogo das escadas, e passamos para o corredor acarpetado que segue.

— Há pacientes nesse andar?

— Só setor administrativo e escritórios de médicos, em geral.

Só concordo com a cabeça e andamos pelos corredores, que têm as luzes apagadas onde nos encontramos. Caminhamos bastante próximos das paredes, tentando impedir que nossos vultos sejam identificáveis contra o fundo claro do restante do corredor, e seguimos em frente.

— Cinco, três, oito. — Murmura a garota, olhando para a porta na frente da qual paramos.

É uma porta larga de vidro translúcido, com um tradicional console do lado esquerdo e um pequeno número brilhante acima de seu arco. Sala 538.

A fatalista aproxima seu braço do console e a porta se abre.

Passamos por ela e a fechamos em seguida.

A sala tem duas paredes sólidas, além das paredes da própria porta e da janela,. O vidro recobre toda a parede externa, mas, do lado de fora, tudo o que se pode enxergar, a essa hora da manhã, é escuridão e luzes muito distantes e fracas da cidade. A névoa impede que se veja qualquer outra coisa – inclusive o prédio próximo que Kali mencionou como rota de fuga.

Há uma escrivaninha no centro, com uma cadeira do lado da janela e duas do lado da porta. Prateleiras nas paredes expõem certificados diversos e pequenas estatuetas de todo tipo de coisa. Porta-retratos se espalham pelas paredes com fotos de aliados e pares. Junto da janela, dois potes com plantas artificiais repousam silenciosamente.

— Será que conseguimos acessar a mesa dela? — Pergunto, apontando para o tampo de vidro.

Kali se aproxima dela e passa o braço pelo console, mas nada acontece. Ouço o ruído do ponto eletrônico.

— Ceres disse que a codificação dessa mesa é diferenciada porque contém os arquivos internos do Hospital Geral — diz a garota. — Como ela nunca teve de *hackear* nada do Hospital, ela não tem acesso aos códigos. De qualquer maneira, não temos mais do que dez minutos.

Eu olho para ela. Ela põe sobre a mesa sua submetralhadora, e me olha de volta.

— Então vamos esperar. — Digo.

59

Cinco minutos se passam.

Ouvimos um som do lado de fora. O vulto da mulher surge através da porta de vidro translúcido. Ela passa seu braço no console e a porta se destranca. Ela abre a porta, dá um passo para dentro, nos olha. A mulher baixa, um pouco acima do peso, de cabelos amarelos e usando uma maquiagem pesada, simplesmente fica paralisada onde está.

— Quem... quem são vocês? — Pergunta, a voz falhando.

Nenhum de nós fala nada.

— Como entraram aqui?

— Pela porta. — Diz Kali.

— Essa porta é programada para se abrir apenas com o *meu display* — diz Jeanine. — Como conseguiram entrar?

— Precisamos falar com você. — Diz a garota. Sua voz é gélida.

A mulher está claramente hesitante. Dá um passo para mais perto de nós, mas é só.

— A respeito do quê? — Pergunta. — Se for algum paciente, precisa passar pela seleção no primeiro andar. Aqui é a minha sala pessoal, onde, via de regra, apenas eu devo ficar. Caso seja realmente necessário, vocês podem me chamar para o térreo. Agora, eu preciso que vocês saiam da minha sala.

— O que temos a falar é um assunto privado — diz a garota, de braços cruzados, sentada na beira da mesa com tampo de vidro. O frio do metal da arma, presa na folga de minha calça, me impede de falar qualquer coisa. — Não poderíamos falar no *hall*.

— Às vezes, a privacidade não é um luxo a que podemos nos dar o prazer. — Retruca a mulher.

Apesar do surto repentino de coragem, ela não se aproxima.

— Ainda não responderam à primeira pergunta. Quem são vocês?

A fatalista estende seu braço esquerdo à frente e puxa a manga para cima. O *display* brilha por conta da proximidade com seu alvo.

— Você está pronta para ter seu arco fechado. — Diz ela.

Os olhos da política se arregalam e ela parece ainda menos capaz de se mover do que antes.

— Mas não estou aqui para isso — Kali volta a tapar o *display*. — Não nesse momento, e não se você estiver disposta a conversar comigo. Estou aqui para propor um trato.

— Um trato. — Repete a mulher.

Kali concorda com a cabeça, lentamente.

— Troco sua vida por uma atualização.

O rosto da mulher não mostra qualquer outra expressão. Então, se contorce.

— Uma atualização? — Pergunta ela. — Porque acha que eu poderia dar uma atualização a você?

— Porque você é uma imune.

Seu rosto se contorce ainda mais.

— Uma *imune*?

Outra vez nenhum de nós fala nada.

— Porque acham que eu poderia ser uma imune?

A fatalista se levanta, e parece apequenar a mulher com sua aura.

— Você é a responsável pela seleção de cura do Hospital Geral de Dínamo — diz Kali. — É você, e mais ninguém, quem decide se alguém pode ou não viver. Se alguém ainda tem algo importante a ser feito, faz-se todo o possível para salvar essa pessoa; se não, deixa-se que ela morra à sua maneira. Você é uma assassina.

Os olhos da política perscrutam a sala, e passam por mim, para depois cair sobre a fatalista.

— Eu não sou uma assassina.

— Você decide se as pessoas devem viver ou morrer. E, quando as impede de viver, as mata.

— Baseada em cálculos da Teia, baseada em perímetros estritos do que minha função me permite — diz ela, suas sobrancelhas se juntando em uma máscara de raiva. — Tudo que faço é meu trabalho. Tudo o que eu faço é legal e consta nas linhas-guia básicas da Teia.

— Mas não é justo.

Kali põe as duas mãos sobre a mesa e olha para a escuridão do lado de fora da ampla janela.

— Porque é você quem decide que alguém que está prestes a morrer deve permanecer vivo? — Pergunta ela. — Porque não deixar que essa pessoa morra?

— Está tudo prescrito. E o que está escrito não pode ser modificado.

— Mas o oposto também ocorre — murmura a garota, apenas para falar com a voz em todo o seu volume, virando-se e andando na direção da mulher, agarrando seu rosto com as mãos e dilacerando seus olhos com um simples olhar: — *Porque salvar quem está morrendo e matar quem está vivo?*

A política olha para mim. Sabe de quem Kali está falando.

— Eu não sou uma imune. — Diz ela, em voz baixa.

Mas a garota permanece a segurando, a olhando profundamente, a dissecando.

— *Eu não sou uma imune.* — Repete.

Kali a puxa para a frente e a empurra contra a mesa, apontando para o console.

— Prove. Prove que não é uma imune.

Jeanine passa seu braço e a mesa se ilumina.

— Eu não sei como posso fazer isso — diz, sua voz tremendo, o olhar não se prendendo a nada. — Minhas galerias estão vazias.

A garota se aproxima, abre sua sacola preta e retira de dentro uma longa agulha com uma das pontas dotada de um pequeno dispositivo de armazenamento.

Ela se aproxima da mulher com truculência e agarra seu braço esquerdo. Jeanine olha para a agulha e tenta puxá-lo de volta, mas não consegue. Com destreza, Kali enfia a agulha no dermatrodo da política e deixa para fora apenas o

dispositivo de armazenamento.

— Kali — eu digo. — O que é isso?

— Ceres criou um executável capaz de identificar dados ocultos. — Diz ela, enquanto o *display* da mulher parece adquirir vida própria e ela parece desesperar-se. As galerias são abertas e fechadas em questão de milésimos de segundos, e diversas outras informações aparecem, também. Coisas que eu nunca vi.

— O que isso faz com o meu *display*? — Pergunta a mulher, de olhos arregalados.

— Se você for uma imune, nada. — Diz Kali. Por alguma razão, parece haver satisfação em sua voz.

— *Isso é loucura!* — Grita a mulher.

Ela agarra a ponta da agulha que ficou para fora e a arranca.

E joga-a no chão.

Eu me levanto da cadeira enquanto Jeanine salta por sobre sua mesa, ao mesmo tempo em que Kali saca a submetralhadora.

A mão da política bate em um botão na parte de baixo da mesa e, então, toda a sala irrompe em uma estrondosa sirene.

A fatalista ainda tenta mirar na mulher, e atira por dois instantes, para virar-se, depois, na direção da porta e chutá-la com força. A porta não cede.

— *Estamos trancados aqui dentro!* — Grita ela, tentando ser ouvida acima das sirenes.

Com os dedos formigando, tiro a pistola preto-fosca da folga na calça e vou até a janela. Miro em cada um dos quatro cantos e aperto o gatilho.

O recuo faz doer meu ombro.

Chuto o vidro com a planta do pé, mas ele não parece disposto a ceder.

— Kali, nós precisamos—

A porta translúcida se abre e três guardas irrompem por ela. Suas armas cospem balas de borracha no instante seguinte, mirando em mim e em meu par. As balas batem contra o vidro com força, e fazem com que ele rache, mas não quebre.

Uma das balas acerta meu quadril. Eu me dobro em dor.

Me jogo atrás da mesa, tentando me proteger.

Kali pressiona o gatilho de sua submetralhadora.

As balas voam na direção de joelhos, coxas, pernas. O sangue espirra no chão branco e o mancha. Os três guardas desabam, mas as armas em suas mãos continuam atirando.

Olho para o lado, e vejo a mão da fatalista agarrar o cabelo de Jeanine Morgan.

Ela a puxa com violência para junto da parede, e cai no chão, com ela.

Deixa a arma a seu lado.

Puxa a faca de sua bainha.

A lâmina avermelhada brilha, e brilha nos olhos ensandecidos da garota.

O fio da lâmina come a pele.

Rasga-a.

Abre-a.

Libera o sangue.

As duas folhas de pele se enrolam um pouco. A garganta cortada vomita o líquido vermelho, borbulhando em um grito impossível de ser liberado. A mulher morre com os olhos ainda arregalados, o *display* em seu braço brilhando

e se apagando em seguida.

Outros guardas estão chegando pelo corredor. Não há tempo.

— *Pegue as pernas!* — Grita a garota.

Eu corro até ela, evitando olhar para o rosto distorcido da mulher morta. Levanto-a pelas pernas e Kali a segura pelos braços. Tropeçamos nosso caminho até a parede de vidro e lançamos o corpo contra a janela.

O vidro se quebra. Se estilhaça.

A escuridão engole o corpo, que desaba na direção do chão distante.

Eu e Kali olhamos para trás. Na porta, um grupo de cinco outros guardas já apareceu, e eles começam a atirar em nossa direção.

Ela vira para a janela estilhaçada, pega impulso e salta para fora.

Um instante depois, ela desaparece na névoa.

Eu hesito.

Chegam ainda mais guardas. Os tiros se multiplicam. Antes que eu possa hesitar outra vez, meus pés me impulsionam à frente e eu mergulho no vazio.

Três segundos depois, aterrisso sobre um pé apenas.

Torço o tornozelo.

Giro o corpo e caio no chão. Me forço a levantar, com dificuldade, mas só consigo na segunda tentativa. Com os olhos procuro, enlouquecido, pelo meu par. Por Kali. Mas ela não está em nenhum lugar à vista, e a escuridão, junto da névoa, pioram ainda mais a situação.

Mas os tiros não param.

Saltando e correndo sem jeito, consigo escapar do terraço e me jogar em um elevador vazio. O prédio parece abandonado, ainda que esteja bem cuidado. Não

encontro ninguém em meu caminho. Nem mesmo Kali.

Saio para a rua e vejo as barras de *led* dos carros dos mantenedores chegando à frente do Hospital Geral.

Minha fuga desesperada é atrapalhada pelo pé machucado, mas não deixo que nada me pare.

Nem mesmo o fato de eu estar sozinho.

60

Duas horas mais tarde. Centro de treinamento.

Sou forçado a fazer o caminho mais longo para voltar ao subúrbio, mas, dessa vez, com o pé torcido e mancando durante todo o caminho; com uma sensação de pânico crescente em meu peito e uma pistola preto-fosca presa na folga da calça. Por alguma razão, passando pela Zona Industrial, sinto vontade de jogá-la na água e tentar esquecer tudo o que ela representa.

Em seguida, me pergunto se a solução não seria *me* jogar na água, no lugar da pistola.

Não vi Kali em nenhum ponto do caminho.

Não sei nem mesmo *se* ela conseguiu voltar.

Com o corpo inteiro tremendo por conta do esforço, a dor me perpassando por completo e os músculos da perna repuxados de tanto mancar, passo meu braço pelo console do lado da porta de entrada do Centro de Treinamento. Faço o

check-in e entro.

Olho em volta.

A garota está sentada junto de uma parede, no escuro, abraçada aos joelhos. Os fones de ouvido sem fio estão enfiados em suas orelhas. Assim que me vê, ela levanta os olhos e tira os fones.

— Harlan.

Vou até ela.

— O que houve?

— Se tivesse esperado, talvez saberia. — Digo, impregnando cada palavra com o máximo de ironia que posso.

O lábio dela treme.

— Eu perguntei a você se estava realmente disposto a fazer o que estamos fazendo — ela diz, o rosto macio, a voz, dura. — Eu disse a você tudo que ir comigo até lá implicava. Você teve tempo para repensar suas escolhas, e não mudou de ideia. Você sabia desde o começo que poderíamos precisar nos separar para fugir — Kali se apoia na parede e se levanta. — Os mantenedores apareceram e foram atrás de mim. Me seguiram com o meu *chip*. É *melhor* que tenhamos nos separado.

— Melhor?

— Você não conseguiria me acompanhar, Harlan — diz ela. — Um não pode atrasar o outro. O que houve com seu pé?

— Eu o torci na queda. — Murmuro.

Tomo um segundo para pensar no que ela acabou de dizer.

— Eu achei que estivéssemos fazendo isso *juntos* — digo, devagar. — O que você está me dizendo é egoísmo.

— Egoísmo? — Ela pergunta, indignada. — O que estamos fazendo é por *você*, Harlan. Por ninguém mais.

Ela olha para mim, e me analisa friamente. Me analisa como se nunca tivesse me visto antes.

Se aproxima de súbito e puxa a pistola que estava comigo.

Levanta-a e me põe na mira.

— Se você acha que *não* estamos fazendo isso *juntos*, então é melhor acabarmos logo com isso — ela diz, entre dentes, os olhos semicerrados. — Se o que estou fazendo é egoísmo, acho que você prefere que as coisas sigam os seus caminhos já previstos. Acho que você prefere *morrer*.

Meu coração parece bombear chumbo.

— E quanto àquela mulher? — Pergunto. — Você precisava matá-la, segundo a Teia. Como posso saber que não vai me matar, quando eu zerar o *display*? Ela estava fazendo apenas o que a Teia mandava fazer. Estava fazendo seu trabalho.

— Se eu não a matasse, O'Neil me procuraria outra vez — diz Kali. — E ele então nos forçaria a fazer o que devemos fazer, e não haveria escolha. Você me roubaria e eu o mataria. E fim. Fim de tudo o que somos, tudo o que significamos e o que pretendemos fazer.

Ela abaixa a arma.

— Fim do nosso plano.

Seus olhos permanecem me fitando.

— E fim de você.

A porta do centro de treinamento se abre repentinamente. Por ela entra Leon.

— Kali — diz ele. — Eu falei com a Ceres. O que aconteceu? Eu procurei você por toda a *porra* de Dínamo e—

— Mas não procurou no único lugar em que eu deveria estar, certo?

Os olhos dela ficam opacos, imprevisíveis. E se voltam para o velho.

Com a mão esquerda ela segura a pistola. Com a direita, a faca de Morfeu, que tira da bainha, presa em sua cintura.

— De que serve tudo isso, Leon? — Pergunta ela, e faz um gesto com a cabeça na minha direção. — De que serve todo esse plano ridículo? — E mostra a faca.

Ela fecha a mão em torno da pistola e a levanta. O ponto vermelho queima a pele da testa do velho.

— De que serve uma faca, quando se tem uma pistola apontada para sua cabeça? — Pergunta ela. — Para que serve tudo isso, quando não temos opção?

A fatalista mantém a pistola no lugar, com firmeza.

— Está tudo prescrito, não está? — Sua voz sai quase em um sussurro, e o movimento de sua boca é pouco perceptível. — Tudo o que estamos fazendo.

Leon não parece ter medo dela.

Ele levanta as duas mãos e segura a mão direita dela. A mão com a faca.

Os dois se encaram pelo que parece ser uma eternidade.

— Isso não serve para porra nenhuma. — A garota diz.

Ela puxa o braço com força e lança a faca no chão. Ela bate nele com estrépito, e para junto da parede.

Há eletricidade no ar, e apenas uma faísca seria capaz de conduzir a uma explosão.

O lábio dela treme mais uma vez.

Kali abaixa o braço e guarda a pistola no coldre.

E, sem falar mais nada, vira-se e sai do centro de treinamento, fazendo *check-out* no console.

Ao mesmo tempo, eu e Leon parecemos soltar o ar.

Passam-se diversos minutos em que nenhum de nós é capaz de pronunciar qualquer palavra.

Então, ele fala.

— Ela mudou, depois do que aconteceu com Morfeu — murmura o velho, imóvel. — Depois do que aconteceu na primeira vez, com o sádico. Passar a madrugada com a barriga aberta atrás de um contêiner de lixo, em um beco, incapaz de se mover, a transformou.

Eu nada digo.

— Um fatalista é algo que ninguém deveria precisar ser, e sei disso por experiência própria — diz ele. Vai até a faca de gume vermelho e se abaixa, pegando-a. — Eu poderia dizer que a pior coisa em ser um fatalista é o fato de que somos malvistos na Teia, mas seria mentira. A pior coisa em ser um fatalista, em fazer a *limpeza social*, é a quantidade de poder que nos é entregue.

Ele passa um dos dedos pela lâmina, testando seu fio. Um risco de sangue verte de seu dedo.

— Você sabe o que é ter alguém à sua mercê? — Pergunta ele, sem me olhar nos olhos. — Sabe o que é ter o *poder* de decidir se alguém vive ou morre? Ter a vida e a morte na ponta de seus dedos, no gatilho de uma arma, no fio de uma faca?

Eu o acompanho com os olhos, completamente mudo.

— Todos nós temos dois lados, garoto — diz ele. — Todos nós podemos ser bons ou podemos ser maus. Podemos escolher poupar um inocente ou matá-lo impiedosamente. Tudo depende do ponto da linha tênue que divide os dois extremos no qual nos encontramos. E basta um passo fora da linha para nos lançarmos para um dos lados, e sermos incapazes de retornar.

— Mas ela não pôde escolher.

— Nem eu. E eu sei que ela não pôde escolher. Nunca pôde — ele diz, em voz baixa. — E é por isso que ela mudou.

Os olhos dele finalmente se levantam para encarar os meus.

E, dentro deles, há o mesmo fogo que sempre vejo nos dela.

— Todos nós podemos ser deuses ou feras.

Kali apenas ainda não sabe qual deles é.

61

Meio-dia. Refeitório de Kali.

Passei a manhã inteira tentando encontrá-la.

Em vão.

Kali desapareceu de vista. O dispositivo de georreferenciamento, que paguei a Ceres para ter, simplesmente parou de funcionar. O ponto vermelho que representava a garota não está mais lá, e restou apenas a seta branca que me representa apontando para lugar nenhum.

Quando o dispositivo parou de funcionar, tentei ligar para ela.

Sem resposta.

Decidi que o bloqueio no serviço de georreferenciamento deve ter sido reflexo de algo referente a Ceres e à própria vontade de Kali de desaparecer. De tornar-se impossível de rastrear, pelo menos para mim. Não há dúvidas de que ela pediu

à *hacker* que o bloqueasse. Se ela teve poder para inseri-lo no meu *display*, certamente também o tem para tirá-lo.

Com o peito apertado, decido recorrer à mais tosca e rudimentar de minhas estratégias.

Ir a seu refeitório.

Sento sozinho em uma mesa com lugar para quatro, e olho para todos os lados, procurando pela fatalista. Ansiando por sua chegada.

Mas ela não vem.

— Almoçando sozinho?

A voz é conhecida.

Olho para o meu lado esquerdo. De lá vem Lenina e Ellie.

— Onde está a sua garota? — Pergunta Lenina com um sorriso se formando nos lábios vermelhos.

— Não sei. — Cuspo uma resposta.

As duas param perto da mesa.

— Isso é inusitado — diz ela. — Vocês andavam tão grudados que eu não esperava ver você sozinho outra vez.

Só lanço um olhar para ela, sem falar nada.

— Podemos sentar?

Ellie fica atrás da garota de cabelos vermelhos, obedientemente aguardando enquanto a mercadora fala. Mas seus olhos parecem passear o tempo inteiro por todo o refeitório, e pela mesa, e por mim. Elas largam suas bandejas em dois dos lugares vagos e se sentam.

Eu evito olhar para elas.

— Vamos lá, Harlan. Ainda está bravo?

— Não, é claro que não — digo, irônico. — Nem fiquei preocupado com o fato de você estar chorando suas mágoas porque é um alvo de Kali, ao mesmo tempo em que me escondia o fato de que *eu* também sou um alvo dela. Tudo bem você esquecer que a minha morte era iminente, certo?

Ainda que suas bochechas fiquem coradas, tento não acreditar nela.

— Me desculpe — diz. — Eu só estava... com medo.

Eu não digo nada. Ela passa as duas mãos pelo rosto, como que tentando se recompor.

— Eu vi você mancando — diz. — O que aconteceu?

— Torci o tornozelo.

— Como?

Faço que não com a cabeça.

— Não quero falar sobre isso. Não com você.

Eu como olhando para os lados, evitando deixar que meu olhar recaia sobre elas. Ao mesmo tempo, Lenina permanece me encarando, aguardando que eu olhe para ela.

— Você realmente acha que vale a pena fazer isso? — Pergunta Lenina.

— Isso, o que? — Pergunto.

— Ir atrás dessas pessoas com a Kali.

Sinto meu estômago revirar. Subitamente já não tenho mais tanta vontade de comer.

— Como você sabe disso?

— Todos sabem — diz Ellie, repentinamente. — Estão todos falando do casal em busca de uma atualização. Um casal injustiçado.

— Todos?

— Todos.

Sinto minha cabeça girar de leve, como se o centro de gravidade do planeta tivesse se movimentado um milímetro. Não consigo deixar de olhar em volta, para as pessoas que estão no refeitório, e imaginando os possíveis comentários.

— O que estão falando?

— Sobre vocês conseguirem ou não. — diz Lenina, interpelando a fala de Ellie, impedindo-a de continuar. — Não é todo dia que alguém decide simplesmente ir contra a Teia e *exigir* uma mudança tão brusca, tão radical. Todos querem saber se vocês vão conseguir.

— E o que isso interessa às outras pessoas? — Pergunto, sem olhar para ela.

— Significa que, talvez, se vocês conseguirem, outras pessoas possam conseguir, também.

Uma pergunta aflora em minha cabeça. Tento não fazê-la, mas acabo cedendo.

— E quanto a você?

Ela ajeita o cabelo, prendendo-o atrás da orelha.

— Eu, o que?

— Você iria querer uma atualização?

Lenina dá de ombros, de um jeito que faz com que todo o seu corpo se movimente.

— Quem não iria querer poder escolher seu próprio destino? — Diz Ellie, em voz baixa.

A garota de cabelos vermelhos olha para Ellie, estende a mão por cima da mesa e segura a dela.

— Eu só lhe digo uma coisa, Harlan — diz, por fim. — O pareamento é falho. As pessoas são *subjetivas* demais para se submeterem a uma coisa dessas. Como você pode saber se o que sente por Kali é real, quando tudo o que vocês têm é um código em um programa de computador? Se o pareamento de vocês se baseia em cálculos de personalidade e compatibilidade genética? Até que ponto esse tipo de pareamento pode ser considerado verdadeiro?

Fico calado por alguns instantes, pensando no que posso responder.

— A partir do momento em que não se trata mais de pareamento. Se trata de amor.

— E você a ama?

A pergunta é súbita, inesperada. Crava-se no meio do meu peito como uma faca.

Tento analisar o olhar dela, codificado em algum tipo de criptografia que eu não sou capaz de desvendar.

Passa-se meio minuto. Tempo demais para que eu possa responder. Qualquer coisa que eu diga, agora, já não soará mais verdadeira. Nem para ela, nem para mim.

— O amor é superestimado, Harlan — diz ela. — O amor supõe que alguém, ou algo, é insubstituível. Mas nós temos curingas, para todos os efeitos. Temos substitutos. Eu achei que amava a Kali durante boa parte de minha vida. Achei que o que sentia por ela era verdadeiro, ainda que não estivesse na minha galeria de pareamento. Mas eu estava enganada. Quando ela me deixou, eu precisei encontrar uma substituta. E encontrei.

A mão dela permanece junto à de Ellie, que nada diz, nada faz. Nem mesmo pisca.

— Acha mesmo que Kali é o par certo para você?

As engrenagens no interior de minha cabeça parecem travar.

— Harlan, ela é uma fatalista — diz Lenina, soltando a mão de Ellie e buscando pela minha. — Você é um alvo dela e tudo que ela precisa para se manter sã é alcançar suas conquistas. Para manter sua posição dentro da Teia. Talvez ela esteja apenas usando você. Por qual outra razão ela se pearia com você?

Arregalo os olhos.

— Como você sabe disso?

— Esse é meu trabalho. — Diz ela e um sorriso aparece no canto de sua boca carnuda.

Ela segura minha mão com força.

— Talvez ela esteja apenas querendo enganá-lo. Querendo usá-lo — diz ela. — Talvez toda a obsessão que ela sempre teve por você tenha sido uma mentira, ou um engano. Ela nunca disse a você que o amava. Nem mesmo quando você perguntou a ela.

Ainda que o fato de Lenina saber disso seja um completo absurdo, eu busco em minhas memórias, tentando descobrir se o que ela disse é verdade.

Se Kali me ama, ou não.

— Kali nunca disse que me amava. Nunca. — Murmuro.

Lenina balança lentamente a cabeça, as mechas de seu cabelo acompanhando o movimento com algum atraso.

— E se tudo pelo que você tem lutado for uma mentira?

Eu olho para ela, procurando uma mentira dentro de seus olhos. Mas não vejo nada.

— Tudo que ela quer é tirar de você a coisa mais preciosa que você tem — diz Lenina. — Sua vida. Talvez esse seja o momento de tirar, dela, a coisa mais

preciosa que tem. E você sabe o que é. Eu lhe disse.

Sim, eu sei.

— Você quer fugir do controle da Teia, mas não do dela. Se quiser ser realmente livre, precisa se livrar dela, também. Você não pode confiar nela, Harlan — diz Lenina, largando minha mão e se levantando. Ellie levanta, também. — Se você o fizer, estará apenas se rendendo mais cedo à morte.

Elas se afastam, me deixando sozinho outra vez, imerso em pensamentos.

E, enquanto Lenina se afasta, seu *display* brilha.

Aguardo algum tempo, olhando para a bandeja e para a comida à minha frente.

Levanto os olhos e vejo Kali entrando no refeitório.

Fico sentado por mais quinze segundos.

Então levanto e fujo dela.

62

Tarde. Depósito de mercadores.

Jayden se aproxima de sua mesa com tampo de vidro e para no meio do caminho, olhando para mim.

— Harlan — ele diz, e desvia seu caminho, vindo até mim. — Como você está?

Balanço a cabeça de leve, apoiado na mesa. Mostro a ele meu pé.

— Preciso ir a um posto avançado de curandeiros. — Digo.

— O que aconteceu?

— Eu e Kali fomos atrás da primeira possível imune em nossa lista — digo. — E, na fuga, ela me deixou para trás. Nós saltamos para um terraço e eu a perdi de vista. Ela não me esperou. Na queda, eu torci o tornozelo.

Ele cruza os braços.

— E ela era uma imune?

— Não.

Ele dá um suspiro e me examina.

— Tem algum problema com você e a sua garota?

Franzo os lábios e a testa.

— Bem... sim — digo. — Nós dois nos pareamos.

— E então? — Jayden não sorri. Ainda que eu me parear com meu único par possa ser considerado algo bom, minha expressão, com toda certeza, mostra que algo está errado.

— Não foi o que eu imaginei que seria — digo. — Nem de longe. Ainda que a Kali seja o que e quem ela é, a sensação foi de... estranheza. Como se houvesse alguma coisa fora de lugar, alguma coisa mecânica acontecendo. Isso já aconteceu com você, com algum de seus pares?

Jayden balança a cabeça negativamente.

— Mas o que você esperava, Harlan? — Ele diz. — O pareamento não é amor.

— Eu sei, eu sei — respondo, a voz baixa. — Mas, por alguma razão, eu imaginava que... que por sermos pares únicos, um do outro, as coisas seriam diferentes. Mas não foram. Ela nem ao menos parecia estar comigo. Parecia que não estávamos nos pareando. Eu me senti sozinho. Me senti como se não estivesse lá, e como se *ela* também não estivesse lá. É quase como se nem sequer tivesse acontecido.

Eu cruzo os braços e tento transferir o peso de um pé para o outro, mas o direito dói demais.

— E eu também falei com Lenina.

— Lenina? — Pergunta ele. — A mercadora que vendeu as informações de Kali

para você?

— Sim. Ela disse que o pareamento é falho — respondo. — E eu não tenho certeza, mas acho que, depois de me parear com a Kali, talvez eu concorde. Talvez eu esteja lutando uma batalha já perdida. Quem sabe tudo o que ela quer é me arrastar para mais perto do meu destino. Para mais perto do fechamento do meu arco. Talvez o que eu imaginava sentir por ela fosse, na verdade, apenas um cálculo matemático.

Jayden parece não saber o que dizer.

— Lenina disse que eu deveria roubá-la. Antes que ela me roube de mim.

As portas do depósito se abrem. O tradicional grupo de mantenedores passa por elas.

— Hoje é dia de repasse. — Diz meu amigo.

— Eu sei.

— E a única coisa que você ainda precisa entregar a eles é o colar. Classe 1.

Concordo com a cabeça.

Os mantenedores passam de mesa em mesa, e todos os salteadores têm, pelo menos, um item para entregar a eles. Aguardo, ouvindo as batidas surdas de meu coração dentro de minhas orelhas. Quando eles finalmente chegam até mim, levanto o olhar. Continuam sendo os mesmos três mantenedores. Estendo o braço e a grade vermelha do escâner passa por ele.

— Harlan Montag.

Faço um sinal afirmativo.

— Aparentemente você tem apenas mais um alvo, e trata-se de sua última conquista. — Diz a mantenedora à frente, analisando meus dados no *tablet*.

— Sim. — Digo.

— Foi-nos informado que você recebeu um prazo limite para entregar seu último item roubado — ela diz, sem olhar para mim. — E este prazo estoura muito em breve. Aparentemente, faltam apenas duas semanas. Isto confere com as informações previamente fornecidas a você?

— Sim. O prazo era de três meses, e eu ainda não consegui cumprir com o acordo.

— Certo.

Os três permanecem onde estão por alguns momentos.

A mulher verifica alguma coisa no *tablet*.

— Também foi-nos informado que houve uma pequena mudança nos parâmetros referentes a seu último alvo — diz ela. — Uma mudança de prioridades. O artefato que deve ser roubado de Kali Assange, antes identificado com o rótulo de Classe 1, tornou-se, agora, Classe 3.

Classe 3. Não precisa ser repassado à Teia, nem revendido.

O colar pode ser *meu*.

— Qual a razão para a mudança? — Pergunto.

— Detalhes técnicos não nos são informados.

Ela entrega o *tablet* para o homem à sua esquerda.

— Para que a mudança de prioridade se conclua, entretanto, o artefato deve ser roubado com prioridade máxima — diz a mulher. — Isso significa que seu prazo agora já não é mais o mesmo, e as duas semanas de que você dispunha foram reduzidas.

— Quanto tempo eu tenho?

O homem verifica no *tablet*.

— Setenta e duas horas a partir deste momento.

Meu *display* dá um sinal sonoro.

Olho para ele. Um pequeno contador apresenta o tempo restante.

Faço outro sinal com a cabeça, e os mantenedores continuam seu caminho. Vão à mesa de Jayden, que entrega tudo o que roubou nos últimos dias. Quando eles se afastam, meu amigo vira o rosto em minha direção.

— Setenta e duas horas. — Diz.

— É. — É tudo que eu digo.

— Ainda que você não queira, é obrigado a roubar a sua garota. — Diz Jayden.

Quando ele fala, tento outra vez apoiar meu peso no pé direito.

Ele dói. Preciso ir ao posto avançado de curandeiros.

O sangue pulsa no meu tornozelo machucado, pulsa em minhas veias, pulsa dentro de minhas orelhas, cada batida surda ecoando dentro de minha cabeça.

— Ser obrigado não é um problema.

Olho para o contador no *display*.

Um minuto a menos.

— Eu *quero* roubá-la. — Digo.

63

Meio da manhã. Fora do meu dormitório.

Demorei mais do que o habitual para sair do dormitório na manhã seguinte. Ainda que eu tenha tentado reduzir a minha sensação de confusão dormindo, ela não desapareceu.

Com os pensamentos entrelaçados, faço o *check-out*.

Assim que piso do lado de fora, meu *display* se ilumina.

Aviso de proximidade.

Kali está do outro lado da rua, com as costas apoiadas na parede e a cabeça baixa, os cabelos tapando seu rosto.

Ela está vestida de preto.

Seu *display* se ilumina ao mesmo tempo que o meu, e ela levanta os olhos. Seus olhos escuros, impenetráveis. Mas o olhar que ela me lança, dessa vez, é vazio.

É opaco, ainda que lacrimeje, ainda que esteja prestes a desaguar em lágrimas.

— Kali. — Eu digo, e não sei se o meu tom é amistoso, amedrontado ou ameaçador.

— Harlan. — Ela cumprimenta, e sua voz não é um décimo do que costuma ser. Não há certeza, não há dureza. Sua voz treme tanto quanto suas mãos.

— Eu procurei por você — digo, me aproximando. — No centro de treinamento, no banco de dados, no refeitório. Tentei usar o dispositivo de georreferenciamento que consegui com Ceres, mas ele parece ter sido desativado. Eu não consegui encontrá-la.

— Eu estou desativando os *hacks* do meu *display*. — Murmura ela, quase sem mexer os lábios. A cor deles é a mesma do restante de seu rosto. Ela está pálida.

— Onde você esteve?

— Na Zona Industrial. No Núcleo de Nascimentos. — Sua voz parece minguar.

Parece haver uma aura elétrica em volta dela, então me apoio na parede a seu lado, mas à distância de um passo. Olho para seu rosto, que volta-se para baixo. Uma lágrima solitária escapa de sua pálpebra e corre pela extensão de seu nariz, contornando sua curva e molhando os lábios dela.

— O que aconteceu?

— Leon.

Por alguns instantes eu fico em silêncio, sem saber o que dizer. As mãos dela não parecem conseguir se segurar em nada. Então pendem dos lados de suas pernas.

— Você... o matou?

— Não — diz ela. — Não. Eu não seria capaz de fazer isso. Jamais.

Ela vira o rosto para mim.

— Eles o levaram para a CMT — continua, a voz baixa. — Eles o levaram. Eu fui até o banco de dados e procurei por ele. Mas ele não apareceu. Eu esperei, esperei por muito tempo. Mas ele não conseguiria aparecer, nem se quisesse — outra lágrima corre, gravando seu caminho pela bochecha dela. — Agora é só uma questão de tempo antes que eu seja chamada à CMT.

— E seja obrigada a matá-lo.

— A fechar seu arco.

Eu respiro fundo, sem saber o que dizer.

— Quanto tempo você tem, antes de levarem você até lá? — Pergunto.

— Eu não sei. Pouco.

Por alguma razão, sinto meus olhos lacrimejarem, também. Quem sabe seja apenas um reflexo das lágrimas dela.

Estendo minha mão e seguro a dela. Seus dedos estão soltos e, quando tento prendê-los em minha mão, eles parecem mortos. Mas eu os aperto firme e olho para ela.

— Nós não podemos esperar. — Ela diz.

Ela abre a jaqueta. As suas armas estão lá. A pistola e a submetralhadora.

Olho para elas, e para as nossas mãos unidas. O gesto agora parece superficial e irrelevante.

— O que vamos fazer? — Pergunto.

— Vamos ao Núcleo de Nascimentos — ela responde. — Se há alguma maneira de salvar o Leon, é com uma atualização. Nós precisamos tentar, e precisamos tentar *agora*.

Eu a encaro. Apesar de seus olhos continuarem opacos, ela parece decidida.

Solto sua mão.

64

Meia hora mais tarde. Metrô interno.

Outra vez tomamos uma das linhas internas do subúrbio, indo em direção à Zona Industrial. Há muitas paradas no caminho, e cada uma delas é um suplício. Ainda que meu pé esteja semiprotegido por um tipo de faixa elástica, colocado em minha ida ao posto avançado de curandeiros, ele dói. E caminhar é muito difícil.

Kali anda sempre ao meu lado, mas age como se quisesse andar mais rápido.

Pegamos a última linha. O Núcleo de Nascimentos fica perto do extremo mais baixo do rio, próximo do grande muro que cerca a cidade.

— Você acredita que estes... Alys Taylor e Caleb Ford são imunes? — Pergunto.

— Eu não sei — responde ela, a voz ainda fraca. — Mas nós precisamos tentar.

— E se não forem?

— Então continuam sendo meus alvos.

— Mas Leon estará condenado. E, nós, também.

Ela morde o lábio inferior antes de responder.

— Nós sempre estivemos. — Diz.

Passamos muito tempo quietos. Dessa vez, Kali põe os fones de ouvido, mas não há música tocando neles. Parece, apenas, uma tentativa desesperada de se afastar do mundo exterior, de excluir-se dele e de tudo o que ele representa. E de me manter do lado de fora, também. De me excluir de seus pensamentos.

Em determinado momento, a fatalista segura sua sacola preta com as duas mãos, sobre seu colo, e parece pensar profundamente. Seus olhos examinam a sacola como se nunca a tivessem visto antes, e suas mãos tremem quando ela busca o zíper.

Ela o abre.

Antes de colocar a mão esquerda no interior, os olhos dela perscrutam o ambiente, atentos. O vagão está curiosamente vazio, com apenas dois homens sentados no fundo, de mãos dadas, entretidos pelo conteúdo do *display* um do outro. Eles soltam breves risadas de quando em quando.

Kali tira, de dentro da sacola, um pacote embalado a vácuo.

O pacote com que paguei Ceres.

Nectarina.

— Kali — eu chamo sua atenção, e toco de leve em seu joelho com a ponta dos dedos. — O que você está fazendo?

Seu lábio treme outra vez.

— Ceres me deu isso. Disse que eu deveria usar quando precisasse.

— Eu sei. Eu estava lá. Mas eu não acho que—

— Não diga nada.

Eu me calo, e ela levanta os olhos para mim.

— Eu *preciso* disso.

Ela abre um dos cantos do pacote, e parece que uma parte do conteúdo já foi usada.

Sem qualquer tipo de prática ou preparo, ela despeja sobre sua mão um punhado do pó azulado, claramente artificial, pura química.

Então leva o pó ao nariz e o cheira.

Por alguns instantes não há efeito algum.

Kali fecha o pacote e o coloca dentro de sua sacola. Com lentidão, fecha o zíper.

Eu espero um tempo. Ela começa a respirar mais forte.

— Kali. — Digo seu nome.

Volto a tocar seu joelho. A fatalista vira para mim, as pupilas extremamente dilatadas, um poço infinito de escuridão.

— Eu sei o que devemos fazer — diz ela, a voz subitamente dura e séria. — Eu sei *exatamente* o que devemos fazer.

Ela põe a mão dentro do casaco e a tira logo em seguida.

Olho para minhas mãos.

A pesada pistola preto-fosca está nelas.

Outra vez.

65

Começo da tarde. Núcleo de Nascimentos.

A estação de metrô fica muito próxima do Núcleo de Nascimentos.

As ruas da Zona Industrial são largas para acomodar os gigantescos caminhões que passam por elas. Suas luzes diurnas são tão fortes que podem cegar, mesmo debaixo do Sol a pino. Perto da grande muralha que delimita a cidade está a fábrica de onde cada um de nós saiu. A origem de onde todo e qualquer habitante de Dínamo.

O Núcleo de Nascimentos é um prédio de muitos andares, pintado de branco e sem janelas. Curiosamente não há qualquer som vindo do interior. Rampas saem do andar mais alto e descem até um posto de controle no nível do chão. Três chaminés altas cospem fumaça para o céu, uma fumaça branca espessa, que, vista de longe, parece se misturar às nuvens.

Ainda me recuperando do ferimento no tornozelo, fica difícil acompanhar Kali.

Ela fixa o olhar na larga porta de entrada da fábrica e vai em sua direção. Parece andar um passo à minha frente, parece estar me deixando para trás.

Eu coloco constantemente a mão no volume da arma, novamente na folga de minha calça.

A garota, por sua vez, leva a mão o tempo inteiro à nuca, para se certificar de que o colar dourado com pingente de aranha permanece lá.

E está.

Ela não fala nada, e eu não sou capaz de pensar em algo para falar. Minha mente dá voltas, tentando entender o que ela pretende, mas não chega a lugar algum. E os únicos lugares aonde minha mente é capaz de ir são extremamente sombrios e obscuros.

— Como vamos entrar? — Pergunto, ao nos aproximarmos da porta. Como no Galpão de Atualização, há uma porta menor como que incrustada na maior.

— Eu tenho acesso. Sou uma mantenedora. — Ela diz.

Suas pupilas continuam muito dilatadas, e eu tenho certeza de que não estou falando com a Kali. Estou falando com outra pessoa, uma pessoa que não possui fogo ou gelo no interior de seus olhos, apenas vazio.

O console do lado esquerdo da porta pequena se ilumina e a garota passa seu braço por ele.

A porta se abre automaticamente e nós entramos.

O que há no interior do Núcleo de Nascimentos é, ao mesmo tempo, fantástico e terrível.

À direita há cabines fechadas e, à esquerda, aventais brancos e sapatos especiais. Tudo possui uma estranha limpeza, uma aura esbranquiçada, mas obscura. O branco das paredes e do chão contrasta com as escadas e passarelas de borracha negra. Uma linha de produção enorme começa no nível do chão e sobe, ziguezagueando por toda a volta, com roldanas e equipamentos que soltam vapor

de água, espiralando no ar. Há exaustores ligados no topo e cabos que interligam cada um dos postos de trabalho. Enormes máquinas movimentam-se e funcionam sem parar. Em cada um dos oito níveis, cerca de dez funcionários trabalham. Um trabalho extremamente especializado.

Kali não gasta um instante sequer olhando para o lugar.

Avança até uma mulher qualquer, vestida de modo especial, com óculos transparentes protegendo o rosto.

— Alys Taylor e Caleb Ford — diz a fatalista, levantando a arma de maneira mecanizada. — Onde estão?

— Eu não sei de nada! — Responde a mulher, nervosa.

— São políticos. Preciso saber do paradeiro deles.

— *Não temos políticos aqui, só eruditos!* — A voz dela sai esganiçada, seus olhos se estreitando em antecipação à dor. — *Eu não sei onde podem estar!*

A garota pousa o dedo sobre o gatilho, e um homem corre na direção das duas.

— Espere — ele diz, se prostrando entre elas. — Os dois ficam no final da esteira, no último andar.

A fatalista permanece mais alguns momentos parada, a arma apontada para a mulher. Então, vira-se e corre para a escada.

Ela sobe rapidamente, e eu corro atrás dela, tentando acompanhá-la. Meu pé dói mais do que antes, mas eu uso os corrimões para me puxar para cima. A cada andar que atravessamos, todos os funcionários nos olham e se escondem atrás de máquinas, cabines, ou o que quer que seja, tentando escapar da mira de Kali.

Ela segue a esteira correndo.

No começo da esteira há tubos de ensaio. Mas seu conteúdo vai mudando conforme eles passam pelos postos de trabalho. Crescem, se modificam, evoluem. Tornam-se minúsculos fetos em líquido amniótico artificial. E os fetos

vão mudando, também; ganhando cabeça, olhos, pernas, braços, dedos minúsculos e deformados. Pequeninas orelhas, orifícios para o nariz e para a boca. E vão tomando um aspecto cada vez mais *humano* conforme avançamos pelas esteiras. Mas, ao contrário do que eu poderia pensar, quanto mais próximos de bebês eles ficam, mais monstruosos parecem se tornar. As pálpebras semitransparentes dos fetos tapam seus olhos e eles parecem dormir dentro do líquido, flutuando em uma concepção e gestação artificiais.

Chegamos ao final.

O *display* dela se ilumina pela proximidade.

— Alys Taylor e Caleb Ford. — Ela anuncia.

Aponta a submetralhadora para os dois. Alys é uma mulher negra alta; Caleb, um homem branco, gordo e alto. Os dois olham para Kali, mas continuam fazendo seu trabalho. Em suas mãos, protegidas por luvas cirúrgicas, estão instrumentos grotescos. São agulhas compridas e finas, com uma ponta em parafuso, e um minúsculo cano ligado a uma máquina.

O cano da arma mira o homem.

— Eu exijo sua atenção.

Os dois levantam os olhos, e há desespero neles. Suas mãos são rápidas. A agulha com ponta em parafuso perfura finos e frágeis braços de bebês adormecidos, o cano entra no buraco e deposita um *chip* dentro do osso. Um pequeno canal, um dermatrodo inicial, é inserido para fazer a conexão ao exterior.

Pequenas crianças biônicas.

O homem abre a boca para falar.

— Nós não podemos parar de—

— Eu *exijo* sua atenção! — Berra a garota.

Ela pressiona o gatilho com os dedos da mão esquerda e as balas despedaçam o topo da cabeça do homem, arrancando seus cabelos e lançando os tufos, carregando pedaços ensanguentados de pele consigo. O crânio se abre e o cérebro explode em um jato rubro às suas costas.

O homem desaba no chão.

E uma sirene começa a tocar.

Luzes vermelhas piscam intermitentes, freneticamente.

Alys olha para Caleb, caído no chão.

O *display* de Kali brilha pelo alvo morto.

— Você—

A mulher se joga de joelhos.

— *Nós não podemos parar!* — Grita ela, a voz transmitindo o pânico que sente. — *É proibido!*

A sirene toca extremamente alto, preenchendo minhas orelhas e minha cabeça do mesmo modo como a sirene no interior do Hospital Geral.

— Vocês são os políticos responsáveis pelos *chips*. — Diz, em voz alta, a garota.

— Sim! Nosso trabalho é vital para que o Núcleo de Nascimentos funcione! — Lágrimas borram a maquiagem leve no rosto da mulher ajoelhada no sangue.

— *Vocês são imunes!* — Grita Kali.

— Imunes? — A mulher pergunta, e então se levanta. Seu avental branco está manchado de vermelho e, suas mãos, também. Ela puxa a manga do braço esquerdo para desvelar seu *display*. — Eu sou tão vítima da Teia quando vocês!

— Vocês são responsáveis pela programação dos *chips*!

— Não! — Grita a mulher, de volta. — Somos responsáveis apenas pelo

implante dos *chips*, não pela programação! A programação é aleatória, as castas são aleatórias. Todos nós seguimos o mesmo caminho. Nascemos em uma esteira, de um tubo de ensaio, passamos por Centros de Habilitação para a Vida em Sociedade, somos inseridos, trabalhamos até sermos apenas uma peça ultrapassada e defeituosa de um sistema vicioso, e somos substituídos por uma peça em melhor estado! *Eu gostaria de ser uma imune!*

Ela bate com força sobre a extensão implantada em sua pele, sobre o braço esquerdo.

E mancha a tela de sangue.

— Tudo o que fiz foi baseado no que eu deveria fazer! — Ela berra, tentando se fazer ouvir acima da sirene. — Tudo o que fiz foi seguir meu destino, seguir meu *display*! Fiz o que a Teia mandou! Sou inocente de qualquer acusação que vocês possam ter a fazer contra mim!

— Inocente de quê? — Pergunta a fatalista. Eu apenas assisto, sentindo um frio na barriga crescer em intensidade. — Colocar esses *chips* é um crime?

— Se houver algum crime é o de sermos *obrigados* a implantar esses *chips*! — Grita ela. — *A Teia é um crime!* Porque nos enganarmos? Eu sei quem você é, garota!

Ela quase desafia Kali.

— Eu preciso de uma atualização — diz ela, os olhos vazios brilhando vermelhos com a luz que pisca. — E eu farei qualquer coisa para tê-la.

— Quer uma atualização? — Pergunta a mulher.

Ela lança um rápido olhar para a esteira, que termina na parede mais adiante. Do lado de fora, certamente se transforma na rampa que leva até o nível do chão, onde os bebês são embalados, armazenados dentro de um caminhão refrigerado e espalhados por toda a Dínamo.

— As atualizações só servem para nos jogar cada vez mais para o fundo do poço! — Grita ela. — Só serve para nos tornar mais escravos de algo a que já

estamos presos por correntes impossíveis de serem rompidas! *Ninguém consegue atualizações!* E ninguém *nunca* vai conseguir! É impossível!

Outro olhar.

— Vocês não entenderam ainda? Não entenderam porque o nome disso tudo é Teia? — A voz dela é histérica, maníaca. — *Porque em algum lugar existe uma aranha que se alimenta de todos nós! Apenas insetos descartáveis presos nessa maldita Teia!*

A mira da arma não desce, não hesita.

— E que diferença podem fazer alguns insetos? — Grita a mulher. — *Nenhuma porra de diferença!*

Ela se vira subitamente e desata a correr.

Antes que possa correr sequer dois metros, o verso de seu joelho explode com um tiro. Um único tiro.

Kali olha para mim.

Hoje ela não usa lentes, mas não há olhos. Há apenas escuridão.

— Prepare-se para a atualização — diz para mim. — Pegue sua arma.

Meu coração parece parar de bater.

Kali avança para a mulher.

Há sangue por toda a passarela de borracha negra, e há sangue nos bebês na esteira, também.

Com a coronha da submetralhadora ela bate na testa da mulher, que fica desnorteada.

E me encara.

— *Pegue a porra da sua arma!* — Ela berra.

Minha mão toca a coronha da pistola e eu a tiro da folga da calça.

Seu peso é de uma tonelada. Mal consigo segurá-la.

— Eu vou conseguir essa atualização. E só há uma maneira. — Diz a fatalista.

Ela agarra, com a mão direita, o cabelo da mulher.

E puxa seu rosto para cima.

Os olhos da política me encaram, lágrimas correm deles, espalham-se por todo o seu rosto.

Minhas mãos tremem como nunca.

— Mate-a.

A palavra perfura minha cabeça de um lado a outro, como uma bala, e rasga todos os tecidos no caminho.

Eu.

Não.

Sou.

Um.

Assassino.

O olhar opaco da garota crava-se em mim, tira-me as vísceras e a alma.

— *Mate-a!* — Ela grita. — *Mate-a de uma vez!*

— *Eu não sou um assassino!* — Grito o que me passa pela cabeça, mas as palavras já não soam verdadeiras.

A arma dela gira na minha direção, a mira vermelha pousa no meu peito.

— *Você prefere morrer ou matar, Harlan?* — Ela pergunta. — *Pelo que esteve lutando até agora?*

Minha respiração fica forte, meus pulmões não parecem grandes o bastante.

— *Morra ou mate!* Essa *é a sua opção!* — Ela berra.

É impossível errar.

— *Mate-a!*

Um clique.

A bala atravessa o cano e corta o ar.

E explode no meio do peito da mulher.

Um jorro de sangue, e ela cai imediatamente.

Seu rosto bate no chão e ela fica lá.

A pessoa que estava viva, à minha frente, agora está morta.

Eu a matei.

Deixo a pistola cair no chão.

Caio também.

Viro a cabeça para o lado e vomito.

À minha frente, o *display* de Kali brilha em azul outra vez.

66

Dez minutos depois.

Eu quero fugir.

Mas há um peso enorme sobre as minhas costas. Ainda que eu queira correr, minhas pernas parecem mover-se devagar demais. Por mais que eu queira usar minha moto para atravessar a Zona Industrial, o subúrbio e desaparecer no meio das montanhas fora dos limites da cidade, não posso. Nem ao menos tenho uma moto.

Um soco me atinge e eu caio no chão.

Meu rosto é prensado contra o asfalto e, com o canto do olho, vejo que Kali está na mesma situação. Um mantenedor de capacete junta os braços dela com violência, e outro faz o mesmo comigo. Algemas eletromagnéticas são postas em nossos pulsos e, então, somos incapazes de nos soltar.

Quando eles terminam, somos levantados e postos contra a parede do Núcleo de

Nascimentos.

— Eu gostaria de saber se houve algum problema, algum ruído em nossa comunicação — diz Dimitri O’Neil, às nossas costas. — Pelo que me recordo, nós entramos em um acordo em que todos seríamos beneficiados. Vocês cumpriam com seus *displays* e nós não os levávamos para a CMT. Acredito que a proposta tenha ficado clara.

Nem eu, nem ela falamos nada.

— Ficou? — Pergunta o mantenedor, com ferocidade na voz.

— Sim. — Eu digo, baixo, percebendo que Kali não dirá nada.

— Ótimo — O’Neil anda às nossas costas, sua voz se movimentando junto com ele. — Por essa razão, estou tomado por uma séria dúvida. O que os levaria a cumprir com as conquistas um do outro, ao invés de assumir as responsabilidades de seus próprios *displays*?

Ele para.

— *Podem me explicar?* — Grita.

Kali se mexe, tentando se soltar.

Com um chute ela se livra do homem que a estava segurando, e, com uma joelhada, o põe no chão. Ela consegue correr por dois metros antes que Dimitri a interrompa, lançando-se sobre ela. Os dois caem com impacto e ele a levanta em seguida, jogando-a com força contra a parede.

— Eu achei que você tinha entendido as regras por aqui — diz o mantenedor, empurrando o rosto dela contra a parede, as falhas desta raspando em sua pele. — Espera-se que as pessoas aprendam com seus erros, não que sigam errando.

Ele se cala, e segura o rosto dela com a mão esquerda. Puxa-o e a encara.

— Está drogada — diz, e a empurra na direção de uma mantenedora. — Vasculhe-a.

Dimitri cruza os braços e espera.

A mantenedora tira a sacola de Kali, joga-a para outro mantenedor, próximo da porta de um dos carros. Dou uma olhada no cenário. Há quatro carros e cerca de quinze mantenedores. As barras de *led* tradicionais piscam como de costume, fortes o bastante para alcançarem as nuvens baixas que começam a escurecer o final do dia.

A mulher balança a cabeça negativamente e devolve meu par para Dimitri. O outro mantenedor, porém, tira o pacote embalado a vácuo de dentro da sacola.

— Nectarina. — Afirma ele, depois de provar o gosto do pó azulado.

— Recolham.

O mantenedor estende a mão, e a garota vai até ele, empurrada.

— Onde você conseguiu isso? — Ele pergunta, irritado. Uma mecha de seu cabelo se soltou e pende sobre sua testa. — Sabe que o consumo dessa droga é terminantemente proibido, sob qualquer circunstância.

Sinto-me incomodado.

A garota demora algum tempo, mas, então, olha para mim e me sinaliza com um rápido mover da cabeça.

O mantenedor a pressiona contra a parede e vem até mim. E faz o mesmo comigo.

— Onde você conseguiu isso? — Pergunta ele, e eu sinto as falhas da parede arranharem a *minha* pele, dessa vez.

— Eu roubei.

— Estava em seu *display*?

— É claro — digo, incapaz de conter a ponta de escárnio. — Roubei de um posto avançado de mantenedores. Estava no meu display, eu recebi o aviso de

proximidade, *hackeei* um dos armários e roubei. Fiz exatamente o que a Teia queria que eu fizesse.

Ele me olha, irritado.

— Era Classe 3. Eu usei como barganha. Se acabou nas mãos dela, não é minha responsabilidade. — Digo.

As narinas de Dimitri se abrem e fecham muito rápido. Ele respira com força. Então me solta e me joga de volta nas mãos do outro mantenedor.

— O que vocês estavam fazendo no interior dessa fábrica?

Olho para a Kali, mas ela parece não apenas não querer responder, mas incapaz.

— Nós estávamos—

— O que *você* pretendia ao assumir para si uma conquista que era *dela*? — Pergunta ele, apontando para a fatalista, os olhos ainda mais vazios agora do que antes.

— Eu não pretendia nada — digo, e sinto minha língua enrolar e minhas mãos tremerem. Parece que minhas pernas não são mais fortes o bastante para me manter em pé. — Foi ela. Ela me deu uma pistola e me forçou a matar seu alvo. Caso contrário, me mataria; e eu ainda não estou pronto.

— É o efeito da nectarina. — O homem diz para si mesmo.

Ele avança para Kali e volta a pressioná-la contra a parede. Com ainda mais força, dessa vez.

— E o que *você* pretendia? O que queria, forçando-o a fechar o arco de um de seus alvos?

A garota abre a boca, e demora três segundos antes de falar.

— Uma atualização.

O’Neil a vira e põe de costas contra a parede.

Ele a soca com força no rosto, e ela cai.

O homem não tem piedade. Chuta a barriga dela, o som surdo das pancadas se misturando a mínimos gemidos de dor dela. Eu poderia tentar me desvencilhar para ajudá-la, mas é inútil. Sou forçado a ver. Ele chuta-a uma, duas, três, quatro vezes. Fecho os olhos.

Quando ele termina, passa a mão pelos cabelos, tentando arrumá-los. Em vão.

— E que tipo de atualização vocês querem? — Pergunta, entre dentes, olhando para a garota no chão.

— Eu não quero morrer. — Digo. É o motivo menos supérfluo que consigo encontrar.

— Você está na galeria de alvos dela. Você *vai* morrer. É impossível fugir ao compromisso com a Teia — diz o mantenedor. — Todos nós temos direitos e deveres. Não podemos crer que temos mais direitos do que deveres, jamais. Sempre devemos ter em mente que o coletivo, que a Teia, deve ser priorizada em detrimento do individual. Para isso, temos de *cumprir com os nossos deveres*. E só temos um: seguir nossos *displays*.

Ele mostra seu braço esquerdo.

— E eu achei que *você* soubesse disso — ele se aproxima a passos largos da fatalista. — Poucas pessoas são tão persistentes quanto você que, mesmo depois de ser tão punida, continua lutando. Os outros, normalmente, compreendem, já na primeira punição, que são pequenas e insignificantes demais para lutar e achar que são capazes de vencer. Mas você resistiu. Resistiu a Morfeu, à atualização, à ida à CMT.

Dimitri aperta com força o rosto dela.

— Você planejava algo quando deu uma pistola a esse garoto — diz ele. — Você imaginava que, caso encontrasse uma maneira de descumprir seu *display*, estaria dando um passo para mais perto de uma atualização, um passo mais perto—

— Da verdadeira rebeldia. — Eu o interrompo.

O homem me olha, e se demora um bom tempo o fazendo.

Seus olhos permanecem nos meus, e eu peno para manter o olhar. Ele parece pensar e, então, tira Kali da parede.

— Soltem-na. E reiniciem seu *display*. — Diz, mostrando a tela azul no braço dela.

— Dimitri, temos de levá-los à CMT—

— Eu sei exatamente o que estou fazendo. — Diz ele, levantando um dedo para a mulher que falou.

Ela dá um passo atrás.

Kali tem os braços soltos e eu, também, em seguida. Ela é levada para um dos carros e para uma máquina portátil de gerenciamento de *display*. A agulha entra pelo dermatrodo e a tela azul desaparece. O *display* é reinicializado.

Massageio os pulsos.

— Achei que fossem nos levar para a CMT. — Digo. Kali permanece quieta, de olhos vazios e dilatados.

— Vocês têm um papel maior a desempenhar — diz ele, cruzando os braços outra vez. — E não podem fazê-lo se estiverem presos. Há coisas que não podem esperar. Seu serviço com a Teia é mais importante do que uma punição, nesse ponto. Vocês já estão sendo punidos.

— E quanto ao fato de eu ter sido *obrigado* a matar um alvo dela?

— A Teia permanece sólida — responde ele. — O Fluxo Humano continua o mesmo. Você fez algo que estava no *display* dela, e matou uma mulher que já estava pronta para ter o arco fechado. Ainda que o curso natural das coisas seja o de levá-los à CMT por conta da transgressão, vou permitir que continuem

inseridos. Mas há um preço, e uma proposta.

Eu aguardo.

— O preço a ser pago é a prioridade máxima com relação à sua última conquista — ele aponta com o dedo para mim. — Você deve roubá-la imediatamente. O seu tempo terminou.

Parece que o chão abaixo de meus pés se despedaça.

— E quanto a você — ele olha para a fatalista, e se aproxima dela devagar. Ela está sentada no banco do carro, e ele precisa se agachar para olhar para dentro de seus olhos. — A proposta é para você.

Os olhos dela parecem tentar focalizar o rosto dele, mas eu não sei dizer se conseguem. Não sei dizer o que se passa no interior de sua cabeça, o que ela pode estar pensando. Se os seus pensamentos estão confusos, ou se estão mais claros do que em qualquer outro momento.

— Mate-o, e então faremos a atualização.

O rosto dela se contorce.

— Ela não precisa de uma atualização *depois*. Ela precisa da atualização *antes*. — Eu digo, tentando me aproximar. Os outros mantenedores me impedem.

Dimitri dá um breve sorriso. Balança de leve a cabeça. E volta a olhar para ela.

— Nós fabricamos pessoas em uma esteira industrial, as escolhemos aleatoriamente, as colocamos em vidas supérfluas e sem sentido. Obrigamos essas pessoas a se parearem com outras pessoas que nem mesmo conhecem, e a roubar ou difamar outras que nada têm a ver com elas. Traçamos um ciclo de vida amplo, mas fechado, para cada um. Padronizamos o produto humano. Por isso, quando alguém chega ao final de seu ciclo, não apenas pode, como *deve* ser descartado. Temos fatalistas para tratar disso. E fatalistas matam seus pares desde sempre. O amor é irrelevante. Você fica com uma pessoa e depois a descarta. Parte para a próxima. Todos são descartáveis.

Kali inclina a cabeça um pouco de lado, tentando entender.

— Mate-o, e eu lhe darei um novo par.

Meu corpo inteiro parece congelar, ficar paralisado.

— Vocês permanecerão livres — diz O'Neil, puxando a garota para fora do carro e a empurrando em minha direção. Ela quase desaba sobre mim, e eu a amparo. — Façam o que precisam fazer. O fluxo foi mantido — ele olha para Kali. — Me procure na CMT o quanto antes. Você também tem um alvo com prioridade máxima esperando pelos seus *serviços*.

Os mantenedores restantes entram nos carros, também, e partem.

Sinto o pânico me tomar e me desvencilho de Kali. Ela permanece em pé, e nos separamos por dois metros.

Olho para ela. Ainda que seus olhos continuem opacos, agora há algo no fundo.

Nos encaramos.

E nenhum de nós diz nada.

67

Tarde do dia seguinte. Depósito de mercadores.

Na mesa, executo os programas que mostram as imagens das duas câmeras que sobraram no centro de treinamento da Kali. Ela está lá. Seus movimentos são um pouco mais lentos do que de costume. Ela chuta o saco de pancadas, e parece sentir dor a cada um de seus golpes.

— Harlan — diz Jayden, parado a meu lado, colocando sua mão sobre a minha. — O que aconteceu?

Certamente há algo em meu rosto que mudou. Algo que se endureceu, como o olhar inocente e macio de um recém-inserido muda conforme ele passa por provações dentro da Teia. Foi o que aconteceu comigo. E eu jamais poderei voltar atrás.

— Eu matei uma pessoa.

Ele arregala os olhos. Sua mão sai de sobre a minha.

— O que?

— Ontem. Eu e a Kali fomos ao Núcleo de Nascimentos para tentar descobrir se dois dos políticos que trabalhavam lá eram imunes — digo, em voz baixa. — E ela cheirou nectarina, antes de irmos. Ela ficou estranha. Não parecia estar agindo como sempre.

— É claro. Estava drogada.

— Sim... quando encontramos os políticos, ela não esperou antes de matar um deles, o homem. Ela não quis saber se ele *era* ou não um imune. Ela simplesmente foi até ele e o matou. Então conversamos apenas com a mulher. Ela disse todo tipo de coisa. Disse que era uma escrava da Teia tanto quanto nós. E disse que isso tudo só se chama "Teia" porque, em algum lugar, existe uma aranha que se alimenta de todos nós. Por isso, quando termina, ela pode nos descartar — murmuro uma última frase: — Ninguém é insubstituível.

— Não diga isso — fala Jayden. — Não diga isso.

— É a verdade. Temos curingas para o caso de alguém morrer antes do tempo. E, quando morremos com o *display* zerado, também. Kali atacou a mulher e a pôs no chão. Disse que, se eu não a matasse, *eu* iria morrer. E...

Eu respiro fundo, mas a expiração sai entrecortada.

— E você a matou.

Concordo com a cabeça.

— Sim. Eu a matei.

Jayden dá um passo atrás, ainda que continue próximo de mim.

— Harlan — ele diz. — Eu sinto muito por tudo isso. Sinto mesmo. Mas a Kali não faz bem a você. O que ela fez com você não é justificável, nem compreensível.

— Ela estava tentando uma atualização à força. Mas não conseguiu.

— Isso também não justifica forçá-lo a fazer algo que está no *display dela* — diz meu melhor amigo. — Não justifica. Ninguém deveria ser obrigado a fazer algo que não quer fazer. Algo tão terrível como *matar* alguém.

Eu passo as duas mãos pela cabeça.

— E quanto a ela, Jayden? — Pergunto. — Será que tudo o que faz não é apenas algo imposto à ela? E se a Teia a moldou para fazer o que faz? Será que *ela* não está sendo obrigada a matar?

— O que ela e você fazem são coisas diferentes — responde ele. — Você é um salteador, ela é uma assassina.

Jayden fecha a boca lentamente, pensando no que disse.

— Uma fatalista. — Corrige.

Eu olho para as imagens das câmeras.

— Ela tirou de você algo que você nunca mais será capaz de recuperar — diz ele. — Faça o mesmo a ela.

Volta a pôr a mão sobre a minha.

— Roube-a, Harlan. Tire dela o que sempre pertenceu a você.

Minha mente dá voltas, confusa, tentando encontrar algo em que se apoiar, mas incapaz de achar tal apoio.

Continuo olhando para as imagens. Ele beija meu rosto e passa a mão em minha cabeça, e diz que eu preciso ser forte para enfrentar os obstáculos no meu caminho. Que eu não posso desistir, não agora. E, depois, volta para sua própria mesa.

Kali desaba.

— Levante. — Diz a tutora.

— Eu não consigo — resmunga a garota, muito baixo. Aumento o volume dos fones.

— Como uma fatalista, você precisa estar preparada para qualquer tipo de provação — diz Sybil, puxando Kali pela blusa com violência, forçando-a a levantar. — *Qualquer tipo* de provação.

— Não estou preparada para essa.

Ela respira fundo, e o ar sai entrecortado quando ela expira.

Levanta um pouco a blusa, para mostrar à mulher os hematomas roxo-amarelados em sua barriga e cintura. Seu rosto também tem marcas diversas. Sybil não parece impressionada, a princípio. Provavelmente já viu coisas muito piores, como torturadora. Inclusive causadas por ela própria.

A tutora suspira.

— Vamos continuar com o treino. — Diz, severa.

— Eu preciso de sua ajuda, Sybil. — Diz Kali.

Ela olha para a garota como se fosse um ser inferior.

— Ajuda? Que tipo de ajuda pode querer de mim?

— Eu preciso saber. Preciso saber se você gostaria de ter um novo par.

Sybil fica em silêncio.

— Isso não lhe interessa.

— Interessa, sim. Como nada nunca interessou, antes.

— E porque eu?

— Porque você é a única pessoa que eu conheço que está na mesma situação que eu — diz Kali, frágil. — A única pessoa que eu conheço que tem apenas um par.

Sybil parece pensar.

— O que você faria se lhe oferecessem um novo? Um novo par?

Ela respira forte.

— Eu aceitaria. — Diz.

As duas apenas se olham por algum tempo, remoendo a resposta.

— Eu daria qualquer coisa para ter um novo par. — Complementa a mulher.

É a resposta que eu não gostaria de ouvir.

68

Noite. Rua.

O frio parece mais gelado do que nunca quando saímos do depósito de mercadores, mesmo vestindo pesados casacos e puxando as golas para que protejam nossas nucas. O ar que vem das montanhas do lado de fora dos muros da cidade é um vento que corta como navalha.

— Eu vou precisar que você *hackeie* o console do dormitório dela. — Digo, em voz baixa.

Ainda que racionalmente haja certeza para mim, há algo dentro de meu peito que parece ir na direção contrária.

— Você ainda sabe fazer isso, não sabe? — Pergunto.

— É claro. Esse tipo de coisa não se esquece. — Diz Jayden, também enfiado em seu casaco, abraçando a si mesmo.

Concordo.

Conforme chega o inverno, as ruas de Dínamo parecem ficar um pouco mais vazias, ainda que continuem cheias de vida. Os *outdoors* seguem lançando suas luzes coloridas pelo chão, iluminando as paredes dos prédios. Os postes de lâmpadas brancas ainda clareiam os caminhos, mas as sombras nos cantos dos prédios e nos becos ainda estão lá. E é lá que a atividade noturna é maior.

— Você pegou clorofórmio? — Pergunta ele.

— Não. Não quero envenenar ela.

— E o que pretende?

— Asfixiar até fazê-la desmaiar. — Digo, sentindo um arrepio percorrer minha espinha.

— Certo.

Damos mais alguns passos ruidosos pela rua. Uma nova rajada de vento passa pela ruela.

— Você sabe que, depois disso... não há mais volta, certo? — Diz Jayden, olhando para mim, avaliando-me.

— Sim. Você já me disse isso algum tempo atrás — resmungo. — E, desde então, eu já sei que meu destino está traçado e é impossível fugir dele.

Depois de muito tempo chegamos à frente do dormitório de Kali.

Jayden logo se ajoelha à frente do console e pluga, nele, uma unidade de armazenamento móvel, que roda algum tipo de aplicativo capaz de travar momentaneamente o computador. Ele digita diversos códigos diferentes e, pouco depois, a porta se destranca e abre sozinha.

— Quer que eu vá, também?

— Não — digo. — Eu preciso fazer isso sozinho.

Ele concorda e se afasta, indo até o outro lado da rua e ficando lá para aguardar minha volta.

Eu também aguardo, na frente da porta aberta.

Um caminhão de lixo se aproxima e para em frente a um contêiner. Seus poderosos faróis lançam luzes fortes na direção do interior do dormitório, iluminando-o parcialmente. Eu me esgueiro pela porta aberta e vasculho pela semiescuridão.

Algumas das garotas no interior se viram para o outro lado, colocando os braços por sobre os olhos, tentando se proteger da luz que os fere. Poucas olham em minha direção, e as que o fazem parecem pouco se importar com minha presença. Minhas roupas pretas me camuflam no escuro, e eu ando sem fazer barulho.

Uma nesga de luz permite que eu localize cabelos negros cascateando por um travesseiro branco.

Avanço para a garota.

Paro em frente à cama dela, sentindo como se essa fosse a primeira vez em que realmente tenho o controle do que está acontecendo.

Eu me agacho.

A garota deitada na cama não parece a mesma que cheirou nectarina e me obrigou a matar uma mulher. Não parece a garota que me deixou para trás em uma fuga desesperada do Hospital Geral, com o tornozelo torcido. Não parece a mesma que foi estuprada em um beco e matou seu estuprador. Não parece uma fatalista, uma assassina.

Parece apenas uma garota dormindo.

As pálpebras fechadas têm cílios longos e naturalmente muito escuros. As pontas de dentro de suas pálpebras são um pouco puxadas para baixo, o que torna seus olhos aquilinos. O nariz é fino. Passando por sobre ele e por baixo de seus olhos há minúsculas sardas que eu nunca tinha percebido. Sua boca é rosada, macia.

As bochechas são coradas. Algumas mechas de seu cabelo repousam suavemente sobre sua face.

O caminhão de lixo silva do lado de fora e a luz termina.

Ao mesmo tempo, ela abre os olhos.

Eu respiro fundo, sem saber o que fazer.

Kali me olha como se fosse natural que eu estivesse à sua frente, em seu dormitório, no meio da noite.

Busco pelo meu bolso. Tiro um lenço de dentro dele.

Antes que ela seja capaz de falar qualquer coisa, eu a empurro e ponho de costas sobre a cama. Pulo sobre ela, e todo o beliche se move junto. A garota abre a boca, mas eu enfio o lenço dentro dela e puxo seu travesseiro de debaixo de sua cabeça.

E o pressiono contra seu rosto.

Ela se debate, e seus braços me acertam.

A fatalista me soca com força, mexe as pernas, tenta gritar.

De sua boca tapada saem apenas urros surdos.

A esse ponto, todo o entorno já acordou.

E todas as garotas à volta apenas me observam, de olhos arregalados.

Os socos dela diminuem de intensidade aos poucos.

Ela dá um último e para. A mão cai morta a seu lado.

Tiro o travesseiro de sobre seu rosto e o jogo no chão.

Kali desmaiou.

Meu corpo inteiro treme enquanto eu tento segurar o colar que envolve seu pescoço. Meus dedos se enrolam um no outro e eu sou incapaz de tirá-lo de dentro da gola de sua roupa.

Agarro a gola e a puxo e rasgo.

O rasgo desce até o meio de seu peito e desvela metade de um de seus seios, e o pingente de aranha.

Eu o seguro em minha mão e o arranco do pescoço dela com toda a minha força.

O fecho de ímã se desprende dela.

E, finalmente – *finalmente* –, o colar está em minhas mãos.

O colar que começou tudo isso.

Todo o dormitório parece ter prendido a respiração, os olhos voltados para mim.

No meu antebraço esquerdo, meu *display* brilha minha última conquista.

69

De volta à rua.

— Deixe-me ver esse colar — diz Jayden, se aproximando de mim e estendendo a mão. — Quero saber se existe algo valioso o bastante para justificar tudo o que aconteceu com você.

Eu seguro o colar com força.

— Não. Não posso deixar que você o pegue.

Jayden mantém a mão no ar, por alguns instantes.

— Ele é valioso demais. *Valioso demais*. — Murmuro.

Meu amigo olha para o pingente. Os inúmeros polígonos que o formam refletem a luz como um mosaico.

— Está bem. — É tudo que ele diz, mas eu vejo em seus olhos que algo mudou.

Algo mudou *em mim*.

— Desculpe, Jayden — digo. — Desculpe.

— Tudo bem. — Ele diz.

Põe as mãos nos bolsos e se vira, caminhando para longe de mim.

— Aonde você vai? — Pergunto.

— Não importa.

Ele apenas levanta a mão esquerda, despedindo-se. E envereda pelas ruas.

Sinto uma pontada de dúvida e ódio, mas eu a ignoro.

Viro para a outra direção e caminho, decidido.

Toco em meu *display* e procuro pelo nome de Ceres. Quando o encontro, faço a ligação.

— O que você fez? — Pergunta ela, quando atende.

— Como assim?

— O que você fez com a Kali?

— Eu roubei o que era meu por direito — digo. — O que os mantenedores me deram um prazo de setenta e duas horas para roubar, com prioridade máxima. O que eu deveria ter feito há muito tempo. O que eu tenho tentado fazer há muitos meses e só agora tive coragem o bastante para efetivar.

Há estática por alguns instantes.

— E você sabe o que isso significa, não sabe?

Eu respiro forte.

— É melhor que você esteja preparado para não passar de amanhã. — Ela diz.

— O que quer dizer com isso?

— Acha que a Kali vai aceitar o que você fez a ela? — Pergunta Ceres. — Acha que ela vai aceitar a sua traição? Ela vai procurá-lo o mais rápido que puder, e ela vai matar você. E eu não vou falar nada, não vou fazer nada para impedi-la, porque você fez a única coisa que não deveria fazer. Você a traiu.

— Tudo o que fizemos até agora foi inútil. Foi irrelevante. — Digo.

— Talvez você não tenha lutado tanto quanto ela.

— *Eu não lutei?* — Grito no meio da noite. Um sádico que passa levanta os olhos de seu *display* para mim, mas continua seu caminho. — Eu matei uma pessoa que estava no *display dela*, tudo pela merda da atualização que ela achava que conseguiria para nós. Para *nós dois*! E para quê? Eu me tornei um assassino à toa, eu matei aquela mulher à toa, porque ela está louca! A Kali é insana, ela não sabe o que está fazendo!

— Nem você, pelo visto.

Eu respiro ainda mais forte.

— O quê? O que é que eu não sei?

— Você não sabe de nada do que ela tem feito — diz Ceres. — Não sabe um décimo do que ela tem arriscado por você. E, aparentemente, também não tem ideia do quanto esse colar significa para ela.

Mais um momento de silêncio.

— Ou *significava*.

Ando decidido pelas ruas, as sobrancelhas crispadas, mas a mente distante, ainda que tomada pela fúria.

— Tudo o que ela fez foi porque ela acreditava que existia algo entre vocês dois. Algo *diferente* — diz Ceres, mais séria do que o normal. — Algo que fazia com que o pareamento de vocês se destacasse. Para ela, sempre houve um motivo

para que vocês fossem pares únicos. E é por vocês, por *vocês dois*, que ela tem lutado durante todo esse tempo. E ela continua lutando, ao contrário de você. Você desistiu.

— Sim, e talvez seja melhor assim — eu digo, ríspido. — Eu nunca a vi lutar por mim.

— Então não estava olhando. E, se olhava, não via.

Cerro meu punho.

— Eu não liguei para você para isso — respondo. — Preciso da localização de uma pessoa.

Pelo menos metade de um minuto se passa sem que eu ou ela fale qualquer coisa.

— Quem?

— Lenina Crenshaw.

— A garota que traiu a Kali? — Pergunta ela. — Que disse aos mantenedores que ela iria matar Morfeu?

— Eu pago a você pela localização com um dos elos do colar.

Um dilema moral parece se desenrolar do outro lado. Ceres suspira.

— Está bem, garoto. Vou baixar a posição geográfica dessa garota para você.

Em um instante meu *display* se ilumina. Acesso o mapa e vejo que há um novo ponto vermelho indicado nele.

— Ótimo. — Digo.

A *hacker* parece pensar por mais alguns momentos.

— Escute, garoto, eu espero que você esteja preparado para enfrentar as consequências do que fez e do que está prestes a fazer — diz ela. — É melhor

que saiba que amanhã é o seu último dia inserido na Teia. A Kali não o poupará, e eu não tenho ideia do que mais ela pode ser capaz de fazer.

— Não importa — digo. — Nós nunca tivemos qualquer chance.

Mais estática.

— Torça para que ela o poupe, Harlan — diz Ceres. — Torça para que ela ainda o ame depois dessa noite.

Fico calado.

— Porque *eu* não amaria. — Ela diz, e desliga.

70

Madrugada. Mercado Político.

O ponto vermelho no mapa do meu *display* agora indica Lenina. Ela se encontra no Mercado Político.

As luzes do interior estão acesas, assim como há uma pessoa dentro da cabine de controle de entrada no prédio. Dínamo nunca dorme.

Dou meu braço ao escâner. O laborador do lado de dentro olha para minhas informações.

Meu *display* está vazio.

Mas a entrada é liberada, como já foi liberada em outras ocasiões. E eu passo pelos detectores sem qualquer tipo de preocupação. O colar de metal que seguro firme em minha mão não é detectado como uma arma, e eu entro sem problemas.

Lenina está em uma sala de conferências. O interior do Mercado Político está

quase vazio, com apenas uma dúzia de pessoas fazendo transações dentro das cabines de vidro. Na sala de conferências, repleta de sofás circulares e mesas no centro deles, há ainda menos pessoas.

E, sentada em um desses sofás, está Lenina.

Duas de suas amigas estão presentes, e elas conversam animadamente, dando pequenas risadas sobre nenhum assunto em particular. Ellie, a fatalista aliada de Kali, por sua vez, não está entre elas.

Eu me aproximo e paro junto da mesa.

As três olham para mim.

— Harlan — diz Lenina, genuinamente surpresa. — O que está fazendo aqui?

Olho para suas amigas.

— Eu... preciso falar com você. — Peso as palavras. Lenina percebe o que quero dizer.

— Escutem, eu volto mais tarde — diz ela, tocando de leve nos ombros das amigas e passando por cima do colo de uma delas para sair de trás da mesa. — Vamos até uma das cabines privadas.

Não digo uma palavra enquanto nos deslocamos pela sala principal, indo até uma das portas mais distantes, como fizemos em todas as vezes que ela me chamou até aqui para vender informações sobre Kali. Durante o caminho, aperto forte o colar dentro de minha mão. Cada um de seus elos fica marcado em minha palma.

Ela passa seu *display* pelo console da porta de uma das cabines. Ela se abre com ruído de pneumática.

Nós entramos e eu sento em um dos lados. Ela passa para o lado de dentro, também, e toca no console. A porta de vidro gradualmente se torna opaca, impedindo que o que se passa no interior seja visto do exterior. E, dessa vez, ela senta no mesmo banco que eu, ignorando completamente o lado oposto da mesa.

— O que você tem a dizer? — Ela pergunta.

Eu não digo nada.

Apenas levanto a mão e a abro, segurando a corrente. O colar despenca e pende, balançando muito de leve, o pingente brilhando e refletindo nos olhos dela. A boca dela se abre muito pouco, e seus olhos acompanham o leve dançar da aranha.

— Você... o que você fez?

— Eu cumpri com o meu destino.

Ela estende a mão à frente, para o colar.

Eu recuo com ele. Da mesma forma como fiz com Jayden, parece que ele é muito precioso para ser segurado por qualquer mão além da minha. Mas ela me olha com muita convicção e certeza, enquanto sua mão esquerda passa pelo meu ombro. Eu entrego o colar a ela.

Lenina sorri um sorriso que não mostra os dentes. Um sorriso apenas de lábios pintados de vermelho.

— Então é isto que mudou tudo. — Ela olha a joia de muito perto.

— Este colar é o responsável pela atualização e por tudo o que ela significa — eu digo, entre dentes, sentindo uma onda de fúria varrendo todo o meu interior. — Se não fosse por ele, Kali não precisaria me matar.

A mercadora levanta os olhos para mim, e continua sorrindo.

— Não, não o colar — ela diz, lentamente, a língua tocando de leve nos dentes muito brancos. — A Kali é a responsável. Foi o que *ela* fez que mudou tudo. Foi o fato de ela ter roubado esse colar que tornou não apenas você, como também eu, um de seus alvos.

Ela devolve o colar.

— Você já deveria saber, a esse ponto, quem ela é — diz a garota. — Tenho certeza de que você sabe. Se não soubesse, não estaria aqui.

Sinto uma pontada no tornozelo e levo a mão até a metade da perna.

— Sua perna — diz ela, olhando para mim. — Você se feriu por causa daquela fatalista.

Eu respiro algumas vezes, pensando.

— Sim. — Respondo.

— E está aqui por causa disso, não está? Porque percebeu, afinal de contas, que tudo em que você acreditou durante todo esse tempo não passa de uma mentira — diz Lenina, colocando a mão sobre minha perna e arrastando-a por ela. — Que o fato de você e ela serem pares únicos não significa que vocês se amam, ou mesmo que deveriam se amar. Você já percebeu que o amor não significa nada, não percebeu? Que tudo que significa alguma coisa é o pareamento, e, agora, você já se pareou.

A outra mão dela vai para minha nuca.

— Você se pareou com ela. — É uma afirmação.

— Sim. — Respondo.

— E o que você sentiu?

É uma pergunta estranha. Ainda mais estranha pelo fato de que Lenina era nada mais, nada menos, que amante de Kali, antes de eu me aproximar dela, e antes da atualização e o estupro transformarem-na por completo. Mas o questionamento está presente em seu olhar, e eu me sinto forçado a responder à pergunta. Responder à pergunta com a verdade.

— Eu não senti nada.

Lenina lambe os lábios muito de leve, e aproxima seu corpo um pouco mais de mim.

— É claro que não sentiu nada — diz. — Porque tudo pelo que você tem lutado é uma farsa. Você esteve lutando por um cálculo matemático. O pareamento é apenas uma análise de estatísticas, de gênero, compatibilidade genética. Nada do que realmente importa é levado em consideração. Absolutamente nada. É por isso que somos levados a nos parear, mesmo que, fora do *display*, possamos transar com qualquer pessoa que quisermos.

Ela concorda com a cabeça a respeito do que acabou de dizer.

— Com as pessoas que quisermos, da maneira que quisermos. Com pessoas as quais certamente combinam muito mais conosco do que nossos próprios pares — diz ela. — A Teia não é subjetiva, nunca foi. A Teia é objetiva. O pareamento é objetivo, é programado e previsto, uma transa determinada a acontecer, não importa o que os envolvidos pensem a respeito um do outro. Uma maneira de tentar suprir as necessidades físicas dos indivíduos com um falso relacionamento amoroso.

Lenina me analisa por alguns instantes, enquanto se aproxima cada vez mais. Sua mão sobe por minha virilha e eu sinto um arrepio me percorrer por inteiro.

— Você a ama?

A pergunta me pega desprevenido.

— Kali?

— Sim. Você a ama?

Vasculho todo e qualquer canto de minha mente para tentar desvendar a resposta que eu escondi de mim mesmo por todo esse tempo. O que eu tentei não enxergar, para o bem ou para o mal.

— Eu poderia amá-la. — É tudo que digo.

Dessa vez, o sorriso dela mostra os dentes.

— E quanto a mim? Você me ama?

Tomo um instante para analisar o rosto dela, de lábios carnudos e olhos grandes. Os cabelos vermelhos ondulados emoldurando sua face. Os ombros desnudos. Os seios redondos escondidos por detrás de uma blusa preta e uma outra, rendada, por cima. As pernas longas e grossas.

— Não. É claro que não. — Digo.

Eu não a amo. Eu apenas a desejo.

— Eu também não amo você — ela responde ao que eu disse, e seu sorriso parece crescer mais a cada instante. — E isso é tudo que importa. Ainda que eu não o ame e não seja uma correspondente ideal para você, pela Teia, eu tenho certeza de que *há algo* para nós. Sempre houve. Você não acha?

Ela espera por alguns instantes, mas não sei o que responder.

— Você acha que o seu pareamento com Kali se aproxima minimamente do que *nós* temos?

— Não.

A mercadora empurra o colar na minha direção e vira de costas para mim. Puxa seus cabelos vermelhos para a frente, oferecendo sua nuca.

— Ainda que a Teia seja completamente objetiva, nós podemos *optar* por sermos subjetivos.

Pego o colar e olho para ele.

Passo-o por sobre a cabeça dela e prendo os dois ímãs do fecho.

— A Teia está errada — diz a garota, voltando-se para mim outra vez, se aproximando ainda mais. — A solução para a subjetividade humana não está em cálculos. Está simplesmente no nosso querer. Precisamos de algum motivo maior do que nossa vontade, para sermos *verdadeiramente* livres?

Ela passa a mão por trás da minha nuca outra vez e puxa-me com força para perto. O perfume forte dela invade minhas narinas e sou tragado por ele.

— Eu quero você.

Outro sorriso surge nos lábios dela, mas ele subitamente desaparece quando eles mancham os meus. Seu beijo é ardente e amplo. Ela não se limita de nenhuma maneira. Não passa por sua cabeça que eu poderia não querê-la, que eu poderia não corresponder ao beijo.

Nem pela minha.

Ela empurra minha cabeça pela extensão de seu pescoço, e eu o beijo de cima a baixo.

Volto para sua boca, mas um pensamento se atravessa em minha mente. Eu tento parar de beijá-la.

— Espere — eu digo. — Não parece certo.

Ela puxa minha cabeça para trás, para me olhar.

— E o que é certo, Harlan? — Ela pergunta. — O que é certo, e o que é errado?

Não há mais tempo para pensar.

Lenina volta a me beijar, e suas mãos passam pelas minhas costas, descendo para puxar minha camiseta por cima de minha cabeça. As minhas mãos passam por todo o seu corpo. Percorrem seus seios, suas coxas, suas pernas e o encontro entre elas. Quando eu a dispo e a jogo em cima da mesa entre os dois bancos, o encontro entre suas pernas é quente, é úmido. É acolhedor.

Ponho-a de costas sobre a mesa e pego-a por trás. Suas unhas rangem pela mesa. Minhas mãos seguram com força sua cintura, as marcas de meus dedos vermelhas em sua pele. Ela geme, os cabelos vermelhos escondendo seu rosto. Por um instante, seu rosto desaparece por detrás deles e, subitamente, percebo que ela não é ninguém. Não há um rosto por detrás das mechas rubras.

Ela se volta para mim. Lenina aperta suas coxas em torno das minhas, sobe em mim, desce em mim. Beija todo o meu corpo, e me lambe, e me morde. Suas unhas raspam minha pele com força.

Os conceitos de certo e errado se dissolvem dentro de minha mente conforme um torpor me toma. Meus pensamentos se tornam confusos, ainda que eu saiba exatamente o que estou fazendo e saiba exatamente que *quero* fazer isso.

E quanto a todas as outras coisas que eu quero?

E quanto a todas as coisas que eu já quis?

Enquanto eu e Lenina vamos à frente e atrás, os corpos suados se mesclando, os fluidos corporais sendo trocados, minha mente dá voltas. Certo e errado já não parecem diferentes, separados em dois pontos, em dois seres. Parecem apenas partes de *um mesmo* ser.

Talvez todos nós sejamos deuses.

Talvez todos nós sejamos feras.

71

Manhã. Rua.

O impacto vem sem qualquer aviso.

Meu *display* não se ilumina. Meus olhos não veem. Não há qualquer tipo de som.

Apenas impacto.

Meus pensamentos se embaralham e eu simplesmente desabo no chão, de joelhos.

Minha visão fica turva, enegrecida. Eu cambaleio e viro a cabeça para os lados, tentando identificar meu agressor. O punho que me acertou volta a se aproximar de mim, agarra minha camiseta e me puxa com força para um beco próximo, apenas para me jogar na parede e acertar meu rosto do outro lado, dessa vez.

Sinto gosto de sangue.

— *Seu puto!* — A voz de Kali grita dentro da minha cabeça.

Ela segura meu pescoço e meu queixo, e bate o verso de minha cabeça contra a parede. O sangue verte. A dor é forte, parecendo pulsar.

Os olhos negros da garota são um incêndio, mas ainda parecem desfocados, para mim.

O buraco negro do cano da pistola, não.

— Kali, eu—

— Eu não vou esperar, seu puto — ela diz. — Eu não tenho mais nenhuma razão para esperar.

O dedo dela não pousa sobre o gatilho. Ele *pesa* sobre o gatilho. O vórtice negro mira o meio de minha testa. Ele me encara, me ameaça, me amedronta. Dessa vez, não há qualquer hesitação. O lábio dela não treme, nem seus dedos, nem nada.

Ela veio até aqui para me matar.

— Você me nocauteou e me roubou, Harlan — ela diz, a voz mais fria do que o ar à nossa volta. — Você cumpriu com o seu destino e com seu *display*, exatamente como deveria fazer. A Teia nos venceu.

— Eu tinha um prazo — tento me defender. — Assim como você, eu tinha um prazo, eu precisava roubar esse colar em setenta e duas horas, senão—

— Senão o que? — Pergunta ela. — O que mais a Teia pode fazer contra nós?

Eu não tenho uma resposta para isso.

— Onde está o colar? — Ela rosna. — Onde está a *porra* do colar?

Fico quieto.

— Ele era Classe 1, mas eu sei que mudou. Sei que ele se tornou Classe 3 — ela

se aproxima e puxa a gola de minha camiseta violentamente. — E ele não está com você. Onde está?

Abro a boca, mas a voz não sai.

— Que pergunta imbecil — murmura ela. Seus olhos continuam nos meus. Estão cravados como estacas de metal no fundo de minha cabeça, atravessando-a e me pregando à parede. — Eu sei exatamente onde ele está. Sei *com quem* ele está.

Ela para por um instante, mas nada nela hesita. A mira da arma não desce nem um pouco, seus olhos não saem dos meus.

— Você sabe o que aquele colar significava para mim? — Pergunta ela. — Eu o roubei de você. Roubei de você na *única* vez em que fui realmente livre. Na *única* vez em que realmente tive alguma escolha.

Eu engulo em seco.

— Aquele colar significava *você* — diz a fatalista. — Significava tudo o que eu queria ser, tudo o que eu queria fazer. Tudo que eu imaginava que sermos pares únicos um do outro significava. Era a obsessão. Eu faria *qualquer coisa* para mantê-lo intacto, para mantê-lo comigo. O colar com pingente de aranha significava que eu faria qualquer coisa para *ficar com você*.

Uma dor forte toma o meu peito. Algo se torce dentro de mim

— Você disse...

Ela me ameaça outra vez com a pistola. Ela encosta o cano na minha testa.

— O que, Harlan? — Pergunta. — *O que eu disse?*

— Eu disse que Lenina havia dito que você roubou o colar porque me amava — digo. — Eu disse isso a você, e você disse que não era verdade. Não era verdade que você me amava.

A respiração dela sai entrecortada.

Seus olhos lacrimejam.

— Sim. Eu disse isso.

A primeira de suas lágrimas despenca de sua pálpebra.

— Porque eu nunca *deixei* de amar você.

Finalmente sua mão treme, e ela já não parece mais certa do que está fazendo. Segura a pistola com as duas mãos para firmá-la, mas como corredeiras descem as lágrimas por sua face. Ela abaixa a arma e leva as mãos ao rosto. Um círculo marca o ponto onde o cano da pistola tocou minha testa.

— Kali.

— Me deixe em paz, Harlan. — Ela diz, enquanto se vira e anda pelo beco.

Dou um passo em sua direção.

Ela saca a pistola.

— Não me siga. Eu ainda posso matá-lo.

A pistola apontada em minha direção não deixa dúvidas.

O ponto vermelho sobre meu peito, também não.

72

Dez minutos depois.

Ainda que eu tenha medo da ameaça, Kali não olha para trás em momento algum. Ela segue firme, decidida, na direção de seu refeitório, para o qual inúmeras outras pessoas também estão indo. Eu me apoio nas paredes, pelo caminho, reunindo forças para continuar atrás dela.

Minha cabeça gira e sangra. Mal enxergo à minha frente.

Kali adeja seu caminho o tempo inteiro, e mete-se em meio a grupos de pessoas que conversam, atravessando-os o mais rápido que pode, a pistola na mão. Algumas pessoas percebem a arma, mas a maioria não nota. E, se nota, ignora completamente o que se passa.

A fatalista passa o braço pelo console e entra no refeitório.

Eu me adianto e empurro quem aparece em minha frente.

Ignoro completamente os comentários e os xingamentos e passo o *display* no console. Entro no refeitório.

Kali anda a passos largos por ele com os olhos grudados em uma mesa específica. Lenina está sentada com Ellie e as duas outras garotas em volta da mesa, e elas conversam até que a fatalista se aproxima.

— Merda. — Murmuro.

Todas as quatro se calam.

Eu cambaleio e tropeço meu caminho até a mesa.

As garotas olham para Kali, que começa a falar.

Eu não ouço suas primeiras palavras.

No rosto da mercadora com quem fiquei, há um sorriso que começa de leve, nos cantos da boca, e que logo se espalha por todo o restante de sua extensão. Meu tornozelo dói como nunca, e eu tento correr pelos mínimos corredores formados pelas mesas e cadeiras o mais rápido que posso.

No exato momento em que chego a elas, a garota levanta a arma.

— Você tem algo que me pertence.

As amigas dela se afastam aos poucos. Ellie, no entanto, permanece sentada, ainda que calada.

— Kali — eu digo, pegando seu ombro com minha mão esquerda. — Não faça algo de que possa se arrepender.

A pistola volta a me mirar.

— Eu disse a você pra não me seguir.

— Eu sei. Mas não posso deixar que você arruíne tudo que construímos — digo, me aproximando lentamente. Ao mesmo tempo, as duas amigas de Lenina se

levantam e se afastam. — Nós lutamos durante muito tempo para chegarmos onde estamos e, agora, se você fizer isso, só vai confirmar as próprias suspeitas. De que nada disso valeu. De que tudo não passou de um jogo.

— *Eu* lutei, Harlan — ela diz. — Foi você quem destruiu tudo.

— Nós estamos encurralados — eu digo, olhando para ela. — Não há mais nada que possamos fazer.

— A Teia venceu a vocês dois. — Diz Lenina.

Eu dou um passo mais à frente, e Kali me olha.

— Fique longe, Harlan, antes que eu estoure a sua cabeça de uma vez.

A esse ponto, todo o refeitório olha para nós.

A pistola volta para Lenina, que continua sorrindo.

— Não adianta me ameaçar, Kali — diz ela. — Não importa o que você pensa, ou o que você faça. Você está encurralada. A Teia venceu vocês dois, e, agora, só resta a vocês cumprir com o que falta de seus destinos — o sorriso só faz aumentar. — Depois que Harlan roubou você e esvaziou seu *display*, eu transei com ele. Transei com o garoto pelo qual você chorava nas noites que passava comigo.

Kali respira fundo, mas não solta o ar. E, também, não olha para mim.

— Me dê o colar.

— E se eu não der? — Pergunta Lenina. — Ele estava no relatório de bens do Harlan, por todo esse tempo. E ele o roubou, e, quando o fez, ele o deu para mim. Agora esse colar é meu. E não há nada que você possa fazer para tirá-lo de mim.

— Eu posso matá-la.

Ela duvida.

— Não está em tempo, Kali — diz. — Sabe muito bem o que vai acontecer a você, caso me mate antes do tempo.

— Eu duvido que haja alguma coisa que a Teia ainda possa fazer para me punir.

Os olhos dela brilham, em chamas.

— Você é uma hipócrita, Kali — diz Lenina. — Você sempre disse que não se encaixava, que se sentia deslocada. Sempre disse que achava que não estava em seu lugar certo. Que não deveria ser seu destino *fechar o arco* de pessoas que nem conhecia. Que não queria ser uma fatalista. Se me matar, você só vai selar o seu destino. Vai tornar-se, definitivamente, de corpo e alma, aquilo que nunca quis ser. Uma *assassina*.

— A pessoa que eu era já não existe mais.

— Não existe, é verdade — concorda Lenina. — Você foi moldada. Já não é mais quem sempre quis ser. Agora é quem *deve* ser. Quem a Teia sempre lhe disse que é, e você nunca concordou. E tudo o que aconteceu agora serviu apenas para uma coisa: para dizer a você que você é e sempre foi essa pessoa. E você realmente acha que é. Mas se engana. Ainda há tempo para desfazer seus erros. Ainda há tempo de reverter seu futuro e toda a noção de quem *você é*. Não cometa outro erro. Não torne-se essa pessoa. Se você me matar, nunca deixará de sê-la.

— E você nunca deixará de ser uma traidora. — A fatalista estreita os olhos.

— Que opção tenho? Que opção *nós* temos? — Pergunta. — Você tem opção. Tem a chance de *não* apertar esse gatilho. Tem a chance de me deixar viva e ser quem você *realmente* é.

— Eu sei quem eu sou.

— Você tem a chance de escolher o caminho certo. — Diz Lenina, seus olhos brilhando.

A pistola não abaixa.

— Eu sei qual é o caminho certo.

O brilho nos olhos da mercadora desaparece.

Seu sorriso, também.

— Kali, você não pode fazer isso.

— Sim, eu posso — diz ela, e seus olhos poderiam derreter os da garota à sua frente. Poderiam dissolvê-la por completo. — Eu *posso* fazer isso.

O dedo sobre o gatilho fica tenso.

Todo o refeitório espera.

Eu estou paralisado.

Mesmo que quisesse, não poderia fazer nada.

— Eu... não estou pronta. — É tudo que Lenina diz.

O gatilho é apertado.

O sangue espirra, com violência, e carne e cérebro se espalham pelas mesas, pelo chão. A brancura do ambiente fica escarlate. Todos os pensamentos de Lenina e tudo que pudesse haver dentro de sua cabeça estão agora espalhados nos azulejos do chão e no compensado das mesas. O som ensurdecedor do tiro reverbera pelo salão, ecoando. Há um grito, mas, o que se segue, é um silêncio incômodo e pesado. Um silêncio sólido.

Ninguém ousaria falar qualquer coisa.

Ellie continua sentada, os olhos na direção do que sobrou de Lenina: apenas um fantoche do que ela foi, o rosto despedaçado e irreconhecível. Suas mãos tremem sobre a mesa, mas ela nada diz. Uma lágrima solitária corre de seu olho e limpa o sangue que respingou em sua face.

A pistola permanece erguida.

Kali respira fundo.

Depois, guarda a arma, dá a volta na mesa e se abaixa. Do meio dos cabelos vermelhos de sangue ela tira o colar de ouro.

Examina o pingente de aranha e bota o colar em volta do pescoço.

Depois, simplesmente sai.

PARTE CINCO

COLAPSO

73

Um minuto depois. Rua.

O *display* de Kali brilha em azul conforme ela avança pela rua, dois, três, quatro passos à minha frente.

Sempre andando à minha frente.

Eu manco meu caminho atrás dela, tentando alcançá-la.

Mas não consigo.

Só vejo que ela estava com os fones de ouvido quando ela os arranca de dentro das orelhas e lança no chão.

Passo por eles, mas os ignoro.

A cada passo meu, ela dá dois. Sou incapaz de me aproximar dela.

As barras de *led* dos carros dos mantenedores surgem pela rua.

Eles poderiam encontrar Kali ou me encontrar com um simples toque em um *tablet*.

Mesmo assim, manco meu caminho pelos becos.

Fujo.

74

Começo da noite. Depósito de mercadores.

Andei sem rumo pela cidade por algum tempo, tentando descobrir o que iria acontecer a seguir. Imaginei que, tendo zerado meu *display*, eu seria prontamente levado pela CMT. Quando Kali matou Lenina antes do tempo, então, pensei que seríamos levados os dois.

Mas nada disso aconteceu.

Kali logo desapareceu de minha vista, e eu a perdi. Tentei, em vão, localizá-la com o mapa integrado ao *display*, mas ela desativou o dispositivo de georreferenciamento. Ir até Ceres também não me pareceu uma boa ideia. Então, depois de passar a tarde inteira vagando pelo subúrbio, temendo encontrar os mantenedores a cada esquina – ou, pior, encontrar *Kali* –, decidi ir ao depósito.

Jayden não está aqui.

Acesso a mesa com tampo de vidro passando o *display* pelo console.

As galerias vazias da tela implantada em meu braço aparecem maiores, na tela de vidro. E parecem ainda mais vazias.

Percebo um pequeno ícone vermelho que pisca em um canto.

— Uma atualização. — Murmuro.

Toco no ícone, e uma janela se abre. A atualização vai acontecer dois dias depois da próxima cerimônia de inserção – provavelmente por conta do tempo necessário para os cálculos e cruzamento de dados. A cerimônia é amanhã.

Dentro da janela há uma menor.

— Atualização não aplicável. — Leio.

Kali conseguiu.

Conseguiu o que queríamos desde o começo. Matando Lenina, ela desestabilizou a Teia uma segunda vez. A atualização vai acontecer, mas eu não estou incluído nela. Meu papel já terminou. E de nada vai adiantar recorrer à própria Kali. Não vai adiantar nada tentar convencê-la a continuarmos lutando, a tentarmos, uma última vez, me incluir na atualização.

Ainda que ela tenha dito que me ama.

Decido executar os programas das duas câmeras do centro de treinamento dela.

Uma última vez.

Do alto, posso vê-la sentada no centro do tatame, abraçada aos joelhos, o rosto escondido no meio deles.

Ela está sozinha. O centro de treinamento está em completo silêncio. As luzes foram quase totalmente apagadas.

Sybil surge da entrada.

— O que está fazendo aqui? — Pergunta a tutora.

A fatalista, por sua vez, demora algum tempo para levantar a cabeça e olhá-la. Não sei dizer que tipo de expressão está no rosto dela. Mas, no rosto de sua tutora, não há dureza, como seria de se esperar. Ela também não dá nem uma olhada na direção do tubo metálico com que costuma punir a garota. Apenas se aproxima e cruza os braços, em pé, à frente dela.

— Onde *você* esteve? — Pergunta Kali, sem responder à pergunta da outra. — Nós treinamos à tarde. Em *todas* as tardes.

Sybil balança a cabeça.

— Nem todas. Não hoje.

As duas se encaram.

— Eu ouvi o que estão dizendo.

— O que estão dizendo? — Pergunta Kali.

— Estão dizendo que você desestruturou a Teia outra vez — diz Sybil. — Que você matou outra pessoa fora de seu *display*. Pelo visto, todos os esforços da Teia em reprimi-la não funcionaram. Você é uma verdadeira rebelde.

A fatalista se limita a encará-la.

— Estão chamando você de *Kali, a assassina*.

— Deixe que falem — diz a garota. — Nenhum deles sabe do que estão falando. Não sabem o que tudo isso significa e tudo pelo que eu passei.

— *Eu* sei.

— E que diferença isso faz? — Ela pergunta, olhando para a mulher. — Você foi apenas a pessoa que me acompanhou durante todo esse tempo apenas para me punir. Uma escrava da Teia contratada para me punir, para me reprimir. Para tentar, de toda forma possível, me impedir de ser livre.

Sybil se agacha, para que seus olhos fiquem no nível dos de Kali.

— Não para reprimir — diz ela. — Para guiar.

Kali nada diz. Apenas espera, ainda abraçada nos joelhos.

— Nós duas passamos por uma mínima atualização quando fui designada para ser sua tutora — diz Sybil. — Uma atualização que envolveu só nós duas. Como uma torturadora, minha função é bastante volátil. Meu *display* pode ser considerado bastante flexível. Torturadores são constantemente realocados. Quase como se fôssemos curingas o tempo inteiro.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que somos realocados para onde somos necessários — a mulher fala. — E raramente temos mais do que um alvo ao mesmo tempo.

Sybil se senta ao lado dela. Não parece ser a mesma pessoa que punia Kali em todos os seus treinos.

— E você foi realocada para mim. Por quê?

— Por conta do seu primeiro ato de rebeldia. De rebeldia verdadeira.

Os dedos de Kali sobem para sua nuca.

— E para onde você deveria me guiar?

— Para a rebeldia prevista — diz ela. — Sou um artifício da Teia para estimular os rebeldes, mas para o lado que *ela* quer que esses rebeldes vão. Existem dois caminhos. Um deles desestrutura a Teia; o outro, a mantém, porque esse tipo de rebeldia está nos dados ocultos do *display*. E, para manter o fluxo, minha função original é a de guiar meus alvos para a rebeldia prevista, de maneira a incentivar a sua... individualidade e, ao mesmo tempo, manter as coisas em ordem.

As pontas dos dedos da garota mexem nos elos de ouro da corrente em seu pescoço.

— E você fez isso comigo?

— Não — diz ela. — Não de todo. Porque *eu* não sou uma torturadora comum. Porque *eu* passei por tudo que você está passando. Eu sei tudo o que aconteceu com você. Eu vivenciei tudo isso.

Sybil leva a mão à nuca, também. Seus dedos passam com suavidade sobre a cicatriz que circunda seu pescoço.

— O que me levou a me perguntar... o que acontece quando a pessoa responsável por abafar a rebeldia torna-se uma rebelde?

Kali a olha com o canto do olho.

— Você não é uma rebelde.

— Não. Não sou.

A tutora põe a mão sobre o joelho da outra.

— Mas você é tudo que eu sempre quis ser. E nunca consegui.

Ela balança de leve a cabeça.

— Durante todo esse tempo eu me preocupei com o que poderia fazer. Como poderia encontrar uma solução para os meus problemas com a Teia, para meus problemas pessoais, mentais, psíquicos — diz ela. — Porque eu descobri que o que eu sentia, e ainda sinto, é considerado um distúrbio mental — ela dá um breve sorriso, que logo desaparece. — O amor, um distúrbio mental. Uma reação química que não deveria estar ocorrendo e que me acometeu e nunca largou.

A fatalista olha com asco para a mão da tutora, mas deixa-a onde está.

— E eu tentei. Eu tentei tudo o que poderia ter feito. Tentei uma atualização, tentei localizar os imunes — continua Sybil. — Mas os imunes não existem, e a atualização era impossível.

— *Era*.

— Era. Você matou o homem que a estuprou, e isso fez com que a atualização

fosse possível — diz Sybil, olhando para o chão. — Mas a Teia puniu você. Da melhor maneira que pode, ela encontrou uma forma de puni-la sem interferir muito no fluxo ou na configuração dos *displays* do restante das pessoas da cidade.

— Exceto por *uma* pessoa.

— Sim. Uma pessoa.

Kali balança a cabeça lentamente.

— Ele não estava na galeria de ninguém. Ele era um curinga. — Murmura ela.

— Essa foi a sua punição — diz a tutora. — Além de todas as coisas, essa era a principal das suas punições. Mas você não parou, Kali. Você não parou. E foi punida mais uma vez, na CMT. E, mesmo assim, você conseguiu furar todos os bloqueios deles. Você conseguiu passar por cima de todos os obstáculos, foi capaz de ocasionar uma nova atualização e, desta vez, eu já não sei mais o que eles podem fazer para puni-la.

— Mas de nada adianta. É tarde demais para mim, e para ele.

As duas se olham longamente.

— Talvez não seja. — Diz Sybil.

A tutora dá dois tapas leves no joelho de Kali.

— Serei realocada na atualização — diz. — Tenho certeza de que, independente do que eles queriam de você, já conseguiram; ou, então, decidiram partir para outra abordagem. De qualquer forma, não teremos mais treinos. Você era meu alvo único e, agora, estou com o *display* zerado. Sei que ainda tenho uma quantidade de alvos para cumprir antes de estar pronta para ter o arco fechado. Então, pode ser que isso seja um até logo, e não um adeus.

O *display* da tutora não brilha, nem dá sinal de vida.

As duas se encaram por mais algum tempo.

Então Kali se levanta, lentamente, e olha para a outra, que permanece sentada no chão.

A fatalista olha para suas mãos e para as ataduras vermelhas que sempre usava durante os treinos. Então as desenrola dos pulsos e punhos e, quando termina, lança-as ao chão, na frente da torturadora.

— Se eu tenho opção, que seja um adeus.

Então se vira e sai do centro de treinamento.

Sybil fica sentada por mais algum tempo.

Depois, se levanta também e fica parada, no meio do tatame, debaixo da única luz ligada no centro de treinamento. Olha para o tubo metálico, pousado sobre uma bancada mais adiante. Mas não o leva consigo. Abaixa-se e pega as ataduras vermelhas.

Enrola-as nos próprios punhos e também sai.

75

Começo da noite. Praça atômica.

Me prostro ao lado de Jayden e Mael sob um céu muito baixo e muito escuro. Nuvens pesadas e negras o tomam por completo, por todo o horizonte.

Tenho vergonha de olhar para Jayden, mas me forço a fazê-lo.

— Jayden, me desculpe pelo outro dia — digo. — Eu... não queria magoá-lo.

Ele respira fundo e solta o ar lentamente dos pulmões.

— Está tudo bem, Harlan. — Ele diz, e olha para mim, com um sorriso nos olhos.

— Eu estava cego — continuo, em voz baixa. — Cego pelo que estava fazendo. Mas, agora, tudo mudou... e por minha culpa. Eu queria poder ter o colar para deixar que você o segurasse, mas eu não o tenho mais.

— Eu sei.

Ele estende a mão e segura a minha com força. Eu me sinto um pouco melhor.

Mael, no entanto, apenas lança um olhar de desgosto em minha direção.

— Essa é a última vez que eu vou ver vocês.

Os dois me olham.

— Eu zerei meu *display* — digo, ainda segurando a mão de Jayden. — Quando roubei a Kali, fiquei com todas as galerias vazias.

— Mas isso não significa que você vai morrer hoje. — Diz meu melhor amigo.

— Significa, sim — eu respondo. — Ela gastou todo o tempo de tolerância que tinha, seis meses, com Leon. O melhor amigo dela. Ele já estava pronto para ter o arco fechado há seis meses, e o prazo estourou agora. Quando isso acontece, o alvo é levado para a CMT e o fatalista é intimado a matá-lo sob supervisão dos mantenedores.

— E o que o leva a crer que isso vai acontecer com você? — Pergunta Mael.

— Ela não me mataria se não fosse obrigada.

Depois de proferir a frase, começo a me perguntar se ela é verdadeira.

Eu espero que seja.

Antes que eu ou eles tenhamos tempo de falar qualquer outra coisa, o orador vai à frente do palco e começa a falar.

— Qual é a função de um rebelde na Teia?

Como sempre, ele anda de um lado para o outro, mas, hoje, ele parece mais frenético. Seus passos são mais rápidos e firmes. Seus olhos passam pela multidão. Ele parece procurar alguém com os olhos.

— Ainda que a Teia seja uma entidade virtual onisciente, onipresente, onipotente, existe a oposição — ele diz, as mãos segurando uma à outra às suas

costas. — Ainda que a humanidade tenha atingido um nível inimaginável há um século, ainda que o patamar em que nos encontramos social e tecnologicamente fosse impensável para as sociedades que nos precederam, a oposição continua existindo. Uma oposição que acredita que a instalação de extensões corporais que auxiliam na convivência humana e na realização de tarefas, no aprimoramento do trabalho, é uma mazela. Uma oposição que se crê correta ao defender que vivemos uma crise e que a solução seja voltarmos ao passado. Retroceder.

A multidão fica mais quieta nessa cerimônia do que em qualquer outra.

— Aonde a Teia nos levou? — Ele pergunta. Pela primeira vez, ele realmente parece estar fazendo uma pergunta. Não uma pergunta retórica, mas uma verdadeira *pergunta* ao público. — Atingimos a perfeição social. Todos dentro da Teia possuem uma função fundamental, capaz de fazer diferença em todas as instâncias de nossa sociedade. Se isso não ocorresse, não seriam necessárias atualizações ou curingas para substituir valiosas contribuições de diversas pessoas que, infelizmente, acabam se acidentando, tornando-se incapacitadas de cumprir com seus *displays*. Todos nós somos peças essenciais para o funcionamento dessa gigantesca máquina estatal. Sem a contribuição de cada um de nós, a Teia não seria o que é. Todos somos insubstituíveis.

Os olhos dele parecem parar dentro dos olhos de cada um dos componentes da multidão.

— Todos temos nosso lugar. Todos temos nossa função. A função de manter em movimento, em constante evolução, a nossa Teia — diz. — Por menores que sejamos, fazemos parte de um coletivo que, em movimento, seria capaz de mudar o que quer que fosse. Mas, para isso, precisamos da colaboração de todos. De *todos*.

Ele se vira para olhar os cem jovens – exatamente cem jovens – atrás dele.

Um pensamento me passa pela cabeça.

Na semana que vem, eu estarei na contagem dos cem que tiveram o *display* zerado e o arco fechado.

Na semana que vem, um dos cem jovens será um mercador salteador que assumirá minha cama no dormitório. Um dos cem jovens assumirá a minha mesa com tampo de vidro no depósito de mercadores. O *display* de um deles será capaz de destrancar todos os meus armários. Será capaz de abrir a porta do meu dormitório. Será capaz de usar créditos para fazer refeições no meu refeitório.

Em uma semana, eu *nunca terei existido*.

Sinto pânico crescendo dentro de mim, subindo pela minha barriga, pela minha nuca, pescoço, descendo pelos braços e indo à ponta dos dedos. Há dentro de mim uma enlouquecida vontade de gritar, de simplesmente correr para longe da Praça Atômica, de subir os muros que cercam a cidade e fugir. Fugir para a cordilheira em toda à nossa volta: tão próxima, mas tão distante. Tão inatingível.

Mas todos à minha volta estão quietos.

Então eu me aquieto, também.

— A padronização humana — diz o orador, em voz alta, abrindo os braços. — A igualdade. Todos viemos do mesmo útero e iremos ao mesmo pó. Todos nascemos da mesma forma, com as mesmas possibilidades, virtudes e qualidades. Podemos ser o que quisermos. Recebemos as mesmas extensões em nossos braços, somos todos conectados. Em breve, uma atualização de *hardware* permitirá que compartilhemos, entre nós, tudo o que for necessário para a perpetuação da Teia, para a evolução de nossa sociedade. A Teia nos trouxe segurança. Nos trouxe a certeza de um futuro. Damos nossos passos, todos juntos, na direção de um futuro melhor para *toda a sociedade humana*. Cada uma de nossas conquistas é uma conquista de todos.

Ele para de andar.

— De *todos*.

O orador permanece com as mãos segurando uma à outra, às costas.

— O que leva alguém a se opor a um sistema tão perfeito quanto esse em que vivemos? — Pergunta o homem, com genuína incompreensão. — O que leva

alguém a se rebelar?

Não há qualquer tipo de resposta do público.

Nem um bater de palmas, um urro de vitória ou um balançar de cabeça, como geralmente ocorre.

— A Teia, em toda a sua complexidade, em toda a sua perfeição, é redonda — o homem diz. — Tudo que começa, deve terminar. Se um arco é aberto, ele deve ser fechado, em algum momento. É o fluxo natural das coisas. É o correto. Não é recomendável tentar mudar a linha que forma o círculo. Não é recomendável escapar pela tangente. Qualquer mudança em nossos caminhos afeta a nossa segurança, meticulosamente construída para muitos. Para favorecer a coletividade. A Teia não pode, nem deve, favorecer a individualidade no lugar do coletivo. Priorizar o coletivo é a linha-guia máxima.

Silas Markham, o orador, olha para todos.

Olha para cada um de nós.

— Por isso eu devo dizer, a todos vocês, que não há função para um rebelde na Teia — diz ele. — Não temos necessidade de oposição, não quando alcançamos nossa tão almejada perfeição social e estatal. Por isso, todo e qualquer rebelde deve ser, antes de qualquer outra coisa, reabsorvido. Ele deve ver, com seus próprios olhos, contra o que luta. Luta contra o bem-maior, luta contra as pessoas, contra a Teia em si. Devemos conscientizá-lo da verdade. Da verdade em que vivemos.

Lanço um olhar na direção das cabines dos programadores, nos limites da Praça Atômica.

Eu nunca tive chance.

— Não há lugar para rebeldes na Teia.

Ele estende a mão para o primeiro dos cem jovens atrás dele e este vem à frente. Silas o segura pelos ombros.

Eu não falo, não digo, não recito.

Eu *oro*.

— A Teia é sua própria soberana e tudo sabe, tudo pode, tudo engloba. Há um lugar para todos em seu seio, onde cada um existe no geral e no individual, ao mesmo tempo. O compromisso de cada um com a Teia é o de seguir seu destino e o de tornar-se, um passo a cada vez e na linha reta que lhe foi designada, uno. Juntos, somos mais fortes e, com a força, seremos, para sempre, invencíveis.

Quando todos terminam de falar, eu sinto meus olhos molhados.

Jayden segura a minha mão com força outra vez.

Eu olho para ele e vejo que também está chorando.

Meu amigo se aproxima de mim e me abraça.

Ficamos abraçados por um longo minuto, enquanto Mael se afasta lentamente, e a praça, pouco a pouco, vai se esvaziando. Nós nos separamos e faço um gesto com a cabeça para ele.

— Obrigado por tudo.

— Você sempre foi mais que um aliado para mim — ele responde, enquanto dá um passo atrás, prestes a voltar-se e ir embora com Mael. — Você foi meu *amigo*.

Concordo com a cabeça.

Ele dá a mão para Mael e os dois andam pela praça, passam pela cabine de um programador e vão embora.

E eu fico na praça.

Sozinho.

76

Começa a nevar.

A cada passo que dou, a quantidade de flocos de neve que desce do céu parece maior. Primeiro delicadamente, pousando no chão com suavidade. Aos poucos, aumentando de intensidade.

E, então, caindo com força, com brutalidade.

Uma nevasca.

Atravesso a Praça Atômica com bile no fundo da garganta e as pernas como chumbo. Todo o meu corpo quer fugir, quer virar as costas e encontrar outra saída da praça. Mas minhas pernas agem mecanicamente, como que magnetizadas, me levando, inevitavelmente, de encontro a meu destino.

— O braço.

Sou o último a sair da praça.

Olho para a mulher no interior da cabine de vidro. Ela não olha para mim, mas para uma tela complementar pousada sobre a sua minúscula bancada. Há algumas fotos aleatórias girando em um *slideshow*, que ela acompanha avidamente.

Eu estendo meu braço esquerdo para ela.

A grade vermelha do escâner passa pela assinatura do meu *display*.

As informações aparecem em uma janela *pop-up* na tela complementar da programadora. Ela passa um dos dedos e descobre que não há barra de rolagem. Que as galerias estão realmente vazias.

— Eu zerei meu *display*. — Digo. As palavras saem secas e sem vida.

A programadora concorda lentamente com a cabeça.

— Sim. É verdade — ela diz, e toca na tela outra vez. — Fomos avisados a seu respeito.

Ela digita alguma coisa.

— Por favor, aguarde.

Eu o faço.

Quase dez minutos depois, abraçado a mim mesmo e com frio até os ossos, um carro se aproxima e, dele, sai Dimitri O’Neil. A programadora faz um sinal para ele e o mantenedor concorda. Ele traz um *tablet* em sua mão. E vem sozinho.

— Harlan Montag — diz ele, andando com a postura ereta. — Mercador salteador.

Espero enquanto ele se aproxima.

— Acredito que nos encontramos em uma situação sem precedentes — ele diz, sem sorrir ou demonstrar qualquer expressão. — Ou, uma situação rara. É muito raro encontrar fatalistas que não concordam com sua posição social e decidem

que algumas pessoas merecem ter o arco fechado depois das outras. Decidem matar uns em prol de outros, visando mantê-los vivos, ainda que sua serventia na Teia seja nula. E, então, essa pessoa ficará ocupando o lugar de direito de um recém-inserido, e haverá um excedente populacional que desestabilizaria nosso sistema. Algo que é completamente não-desejável. Você acha justo matar uns e não outros?

Não consigo descobrir qual é a resposta certa.

Então fico calado.

— É, definitivamente, uma prática que não pode ser incentivada — diz O'Neil. — Uma prática que deve ser *reprimida*, na verdade, com artifícios diversos. Punições indiretas, muitas vezes. É o que estamos vivenciando, agora. Você compreende que seu par era uma fatalista que acreditava ser capaz de subjugar a Teia e que, para reprimi-la, foi necessário encontrar uma maneira de puni-la indiretamente? Isso envolve você, é claro. Às vezes, é preciso abrir mão de elementos menos úteis à sociedade para poupar outros, mais relevantes.

Meu estômago revira. A bile sobe à minha língua e eu sinto seu gosto azedo.

— Certamente há um consenso quando tratamos de curingas — continua Dimitri. Olho para suas mãos, protegidas por luvas. — Um consenso de que, de certa maneira, são apenas peças de substituição. Peças de substituição só têm serventia quando há alguma coisa a ser substituída. E, se as perdermos, pelo menos no que diz respeito ao sistema da Teia, podemos facilmente produzir uma nova peça, similar ou melhor do que a anterior, para o mesmo fim. Podemos *fabricar* uma nova peça substituta. Por isso, perder um curinga não é algo que possa ser considerado relevante.

Nada faço além de ficar parado.

Não há mais nada que eu possa fazer, de qualquer forma.

— Você compreende?

Meus lábios parecem colados um ao outro.

— Eu preciso de sua confirmação verbal.

— Sim. Eu entendo.

— E concorda?

Uma chama fraca parece se acender dentro de mim.

— Se eu não concordar, alguma coisa vai mudar?

O mantenedor apenas me olha por alguns instantes. Então, estranhamente, se aproxima e põe a mão nas minhas costas, começando a me empurrar com certa delicadeza na direção do carro.

— Escute, garoto, eu sei bem o que você está pensando — diz Dimitri, falando em um tom que tenta ser amigável. — Sei que você está pensando pelo lado individualista da coisa. Do lado do que *você* quer e do que *você* sente. Sei que pode parecer injusto ter o arco fechado tão cedo, mas você deve entender que o que estamos fazendo visa apenas o bem-comum. A segurança de toda a população de Dínamo. Para garantir os destinos de uma quantidade absurda de pessoas, tudo que precisamos fazer foi remodelar ligeiramente a Teia de forma a colocar as coisas nos eixos, sem afetar um grande número de indivíduos. E a única forma de fazer isso era envolvendo especificamente *você*. Como uma pessoa, é natural que você se sinta injustiçado.

Nós paramos junto da porta do carro.

— Vamos falar em termos biológicos, e não sociais, para facilitar o seu entendimento — o homem diz. — Digamos que a Teia é um organismo vivo. Um ser, um animal, uma pessoa. Tudo dentro de uma pessoa é conectado. Isso significa que, quando alguma parte sua fica doente, todo o sistema fica doente. Quando a ponta de um dedo começa a gangrenar, não se pode fazer nada a não ser tratar do problema. E, se a solução para o problema for decepar a ponta do dedo, com toda certeza o dedo não fará objeção a respeito disso. Ele compreende que, estando doente, é, de certa forma, sua obrigação ser decepado. Em prol do restante do corpo. Para que o restante do corpo continue vivo, em funcionamento. O dedo não se rebelará ou achará injustiça ser excluído do

corpo, pois sabe que é pela segurança dele que está sendo sacrificado.

— Eu não sou um dedo. Não sou uma peça. — Eu digo, olhando para ele.

A porta do carro é aberta e eu sou empurrado para dentro.

Entro a contragosto.

O motor chia com força e potência, e saímos da inércia.

Sentado no banco traseiro, vejo apenas um vidro opaco à minha frente. Estou isolado da parte dianteira do veículo.

Olho para fora da janela, para a nevasca que aos poucos se torna mais e mais forte.

77

A Central de Manutenção da Teia fica desesperadoramente próxima da Praça Atômica.

Sinto como se pudesse ficar no interior do carro dos mantenedores para sempre. Como se, de alguma maneira, eu estivesse protegido sentado no banco traseiro, completamente sozinho. Sem ouvir qualquer tipo de som, devido ao isolamento acústico, sem enxergar nada em meio aos flocos de neve que caem pesados. Sem sentir. Sem pensar.

A larga avenida principal culmina na fortaleza empoleirada sobre uma das faces do morro. O céu escuro fica cada vez mais enegrecido conforme a noite toma conta – e ela o faz tão rápido que, quando chegamos à CMT, o escuro predomina.

O carro desce a rampa para o estacionamento subterrâneo da CMT.

A porta se abre.

Olho para fora, para o estacionamento iluminado e para a ameaça que jaz no

exterior. Eu hesito por um instante, e me pergunto o que posso fazer para impedir o que está prestes a acontecer. Mas sou incapaz de encontrar uma motivação, ou mesmo forças, para lutar.

O que está acontecendo é culpa minha.

Dimitri O'Neil mete a mão no carro e me agarra pela roupa, puxando para fora com força.

— Eu não posso. — Digo.

Mas não há tempo para dizer mais nada.

Um mantenedor se aproxima de mim, puxa minhas mãos para trás e as prende com algemas eletromagnéticas às minhas costas. Olho ao redor, para todo o complexo da CMT e para as reforçadas portas que atravessamos, e me pergunto se haveria qualquer remota possibilidade de fugir.

Não.

Não há.

Pelos punhos presos eu sou levado através de um corredor depois do outro. Todos eles são extremamente parecidos, com luzes correndo longitudinalmente em linhas que os perpassam de uma ponta a outra. Tudo tem uma estranha aura de limpeza, com paredes brancas e vidro. Há salas com janelas que dão para os corredores dos dois lados, sempre, mas todas elas têm os vidros opacos, para que seja impossível olhar para dentro. Cruzamos com alguns mantenedores pelo caminho. Há políticos zanzando por todo o prédio, também.

Acessamos um elevador e subimos alguns andares.

Por toda parte há painéis animados que indicam direções e apresentam mapas interativos do interior da fortaleza.

Ao mesmo tempo em que olho para todos os lados e uma ponta de mim sana a curiosidade com relação ao interior da CMT, outra parte, muito maior, deseja ser capaz de dar meia-volta e continuar com minha vida habitual. Mas ela não existe

mais.

Quando passamos por uma encruzilhada de corredores, olho para o lado direito.

E tenho um vislumbre de Kali.

Em um milésimo de segundo, ela olha para mim e me identifica, me reconhece, me analisa. O olhar que ela sempre teve, um olhar de fogo. E o fogo em seu interior nunca pareceu ter ardido mais forte do que no olhar de relance que lançamos um ao outro.

Então, ela se vai.

Acessamos um segundo elevador e, finalmente, depois de subir talvez dois ou três andares, paramos em frente a uma porta de folhas duplas muito largas, mas de aspecto pouco oficial. Uma porta de metal, quase grosseira. E, ainda que não haja qualquer número iluminado sobre ela, Dimitri fala:

— Bem-vindo ao seu quarto 101.

O mantenedor passa seu *display* pelo console ao lado da grande porta, e ela desliza para dentro das paredes, dos dois lados.

Do outro lado da porta há uma sala grande lateralmente, com uma bancada no centro e uma enorme janela de vidro, que substitui toda a parede no lado do prédio virado para o rio e para o subúrbio. Pouco se pode ver das fortes luzes que iluminam a cidade. Do lado de fora, há apenas resquícios das luzes dos postes e *outdoors*, e uma aura esbranquiçada da nevasca.

Dentro, o ar é denso e pesado. Quase como se fosse sólido, e eu precisasse rompê-lo a cada passo que dou na direção da bancada.

Junto da janela está ninguém mais, ninguém menos que o orador das cerimônias de inserção. Silas Markham. O mestre de manutenção da CMT, chefe de Dimitri O’Neil. A última alternativa minha e de Kali para a imunidade. Nossa última chance.

Desperdiçada.

O homem lança um olhar em minha direção, e então volta a olhar para fora como se eu nem ao menos existisse.

Meus punhos são presos separados à distância de um palmo entre si sobre a bancada, que é magnética. Eu tento me soltar, mas as tentativas são inúteis, e o olhar de desprezo que um dos mantenedores lança para mim define minha tentativa como patética. Decido parar de tentar.

Decido desistir.

Olho para meu lado direito. Leon está na mesma posição que eu, a cabeça baixa, os cabelos tapando parcialmente seus olhos. Ele não parece disposto a olhar para mim. Mas o faz, depois de um tempo. Ele vira seu rosto e eu percebo o quão cansado e destruído ele está. Sua face parece ter envelhecido vinte anos desde a última vez em que o vi. As rugas em torno de seus olhos tornaram-se mais abundantes, assim como se multiplicaram ao redor de sua boca e em sua testa. Suas mãos são frágeis, quase como se seus dedos pudessem ser quebrados com facilidade. Todo seu corpo treme um pouco, suas pernas mal suportam seu corpo em pé.

Leon, ao contrário de mim, já está praticamente morto.

Tento não pensar no que aconteceu com ele enquanto esteve preso na CMT.

Mas, quando ele me olha... ainda há fogo. Ainda há brasa dentro de seu olhar.

— Bem, garoto, você conseguiu — ele diz, por entre seus lábios ressecados. — Conseguiu fazer com que o amor que a Kali tinha por você se transformasse em ódio.

Eu franzo as sobrancelhas.

— Como pode saber disso? — Pergunto. — Você esteve preso durante todo esse tempo.

Ele sorri. Seus dentes estão tortos e há manchas vermelhas neles.

— Sempre há uma brecha. — Diz, com esforço.

Leon ri, mas sua risada se transforma, logo, em tosse.

A porta atrás de nós se abre outra vez.

Sinto um arrepio passando por minha nuca.

Kali é levada por todo o caminho da bancada e trazida à nossa frente. Ela mantém os olhos mirando o chão. Suas mãos estão presas atrás de suas costas, mas, assim que ela é posta em posição, as algemas são soltas. A pistola preto-fosca é colocada sobre a bancada.

Há pelo menos um minuto de silêncio.

Um silêncio pesado.

Kali olha para o chão por mais algum tempo. Ainda que suas mãos estejam soltas, ela age como se ainda estivessem presas. E respira fundo, dando tempo a si mesma. Enquanto isso, o restante dos mantenedores deixam a sala. Restam, apenas, Dimitri e Silas. E eu, e Leon.

E Kali.

Ela solta todo o ar que estava em seus pulmões.

E levanta os olhos.

Em um instante, parece que eu finalmente sou capaz de compreender tudo que se passa no interior deles. O poço sem fundo que eles costumavam ser se torna mais raso. A negritude infinita de suas pupilas se torna limitada, e eu enxergo suas fronteiras. Eu enxergo o fogo que queima dentro dela, eu vejo o gelo que a esfria. Eu vejo a superfície e seus recantos mais obscuros. Vejo a opacidade e a transparência.

Por um instante – um instante apenas –, eu vejo tudo.

E vejo, nisso, que ela ainda não se decidiu.

Ela ainda não sabe o que é. Não sabe se pende para um lado ou para o outro. Não

sabe qual é o caminho certo, quem é amigo e quem é inimigo. Não sabe se torna-se quem realmente é ou se ignora completamente tudo pelo que lutou até hoje.

Há fogo e gelo. Os dois se misturam, se mesclam, se tornam um só.

Por um instante, Kali não sabe nem ao menos quem é.

78

— Você sabe o que deve fazer. — Vem a voz de Dimitri, ao fundo.

A garota continua parada, esperando por alguma coisa.

Seus olhos lacrimejam.

— Você deve estar avisada de que ocorrerá uma nova atualização. E ela foi novamente causada por você. Por conta da morte de Lenina Crenshaw, que, embora estivesse prevista em seu *display*, ocorreu antes do previsto. Antes que o *display* dela fosse zerado.

Kali balança a cabeça, muito lentamente.

De braços cruzados, o chefe do Programa de Proteção ao Fluxo Humano permanece em pé atrás dela.

— De certa maneira, vocês conseguiram alcançar o que almejavam — diz, e um sorriso quase indistinguível surge em seus lábios. — Uma atualização. E uma quase tão grande quanto a anterior. Ela só não é maior porque, dessa vez, não

haverá punição. Da outra vez, alteramos os *displays* de toda a cidade de Dínamo. Realocamos alvos de outros fatalistas para o seu *display*, Kali. Isso você certamente sabe. Dessa vez, vamos nos ater aos *displays* que *precisamos* atualizar.

— E porque não me punem? — Pergunta a garota.

— Porque você já está sendo punida.

O mantenedor dá um passo à frente.

— É bom lembrá-la do que a trouxe até aqui — diz ele, os olhos sorrindo mais do que a boca. — É bom ressaltar que foi *seu par*, por quem você lutou durante todo esse tempo, o responsável direto por estarem aqui, agora. Se ele não houvesse cumprido com sua última conquista, traindo-a, com toda certeza ainda haveria tempo. Mas ele preferiu estar com Lenina, do que com você. Ele *optou* estar com ela. Se não houvesse a opção... se ele tivesse sido *obrigado* a fazer isso, a realidade seria diferente. Mas ele teve opção. Ele pôde optar por ficar com ela ou ficar com você. E nós sabemos qual foi a sua escolha.

Silas levanta a mão, delicadamente, para o mantenedor, e anda até a bancada.

— O pareamento é um processo matemático — diz o orador, praticamente sem olhar para ela, para mim ou para Leon. Parece falar para a sala, mas ignorar todos os que estão em seu interior. — Um processo realizado a partir de parâmetros diversos que são percebidos durante o crescimento dos indivíduos, suas relações sociais com outras crianças nos Centros de Habilitação para a Vida em Sociedade. Cada aspecto dos resquícios de personalidade das crianças são preenchidos em um formulário, que são, posteriormente, trocados entre diferentes servidores e Centros de Habilitação. Os dados e formulários são comparados e cruzados entre si, buscando pares que possam, na medida do possível, combinar. Que possam gerar, nos pareados, a sensação de satisfação física e psicológica de se parear com alguém compatível. A intenção do pareamento é a de acalmar ânimos e manter os indivíduos dentro do quadro previsto. Contemplando um dos aspectos mais fundamentais do ser humano, o sexo, somos capazes de controlar *outros* aspectos, como, por exemplo, o do trabalho.

Ele apoia as mãos sobre a bancada magnética.

— Pares únicos são um caso bastante especial — diz ele. — Os pares únicos surgem a partir de uma característica de personalidade que costuma ser reprimida nos Centros de Habilitação: o apego material e subjetivo a objetos. Consideramos essa retenção, essa intenção de posse, no momento da sincronização entre pares. Indivíduos que apresentam essa mesma característica são pareados juntos, como pares únicos, de maneira a passar a eles e, entre eles, a *sensação* de posse. A sensação de que, por serem pares únicos, o seu relacionamento é mais profundo ou verdadeiro que o de outros indivíduos, com mais de um par. Obviamente todos são encorajados a realizarem intercurso sexual com pessoas fora de seus *displays* ou a frequentarem casas de sádicos, mas, em geral, o quadro costuma ser o mesmo. Pessoas que possuem apenas um par têm costume de acreditar que devem ficar juntas.

O homem continua sem olhar para nós. Dimitri permanece longe. Kali olha para a pistola.

— Esse comportamento não é considerado perigoso, ou comprometedor, para a Teia. Desde que os envolvidos mantenham-se em movimento, cumprindo com seus *displays*, essa atitude é irrelevante. Quando isso, porém, afeta a Teia de alguma forma, é necessário intervir. E, quando essa atitude alcança um nível elevado demais, a ponto de desestabilizar algum ponto do sistema, uma solução drástica deve ser tomada.

— O que aconteceu comigo foi uma bola de neve — rosna Kali, lágrimas rolando devagar por suas bochechas. — O que eu fiz foi um reflexo do que *vocês* fizeram.

— Tudo o que ocorreu foi por conta de cálculos matemáticos — responde o homem, ainda sem olhar para ela. — Não houve qualquer tipo de envolvimento por parte da CMT, diretamente. A Teia assumiu, através de um *script* de inteligência artificial, a responsabilidade por encontrar punições adequadas e acondicioná-las nos *displays* corretos.

— Mas nós podemos garantir uma coisa — interrompe O’Neil. — Podemos garantir que você receba um novo par, mais compatível com suas características,

incapaz de traí-la, na nova atualização. Você foi incluída nela. Justamente por esse motivo.

Ele aponta para mim.

— Tudo que precisa fazer é matar seu garoto.

Kali olha para mim, os olhos tomados por lágrimas.

— E porque vocês não o matam, de uma vez?

— Isso é contra as linhas-guias mais fundamentais da Teia. Não podemos assumir a responsabilidade de outras pessoas. — Responde o mantenedor.

— E porque não *me* matam?

Todos nós ficamos em silêncio por alguns momentos.

Mesmo que quisesse falar, eu não conseguiria. Sinto como se meus lábios tivessem sido costurados.

Leon, por sua vez, mantém a cabeça abaixada.

— Rebeldes não podem ser meramente mortos — diz Markham, sério. — Principalmente quando os atos de rebeldia cometidos por eles tornam-se de conhecimento público, como ocorreu com Edward Blair. Ao sacrificar um rebelde que incita, na população, sentimento de identificação, cria-se um mártir. Um ídolo a ser seguido. Logo, os atos de rebeldia cometidos por esse rebelde inicial tornam-se referência, e são reproduzidos à exaustão até que toda a sociedade assuma isso como algo correto, como algo a ser seguido e feito. A Teia não pode permitir que isso ocorra. Para manter a ordem e a segurança, em prol do bem-comum, deve-se incorporar os rebeldes. Deve-se reabsorvê-los, mostrar a eles o caminho da verdade, o caminho correto. Pô-los outra vez nos trilhos. Mostrar que eles foram redimidos, que descobriram que a rebeldia não tem valia. Que a melhor escolha é a de continuar correto, de acordo com o previsto, com o planejado. Por isso Edward Blair continua vivo.

— E por isso *eu* preciso continuar viva — diz a garota. — Um exemplo de como

qualquer um pode ser dobrado e encaixado outra vez no mesmo lugar.

Todos voltam a se calar.

Kali olha para a pistola.

— Escute, já é tempo de cumprir com o seu dever — Dimitri parece perder a paciência. — Não há mais tempo para protelar. Você precisar matar—

— Deixe que ela me mate primeiro. — Interrompe Leon.

Uma lágrima despenca da pálpebra da garota.

— Leon. — Ela murmura, e olha para ele.

O velho levanta a cabeça mais uma vez, e dá um sorriso para ela.

— Você sabe o que tem de fazer, garota — ele diz, mostrando os dentes vermelhos. — Sabe qual é o caminho certo. A minha hora chegou. Eu não passo de um velho. Sou uma peça que precisa ser substituída por uma nova, e eu não sei como foi que eu consegui ficar tanto tempo inserido. Mas chegou a hora, e, como um fatalista, eu sei que não posso continuar vivo. Meu arco precisa ser fechado.

Ele concorda lentamente com a cabeça.

— Eu não—

— Sim, você pode — interrompe ele. — Você *deve*. É seu dever.

Os dois se olham.

— Venha mais perto, garota. Não se acanhe.

Kali se aproxima dele.

— Está comigo. — Ele diz.

Ela o encara fixamente. Por um momento, parece que algo nela parou de

funcionar.

— Você... como?

— Está comigo desde o dia em que você se livrou dela — responde ele, dando um sorriso ainda maior. — E eu sabia que você ia precisar. Eu não ia deixar que você jogasse tudo fora. Não depois de tudo que você fez.

— Como conseguiu trazê-la até aqui?

Ele ri de leve.

— Depois de tanto tempo como um mantenedor... ainda que um mantenedor *fatalista*, você descobre alguns truques — fala, em voz baixa. — E eu tenho certeza de que *eles* não vão fazer nada a respeito. Você sabe *exatamente* o que precisa fazer.

Ela pisca algumas vezes. Os olhos dele dizem muito mais do que as palavras.

Kali dá a volta na bancada e se aproxima ainda mais dele. E tira, da barra da calça dele, a faca.

A faca que eu roubei. A faca usada para esfaqueá-la.

A fatalista a põe sobre a bancada magnética, e a lâmina vermelha brilha de leve.

Olho para O’Neil e Markham, mas nenhum dos dois diz nada.

— Escute, garota, tenha cuidado — diz ele. — O mundo não será gentil com você.

Ela respira fundo, e concorda com a cabeça.

Passa um braço por sobre o ombro dele e encosta sua testa na dele.

E os dois choram.

Não compulsivamente, não ostensivamente. Não soluçam, não se abraçam como se nunca mais fossem se ver, ainda que seja essa a situação.

Eles apenas choram. Um adeus de amigos.

Kali dá um passo atrás e olha para ele. A despeito da faca sobre a bancada, ela pega a pistola.

— Prove que você aprendeu alguma coisa comigo e faça isso rápido. — Murmura o homem.

Ela volta a se aproximar e põe a boca do cano da arma sobre o coração dele. Os dois se olham profundamente por um longo momento. Ele move os lábios, sem falar.

Eu amo você.

O gatilho é pressionado. A bala penetra no coração. Atravessa o corpo por inteiro.

E Leon morre.

79

O corpo de Leon pende para a frente e desaba, preso pelas algemas.

O *display* de Kali se ilumina.

Ela olha com pesar para o velho morto, e põe a mão sobre a dele.

O’Neil se aproxima rapidamente e passa um pequeno dispositivo sobre as algemas dele. Leon cai no chão, esparramando uma poça de sangue quase que instantaneamente.

Kali olha para a pistola em sua mão.

— Tudo que você queria, desde o começo, era o pareamento — diz Dimitri, atrás dela. — Você queria se parear, e conseguiu. Agora, nada mais faz diferença. O amor que você imaginava sentir é irrelevante.

Os olhos dela vão para a faca sobre a bancada.

Ela olha para as duas armas.

Então, levanta a pistola na direção do mantenedor.

— E se eu matar você? — Pergunta. Agarra a faca com a outra mão e aponta a lâmina vermelha para Markham. — E se eu matar vocês dois? Sei que estão no meu *display*. Eu *sei* que tenho que matar vocês.

— Você se renderia à Teia de vez — diz O'Neil, sorrindo outra vez. O orador das cerimônias, entretanto, fica calado. A mão dele sobe para o colarinho e para o mínimo broche dourado de hexágono. — Estaria cumprindo com o seu destino, ainda que antecipadamente.

— Todos somos peças de uma mesma máquina — diz Silas, quase sem mover a boca. — Ninguém é insubstituível.

— Uma atualização está programada — continua o mantenedor. — De nada adiantaria nos matar tentando encontrar um escape. Seríamos substituídos, e nada mudaria. O fluxo seguiria intacto.

Com a mão direita ainda segurando a faca, ela engatilha a pistola.

E, com a esquerda, aperta o cano contra a têmpora, no lado da cabeça em que o cabelo foi raspado.

— E se *eu* me matar?

Os olhos de O'Neil se arregalam.

O mestre da manutenção levanta a mão para ele outra vez.

— Nada mudaria. — Diz. — Ninguém é maior do que a Teia. Ninguém é imune. Você também seria substituída, mas seu ato de covardia, sua escolha pela fuga pela tangente de nada serviria, exceto por ignorar completamente toda a sua... *luta*. — Ele não esconde o desprezo.

— Você não pode fugir à sua responsabilidade — diz Dimitri. — É seu dever fechar esse arco.

Ele dá dois passos à frente.

— É seu dever *matá-lo*.

Outra vez ela olha para mim.

É impossível decifrar o olhar dela.

Em suas mãos há duas armas. Na esquerda, a pistola. Na direita, a faca.

Ela abaixa os olhos e mira cada uma delas.

— Eu nunca tive escolha, Harlan — ela murmura, os lábios se colando um ao outro, como se ela não quisesse falar o que diz. — Toda a nossa luta nos trouxe até aqui. Eu lutei por você.

— Eu também lutei. — Respondo. Minha voz quase não sai.

Kali nada diz.

Seus olhos parecem mais fundos do que jamais foram.

Eu me perco dentro deles.

Mergulho em sua espiral de escuridão, e o fundo nunca chega.

Mas há fogo... há fogo por todo o caminho.

— Eu preciso fazer o que é certo. — Ela diz, ainda mais baixo.

Nossos olhos se encaixam, como se não pertencessem a qualquer outro lugar que um no outro.

As lágrimas que corriam pelo seu rosto secaram. E ela não chora. Não mais.

Não por mim.

Sob o olhar do mantenedor e do político, os olhos dela falam muito mais do que qualquer coisa que possa dizer.

Eu respiro fundo. Todo o meu corpo está estático.

Imóvel.

Ela larga a pistola sobre a bancada, e segura a faca com firmeza.

Em minha mente, voltam as lembranças do dia em que nos pareamos.

Lembro do que ela disse.

Lembro do olhar que ela carregou consigo o tempo inteiro.

Havia algo por detrás dele. Algo puro, intocado. Algo diferente do que ela havia dito.

Algo que ela *queria* dizer, mas não podia. Assim como agora.

Quando finalmente alcanço o fundo de seus olhos, eu encontro as palavras.

Encontro as palavras que ela queria dizer, e elas são exatamente as mesmas que foram ditas.

Mas, dessa vez, são verdadeiras.

Seu significado é puro. Seu significado é a única coisa que existe.

Eu, ela, e as palavras.

A faca é um empecilho.

A faca é uma *consequência*.

Ela não chora.

Nós nos encaramos longamente.

Eu vejo por debaixo da superfície:

Confie em mim.

E não há mais nada que eu possa fazer.

— Eu confio em você. — Murmuro.

A mão dela alcança minha nuca.

A faca alcança meu corpo.

A lâmina penetra até o fundo.

Minhas pernas já não mais me suportam.

Caio de joelhos, os pulsos presos pelas algemas eletromagnéticas.

Dor.

Abro a boca e grito.

Todo o meu corpo grita comigo, grita com toda a força.

Grita pela morte.

Fecho os olhos. Tudo em mim parece inconstante, fluido.

Olho para o cabo negro da faca para fora de meu corpo. O restante está dentro.

O sangue escorre pela minha barriga, pela minha perna. E logo haverá uma poça, misturando-se ao sangue de Leon. E, logo, não haverá mais distinção entre o que ele foi e o que eu fui.

O que eu sou.

E o que não serei mais.

Há apenas negrume em frente a meus olhos quando me contorço.

Espero pela facada final, pelo momento derradeiro.

Mas ele não vem.

— Deixe-o agonizar — diz a assassina. — Deixe que morra.

Eu não vejo seu rosto.

As algemas se desprendem da bancada, e eu caio de lado no chão.

Antes que tudo simplesmente desapareça, vejo-a saindo da sala.

E, quando ela o faz, seu *display* não brilha.

80

Por muito tempo, tudo que eu faço é me encolher, perder sangue e sentir frio.

Minha visão vem e vai, ficando, na maior parte do tempo, enegrecida.

Meu coração pulsa com força dentro de minha cabeça.

Tudo que ouço são suas batidas.

Meus braços não se movem; minhas pernas, também não. Parece que todo o meu ser está travado, e a dor que parte de meu abdômen se espalha por todo ele. Sinto cada mínima parte do que sou gritar de dor, com a faca ainda encravada na barriga.

Levanto o pescoço e olho para o cabo negro despontando de mim.

Tento respirar fundo, mas não consigo.

Ainda assim, levo a mão até o cabo e o seguro com o pouco de força que me resta.

Meramente *tocar* nele faz com que um espasmo de dor se espalhe por todo o meu corpo.

Minha respiração fica entrecortada. Eu sinto o metal gelado esquentar dentro de mim lentamente.

Ponho primeiro a palma sobre o cabo, e passo os dedos através dele até que eles se encontrem com a palma. Aos poucos, eu o seguro com mais força, me preparando para puxar a faca para fora. Ou, para ao menos *tentar* fazê-lo.

Uma nova e mais profunda, mais forte pontada de dor, e minha mão escorrega da faca.

Tento não vomitar.

— Merda. — Murmuro.

Meus olhos resvalam para o sangue escuro que empoça no chão. E, depois, para Leon, morto a meu lado, de olhos vidrados. Da mesma maneira como eu vou ficar, em pouco tempo.

Mas não morri ainda.

Não morri.

Eu procuro em torno por alguma maneira de tentar me salvar. E me pergunto, também, se qualquer tentativa é válida.

Não há nada. Nada que eu possa fazer, nada que possa me salvar, ou que eu possa usar para isso.

Outra vez tento respirar fundo, mas o movimento faz com que a pele seja rasgada um pouco mais pela lâmina, e eu paro, inquieto. O teto e a bancada acima de mim desaparecem. Demora meio minuto para que apareçam novamente e, agora, minha mente dá voltas.

— Eu não—

Todos os meus membros começam a tremer involuntariamente.

O frio parece maior.

Não consigo me mover. É como se a faca atravessasse todo o meu corpo e estivesse cravada no chão.

Eu me esforço uma última vez.

Agarro o cabo, ignorando a dor imensa que me toma, e faço força como nunca antes, em toda a minha vida. Faço força para arrancá-la de onde está. Puxo-a, com os braços enfraquecidos e os dedos mal conseguindo segurar o cabo, milímetro a milímetro.

Mordo a boca por dentro.

Olho para a arma.

Quando um centímetro de metal aparece fora da minha carne, sirenes.

As luzes subitamente se apagam.

A CMT fica no escuro.

Diversas luzes menores se acendem, no entanto. Luzes que perpassam a sala por inteiro e levam até a saída.

Se antes eu já não conseguia me orientar, o escuro faz com que tudo fique ainda mais confuso, com que meus pensamentos tornem-se menos concretos. Meu corpo volta a parecer fluido. Eu largo a faca. Desisto de minha tentativa de me livrar dela.

Ainda sinto o sangue escorrendo devagar pelo ferimento.

Eu fecho os olhos e tento me concentrar apenas nas batidas do meu coração.

As sirenes, no entanto, me tomam por completo.

Em minha tontura, elas se tornam tudo o que existe. Tudo o que sou.

A sirene toca.

E de novo.

E de novo.

Um minuto inteiro passa, mas poderiam ser dez.

Poderiam ser trinta. Poderia ser uma hora.

Perco a noção do tempo e do espaço. Sinto que, aos poucos, a perda de sangue me deixa mais fraco, mais debilitado. Meus pensamentos tornam-se mais lentos, e eu fico cada vez mais incapaz de fazer qualquer coisa que seja. Minha visão fica mais tempo escura do que clara. Quando fecho os olhos, espectros azuis passeiam no interior das pálpebras. Um zunido forte começa a soar no interior de meus ouvidos, e rasga a minha cabeça de um lado a outro.

Com um baque, a porta se abre.

— ... não foi feita para isso.

— Vai servir. — Diz uma voz que me é completamente desconhecida.

Alguém cai de joelhos junto de mim.

Um rosto se aproxima do meu. Uma bochecha é apertada contra a minha testa.

Há lágrimas.

— Me desculpe — diz Kali, afastando-se e olhando para mim. — Me desculpe.

Eu tento falar qualquer coisa, mas não consigo.

A assassina volta a aproximar o rosto e me beija na testa, nos olhos, nas bochechas, na boca.

— Me desculpe — ela insiste. — Confie em mim.

Dois outros rostos aparecem à minha frente.

Um deles é conhecido. Um rosto de pele negra, traços femininos. Ellie, a fatalista. A aliada de Kali.

O outro rosto... o rosto de um homem. Um homem que nunca vi. Ou, talvez...

Abro a boca.

Mas nada sai. Nenhuma palavra.

— Pegue-o desse lado. — Diz o homem.

A outra garota se aproxima de mim e me puxa.

— Você tem muita sorte, garoto — diz o homem. — *Muita sorte*.

Eu olho para Kali, tentando entender o que se passa.

Ela nada diz. Nada faz.

Ela apenas me olha.

E chora.

As sirenes tocam cada vez mais alto, cada vez mais forte.

Ellie e o homem me puxam e me levantam.

Minhas pernas não são capazes de suportar meu peso, e eu cedo sobre os joelhos.

— Levante-o.

Ela tenta.

— *Levante-o, porra! Nós não temos tempo!*

Sou colocado em pé.

E sou arrastado até a bancada, outra vez.

Leon jaz no chão. Kali olha para ele, mas nada mais pode fazer a respeito.

Ela morde o lábio inferior e segura os próprios braços.

Meus olhos giram. Eu tento compreender o que acontece.

Mas não consigo.

— Pegue a mão dele.

A assassina olha para mim.

Ela hesita por um instante.

— *Pegue a mão dele!* — Grita o homem.

A garota se adianta e estende a mão por sobre a bancada.

Ela a segura com força. Com *muita* força.

De seus olhos continuam a correr lágrimas.

Ela está chorando... por mim.

E, então, um ruído metálico.

O gosto de bile sobe à minha boca. Um gosto azedo.

— Não. — Eu digo.

Digo, mesmo sem ter forças para dizer.

Puxo a mão esquerda, tentando soltá-la do aperto de Kali.

E, nos olhos dela, o pedido que ela me fez.

Ela não estava pedindo desculpas pelo que aconteceu.

Estava pedindo desculpas pelo que está *prestes a acontecer*.

Kali usa a outra mão para segurar a minha. Ela me segura com as duas.

— Não. — Repito.

Eu puxo outra vez.

Ellie me segura.

E o homem se aproxima.

Na mão dele, uma serra elétrica gira brutalmente.

Em seus olhos, um brilho maníaco.

E eu tento me soltar, eu tento desenfreadamente me libertar do aperto.

Puxo com todas as minhas forças.

Mas meu braço não se solta.

Meu braço esquerdo é preso sobre a bancada.

A serra se aproxima.

Eu berro com toda a minha voz.

Os dentes de metal da serra comem a superfície da minha pele.

Um jato de sangue.

— Bem-vindo à imunidade.

Minha garganta parece explodir com o grito que sai dela.

Eu sou incapaz de prendê-lo.

Sou incapaz de fazer qualquer coisa além de gritar.

Tento puxar meu braço, mas é inútil.

A serra cospe sangue, espalha-o sobre a bancada magnética.

Ela parte os circuitos, ela corta os fios, ela atinge o osso, desintegra o *chip*.

Atravessa meu braço por inteiro.

E alcança a bancada.

O metal raspa. Faíscas riscam o ar à minha frente.

Minha mão direita busca desesperadamente meu braço esquerdo.

Mas ele não está mais lá.

Ele *não está mais lá*.

Minha garganta se fecha. Já não respiro, sufoco.

Nas mãos de Kali, meu braço decepado.

Meu *display*.

Bem-vindo à imunidade.

PARTE SEIS

_____

FATALIDADE

81

Em algum lugar, e em lugar nenhum.

Meus olhos captam luz por todos os lados, passando à frente deles. Quando eu os fecho, o mundo inteiro parece oscilar, inclinar. Ao mesmo tempo, tudo parece suspenso no ar, como se a gravidade deixasse de existir. Como se a própria existência fosse algo de que se duvidar.

Tento abrir a boca, mas não consigo.

Tento mexer as pernas, os braços. Mas me sinto preso.

De qualquer maneira, eu não tenho forças para fazer qualquer coisa que não seja respirar. A menos que eu já não esteja mais respirando.

Minha mente dá voltas.

82

Uma agulha se crava na minha pele.

O conteúdo da seringa é injetado.

Meus olhos se arregalam, meu cérebro reage, meu corpo inteiro parece tomado por uma corrente elétrica.

Subitamente, estou acordado.

Como se incapaz de respirar antes, encho meus pulmões de ar até parecerem prestes a explodir. Todos os meus músculos se alongam e se contraem. Olho, mas não enxergo.

Estou vivo.

Pisco inúmeras vezes.

— Harlan.

Minha respiração é inconstante. Não sinto dor, mas sei que *deveria* sentir.

— Harlan. — Ela chama, outra vez.

Eu pisco mais algumas vezes.

Kali está ajoelhada a meu lado. Logo que a vejo, tento me sentar, mas ela me segura pelos ombros, me prensa contra o chão. Fraco como estou, qualquer esforço é demais, e a pressão das mãos dela é o bastante para me imobilizar.

As mãos dela sobem para meu rosto, e ela o toma em suas palmas. Palmas quentes.

— Acalme-se — ela diz. — Acalme-se.

— O que aconteceu? — Eu pergunto, a voz tremendo.

— Está tudo bem, agora — diz Kali. — Confie em mim. Está tudo bem.

Meu corpo inteiro treme.

— O que você me deu?

— Uma injeção de adrenalina — ela responde. — Para manter você acordado. Para mantê-lo pronto.

Tento pensar, tento entender o que ela quer dizer com isso.

Vem à superfície de minha mente a lembrança do que aconteceu na CMT.

Levo a mão até o ferimento na barriga, e percebo que há um grande curativo sobre ele.

Temeroso, com uma voz gritando em desespero dentro de minha cabeça, eu levanto um pouco a cabeça, tentando enxergar meu braço. Kali põe a mão sobre meu ombro esquerdo.

— Harlan, você não precisa fazer isso. — Diz ela, e, em seus olhos, vejo uma nesga de pena.

Empurro a mão dela com a minha, e levanto, centímetro por centímetro, o que

restou de meu braço esquerdo.

Fecho os olhos e bato com a cabeça contra o concreto, com força o bastante para que explodam dentro de minhas pálpebras novos espectros azulados. Tento respirar fundo, tento me concentrar e me acalmar, mas parece que o tamanho de meus pulmões diminuiu a um quarto do original. Todo o ar que consigo inspirar não é o bastante. Tento reassumir o controle sobre mim, antes que comece a convulsionar.

A assassina apenas fica ajoelhada a meu lado, olhando para mim.

O braço foi cortado um pouco acima do cotovelo. Completamente decepado do restante de meu corpo. *Desconectado* de mim. No toco, um enorme curativo se mancha de vermelho um pouco mais a cada batida de meu coração. Fitas adesivas brancas prendem tudo no lugar, subindo até meu ombro e axila. Mas meu antebraço ainda parece estar aqui. É como se eu ainda o sentisse fazer parte de mim.

Ainda que não faça.

A garota desliza sua mão pelo meu braço que restou, e seus dedos se entrelaçam com os meus. Eu os aperto com força, e ela retribui. Ficamos um longo tempo parados, segurando a mão um do outro, cada um tentando implicar mais força, como se tentássemos nos ferir.

Abro a boca para falar, mas, a princípio, as palavras não saem.

Viro para o outro lado e vomito.

Kali ergue meu corpo para que eu não me afogue, e eu cuspo e engasgo, mesmo assim. Lágrimas descem rápidas de meus olhos, como um reflexo inconsciente do vômito. O gosto forte e ruim fica na minha boca. A garota me pousa no chão, deitado de novo.

— Eu não quero mais confiar. — Digo, por fim.

Os olhos e o rosto dela se endurecem.

— Você escondeu muitas coisas de mim durante todo esse tempo — eu resmungo, a voz fraca. — Eu tentei descobrir o que estava acontecendo com você, mas nunca houve qualquer tipo de abertura da sua parte — paro para tossir. — Você fez tudo pelas minhas costas, e esqueceu que nós estávamos fazendo isso *juntos*. Esqueceu que algo assim não se faz sozinho. Eu não quero mais confiar.

— Você *precisa* confiar.

A mão dela aperta a minha ainda mais forte.

— Se não fizer isso, estará sozinho — diz. — Estará completamente sozinho, como nunca esteve em toda a sua vida. Se não confiar em mim, você não terá qualquer chance de escapar, e, então, todo o meu esforço terá sido em vão.

— Eu—

— Se escolher não confiar em mim, é melhor me avisar logo — ela decreta, o fogo ardendo dentro de seus olhos. — Para que eu possa fazer o que não tive coragem de fazer na CMT.

Sinto a ameaça mais crua do que em qualquer outra ocasião. Como se não houvesse mais qualquer tipo de filtro no que ela fala. Como se fosse completamente genuína.

E, apesar dos pesares... eu concordo com a cabeça, muito devagar.

— Você me enganou. — Murmuro, depois de um tempo.

— Não — ela diz, os traços se suavizando aos poucos. — Eu não enganei você. Tudo que eu fiz foi para salvá-lo, e unicamente para isso. Para mantê-lo vivo. Para livrá-lo das consequências de coisas que *eu* fiz. Eu enganei a Teia.

Eu fico calado, esperando que ela continue.

— Eu preciso pedir desculpas a você pelo que fiz — ela olha para o ferimento em minha barriga. — Não havia outra maneira de agir. Eu procurei todas as soluções possíveis. Leon me ajudou o tempo inteiro. Foi ele quem me indicou o

caminho. E foi por conta dele que eu decidi fazer o que tínhamos planejado. Foi ele que me fez não desistir de você.

Respiro um pouco mais devagar, agora. A dor começa a aparecer, conforme eu me acalmo.

— O meu *display*...

— Sim — ela responde, levando a mão com muita cautela para o toco de meu braço. — O que eu queria era subjugar a Teia. Eu precisava encontrar uma brecha no sistema, uma maneira de matá-lo *virtualmente*. Uma forma de desconectá-lo da Teia e, ao mesmo tempo, de impedir que você fosse procurado. Porque, por mais que pudéssemos cortar seu braço a qualquer momento... eles o encontrariam. Eles dariam um jeito de fazer isso.

— E porque, agora, não vão?

— Porque você está morto — ela diz. — Morto para a Teia.

Lanço um longo olhar para o que restou de meu braço.

— Quando eu o esfaqueei... eu estava tentando criar um álibi — diz. — E, até agora, acredito que tenha funcionado. Precisávamos livrá-lo de sua conexão o mais rápido possível. Quando o *display* perde a conexão com a pessoa em quem está implantado, deixa de receber energia vital, e lança um sinal para a CMT e para os mantenedores, avisando desse tipo de alteração. Quando alguém morre, o mesmo acontece. Por isso, o sinal que seu *display* enviou foi ignorado. Porque, a princípio, você estava pronto para ter o arco fechado. E, para os computadores e servidores, foi isso que aconteceu.

Kali limpa os olhos com as mãos.

— Foi por isso que Leon se sacrificou — fala, consideravelmente mais baixo. — Por isso ele me pediu para matá-lo. Porque eu precisava provar que o que estávamos fazendo era verdadeiro. Que eu *realmente* estava disposta a matar vocês dois. E a única forma de provar isso era *matando* ele. E ele sabia disso.

Eu respiro fundo, tentando organizar minhas ideias.

— E quanto às sirenes e ao fato de a CMT ter ficado às escuras? — Questiono. — Isso não denuncia o fato de eu ainda estar vivo?

— Isso foi feito para conseguirmos outro álibi — ela diz. — Nós precisávamos de uma maneira de tirar a atenção de você e colocá-la em mim. E, também, em —

O homem que amputou meu braço aparece, e eu o vejo com o canto de meu olho.

Olho para ele, sentindo angústia brotar em meu peito e se espalhar por todo o meu ser.

— O primeiro imune. — Ele diz, e seus olhos brilham outra vez. O brilho é menos maníaco do que quando ele usou a serra elétrica em mim, mas há algo por trás de sua normalidade que o denuncia.

— Nós criamos uma distração. — Diz Kali, ainda ajoelhada.

Olho para o homem outra vez, e, aos poucos, eu compreendo tudo. Compreendo quem ele é, e a mínima ponta de reconhecimento que brotara em mim torna-se maior e mais evidente. Eu o conheço.

Todos o conhecem.

Seu nome é Edward Blair.

83

Apenas algum tempo depois é que percebo onde estamos.

Há pouquíssimos focos de luz no servidor, e todos eles são lanternas.

As luzes que percorrem o teto estão desligadas, assim como as mínimas luzes coloridas dos computadores do servidor de Ceres. Depois que Kali e Blair ajudam a me levantar, eles me carregam até a parte central do lugar.

Lá estão Ellie e Ceres.

Eu olho para as duas. E o olhar que elas me lançam é sério. Nenhuma delas fala nada. Mas quatro olhos resvalam para meu braço esquerdo, e o sentimento de estranheza no ar é evidente. Elas não me cumprimentam, e apenas aguardam enquanto eu sou levado, caminhando com muita dificuldade, até uma cadeira pouco confortável.

Minha cabeça gira, e eu sinto dificuldade em me concentrar em qualquer coisa que seja. Há dor, mas ela não é forte como deveria ser.

— Você precisa se concentrar — diz Kali, abaixando-se à minha frente para conseguir me olhar nos olhos. — Você está drogado, e vai continuar assim até que tudo termine. Quando terminar, você vai sentir dor. Vai sentir *muita* dor. Mas é um esforço necessário. Vou estar com você até o final.

Não tenho certeza de como responder, então concordo.

— O que estamos fazendo aqui? — Pergunto.

As três telas de computador sobre a mesa de Ceres estão desligadas. Os computadores, também. Eu jamais imaginaria que isso seria possível, mas, aparentemente, é. Ainda que nenhum computador possa ser desligado, esses estão. Estão mortos.

— Fique tranquilo, estamos seguros — diz a mulher, sentada em sua habitual cadeira de rodinhas, que range quando ela tenta se arrumar sobre ela. — Eu destravei os computadores e encontrei uma brecha no sistema de segurança do servidor. Consegui desligar tudo. Estamos *offline* e completamente invisíveis para a Teia — ela põe a franja atrás das orelhas. — Devido à quantidade de servidores espalhados pela cidade, eles vão demorar algum tempo até nos encontrar, mas não *tanto* tempo assim. Por enquanto, vai servir.

Lanço um olhar na direção da porta de entrada. O console ao lado dela também está apagado.

— E quanto aos... — E me interrompo.

Olho para o chão até conseguir falar a palavra.

— E quanto aos *displays* de vocês?

— Criei um campo eletromagnético que anula o sinal sem fio que nos conecta à Teia — diz a mulher, mostrando o braço esquerdo. — Os *displays* continuam ligados e funcionando, como sempre, mas estão incapacitados de receber e mandar informações, não importa quais. Também por isso usamos um furgão protegido, invisível, para vir até aqui. Para a Teia, vocês desapareceram no momento em que saíram da CMT.

Eu respiro fundo e olho o entorno. Os rostos de Kali, Ellie, Ceres e Blair são iluminados de leve pelas lanternas. Eu tento desembaralhar meus pensamentos.

— Porque... — Eu pergunto, primeiro em voz baixa, tentando eu mesmo descobrir o sentido de minha pergunta, para, depois, fazê-la em voz alta. — Porque vocês fizeram isso?

Ceres, Ellie e Blair olham para a assassina.

— *Eu* fiz. — Diz ela.

Ela se senta em uma cadeira próxima a mim. Os outros também se sentam, e formamos um círculo.

— Eu precisava salvar você, Harlan — diz Kali. — Tudo o que aconteceu até agora foi culpa minha. Começou com algo infantil, algo que eu não sabia que me traria... que *nos* traria até esse ponto. Começou no momento em que decidi roubá-lo. No momento em que eu decidi que queria, de alguma maneira, me sentir mais *conectada* a você — vejo, em seu rosto, certo rubor. — E, para mim, a melhor maneira de fazer isso era tendo algo que fosse valioso para você.

Kali leva as mãos para o colar em torno de seu pescoço. Ela o tira, com delicadeza, e segura sobre a mão espalmada. Seus olhos pairam sobre ele, e ela apenas o observa por um longo tempo.

— Eu sempre quis saber tudo que podia a seu respeito — ela fala. — O orador das cerimônias estava certo. Pessoas que têm maior apego ao material também são mais possessivas quando o assunto é pareamento. Somos duas pessoas muito possessivas que foram selecionadas para parear-se entre si. Por isso somos pares únicos um do outro.

Ela se interrompe para pensar, por um instante.

— Éramos. Éramos pares únicos.

A assassina fecha a mão, e segura o colar com firmeza.

— Quando eu o roubei, fiz algo que não estava em meu *display*, e algo que não

era minha função — ela continua. — Você sabe para que servem os salteadores. Servem para destituir as pessoas de seus bens mais preciosos, estimulá-las a confiarem única e exclusivamente na Teia, a se basearem apenas nela. A prezarem, acima de tudo, pelos seus *displays*. É por isso, também, que somos todos canhotos. — Ela olha para Blair, para confirmar a informação.

O homem concorda.

— No Núcleo de Nascimentos, somos todos condicionados a sermos canhotos, de maneira a concordar com a existência do *display* — ele diz, com uma voz grossa. — O que me leva a crer que isso não passa de uma maneira de impedir que amputemos nossos braços — Blair sinaliza meu braço. — Porque, em geral, cortar o braço esquerdo de um canhoto praticamente o incapacita. Principalmente levando-se em consideração que, historicamente, a maior parte dos seres humanos era destra.

Ceres concorda veementemente com a cabeça. Ellie permanece calada.

— De qualquer forma — continua a garota, entrelaçando os dedos e segurando o queixo com as mãos unidas. — O fato de eu ter me desviado de meu caminho foi considerado algo passível de punição. Quando foi confirmado que minha transgressão tinha fortes ligações com o fato de eu ter apenas um par, a Teia automaticamente designou, para minha punição, um sádico — a voz dela treme de leve, mas ela a controla rapidamente. — E eu fui punida. Mas isso só fez com que eu me sentisse mais desafiada a... a fazer *alguma coisa* a respeito. Sei que eles pretendiam me calar, me prender, mas isso teve o efeito oposto. E eu acabei matando Morfeu antes de ele zerar o *display*. Antes de *você* roubar a faca dele.

Com a mão que não segura o colar, Kali tira a faca de fio vermelho de seu cinto, e a segura sobre o colo.

— E fazer isso gerou uma nova punição muito pior do que a primeira — diz, em voz baixa, olhando para a faca. — Ainda que Morfeu não fosse alguém de grande representatividade na Teia, essa era a segunda vez que eu fazia algo que não estava em meu *display*. Ou, pelo menos, que me desviava do rumo correto. Por isso a punição. Uma punição que não afetava ninguém em toda a sociedade, exceto por eu. E por você.

Ela passa de leve o polegar por sobre o fio da faca, distraidamente. Pensando.

— O fato de você ter sido incluído na minha punição foi o que me motivou a tentar mudar o que era considerado fatal — continua. — Eu sabia que você não era responsável por nada do que havia acontecido. Sabia que você continuava cumprindo com os seus deveres e que, sendo um curinga, seria realocado quando chegasse o seu momento. E sabia que o fato de você não ser mais um curinga, depois da atualização... o fato de você ter sido incluído na minha lista de alvos, fazia parte da minha punição.

— *Essa* era a sua punição. — Diz Ellie, a voz soturna.

Kali concorda lentamente com a cabeça.

— E eu não queria que você fosse punido. Não queria que morresse por conta de algo que *eu* fiz — diz. — Eu não podia suportar saber que a minha ânsia por estar com você havia ocasionado o seu fechamento de arco antecipado. Principalmente quando a responsável por fechá-lo seria eu. Decidi que precisava fazer alguma coisa. Precisava encontrar alguma maneira de livrá-lo disso, de excluí-lo da minha lista de alvos, principalmente quando você estava tão próximo de zerar o *display*.

Percebo que a angústia dentro de mim apenas aumenta. Uma pontada de ódio me toma. Tudo pelo que passei não foi determinado por nenhuma ação minha. Fui um objeto, um boneco durante o tempo inteiro; um personagem coadjuvante na punição de uma protagonista. E a minha incapacidade, minha impotência, faz com que eu me sinta usado. Como se, de alguma forma, a minha existência nunca tivesse sido minimamente relevante.

Uma lágrima corre do olho dela.

Kali a seca imediatamente.

— Eu falei com Leon sobre isso — diz ela, limpando o outro lado do rosto em seguida. — Foi ele quem me guiou durante todo esse tempo. Foi ele quem me disse o que eu poderia, e o que eu deveria fazer. Quais eram as possibilidades. Até onde poderia chegar a rebeldia. Foi quando eu tentei conversar com Fenrir a

respeito. Mas meramente falar a respeito de Blair fez com que tudo desmoronasse, e a minha tentativa acabasse dentro da CMT.

Blair dá um sorriso com o canto da boca. Um sorriso saudosista.

— E você apareceu. — Ela fala, a voz muito baixa.

A garota levanta os olhos para mim.

Eu a encaro por algum tempo. Agora já não é mais surpreendente ou inusitado encontrar o fundo de seus olhos, ao invés da superfície. É como se eu devesse ter estado dentro do fogo que queima neles durante todo esse tempo. Como se meu lugar sempre houvesse sido no fundo de seus olhos.

— Você me tirou da CMT quando eu não podia sair — fala, baixo. — Ainda que com a ajuda de Ceres. E, ainda que eu tentasse mantê-lo à distância, mesmo depois disso, você não desistia. O que acabava só piorando as coisas. Eu já tinha conseguido impedi-lo de me roubar. Mas eu não conseguia impedi-lo de assumir a relação de pareamento que sempre existiu entre nós. Então você encontrou Lenina, e, com ela, se aproximou demais. Mais do que eu esperava que se aproximasse.

— Cale a boca. *Não fale sobre ela.* — Diz Ellie, ríspida.

Kali olha para a fatalista.

— Ela foi uma das principais responsáveis pelo que aconteceu ter se passado dessa forma. — Diz.

— Tire-a dessa história. Esqueça ela.

Kali morde o lábio inferior.

O olhar de Ellie é agressivo e eu identifico, em sua expressão, uma ponta de desgosto.

— Quando você se aproximou, eu me forcei a tentar encontrar outra saída — fala Kali. — Eu lutei *junto de você*, enquanto procurávamos uma solução para o

problema. Ao mesmo tempo, Leon me instruía para a última alternativa, caso nada do que nós tentássemos desse certo. Foi o que aconteceu, no final das contas. Nenhuma de nossas tentativas resultou em algo concreto e, mesmo se desse certo, a mínima possibilidade de você permanecer inserido na Teia, com a chance de ser punido outra vez, ainda mais severamente, me parecia incabível. A única solução possível foi a para qual eu parti.

Ela olha para o colar e para a faca, outra vez.

Ficamos todos em silêncio por algum tempo.

Continuo tentando organizar meus pensamentos, ainda que a história tenha me ajudado a fazê-lo.

— E qual era essa solução? — Pergunto.

Kali guarda a faca no cinto e põe o colar outra vez em volta do pescoço.

Eu analiso cada um de seus movimentos. A maneira como ela puxa todo o cabelo para o lado direito, onde o cabelo não foi raspado, para prender a joia.

— Foi Leon quem me convenceu a dar outra chance a você, Harlan — ela diz, em voz baixa. — Mesmo depois do que aconteceu. Depois que você me traiu. Eu sei que você estava confuso. Eu não poderia dizer nada. Nós estávamos sendo monitorados o tempo inteiro. Ceres encontrou uma brecha no sistema que permitia utilizar um canal de comunicação completamente seguro, fora dos meios tradicionais. Por isso eu desbloqueei meu *display* e, depois, desabilitei todos os *hacks* e sistemas de georreferenciamento. Para tentar mascarar esse canal de comunicação, retornando meu *display* ao padrão e me impedindo de cair no pente fino de verificação de *hardware* e *software*.

Ela suspira, olhando para o próprio braço.

— Foi com esse canal de comunicação que entrei em contato com Blair, e ele me disse que a única saída era fazer algo que pudesse ser considerado rebeldia genuína — ela olha para o homem. — Essa seria a única maneira de salvar você. Eu conversei com Leon e nós descobrimos que haveria apenas uma chance de

fazer isso. E nós quase a perdemos. Para me ajudar, eu precisaria de alguém capaz de acessar a CMT. Um mantenedor — seus olhos vão para Ellie, emudecida e de braços cruzados. — Alguém que pudesse se encarregar, ainda que de maneira ilícita, de dar fim aos corpos. O de Leon, e o seu, ou o que seria o seu corpo, caso morresse. Ceres conseguiu infiltrar Ellie como mantenedora, e não como fatalista, na CMT e, também, foi responsável por encontrar a brecha no sistema da Teia capaz de causar um colapso completo na CMT, permitindo criarmos a distração de Blair. Então Leon ensinou tudo que eu precisaria saber sobre anatomia. Eu precisava convencer O'Neil de que você estava morto. Ele precisava *ver*, com os próprios olhos, eu o atacando. Leon encontrou um ponto... um ponto *exato* no abdômen, que poderia ser perfurado sem atingir gravemente os órgãos internos. De certa maneira, uma facada meramente estética.

Olho para baixo e passo a mão direita sobre o curativo na barriga.

— O mais importante era conseguir uma forma de desligá-lo da Teia e tirá-lo da CMT — ela diz, a voz morrendo aos poucos. — E nós conseguimos fazer isso. Mesmo com todos os tropeços no caminho, nós conseguimos salvá-lo. Nós conseguimos a sua liberdade.

— Você agora é um imune. — Diz Blair.

Eu respiro fundo e solto o ar lentamente, pensando em tudo o que Kali disse.

Todos nós ficamos calados, no escuro do servidor desligado, por algum tempo.

Olho para a assassina.

— Mas você disse que não está terminado. — É uma afirmação.

Ela nada diz, nada faz.

Nem mesmo balança a cabeça, afirmativa ou negativamente.

Kali olha para o chão por algum tempo.

Depois, estende o braço e pega a minha mão na sua.

— Não há lugar para um imune em Dínamo. — Diz, por fim.

84

Eu fico calado, assimilando a informação.

— Estou condenado ao exílio. — Digo.

Sinto algo dentro de mim arder.

— Não ao exílio. À liberdade.

Minha mão direita passa pelo comprimento de meu braço esquerdo, agora bem menor, e alcança a ponta decepada. O curativo branco está pintado quase que completamente de vermelho. Ainda que esteja drogado por todo tipo de analgésico e anestésico, sinto dor ao tocar na ferida.

— Para ser livre, preciso sair de Dínamo.

Ceres olha para mim.

— Veja bem, garoto, você *pode* ficar em Dínamo, mas nada será como antes — diz. — Você pode até tentar viver aqui dentro, mas não vai poder aparecer em

público. Não vai poder se locomover, usar o trem, os metrôs, os refeitórios, os dormitórios. Porque, para tudo isso, você precisa de um *display* para fazer *check-in*. Então precisaria viver escondido.

— Mas estaria desperdiçando tudo o que a imunidade tem a proporcionar. — Argumenta Kali.

Eu respiro forte.

— Para onde posso ir, então?

— Para o lado de fora dos muros.

— E o que há do lado de fora?

Todos ficamos quietos, no escuro, por algum tempo.

Eu os indago com os olhos, encarando um a um. Até que Ceres, Ellie e Kali olham para Blair. E, por consequência, eu faço o mesmo.

— Há a liberdade, a imunidade — diz ele, passando os olhos por todos. — É possível viver do lado de fora dos muros. Há lugares onde a Teia não existe. Onde *todos* são imunes.

Eu abro a boca para falar, mas percebo que não sei o que quero dizer.

Olho para a mercadora, a fatalista e a assassina, mas elas também nada dizem.

Então volto a olhar para ele.

— Como pode saber disso?

— Porque eu estive lá fora.

Permaneço algum tempo calado.

— Isso é impossível — eu digo. — Ninguém entra ou sai dessa cidade. É para isso que nós temos os muros—

— Harlan, Blair foi o único convocado de Dínamo para uma missão de conquista do lado de fora — diz Kali. — É algo quase secreto. Existem ocasiões nas quais pessoas são chamadas para formar um exército e partir em missões de conquista em lugares nos quais a Teia ainda *não* está presente. Em vilas e lugarejos onde todas as pessoas são o que você é agora.

Cerro os lábios e olho para o rebelde.

— E você foi a *única* pessoa de Dínamo convocada?

— As missões de conquista não são mais tão comuns quanto antigamente — diz ele. — E ter um exército permanente de nada serviria à Teia. Por isso eles convocam soldados de maneira aleatória em diversas cidades. *Um* em cada uma delas. A decisão por apenas uma pessoa é para impedir a colaboração entre duas pessoas da mesma cidade e, também, coibir a rebeldia. A Teia compreende que, caso alguém tenha conhecimento do que existe do lado de fora da cidade, está mais pressuposto a ser um rebelde. Se houvesse *duas* pessoas que conheceram o exterior, na mesma cidade, talvez elas compactuassem e pudessem planejar algum tipo de ação que pudesse ser prejudicial ao fluxo e à Teia.

— Por isso *só você* saiu.

— Exato.

Eu olho para Kali, tentando confirmar o que Blair diz.

— E porque razão a Teia precisa de uma missão de conquista? — Pergunta Ceres, e eu percebo que tanto ela quanto Ellie também não sabiam disso, até agora.

— A Teia não é algo morto, fechado em si mesmo — diz Blair, o rosto semiobscurecido pela luz fantasmagórica do ambiente. — É um organismo vivo. Um gigantesco império mundial controlado por um Estado virtual. Um império cuja única maneira de manter-se em movimento, em evolução, é a conquista. A conquista dos territórios e povos ainda livres da Teia e dos *displays*. Uma expansão desenfreada, uma expansão a todo custo.

Percebo que os olhos dele são claros, mesmo que no escuro do servidor. E o azul deles é como uma janela capaz de mostrar tudo o que diz.

— Blair saiu da cidade através de um portão oficial que existe no lado Leste dos muros, junto de onde nasce o rio — diz a assassina, a meu lado. — Já havia um exército do lado de fora, e ele foi uma das últimas pessoas a ser integrada a ele. Porque a missão iria acontecer em um local bem próximo de Dínamo.

— Bem próximo. — Murmuro.

O homem gesticula com as mãos ao falar.

— Nenhum de nós sabe disso, mas vivemos no que sempre foi chamado de “teto do mundo” — ele diz. — A cordilheira ao redor de Dínamo nem sempre não teve nome, e nossa cidade nem sempre foi chamada de Dínamo. Por conta das montanhas, as mais altas do mundo, este local sempre foi considerado extremamente difícil de ser alcançado. Por isso, fomos a última região do mundo a ser conquistada, e é por essa razão, também, que ainda existem vilas de pessoas imunes. De pessoas *livres*.

— E como você sabe disso? — Pergunta Ellie, abrindo mão de seu silêncio.

— Porque um imune disse isso a mim.

Apoio minha mão restante sobre meu joelho direito.

— De que me adianta fugir de Dínamo, se há missões para conquistar as vilas de imunes? — Pergunto, irritado. — Quando eu chegar a um desses lugares, quem será capaz de dizer quanto tempo vou durar, lá? A Teia lançará uma nova missão de conquista e eu voltarei para cá. Serei um escravo outra vez.

— Talvez — o homem diz. — Mas há esperança.

Ele apoia os cotovelos sobre os joelhos e une as duas mãos, as costas arqueadas.

— Nós fomos enviados até uma vila próxima de Dínamo, que havia sido descoberta pouco tempo antes — diz ele. — Pelo que sei, houve uma missão de reconhecimento de terreno anterior à missão de conquista. Nesta, todos os

soldados receberam armas e instruídos para o ataque.

— Mas as armas eram lança-chamas. — Diz Kali.

— Eles não queriam que nós soubéssemos que *havia pessoas* naquela vila, pelo menos não antes de começarmos a atacar — complementa Blair, agradecendo a ela com um aceno de cabeça. — Os mantenedores responsáveis pela missão apenas disseram que deveríamos limpar uma determinada área para expansão da Teia em novos territórios. Mas essa área me parecia completamente aleatória e irregular para uma expansão da Teia: uma vila escondida em uma caverna. O único lugar em que os imunes seriam capazes de permanecer incógnitos, até mesmo dos satélites.

Ceres balança a cabeça, lentamente.

— E então vocês simplesmente destruíram uma vila inteira repleta de imunes com lança-chamas, sem pensar duas vezes? — Pergunta ela, sibilando.

— Não — o homem levanta a mão na direção dela, como que tentando impedi-la de continuar falando, e sua face se contorce em uma máscara de fúria. — *Eu* nunca seria capaz de fazer isso. Não conscientemente. Mas a Teia tem maneiras de dobrar qualquer um. Nós não possuíamos qualquer contato com o exterior dos veículos, no caminho até lá. Todas as instruções foram passadas dentro de ônibus enormes sem janelas. Quando chegamos ao local em que deveríamos nos preparar para o ataque, grandes painéis negros foram montados à volta do acampamento para passar a impressão de que ainda estávamos cercados por muros. E os nossos *displays* foram alterados para que só pudéssemos retornar a nossas cidades de origem quando a missão estivesse terminada.

— Então matar aquelas pessoas se tornou uma conquista de vocês. — Diz Ellie.

— Não. Não matar as pessoas. Destruir a vila.

Kali faz um gesto com a mão para que ele continue a história.

— Os mantenedores foram os primeiros. Eles se posicionaram em um *front* e avançaram, e todos os soldados foram atrás — diz o homem. — Antes que se

pudesse pensar em qualquer outra coisa, você já estava com a arma apontada e o fogo sendo cuspido, tomando tudo e queimando vorazmente. É difícil controlar-se ao impulso quando você está em meio a uma turba, guiada pela selvageria.

Ele esconde o rosto nas mãos e, depois, passa-as pela cabeça raspada.

— Eu não me orgulho nada do que fiz naquela noite — diz. — Eu auxiliei a Teia a destruir um dos últimos refúgios de imunes que existem, em todo o mundo. Fui uma engrenagem perfeitamente funcional de uma imensa máquina de destruição. Só parei para pensar quando vi um mantenedor *executar* uma pessoa. Não tinha percebido que havia pessoas naquela vila até o momento em que esse mantenedor puxou uma arma, mirou na cabeça desse alguém e atirou. E a bala não era de borracha.

— E porque matá-los? — Pergunto.

O olhar azul dele paira sobre mim.

— Se o objetivo das missões de conquista é *conquistar* e expandir o império da Teia, porque matar os imunes? — Pergunto.

Ele respira fundo.

— Porque eles não tinham e nunca tiveram *displays* — diz Blair, apontando para o toco do meu braço. — Você é um imune agora, mas nem sempre foi. As pessoas que viviam naquela vila escondida na caverna *sempre* foram imunes. Elas não sabem o que é ter um *display*, muito menos o que é viver de maneira regrada e guiada pelo fluxo e pela Teia. Não sabem o que é *não* ser livre. A Teia jamais conseguiria dobrá-las para a vida em uma sociedade dessas. Estaria apenas inserindo pré-rebeldes em um ambiente controlado, o que poderia muito bem desestruturar o que já estava previsto. Matá-los era a única alternativa.

Ele dá de ombros.

— Pelo menos, para eles. — Diz.

Eu meneio a cabeça, tentando entender. Os pensamentos fluidos, misturando-se uns aos outros, não me ajudam a organizar a mente.

— Porque, então, a missão de conquista? — Pergunto. — Se eles não queriam integrar aquelas pessoas na Teia, porque caçá-las e matá-las? O que a Teia teria a ganhar com isso?

— Poder.

A resposta dele é súbita e curta, quase como a estocada de uma faca.

Kali olha para Ceres, Ellie e eu.

— A Teia surgiu com fins militares a partir de uma grande potência de outros tempos — diz a assassina, explicando. — Em tempos em que não havia cidades-Estado controladas por um império virtual, mas países, completamente independentes uns dos outros.

— E um desses países passou a desejar controlar todo o restante do mundo a partir de artifícios muito mais eficientes do que a guerra — diz Blair, os olhos brilhando no escuro. — Eles lastrearam todas as moedas e mercados à sua moeda e economia, globalizaram sua língua e sua cultura. A Teia, a princípio, servia apenas como um acessório capaz de prover entretenimento e lazer às pessoas, divulgando e dispersando espacialmente os valores e princípios dessa potência. Capaz de conectar cidadãos de maneira simples, prática, e facilitar a comunicação e convivência entre eles.

— Mas, depois, tornou-se uma ferramenta política. — Diz Kali, os olhos buscando a aprovação do rebelde.

Ele concorda.

— De fato, a Teia mostrou-se uma ferramenta política excepcional, capaz de interferir na política externa e interna de outros países e, também, de controlar não apenas os cidadãos dessa própria potência como, também, os de outros países. — Ele afirma.

— Como? — Pergunta Ellie.

— Com os *displays*. — Responde Ceres, prontamente.

Ele nega com a mão.

— A princípio, as coisas eram muito mais simples do que isso — ele dá um sorriso enviesado. — Antes de implantar uma tela nos braços, as pessoas pouco a pouco se viciaram em mecanismos e dispositivos criados para supostamente incrementar e melhorar suas vidas. Eram telas *externas*, como os *tablets* de mão que temos hoje. Elas serviam como uma conexão integral à Teia mundial, conectando pessoas e aproximando-as virtualmente através de artifícios diversos. Foi através do prazer, da distração e do lazer que esses cidadãos foram tornando-se escravos. E, conforme as vidas reais passavam cada vez mais para o retângulo iluminado da tela de um dispositivo artificial, a conexão integral passou a ser não apenas uma opção, mas uma necessidade.

— E foi através da conexão integral que começou o controle. — Murmuro.

Ele concorda.

— Quanto mais as pessoas se viciavam nesses dispositivos e frivolidades, mais a Teia se fortalecia. Qualquer pessoa passou a ser capaz de ser localizada georreferencialmente. Seus gostos e preferências eram facilmente identificados ao analisar-se os históricos diversos armazenados a respeito de cada uma dessas pessoas. Suas trajetórias de vida eram analisadas friamente e catalogadas. Mas as pessoas ainda podiam desfazer-se de suas telas externas. O que levou a Teia a inventar os *chips* encravados no osso e, posteriormente, as telas integradas a nossos braços. Os *displays*.

Ellie balança a cabeça.

— E como as pessoas aceitaram isso? — Pergunta. — Era óbvio que estavam se tornando escravas. Mesmo assim, permitiram que telas fossem implantadas em seus braços.

— As pessoas não *permitiram* isso — diz Blair. — Elas *queriam* isso. Esse controle exacerbado sobre a população sempre teve uma justificativa bastante clara, ainda que ela tenha se perdido no tempo: a segurança. Ao globalizar-se e tornar-se um império, a Teia prometeu às pessoas a segurança. Que acabou transliterada na forma de uma vida regrada e delimitada pelo fluxo humano. E,

enquanto todos se tornavam mais artificiais e começamos a nos tornar estéreis e a ser produzidos em fábricas, em linhas de produção em série, a Teia tornou-se mais *real*. Tornou-se uma rede social verdadeira, na qual as relações entre as pessoas são controladas e monitoradas, assim como absolutamente qualquer passo na linha ou fora dela que essas pessoas dão. Foi um processo lento. Mas que acabou por nos tornar o que somos hoje.

O homem olha para nós.

— A Teia tornou-se um organismo vivo, capaz de sobreviver por conta própria. Servidores e bancos de dados foram espalhados em todos os territórios. A capacidade de *desligá-la* foi perdida há muito tempo. As pluralidades que antes existiam foram dissolvidas. A subjetividade foi apagada. A uniformidade e objetividade tornaram-se regra; a organização matemática e por códigos virou lei. A conexão integral tornou-se obrigatória. A imunidade, um crime. Quando passamos a ser fabricados, o *chip* no osso virou padrão. E, agora eles estão aqui — Blair bate duas vezes com os dedos sobre a têmpora esquerda. — Já não há mais como escapar.

Eu olho para o meu braço amputado.

Todos nós ficamos em silêncio por algum tempo, tentando assimilar as informações e toda a história que ele contou. A realidade do que ele diz parece extremamente *irreal*, mas, talvez justamente por isso, ela seja verdadeira. Eu olho para Kali, que acena lentamente com a cabeça.

— Como você pode saber disso? — Duvida Ellie.

Ele pigarreia.

— Eu acabei encontrando um túnel, no interior da caverna que estávamos incendiando — diz ele. — Descobri que os imunes *tinham* uma rota de fuga e, possivelmente, também tinham outras bases e outras vilas. Escondidas em algum lugar aí fora — ele faz um gesto amplo com o braço, e, depois, olha para mim. — É por isso que acredito que haja chance do lado de fora de Dínamo. Há vida nas montanhas.

Eu nada digo.

— Quando encontrei esse túnel, também encontrei alguns imunes. A maior parte deles fugiu, mas eu consegui... — a voz dele falha. — Consegui encurralar uma mulher. Mas, talvez porque sou um artífice, um escritor, e não um fatalista ou um mantenedor, eu não consegui matá-la. E, de certa maneira, nós acabamos conversando, ainda que no interior do inferno que se tornou aquela caverna. Nós nos identificamos, ao mesmo tempo em que percebemos as diferenças entre nós. Meu braço esquerdo tem um *display*; o dela tinha apenas carne e osso e pele.

A fatalista cruza os braços.

— Porque ela diria tudo isso a alguém vindo de dentro da Teia? — Pergunta Ellie, duvidando das palavras do homem.

— Eu não soube, a princípio, o que ela pretendia ao me dizer tudo o que eu acabei de contar a vocês — ele admite, piscando os olhos muitas vezes e olhando para o chão. — Mas acredito que ela não tivesse opção. Ou, talvez, quisesse infiltrar essas mensagens na Teia através de alguém inserido nela. E eu, como um escritor, era o catalisador perfeito para o que ela pretendia. Quando voltei da missão de conquista, com a vila em ruínas e cinzas, e o peso da morte de diversos imunes sobre as minhas costas, eu estava diferente.

Kali estende a mão para a minha e a aperta subitamente, chamando minha atenção.

— Harlan, você se recorda de quando estivemos com Fenrir? — Pergunta.

— Acredito que sim. — Digo, confuso.

— Lembra-se que ele disse que sabia parcialmente qual era a razão para o que Blair que fez no *reality show*? — Ela questiona.

— Ele disse que Blair fora proibido de escrever.

— De escrever o que *queria* escrever, mas Fenrir não sabia *o que* ele queria escrever.

— Eu queria escrever sobre o exterior. Sobre o que existe do lado de fora desses muros e sobre a verdade da sociedade em que vivemos — diz Blair, os olhos brilhando. — *Todos* precisavam saber o que eu sabia. Precisavam saber da verdade. A alienação não é uma opção. A ignorância não é uma opção. Eu *precisava* escrever sobre o que havia visto. Era meu dever.

— Mas não podia. — Diz Ceres.

— Não. A Teia sabia que, caso eu fizesse isso, possivelmente o fluxo seria desestruturado e, quem sabe, nem mesmo uma atualização seria capaz de corrigi-lo — diz o homem. — Eles providenciaram uma série de *scripts* de histórias que eu tinha *permissão* para escrever. Histórias já prescritas. Todas com as mesmas estruturas, enredos e finais. Mesmo assim, eu tentei escrever o que eu queria. Tentei transcrever em palavras o que eu vira e ouvira do lado de fora dos muros. Mas fui avisado por mantenedores que, caso prosseguisse com este tipo de transgressão, seria considerado um criminoso. Um *rebelde*. Não demorou muito para eu descobrir que era exatamente isso que eu deveria e queria ser. Eu *queria* ser um rebelde.

Ele passa os olhos por todos nós.

— Por isso o *reality show*. — Eu digo.

Blair concorda lentamente com a cabeça.

Fora um *reality show* transmitido em tempo real para *displays*, dispositivos móveis, *tablets* e, também, em inúmeras cerimônias. Em âmbito local, um desafio para que um grupo de pessoas, uma de cada casta, fosse encarcerada no interior de um estúdio, realizando provas e suportando uma convivência forçada. O prêmio para o vencedor era nada mais, nada menos, que a possibilidade de zerar o *display* e *trocar de casta*. O que, obviamente, não funcionou.

— Eu logo vi que todos lá dentro não passavam de fantoches — diz Blair, entre dentes. — Éramos todos artífices, instruídos a atuar de forma convincente, de maneira a proporcionar uma nesga de esperança para a população, mantendo-os calmos e controlados. Uma esperança falsa. Por isso eu fiz o que fiz. Desestruturei a Teia.

Todos sabem o que ele fez. Mas muito poucos têm coragem de falar.

— Eu matei todos eles. — Diz Blair.

O brilho maníaco que vi em seus olhos no momento em que decepou meu braço está de volta.

— Eu desestruturei a Teia e criei um rombo no fluxo humano — diz ele. — Eu cometi um ato de *verdadeira* rebeldia. O que eu buscava desde o momento em que descobri a verdade por trás da nossa existência, e da existência da Teia. Quando eu descobri que todos estamos presos em minúsculas jaulas... que estamos presos nas telas implantadas em nossos braços, nas telas que carregamos conosco o tempo inteiro, eu sabia que algo deveria ser feito. E eu, *apenas eu*, seria capaz de fazer o que era necessário.

Ele sorri.

— É claro que a rebeldia me levou para a CMT e eu tive o *display* zerado — ele olha para o braço. — Entre outras punições. Eu só não fui morto porque já era de conhecimento geral o que eu havia feito. Se me matassem, eles gerariam um ídolo. Então eles decidiram que me deixariam morrer sozinho. Que me deixariam apodrecer na CMT. E, desde a desestruturação da Teia que eu fiz, nada mais havia sido capaz de ocasionar uma nova atualização ou qualquer tipo de mudança nos *displays*.

Blair levanta os olhos para encarar Kali, e os dois se olham longamente.

— Até agora.

Ele acena com a cabeça para ela, mas a assassina não esboça qualquer tipo de reação.

Blair cruza os braços à frente do peito e inclina-se em sua cadeira.

— A maior parte das pessoas não procura se perguntar como foi que chegamos a este ponto — diz ele, olhando para o teto preto. — Elas simplesmente aceitam a realidade como sendo verdadeira, mas não sabem que existe uma realidade muito mais *real* do que esta.

Ele ri de leve.

— O que nos trouxe até aqui não foi o fim do mundo. O nosso futuro não é pós-apocalíptico.

O rebelde para de rir.

— O nosso futuro é evolução.

85

Pouco tempo depois, estamos no interior do centro de treinamento de Kali.

O lugar parece assombrado. Kali liga apenas algumas luzes, e elas surgem bruxuleantes, fracas e amareladas. O ambiente está claro, mas não se ilumina. Os cantos das paredes ficam no escuro. De relance vejo o tubo metálico com que Sybil costumava punir a garota, agora subjugado e esquecido.

Nem mesmo parece que ela esteve aqui há tão pouco tempo.

— Ceres ficou para trás. — Eu digo.

Kali anda pelo lugar, abrindo e fechando gavetas de bancadas, abrindo portas, testando algumas telas. Como se para se certificar de que qualquer traço de sua existência tenha sido apagado. Ela para sobre o tatame e levanta o olhar para as câmeras instaladas nos cantos do teto. Seu olhar não diz nada, mas ela aperta as mãos uma na outra.

Ela sabia das câmeras.

Sabia o *tempo inteiro.*

— Sim — ela responde. — Ceres disse que o servidor é o único lugar em que se sente protegida. Que está preparada para o que quer que venha a acontecer com ela e que, de qualquer maneira, já fez muitas outras coisas proibidas. Eu sempre disse a ela que a nectarina não ia ajudar em nada.

Ela balança a cabeça, talvez lembrando-se do dia em que se drogou, também.

— Ela disse que vai ficar bem — diz. — Disse que eles não conseguirão tirá-la do servidor e, se conseguirem, ela vai arranjar um novo. Porque conhece e sabe quebrar todos os códigos da Teia. Ela vai saber explorar ao máximo as brechas que encontrou antes que essas falhas de segurança sejam corrigidas. De qualquer forma, só podemos estar aqui porque ela reativou uma parte do servidor como isca. Com certeza vão atrás dela e não virão até aqui. Não agora.

Sinto minha cabeça girar de leve por conta das drogas e do braço amputado, e decido me sentar no chão – ainda que não saiba se vou conseguir levantar, depois.

Olho em volta. Kali guiou o furgão até aqui, e deixou Blair e Ellie no interior dele. Disse que eles tinham o que discutir entre si.

— Ellie e Lenina eram namoradas, da última vez em que eu as vi. — Comento.

A assassina fica calada por algum tempo, virada de costas para mim. Vejo que se crispam seus punhos, mas ela subitamente vai até seu armário e abre a porta. O console que o trancava está desativado, e a trava é completamente inútil.

— Sim. Elas eram namoradas.

— Você também foi namorada de Lenina.

Pela segunda vez ela fica parada. Agora, com as mãos dentro do armário, enquanto procura por alguma coisa.

— Sim. Eu namorei com ela por algum tempo — diz. — Mas não durou. Ela me traiu de todas as maneiras que poderia e, mesmo quando já não éramos mais

aliadas, me traiu outra vez. E *você* me traiu, também.

Sinto algo dentro de mim se torcendo.

— Como convenceu Ellie a ajudá-la? — Pergunto.

— Com a aliança — diz. — Como ela continuou sendo uma aliada minha, mesmo após a atualização, eu consegui convencê-la de que era através disso que deveria cumprir com nossa relação. Eu comecei com pouca coisa. Queria ajuda para conseguir alguns itens. Ela me ajudou a comprar a faca. Me ajudou a conseguir injeções, curativos. Eu não disse a ela o que estávamos fazendo antes de ser impossível a ela fugir do que havia feito.

Eu pisco algumas vezes, tentando desembaçar minha visão.

— E quanto a Lenina? — Pergunto. — Ela disse a você para não falar a respeito dela.

— Ainda está se recuperando da perda — resmunga Kali, olhando dentro do armário, remexendo o conteúdo e separando alguns objetos dentro de sua típica sacola preta. Vejo que ela separa o pote de pasta negra para pintar a pele, as lentes negras, roupas pretas. E, também, algumas armas. — Mas ela sabe que o que tinham era algo passageiro. Algo descartável. O amor é irrelevante, não é?

Ela fecha o zíper da sacola preta e bate a porta do armário.

Depois, se vira para mim.

Seu olhar nunca foi tão penetrante quanto como nesse momento. Ela anda em minha direção e larga a sacola no tatame, sentando exatamente à minha frente. Ela abre o zíper outra vez e tira, de dentro, o colar dourado com o pingente de aranha, e a faca de fio vermelho. E põe os dois objetos entre nós.

— Blair pediu a Ellie que usasse sua permissão de mantenedora para entrar em um posto avançado e conseguir explosivos, dos mais potentes que conseguisse encontrar. — Diz a garota, me encarando.

Como sempre acontece quando estou com ela, há eletricidade no ar. Seus olhos

brilham com as faíscas do fogo em seu interior. E, ao mesmo tempo, há gelo por todo lado.

Leon disse que todos podemos ser deuses ou feras. Faltava a Kali decidir o que ela era. O que ela é. Mas hoje eu sei. Hoje eu sei que ela não é um, nem outro. Seria impossível diminuir a complexidade do que ela é em um conceito fechado. Seria impossível dizer se ela é um deus ou uma fera. Ela é ambos, ela é uma mescla. Um híbrido. Ela não é boa, não é má.

Ela apenas *é*.

— Você se lembra que Fenrir era o namorado de Blair?

— Sim. Eu me lembro. — Respondo, hipnotizado por seus olhos.

— Ele disse que a única maneira de fugir da Teia era cumprir com a rebeldia prevista no *display*, fazer tudo dentro dos conformes e, quando menos se esperasse, cometer um ato de rebeldia verdadeira. Desestruturar a Teia, quebrar o fluxo — ela diz, e sua voz é baixa, tenra. — Blair vai usar os explosivos para fazer isso. Ele e Fenrir vão cometer um ato de rebeldia verdadeira. *Juntos*.

Ela estende a mão para a minha e a segura.

E entrelaça seus dedos com os meus.

— O que você acha do amor, Harlan? — Ela pergunta.

Por algum tempo, eu não sei dizer.

Não parte de mim um silêncio de hesitação, ou de nervosismo.

É apenas silêncio.

Olho nos olhos dela. E, ela, nos meus.

— Nós passamos nossas vidas inteiras ouvindo que o amor é irrelevante — eu digo. — Que o que nos resta é encontrar soluções fora do *display*, em casas de sádicos ou buscando pessoas que possamos usar e descartar, conforme nossas

necessidades. Se eu fosse levar em consideração o que sei, diria que o pareamento não passa de um cálculo matemático responsável por parear pessoas de personalidades e gostos similares.

Eu meneio a cabeça, lentamente.

— Mas eu jamais poderia ser capaz de encontrar alguém tão diferente de mim quanto você — continuo. Eu olho para ela. — Se o pareamento busca pessoas compatíveis, com toda certeza ele é falho. O que encontrei em você foi o meu completo oposto. Algo que eu jamais esperava encontrar. Alguém preenchido por coragem, força de vontade e decisão. Alguém capaz de sacrificar-se e lutar com todas as suas forças para salvar uma pessoa. Para *me* salvar. Alguém que não desistiu nunca. Alguém que não desistiu de mim, nem mesmo quando eu já havia desistido.

Sinto como se não estivesse mais respirando.

Como se o mundo inteiro estivesse parado. Como se nada existisse, além de nós.

— Eu não sei o que acho do amor — murmuro. — Eu não sei o que ele é, porque ninguém nunca me disse o que é. Nunca me foi dito se a sensação de impotência que me toma ao vê-la partir é amor. Se o anseio e a dor no meu peito são amor. Se tudo o que fizemos até agora um pelo outro é o que se pode chamar de amor. Porque, se toda a nossa luta for amor, então ele não é irrelevante. Se o que fizemos for amor, ele é a coisa mais importante do mundo.

Kali respira fundo, e segura-se forte à minha mão.

— Mas, se amor é o que eu sinto, então prefiro não dar a ele qualquer nome. Prefiro não rotulá-lo, não defini-lo, não limitá-lo. Prefiro que seja o sentimento pelo sentimento, o amor pelo amor. Prefiro apenas senti-lo, e deixar que me queime por inteiro.

E eu sei que nunca disse, mas:

— Eu amo você.

Kali não sorri, não fala.

Uma lágrima solitária desce de seu olho e rola por seu rosto, descendo até o queixo.

E, subitamente, não há mais nada.

Há apenas a lágrima.

Ela cola o rosto no meu, a boca na minha.

A palavra amor incendeia minha mente e meu corpo.

Não houvera nenhuma necessidade de dizê-la, antes.

Mas ela sempre esteve aqui.

É a justificativa para qualquer ato meu.

Eu fecho meus olhos, e só o que há é ele.

Ele, e ela.

Ela, e eu.

Não há qualquer outra coisa onde estamos.

O mundo inteiro deixa de existir.

Ela me beija e abre os olhos, e eu olho no universo de seu interior.

Eu me perco em seu infinito.

Como um buraco negro, sua escuridão me suga, mas, no final, ela é pura luz.

Como se nunca tivesse sido capaz de fazê-lo, meus dedos se perdem no entremeio de seus cabelos.

Eles caem sobre meu rosto, obscurecendo minha visão.

Ainda que sinta dor, ainda que minha mente não pare em lugar algum.

Ainda assim, eu a deito no tatame.

Ainda assim, eu a dispo com o olhar e, depois, com a única mão que me sobrou.

Nus, sobre o tatame, não importa mais nada.

Eu sou ela, e ela sou eu.

Somos unos.

É como se eu conseguisse senti-la por inteiro.

Como se ela tivesse finalmente se entregado. Se rendido.

Nada jamais foi tão intenso ou verdadeiro quanto isso.

Eu busco sua boca, minha mão busca seu corpo.

E ela, a mim.

Por alguma razão, ela chora, e eu também choro.

Choramos pelo que nunca tivemos e pelo que agora temos.

Nem que por apenas *um instante*, nós temos.

Temos um ao outro.

E é tudo de que precisamos.

Ela deixa o corpo de encontro ao meu.

Seus cabelos se espalham pelo tatame.

Eu toco seu rosto com a mão, e ela fecha os olhos ao contato.

Como se estivesse em casa.

Quando ela reabre os olhos, eu sei o que ela gostaria de falar.

Mas ela é incapaz de fazê-lo.

Mesmo assim, ela abre a boca.

Eu a fecho com um beijo, e toco seus lábios com os dedos.

Não é nada que precise ser dito.

Nos olhos dela, as palavras que ela não diz ecoam.

Confie em mim.

Eu amo você.

86

Não há qualquer comentário sobre a nossa demora quando voltamos ao furgão, com a porta aberta de encontro à do centro de treinamento. O console ao lado da porta de entrada está apagado, mas Kali inconscientemente estica o braço na direção dele.

Então, para e olha para ele, incerta. Depois, entra no furgão.

— Harlan, você precisa estar pronto — ela diz, sentando-se no banco do motorista e olhando para mim. — O que nós vamos fazer não vai ser fácil. Não vai ser *nada* fácil.

Eu concordo com a cabeça.

O motor do veículo chia, mas as telas que servem de instrumentação digital não se acendem. Eu me sento em um dos bancos. Ellie e Blair me encaram com olhares pesados. Ele segura firme uma sacola preta de plástico sobre o colo, os nós dos dedos brancos. Ellie, por sua vez, parece nervosa, os olhos mirando o exterior e buscando alguma coisa nas ruas.

O furgão começa a andar. As ruas têm gelo por toda parte, e as calçadas estão tomadas por diversos centímetros de neve. A nevasca já não é tão forte, mas os flocos continuam caindo. Kali aciona o limpador de para-brisa e os braços duplos passam pelo vidro, limpando-o. À frente há apenas branco e cinza, as ruas se perdendo no meio do frio da madrugada.

Nós andamos por algumas quadras em completo silêncio, exceto pelo som dos pneus e dos braços do limpador de para-brisa. Há pouco para se ver em frente. Dínamo parece morta, ainda que, com toda certeza, estejamos sendo procurados em todo lugar.

Inconscientemente, olho para meu *display*.

Mas ele não está lá.

— Kali.

Olho para Ellie, que permanece encarando as ruas escuras.

— Kali — ela chama, outra vez. — Kali, pare aqui.

Ela para. E se vira para a fatalista.

— Eu não posso continuar com isso — diz Ellie. — Você sabe que eu não posso.

Ela continua procurando com os olhos.

— Eu preciso encontrar meu próprio caminho. Preciso sair daqui.

— E o que você pretende?

— Eu vou desaparecer no subúrbio — ela fala, com uma voz calma e baixa, por mais que seus pensamentos pareçam estar em um turbilhão. — Eu preciso fazer isso. Meu *display* não foi comprometido, eu não fui incluída na quebra do fluxo. Posso participar da atualização, e ninguém vai saber que eu tomei parte nisso. Eu tenho álibis. Eu me certifiquei de cada um deles. Mas preciso sair daqui agora. *Agora*.

Kali a encara por um longo momento.

— Você tem certeza de que quer encarar isso sozinha? — Pergunta.

— Eu não vou ter de encarar nada — ela retruca. — Eles não vão me pegar. Eu não fiz nada de errado.

Ninguém diz nada. Todos nós sabemos que isso é uma mentira.

A assassina, então, respira fundo, mas concorda com a cabeça.

— Pegue uma pistola, no banco de trás — diz. — Mas, se houver algum problema, duvido que você precise de mais do que uma bala.

Ellie levanta seu pesado casaco e nós vemos uma pistola prateada presa em seu cinto.

— Caso haja algum problema, eu estarei preparada para eles — ela fala, séria. — E, depois do que você fez para mim, pode ter certeza de que, se houver um problema comigo, é melhor *você* estar preparada, também. Seu nome eu direi antes que peçam.

O lábio inferior de Kali treme por um milésimo de segundo.

— Eu sei. — Diz, por fim.

Ellie faz que sim com a cabeça.

— Obrigado. — Diz a assassina.

A fatalista não responde.

Blair faz um sinal com a cabeça para ela, e puxa com força a porta do furgão, que corre pela lateral e se abre para a noite fria de Dínamo. As luzes dos postes parecem não ser o suficiente para iluminar a escuridão. Ellie para prestes a sair, e olha para nós.

— Tome cuidado. — Ela diz, e aponta para mim.

Também faço um sinal com a cabeça, e ela sai.

A fatalista avança e, um segundo depois, desaparece na madrugada.

87

Dentro do furgão, eu olho para Blair e a sacola negra que ele segura em seu colo.

Meus pensamentos se embaralham um pouco.

— Kali disse que você tem explosivos, aí. — Digo, em voz baixa.

Um instante depois, me pergunto o porquê de ter dito isso.

— Não tenho explosivos, aqui — ele diz, e, ainda que seu olhar continue pesado, um sorriso surge em seus lábios. — Eu tenho a verdadeira rebeldia inteira, aqui dentro.

— O que você pretende?

Ele olha de relance para a garota, dirigindo.

— Sua garota me disse que Fenrir queria assumir um ato de rebeldia verdadeira — responde o homem. — Mas que ele precisava de mim, para isso. Não deixa de ser verdade. Ainda que o que tenha acontecido no *reality show* tivesse relação

apenas comigo... talvez eu devesse tê-lo levado junto. Talvez pudéssemos ter tentado algo como o que vocês tentaram. Talvez as coisas seriam diferentes.

Quando ele fala de “minha garota”, Kali olha em minha direção.

Eu me pergunto se, em algum momento, ela foi minha.

Mas não sei qual é a resposta para essa pergunta.

— Você pretende se suicidar. — Afirmo.

— Sim. Junto dele.

— E não existe nenhuma opção? Porque as coisas não podem ser diferentes?

Ele dá uma risada de leve. Seus olhos brilham da maneira maníaca de antes. Me pergunto se ele sempre teve esse brilho neles, ou se foi adquirido em sua estadia na CMT.

— Não seja inocente, garoto — ele diz. — A Teia não me manteria na CMT por todo esse tempo sem alterar o meu *hardware* — bate duas vezes com a ponta dos dedos na têmpora. — Eles colocaram o maldito implante cerebral em mim. Para monitorar os meus pensamentos. Felizmente, o canal de comunicação que a mulher do servidor conseguiu bloqueava o implante. De qualquer forma, não me basta apenas cortar fora meu braço. Se quisesse escapar da Teia, a única forma seria me decapitando. O que de nada serviria.

— E quanto a uma cirurgia?

— Quem a faria? — Pergunta Blair, dando de ombros, largando a sacola preta a seu lado. — Os curandeiros são corruptos e corrompidos. Não veem a verdade que está bem em frente a seus olhos. Preferem se submeter cegamente à Teia. Então a única operação que eles fazem é a de *implantar*, não a de *extrair*. De qualquer forma, o alerta de falta de energia vital soaria na CMT, e eles chegariam a mim antes de eu ser capaz de completar a cirurgia. E, pior, é algo muito delicado. Qualquer movimento errado e eu poderia sofrer com sequelas pelo resto da vida.

Eu passo minha mão pelo meu rosto.

— Mas não são só os curandeiros que são corrompidos. — Digo.

— Não — responde ele. — Toda a sociedade foi construída de forma errada. Não deveriam existir castas. Não deveria existir separação ou segregação. Todas as funções são importantes, quaisquer que sejam elas. Todos somos insubstituíveis e *únicos*. Quem sabe a única maneira de consertar o que historicamente sabemos ser errado seja começando tudo de novo. Mas, até lá, resta cometermos um ato de rebeldia genuína por vez, tentando contaminar o restante da população e, de alguma forma, abrir seus olhos. Mostrar a eles que vivemos em uma distopia e que, se a utopia é inalcançável, pelo menos podemos andar atrás dela, e não na direção oposta.

Kali apenas lança um olhar para nós através do retrovisor, e, depois, volta a olhar para a frente.

— E, entre ficar vivo e inserido na Teia, e morrer livre, eu prefiro a liberdade. — Resmunga o homem, olhando para a sacola preta e remexendo em seu conteúdo, verificando quantidades.

Eu concordo.

Continuamos o restante do caminho sem falar muito.

— Acham que Ellie vai conseguir não ser pega pela Teia? — Pergunto.

— Não. — Os dois respondem, quase em uníssono.

— E quanto a Ceres?

— A Ceres sabe se virar — diz Kali, sem olhar para trás, fazendo uma curva. — Ela sobreviveu durante todo esse tempo dentro de um servidor, o que, tecnicamente, é proibido. Se ela conseguiu burlar as regras até esse ponto, tenho certeza de que vai conseguir continuar fazendo isso.

— E porque ela não quis fugir?

— Porque ela está bem onde está. — Responde Kali.

— Ela *se acomodou*. — Diz Blair, estreitando os olhos.

Kali olha para ele pelo espelho, mas nada diz.

O furgão avança por mais algumas poucas quadras antes que eu identifique a plataforma de um lado da rua e o prédio em que mora Fenrir, do outro. Kali para junto do meio-fio e desliga o veículo. Depois, se vira para Blair.

— Chegamos. Você está pronto?

Os olhos dele brilham outra vez.

— Mesmo se não estivesse, que opção tenho? — Pergunta.

Ele se levanta e pega a sacola preta. Anda até Kali e beija-a no rosto, segurando sua mão em seguida.

— Obrigado, Kali — ele diz. — Se não fosse por você, nada disso seria possível, e eu ainda estaria apodrecendo aos poucos na CMT. Eu espero que tudo corra nos conformes e que todo esse esforço não tenha sido em vão. Você é uma rebelde. Uma verdadeira rebelde — Ele aperta forte sua mão. — Não se deixe apagar de jeito nenhum. Não permita-se ser controlada, nunca mais.

— Eu não vou permitir.

Blair olha para mim.

— E quanto a você, boa sorte — diz. — Tome cuidado, garoto. É melhor que você aproveite tudo o que foi feito em seu favor. Não duvide, jamais, do quanto essa garota o ama. Ela fez tudo isso para salvá-lo, e conseguiu. Você tem muita, *muita* sorte.

Ele dá dois tapas leves no meu ombro direito e, depois, abre a porta do furgão e a fecha em seguida.

Depois, vai à porta de Kali e ela abre o vidro.

— Recomendo que vocês estejam longe o mais rápido possível. — Ele diz.

Ela concorda.

Blair desaparece da mesma forma que Ellie, e Kali acelera.

— Sente-se aqui na frente, Harlan. — Ela murmura.

Me puxo para a frente com dificuldade, sentando no banco ao lado do dela.

Ela não diz nada.

Nem eu.

Não é necessário dizer qualquer coisa.

O que dissemos no centro de treinamento foi o bastante.

Blair e Fenrir farão o que têm de fazer, *juntos*.

Eu e ela, também.

Se eu tivesse uma mão esquerda, seguraria sua mão direita, do meu lado.

Eu a impediria de dirigir. Eu não permitiria que segurasse o volante.

Mas nunca mais soltaria sua mão.

Eu olho para ela, e, por algum motivo... não quero mais deixar de olhá-la.

Junto do amanhecer, vem a explosão.

Uma bola de fogo e fumaça se ergue no meio de Dínamo, sobe no ar e derrete os flocos de neve no caminho. Uma pesada coluna de fumaça surge a partir da pira que se torna o prédio em que morava Fenrir. O negro da fumaça contrasta com o laranja do céu que, aos poucos, se ilumina com a chegada do dia.

88

Um novo dia.

Mas obscurecido por uma pesada névoa. A neve para de cair. A claridade toma o céu aos poucos, mas ilumina a cidade de cinza. As ruas parecem mortas, completamente vazias na troca da madrugada pela manhã, que ocorre gradualmente. O furgão cruza as ruas buscando a Zona Industrial.

Eu olho para trás, por algum tempo. Através do vidro traseiro, posso ver a pesada coluna de fumaça negra subindo para o céu baixo de névoa, à distância.

— Como vamos fugir? — Pergunto.

Kali aperta com força o volante e respira fundo.

— Há uma escada de emergência junto da muralha na porção Leste, perto do começo do rio, na Zona Industrial — ela diz. — É só subir essa escada e descer do outro lado. Pode não ser tão fácil quanto parece. Depois, é preciso seguir para o Sul. O caminho passa pelo Leste, mas é ao Sul que ficam as vilas de imunes.

Concordo com a cabeça.

— Eu não vou conseguir subir a escada de emergência sozinho.

— Eu sei.

— E não há qualquer tipo de segurança? — Pergunto. — Quero dizer, é só subir a escada de emergência e fugir?

Ela morde o lábio inferior.

— Foi Blair quem me falou a respeito — diz ela. — Disse que quem descobriu foi um fornecedor de nectarina do alto do rio. Que alguém tentou e conseguiu sair por lá. Algo que nunca foi noticiado, é claro. Aparentemente ele foi aniquilado do lado de fora.

Concordo outra vez.

— Mas o fato de isso ter acontecido deve ter feito ser implementado algum tipo de segurança.

— Sim. É possível. Só vamos descobrir quando chegarmos lá.

Uma suspeita se instala em meu âmago, mas decido não dizer nada.

Ela dirige por mais algum tempo, até chegarmos tão próximos do muro que é impossível ver o seu topo. Sua altura é enorme. Daqui, ele parece ainda maior, sua magnitude parecendo representar o tamanho e o poder da Teia. Aos pés do enorme muro, é difícil perceber a existência de qualquer outra coisa, ou mesmo imaginar algo que possa ser maior do que ele e a própria Teia.

O veículo para no meio de um espaço aberto.

Há neve acumulada por toda parte. Alguns metros adiante fica o rio onde se encontra com o muro, e as grades que permitem que a água passe. No interior da cidade, todo o seu curso foi concretado e canalizado de maneira homogênea. Um grosso duto traz água suja de uma fábrica do outro lado da margem. O espaço aberto em que estamos se parece com uma praça, e o chão é composto por

paralelepípedos.

— Certo — diz Kali, reunindo seus pensamentos. — A saída oficial de Dínamo fica lá — ela aponta para um edifício baixo colado à muralha, pintado com a mesma cor cinza-escuro, visível apenas por conta das janelas no segundo andar. Há cancelas de todos os tipos e cabines e grades. — Foi por essa saída que Blair foi para o lado de fora, na missão de conquista. Obviamente é *impossível* sair a partir dela.

— E quanto à escada?

— Fica junto do edifício — diz Kali. Eu olho melhor e vejo que realmente há uma escada, completamente preta, camuflada no muro. — Precisamos acessar o lado de dentro para só depois alcançar a escada.

Eu olho para a frágil e vertiginosa escada de metal.

— O pior não será entrar. — Comento.

— Não. O pior vai ser subir.

A escada não tem qualquer tipo de proteção.

— E eu suponho que Ceres tenha encontrado uma brecha no sistema de segurança desse portão de entrada, também — resmungo. — O que vai fazer com que a nossa entrada seja facilitada.

Kali olha para mim.

— Se ela tivesse conseguido *hackear* esse posto de controle, certamente a saída seria através do portão, não pela escada. — Diz ela, com uma ponta mínima de ironia na voz.

Ela se estica por sobre o banco da frente e agarra sua sacola preta.

E, de dentro dela, tira a pistola.

— Harlan, eu vou precisar de sua ajuda.

Ela pousa em meu colo a arma.

— Você quer que eu use essa arma? — Pergunto.

— Você *precisa* — diz ela. — Não vamos conseguir passar sem usá-las. É impossível. E não há mais nada a perder, não há mais nenhuma barreira a ser ultrapassada. Você já não faz mais parte da Teia e está à parte de tudo que ocorre nela. Por mais que seja difícil de manejar a arma com uma só mão, você vai precisar me ajudar.

Kali tira duas submetralhadoras de dentro da sacola e segura-as com firmeza.

— Assim que sairmos do furgão, estaremos visíveis para a Teia — ela diz, verificando os pentes de balas das três armas. — Então teremos de agir o mais rápido possível. Mesmo com as distrações que nós criamos, estaremos propensos a ser encontrados, e nós *não* queremos que isso aconteça.

Ela põe a mão na maçaneta, mas eu a impeço de sair.

Olho para a arma em meu colo, e, então, para a garota.

— Kali, eu não sou um assassino.

Ela dá um sorriso, aproxima a boca da minha e me beija.

— Nem eu — ela diz. — Tudo seria muito diferente se eu não tivesse sido forçada a ser uma fatalista. Mas a escolha de castas é aleatória. Quando estávamos no Núcleo de Nascimentos, nós vimos. Qualquer um poderia ser um fatalista, um assassino. Eu, ou você, ou qualquer outra pessoa. A Teia sabe que é possível moldar qualquer um a um papel específico na sociedade. E eles me moldaram.

Ela para de sorrir.

— E eu moldei você.

A garota segura meu rosto em suas mãos.

— E peço desculpas pelo que fiz você passar — ela fala, em voz baixa. — Eu sei que nada deveria ter acontecido dessa maneira. E eu sei que você não é um assassino, mas eu também não sou. Nunca fui. E é justamente por isso que estamos fazendo isso, agora. Porque eu *nunca* me senti uma fatalista.

Ela põe a pistola na minha mão e fecha meus dedos na coronha.

— Entenda isso como uma vingança. Uma vingança por tudo o que fomos forçados a ser.

Um fatalista, um assassino, um salteador.

Um boneco, manipulado durante todo esse tempo.

Um deus... ou uma fera?

— Entenda isso como *justiça*.

89

Nós entramos atirando.

Os canos das duas armas nas mãos de Kali cospem fogo e balas na direção dos alvos, e os acertam com precisão e fúria. Na minha incapaz e praticamente inútil mão direita, a pistola teme ser mirada contra um ser humano. Acerto um braço, uma perna, um abdômen.

Quando estão todos caídos no chão, a garota avança para cada uma das pessoas que eu acertei e atira uma vez em cada cabeça.

Em menos de um minuto, está pronto.

A sala é repleta de vidro e balcões, atrás dos quais os políticos tentaram se esconder. O ataque foi muito súbito, muito repentino. Eles não tiveram tempo de se defender ou sequer de pensar em contra-atacar. Ainda assim, houve tempo para que soasse um alarme.

Ele é muito baixo, e as luzes não estão piscando.

Certamente, em algum dos setores da CMT, as luzes estão piscando.

— Veja — diz a garota, acenando com a arma na direção de uma gigantesca porta de metal. — Aquela é a saída oficial. É impossível passar por ela.

Não há qualquer tipo de sistema de *check-out* nela, e os computadores que encontramos no prédio são bloqueados. Apenas o operador específico pode operá-los, cada um em seu computador pessoal, com seu próprio *display*. Segundo Kali, a porta só é aberta após a passagem ser liberada em *todos* os computadores, através de uma senha complexa e mutante.

— Impossível. — Murmura.

Passamos com rapidez pelo vidro estilhaçado e pelos balcões destroçados.

Subimos para o segundo andar. Saímos para um terraço e encontramos a escada.

— Kali, o alarme ainda está tocando. — Digo.

— Eu sei — ela diz, e avança a passos largos para a escada. — Esqueça o alarme. Concentre-se em subir a escada. Nós vamos precisar fazer isso o mais rápido possível. Não há tempo. Eu vou ajudá-lo a subir, mas você precisa usar *tudo o que tem* para chegar ao topo. Eu sei que vai ser difícil, principalmente agora. Sei que as drogas estão o afetando, mas elas são necessárias.

Kali guarda as armas e aperta meu ombro com firmeza.

— Eu não vou deixar você cair. — Diz, séria.

Sinto que meu corpo inteiro treme, mas tento não demonstrar minha hesitação.

— Certo.

Olho para a pistola, meus dedos agarrados tão firmemente na coronha que tenho dúvidas se vou conseguir soltá-la. Mas eu o faço. E largo-a no chão.

Ela despenca de minha mão e cai como chumbo.

Me desfazer da pistola preto-fosca de Kali, de certa maneira, parece simbolizar tudo o que aconteceu no interior desses muros e tudo que eu fui forçado a fazer. Tudo que fui obrigado a acreditar ser verdade. E tudo que me disseram ser fatal. Mas já não é. Não mais.

Olho para a escada.

A subida íngreme parece muito longa.

— Nós vamos conseguir. Confie em mim. — Diz a garota.

Eu a encaro e, no fundo de seus olhos, brilha um fogo intenso. Ela tem *certeza* de que vamos conseguir.

Penso em beijá-la antes que seja tarde demais. Antes que alguma coisa dê errado e eu não tenha mais chance de fazê-lo. Mas o momento passa e, subitamente, estou segurando o metal gelado e com os pés no primeiro dos degraus.

Kali me segura pelas costas quando eu solto a mão e busco o degrau seguinte.

Então avanço com os pés e as pernas.

Quando chego ao quinto degrau, Kali começa a subir, também. E me segura da forma como pode, apoiando meu corpo para cima enquanto eu solto rapidamente o degrau anterior e agarro o seguinte com a mão; depois, subo as duas pernas. É cansativo e muito, muito demorado.

Depois de dez minutos, subitamente, minha mão escapa.

Perco o equilíbrio.

Kali me empurra para cima antes que eu penda para trás.

Eu agarro o metal da escada.

E seguro firme.

Olho para baixo.

Abaixo de Kali há uma infinidade de degraus da escada, que penamos para subir. A neve parou de cair, mas, olhando para trás, Dínamo inteira está coberta de branco. Há sons diversos chegando a meus ouvidos. Sirenes, e o forte vento que ameaça nos jogar na direção do chão a qualquer instante. A fumaça negra do prédio, no centro da cidade, parece ter ficado menos densa.

— Continue subindo! — Diz a garota, abaixo de mim, me empurrando.

Eu o faço, o coração batendo acelerado.

— Você não vai sair da cidade comigo, não é? — Eu pergunto.

Ouço, ao longe, o som de um helicóptero.

— *Não é?*

Ela me olha.

— Nós não temos tempo para isso. Suba.

As palavras dela são frias como o vento gelado que sopra contra o muro.

Eu solto a mão e continuo subindo.

Demoramos um tempo considerável para alcançar o topo. Cada degrau da frágil escada é vencido com dor. Em determinado ponto, minha cabeça começa a girar e eu me pergunto como sou capaz de fazer isso com o braço decepado há tão pouco tempo. Kali, no entanto, permanece atrás de mim, me forçando a continuar e a não desistir, de maneira nenhuma.

O som do helicóptero fica mais alto.

— Eles estão atrás de nós!

— *Não pare!* — Ela grita em resposta.

Nós chegamos ao último degrau, e eu sofro para alcançar o topo do muro.

Kali vem em seguida, e me segura pela cintura. Ela me abraça.

De onde estamos, podemos ver o que existe para além do muro.

Abro a boca para falar.

Ela põe a mão sobre ela.

— Não defina. Não diga nada.

À frente desvela-se a coisa mais bonita que já vi.

Do lado de fora dos muros, a neve não parou de cair de todo. Há nuvens e névoa, e a neve cai lentamente, flutuando até o chão; o Sol faz com que cada minúsculo floco brilhe. A cadeia de montanhas segue indefinidamente em frente, suas paredes rochosas escuras contrastando com a brancura de todo o resto. Do céu azul vêm os raios do Sol, que batem na água semicongelada do rio que atravessa Dínamo e lança reflexos em todas as direções. O rio serpenteia no meio das montanhas, desaparecendo depois de uma curva, adiante. Há penhascos, aclives e declives.

E, o mais importante: não há muros.

Nós nos demoramos quase tempo demais olhando. Estamos mais alto do que estaríamos no topo da CMT, ou sobre o topo do mais alto prédio da cidade.

É como se estivéssemos no topo do teto do mundo.

Kali, então, me solta. Ela tira sua sacola negra e a passa por cima de minha cabeça.

— O que é isso? — Pergunto.

— Tudo que você vai precisar está aí dentro — ela diz, a voz tremendo um pouco. Talvez pelo frio, sim, mas tenho certeza de que não é por isso. — Tem injeções, material para curativos e analgésicos. Eu gostaria de poder ajudá-lo mais, mas não vai ser possível. Serão dias e noites *muito* difíceis. Eu consegui um saco térmico para você dormir, mas isso é tudo. Você vai precisar ser forte, Harlan. Mas *eu confio em você*.

Eu abro a boca, mas não sei o que dizer.

— Blair disse que há uma segunda escada, do lado de fora. — Diz a garota.

Ela anda até a borda do muro, e eu a acompanho.

Olhar para baixo faz com que minha mente dê voltas, então eu recuo para perto da escada pela qual subimos.

— Eu não vou conseguir fazer isso sem você. — Digo.

A assassina olha para mim, e respira fundo.

— Você precisa.

— Não. Eu não preciso. Eu preciso de você. Eu preciso da sua ajuda, preciso que esteja comigo até o final, como disse que estaria — eu digo, em voz baixa. — Até o fim.

— Este é o fim.

E eu percebo que ela está certa.

Este é o fim.

A respiração dela fica entrecortada, e seus olhos marejam outra vez.

— Eu não posso sair, Harlan. Você sabe que eu não posso.

Ela mostra o *display* brilhando em seu braço esquerdo; depois, leva a mão até a têmpora esquerda e bate duas vezes com o indicador e médio sobre ela.

Um implante cerebral.

— Quando você foi para a CMT, depois de tentar matar Fenrir — eu digo, e parece que eu sempre soube disso. Eu sempre soube. — Você disse que não poderia sair. Que só saiu porque eu a tirei de lá. Disse que não conseguiria fugir.

— Eu tinha uma campainha. Mas não pude usá-la.

Kali dá um passo à frente, e, então, seu rosto é tudo o que eu vejo.

— Você me salvou, Harlan.

Ela aproxima o rosto do meu, mas eu fujo. Viro o rosto.

— De que adiantou salvá-la? — Pergunto. — Eu cheguei tarde demais. Já era tarde demais para salvá-la, e não havia qualquer salvação.

— Não para mim, mas para você. *Para você.*

— *E de que isso serve?* — Eu grito. — Eu também lutei! Também lutei durante todo esse tempo, mas lutei *por nós dois*! Eu sempre achei que teríamos a chance de estar juntos, mas tudo o que fiz foi uma mentira. Eu lutei por uma farsa, por uma ideia fixa que nunca vai se concretizar.

Olho para a escada do outro lado.

A escada que leva para o lado de fora da Teia.

— Eu não vou descer essa escada.

— Harlan, você—

— Eu não posso — digo. — Não posso ser livre, sabendo que você não é. Eu não vou suportar viver sozinho do lado de fora do muro, sabendo que você está dentro. Eu *não quero*.

O som de pás de helicóptero cortando o ar à nossa esquerda; o mundo fora dos muros à direita.

— Eles nos encontraram. — Ela diz.

Com minha mão eu busco a dela.

— Deve haver uma maneira — eu digo, desesperado, o pânico transparecendo na voz. — *Precisa* haver uma maneira. Eu preciso que você fuja comigo. Eu preciso de você.

O helicóptero surge à nossa esquerda, espalhando vento para todos os lados.

Na porta corrediça aberta do lado, um mantenedor com uma metralhadora giratória. Atrás dele, uma profusão de outros mantenedores. E uma voz.

— *Rendam-se!*

Eles sabem que não precisam de nada mais do que um helicóptero para nos capturar.

Mas nem eu, nem ela, olhamos para o helicóptero.

Olhamos apenas um para dentro dos olhos do outro.

E há fogo, como sempre.

Um fogo forte, capaz de destruir tudo.

— Há uma maneira. — Ela diz, quase sem mover os lábios.

Os olhos dela resvalam pela superfície do topo do muro e vão para a cadeia de montanhas e para o rio que serpenteia entre elas à nossa direita. Ela olha para a beira do muro. Eu concordo lentamente com a cabeça.

— Há uma maneira. — Murmuro.

Nós dois nos viramos de frente para as montanhas, de costas para o helicóptero.

— *Não façam movimentos bruscos!* — Grita a voz pelo alto-falante.

De mãos dadas, eu e Kali nos olhamos profundamente.

Os olhos encaixados. Como se pertencessem um ao outro desde sempre.

Não é preciso falar.

Nós simplesmente pomos um pé à frente do outro, e começamos a correr.

Corremos como nunca.

E eu olho para a frente, e para a promessa de liberdade.

A morte é libertadora.

A minha mão se prende na dela.

A distância até a borda, até o penhasco que marca o fim do muro parece tão pequena...

Mas tão grande.

A metralhadora giratória é acionada.

As cápsulas são cuspidas para fora enquanto as balas são lançadas à frente.

Eu praticamente não sinto a primeira.

Depois, outras se alojam dentro da carne de minhas pernas.

Atravessam minhas coxas, minhas panturrilhas.

Cravam-se no verso de meus joelhos.

E eu caio.

Minhas pernas não são capazes de me suportar.

Eu desabo, e Kali desaba comigo.

Bato o rosto no chão. E ela também.

Caio de lado. E ela também.

De olhos arregalados, eu a encaro. E ela, a mim.

Já não sei dizer o que há dentro de seus olhos.

Não há fogo. Não há gelo.

Não há nada.

E, então, percebo que os meus também estão vazios.

Uma rede cai sobre nós.

Eu levanto os olhos e olho para a cadeia de montanhas.

Elas parecem se fechar sobre nós.

E, se antes pareciam representar a liberdade, agora são uma prisão.

90

Nós somos postos no interior do helicóptero.

Outra vez uma agulha perfura minha pele e o conteúdo da seringa é injetado em meu corpo.

Sou dopado.

O helicóptero alça voo.

Kali é posta a meu lado, e eu busco por ela, ainda que meu braço esteja dormente e pesado como uma rocha. Meus olhos resvalam até os dela. Mas ela está de olhos fechados, tão drogada quanto eu.

A partir disso, só consigo enxergar lapsos.

Eu pisco os olhos.

O helicóptero está pousado, mas continua muito alto. Um heliponto.

Pisco.

Estou em uma maca e atravesso corredores. As luzes fluorescentes longitudinais correm pelo teto e iluminam meu rosto um momento sim, outro não. Procuro por Kali, mas ela não está em lugar nenhum.

Outra piscada.

Não há muita luz. Mas a meu lado há soro entrando em minhas veias e circulando pelo meu corpo.

Na piscada seguinte, perco a noção do tempo.

Em determinado momento, há muita luz incidindo sobre mim.

No instante seguinte, há escuridão.

O tempo torna-se elástico, mutável e inconstante. Tudo que eu sempre soube a seu respeito parece agora tomar a proporção de uma mentira, e os dias, ou as semanas, ou os meses, passam em um milésimo de segundo. Um ano poderia passar entre uma piscada de olhos e outra.

O rosto de Kali aparece, algumas vezes.

Mas não sei se ele é real ou se está apenas dentro de minha cabeça.

É noite, é dia. É tarde, é madrugada.

Pessoas surgem e desaparecem ao meu redor, andam e falam, mas eu não consigo entender palavra alguma.

Há mais injeções, mais seringas.

Há dor, em alguns momentos, mas, nos seguintes, não sinto nada.

Em um instante, sinto meu corpo inteiro em chamas; depois, não sinto nem mesmo o contato de minha pele com o colchão. Em um, sou mais leve que o ar e pareço flutuar junto do teto; no outro, sou pesado como chumbo e afundo lenta e constantemente na cama.

Na maior parte do tempo, pareço estar afundando.

91

Luz.

Mas não a luz do Sol.

Uma luz branca, fria e dura, que me fere os olhos e faz tentar tapá-los com o braço que me resta.

Uma algema prende meu pulso.

Como que de repente eu estou completamente são e consciente. Minha mente não gira; permanece fixa e estável. Meus pensamentos fluem com naturalidade. Sinto a completude de meu corpo, e a sensação do braço fantasma desapareceu totalmente. Meu ser inteiro assimilou a inexistência do braço esquerdo e, agora, excluiu-o da minha noção de mim mesmo.

Eu pisco os olhos, tentando clarear a visão.

Estou preso a uma cadeira de rodas.

Alguém a empurra, atrás de mim.

Além de meu braço, minhas pernas também estão presas na cadeira. Mas talvez as algemas eletromagnéticas não fossem necessárias. Eu não consigo mexer as extremidades de meu corpo. É como se minhas pernas estivessem conectadas, mas não enviassem ou recebessem qualquer tipo de estímulo para ou do restante do corpo.

Tento olhar para a pessoa que empurra a cadeira.

— Onde estou? — Pergunto.

A minha voz sai rouca e baixa, como se eu não falasse há muito tempo.

Viro meu pescoço e minha cabeça o máximo que posso, mas não consigo enxergar o rosto da pessoa.

— Onde estou? — Repito.

Mas a resposta não vem. Desisto de tentar, por conta do esforço necessário para falar. Minha boca está seca.

Então meramente olho à frente, para o corredor que se estende de forma aparentemente infinita. Não demora muito para que eu reconheça o lugar, e um arrepio perpasse meu corpo inteiro. Sinto frio na barriga.

Outro corredor, um elevador, outro.

E, então, a ampla porta de folhas duplas de metal.

O quarto 101.

As portas são abertas e, do outro lado, a sala lateralmente ampla, com a gigantesca janela de vidro que toma a parede inteira. A bancada sobre a qual meus pulsos e os de Leon foram presos não está mais à vista, em lugar algum. Do lado de fora da janela desvela-se a vista da cidade inteira: o centro, a Zona Industrial, o subúrbio, os muros. E, acima de tudo isso, a cadeia de montanhas.

Junto da janela está Kali.

Ela também está sentada em uma cadeira de rodas, e seus braços e pernas estão tão irremediavelmente presos quanto os meus. Seus olhos fitam o horizonte distante que recorta o céu.

A cadeira em que estou é empurrada até ela, e então para.

A pessoa que me trouxe até aqui se afasta e eu percebo que sai do recinto.

Restamos apenas eu e Kali.

— Quanto tempo faz? — Eu pergunto, a voz arranhando na garganta.

O olhar dela é distante, perdido em algum lugar que sou incapaz de ver. Sua respiração é profunda e muito lenta. Quando fala, não olha para mim.

— Duas semanas.

Concordo com a cabeça.

Fico em silêncio.

Não parece haver nada apropriado a ser dito quando tudo o que construímos veio abaixo. Estamos outra vez encarcerados.

— Eu sinto muito. — Murmuro.

— Pelo quê?

— Por ser fraco — eu digo. — Por não seguir com o que já havia sido planejado. Tudo o que você fez foi em vão, porque eu não soube seguir o plano. Eu ignorei o seu esforço. Nós fracassamos.

— Sim. Este é o fim.

Por alguma razão, agora a frase parece mais definitiva do que antes.

Meneio a cabeça.

— Porque você subiu aquelas escadas? — Pergunto. — Você disse que estaria comigo até o final, mas eu imaginei que o final estivesse do lado de fora dos muros. Achei que você fugiria comigo. Eu não sobreviveria sozinho do lado de fora.

— Talvez não. Mas estaria livre. Morreria livre.

Eu apenas a observo.

— Você não conseguiria subir aquelas escadas sozinho — ela diz, em voz baixa, ainda sem olhar para mim. As montanhas parecem refletir-se vividamente em seus olhos. Agora eles são apenas espelhos, capazes apenas de refletir, mas não de produzir luz. — E não conseguiria passar pelo posto de controle na base do muro sem a minha ajuda. Precisaria de um álibi. A subida de uma pessoa jamais passaria despercebida. Eu subi porque pretendia ser capturada em seu lugar. Como você não tinha mais *display*, poderia fugir e eu seria capturada como se você jamais tivesse tentado sair.

— Me desculpe.

— Não se desculpe. O maior prejudicado é você — ela olha para mim, e tudo que vejo em seus olhos é a mim mesmo. — Sempre foi.

Ela respira fundo.

— Este é o fim. É a última vez em que poderemos conversar, e a última vez em que estaremos juntos.

Sua voz parece um decreto.

Mas surgem lágrimas em seus olhos, outra vez.

— Kali, eu...

— Sou eu quem deve pedir desculpas, Harlan — ela diz, sua voz tremendo de leve. — Preciso pedir desculpas por envolvê-lo nisso desde o começo. Eu nunca deveria ter tentado sobrepor a Teia. Deveria ter sabido desde o começo que fracassaria. Que tudo resultaria em punições severas não apenas a mim, mas,

também, a você. Que você sofreria mais do que eu, porque nunca mereceu o que se passou.

Os olhos dela descem para meu braço decepado e, depois, para o que ainda possuo.

Ela soluça.

— Eu sinto muito, Harlan.

Eu abaixo os olhos para meu braço, também.

— *Eu sinto muito.* — Ela repete.

Na pequena e justa folga da algema eletromagnética, eu giro meu braço direito lentamente.

Meus olhos lacrimejam.

Na parte de dentro do antebraço, um novo *display* se ilumina.

Todo o meu corpo treme.

Eu crispo minha mão com força.

E choro.

— Porque...

Minha voz engasga no fundo de minha garganta, incapaz de sair.

— Porque sim — ela responde, em voz baixa. — Eles não poderiam permitir que vencêssemos de qualquer maneira que fosse. Você não ter um *display* seria inaceitável. A imunidade é inaceitável. A solução foi acorrentá-lo outra vez, mas com um elo muito mais forte, agora.

Eu fecho os olhos com força.

As lágrimas escapam por entre as pálpebras, e correm pelo meu rosto e queixo,

descem pelo meu pescoço.

— O implante cerebral. — Digo.

Kali apenas me olha. Não há necessidade de resposta.

92

Nós passamos quase uma hora sem falar uma palavra sequer.

Em completo silêncio.

A presença um do outro nos constrange, e eu sinto minhas cordas vocais travadas, impossibilitadas de pronunciar qualquer palavra que seja. A assassina, por sua vez, olha para fora da enorme janela. Seus olhos parecem ignorar toda a vista de Dínamo que se desvela à frente. Eles se fixam no horizonte recortado das montanhas e no que elas ainda devem significar para si.

Apenas respiro fundo por muito tempo, pensando.

— O que vai acontecer, agora? — Pergunta Kali, subitamente.

Uma sensação de estranheza me toma.

Eu franzo as sobrancelhas para ela. Essa garota sempre foi minha guia. Quando nada parecia correto ou quando os obstáculos no caminho pareciam intransponíveis, ela possuía a solução. Quando as opções se tornavam nulas, ela

encontrava uma saída pela tangente. Quando todas as chances estavam contra nós e tudo o que fazíamos, era ela quem suportava todo o peso, toda a pressão. Ela era a base de tudo o que havíamos construído. Sem sua existência, tudo teria vindo abaixo muito antes.

Mas agora ela faz a mim a pergunta que eu sempre fiz a ela.

Kali não sabe o que fazer.

— Eu... não sei. — Murmuro uma resposta.

Ela olha para o próprio colo e nada mais diz.

Quinze minutos mais tarde, as portas duplas da sala 101 se abrem.

Ouvimos o som de passos se aproximando atrás de nós, e não há dúvidas de quem são as pessoas responsáveis por eles. Dimitri O'Neil e Silas Markham andam até a nossa frente, obstruindo a visão panorâmica da cidade. O'Neil volta-se para mim.

— Seja bem-vindo de volta.

Um sorriso sádico surge em seus lábios, e seus olhos brilham de leve.

— Gostaria de informá-los, antes de qualquer outro procedimento, que sua captura foi realizada em um momento anterior à atualização — seus olhos pousam em mim e em Kali, em seguida. — A atualização tomou proporções nunca antes imaginadas. Levamos em consideração o assassinato ilegal de Lenina Crenshaw; o não-fechamento de arco de alguém com o *display* zerado — ele olha para mim. —; a explosão criminosa de um apartamento residencial no centro de Dínamo e morte de inúmeros habitantes do centro da cidade em decorrência disso; e a morte antecipada de um número considerável de mantenedores no posto de controle Leste no limite da cidade.

Markham permanece em silêncio, as mãos segurando uma à outra às suas costas. O'Neil, por outro lado, anda à nossa frente, encarando vez um, vez outro.

— Como efeito borboleta, outros fatores também foram levados em

consideração como consequência de seus atos. O roubo não-previsto de artigos hospitalares no Hospital Geral; a utilização indevida de passes de mantenedores, tanto na própria CMT quanto em postos avançados; a criação de um canal alternativo de comunicação e consequente inutilização de um importante servidor da cidade—

— Onde estão Ceres e Ellie? — Pergunta Kali, interrompendo-o.

O sorriso no rosto dele se amplia um pouco mais.

— Suas cúmplices já receberam suas devidas punições.

— E quais são?

— Essa é uma informação sigilosa. — Ele diz.

Kali lança a ele um olhar que, antes do que aconteceu, poderia perfurá-lo de um lado a outro. Agora, no entanto, ela já não parece mais ter a mesma força. E ele mantém o olhar até que ela desvia o seu. Eu jamais imaginaria que o olhar de Kali poderia ser derrotado, mas ela já não é mais a mesma pessoa.

Eles a dobraram.

O’Neil anda à nossa frente, por alguns instantes. Então para, outra vez.

— O que vocês pretendiam, no topo da muralha? — Pergunta ele, falando as palavras em um tom de voz alto e muito claro. — Era claro que, nas circunstâncias em que se encontravam, as balas utilizadas contra vocês não seriam de borracha. Foram avisados de que não deveriam fazer movimentos bruscos. Mesmo assim, tentaram fugir, e falharam. E, nisso, arriscaram-se completamente, e perderam de maneira irreversível a capacidade de andar.

Markham levanta a mão na direção do mantenedor, pedindo licença para falar.

— Chega um momento, na rebeldia, em que percebe-se a verdade a respeito da sociedade em que estamos inseridos — diz o orador das cerimônias. — Percebe-se a onipotência e onipresença da Teia e a pequenez dos indivíduos perante a sua grandiosidade. Neste ponto, praticamente perde-se a noção de perigo e, também,

o senso de preservação e sobrevivência. Tomam-se decisões repentinas e inesperadas, sem calcular as consequências resultantes de tais atos. Algo incoerente do ponto de vista racional. Sacrificar a *segurança* em prol de uma individualidade, de uma subjetividade. Sacrificar a *própria* segurança, a própria *vida* em prol de um ideal.

Ele não olha nem para mim, nem para Kali.

Parece, por outro lado, estar falando da mesma maneira como fala na Praça Atômica. Parece falar para a sala.

— O ideal de liberdade é o mais difundido entre os rebeldes da Teia — ele diz. — Entre os rebeldes previstos e os rebeldes verdadeiros, sempre surge a noção de liberdade e as subsequentes consequências desta. Sobre a muralha, estes dois indivíduos não pretendiam fugir. Pretendiam morrer. Morrer em nome da liberdade, morrer, simbolicamente, livres; saltando para o abismo do lado de fora do muro. A libertação pela morte se contrapõe radicalmente à morte no interior dos muros da cidade. Esta seria a morte como forma de confirmação de escravidão e servidão à Teia. Ignora-se, na mente destes rebeldes, a compreensão de que a morte existe em uma única forma, e não há qualquer valor simbólico no suicídio, dentro ou fora da Teia. Nos dois casos apresentados, a morte existe unicamente pela morte; o fim da vida pelo fim da vida.

— Pare de falar assim. — Diz Kali, olhando para ele, falando entre dentes.

O homem olha para ela, com desdém.

— A morte não existe apenas pela morte — ela diz. — Existe a morte como escravidão, a morte como libertação. A morte de Blair e Fenrir, como um protesto violento à existência da Teia e os seus métodos de controle e vigilância. E, caso eu e Harlan tivéssemos morrido, teríamos morrido livres. Teríamos morrido *fora* da Teia.

O orador olha para ela, e poderia sorrir, como faria o mantenedor.

Mas ele apenas a olha seriamente, por um longo segundo.

— Você sabe o que existe do outro lado desta cordilheira de montanhas? — Pergunta.

A garota mantém o olhar por mais algum tempo. Depois, volta a desviá-lo.

— A Norte, Sul, Leste e Oeste existem outras cidades da Teia. Depois da cordilheira, subindo o rio, descendo o rio, há cidades que funcionam exatamente da mesma maneira que Dínamo. Cidades que sofrem com os mesmos problemas e que os solucionam das mesmas formas. Vocês não são os primeiros, nem os últimos rebeldes que creem ser mais poderosos que a Teia — diz Markham. — A Teia espalha-se por todo o mundo, e não há lugar no qual vocês estejam livres dela. Ela é onipresente, é onipotente. Não há para onde fugir, a não ser para outra cidade da Teia, e, depois dela, para outra, e assim por diante.

Ele olha para os muros e o limite da cidade.

— Caso morressem fora dos muros, morreriam tão escravos quanto do lado de dentro.

93

Eu e Kali não falamos nada, por algum tempo.

Olho para ela, tentando encontrar alguma pista do que está pensando, mas os olhos dela estão terrivelmente opacos. Como no dia em que ela se drogou com a nectarina, está completamente imprevisível.

— Porque não permitiram que nos suicidássemos, então? — Pergunta ela.

Silas Markham não pronuncia palavra. Espera que ela desenvolva a questão.

— Se caso saltássemos do topo da muralha e morrêssemos com o impacto ainda morreríamos escravos, qual é o motivo para vocês não terem permitido que isso acontecesse? — Ela pergunta, movendo os braços e forçando-os nas algemas. — Ou, se nos tinham à sua mercê, porque não nos liquidaram? Porque atiraram em nossas pernas e nos levaram ao Hospital Geral, ao invés de meramente nos matar, logo?

Ele pigarreia de leve.

— A questão é muito mais profunda do que isso — ele diz, segurando as mãos. — Como eu já lhes disse em outra ocasião, há pouco tempo, de nada serve à Teia um rebelde morto. Um rebelde morto pode ser considerado um mártir e, a partir de sua morte, sua imagem e ideais podem ser tomados como ídolos. As mortes de Fenrir Roth e Edward Blair passaram despercebidas, até certo ponto. Suas mortes existiram apenas como mortes, levando-se em consideração os *displays* zerados de ambos. A explosão do prédio nada mais é do que uma pequena tragédia, que pode ser superada através da substituição dos mortos por novos integrantes da sociedade.

Ele olha para o muro.

— A morte de dois rebeldes, um desprovido de *display* e, outro, responsável por uma das maiores atualizações da história dessa cidade, através de um suicídio do topo da face Leste da muralha que cerca nossa cidade, porém, possui uma força narrativa muito mais forte — ele diz, com aparente calma e serenidade. — Caso a notícia de sua morte se espalhasse, seria tomada como por um martírio, e as consequências de tal ato impensado se estenderiam de maneira indesejada. Pelo menos, à Teia.

Dimitri permanece obedientemente calado, atrás do orador.

— Temos noção de o quanto a história de amor proibido existente entre vocês dois tomou proporções alarmantes, ainda que tudo o que existia entre vocês fosse um cálculo matemático feito pela própria instituição estatal que vocês pretendiam desestabilizar — ele admite. — E essa história fantasiosa espalhou-se como um vírus pelas mentes de nossos cidadãos, contaminando-os com uma doença perigosa, caso não tratada rapidamente.

— E como se trata a doença da rebeldia? — Pergunta Kali, a voz afiada. — Com lavagem cerebral?

— De certa maneira, sim — ele responde, ainda sem sorrir ou demonstrar qualquer tipo de emoção. — Através de uma cerimônia de inserção bem ministrada é possível fazer com que toda a população da cidade tenda para o que a Teia precisa e deseja. Por outro lado, a situação que vocês instauraram é extremamente delicada, e dificilmente seria resolvida através de uma simples

cerimônia. Neste caso, nós precisamos tomar medidas especiais.

— Motivo pelo qual não matamos vocês dois no topo do muro. — Diz Dimitri.

Markham parece prestes a ralhar com o subordinado pela interrupção, mas parece mudar de ideia.

O'Neil dá um passo à frente e se aproxima de nós dois – mais de Kali do que de mim.

Ele põe a mão esquerda sobre a cabeça dela e passa os dedos por seus lisos cabelos negros.

— Também é este o motivo pelo qual percebemos ser necessário reabsorver seu antigo par à Teia — diz ele. — Descobrimos que estivemos, durante todo este tempo, atuando no elo *forte* da relação entre vocês.

Kali apenas o encara.

— Esta é a sua quarta punição por conta de transgressões — ele diz, acariciando de leve e com ternura a cabeça dela, descendo sua mão para sua orelha e delicadamente passando os dedos por ela. — Na primeira vez, você foi punida com o sádico. Na segunda, com a obrigação de matar a pessoa mais importante para você. Na terceira, com o implante cerebral. De que maneira poderíamos puni-la novamente?

— Nossa intenção é sempre a de, primeiramente, tentar a todo custo a reabsorção e conversão de rebeldes à Teia — esclarece Markham. — Quando isso não é possível, entretanto, é necessário passar para soluções mais drásticas.

— A solução mais fácil.

O'Neil vai até mim e põe a mão em meu braço direito.

— É por esta razão que decidimos, agora, investir no elo *fraco* da relação. — Diz ele, abrindo um sorriso que mostra quase todos os seus dentes.

Levanto os olhos para ele, ao mesmo tempo confuso e temeroso.

Com um dedo, o homem toca na tela implantada em meu braço e mostra que todas as galerias estão vazias. É um *display* implantado especialmente para um único alvo: Kali. Mas há, junto da assinatura pessoal que a caracteriza, um mínimo hexágono vermelho com um ponto de exclamação branco piscando de leve. Há algo de diferente neste alvo.

Dimitri desaparece de meu campo de vista por um segundo ou dois.

Depois, reaparece à frente minha e de Kali.

Ele tem as duas mãos espalmadas à sua frente.

Na mão direita, o colar dourado que deu início a tudo isso.

Na esquerda, a faca que a isso deu continuidade.

— Ao mesmo tempo em que nós temos noção do quão necessário é, para a Teia, a conversão e reabsorção de rebeldes, também compreendemos o *seu* lado da história — diz O'Neil. — É claro que ela não poderia passar despercebida, principalmente quando me atormenta há tanto tempo. Seu drama, como todos nós sabemos, é o da necessidade de matar seu par, quando sua intenção era a de *ficar* com ele por um tempo maior.

A garota olha para ele por baixo de suas sobrancelhas.

— Nós conversamos em diversas ocasiões a respeito do que vocês estavam dispostos a fazer. Eu ofereci alternativas, opções e oportunidades, mas nenhuma delas pareceu ter sido o bastante para nenhum de vocês — ele diz, e o sorriso não desaparece mais de seu rosto e seus lábios. — Depois de pouco tempo, percebi que o que vocês realmente queriam, o que *precisavam desesperadamente*, era de uma forma de modificar o display de forma a que *você* — ele aponta para Kali com a mão que segura o colar. — Não precisasse matar *você* — ele aponta para mim com a faca. — Definitivamente um drama comovente.

Ele se aproxima de Kali e passa os braços em torno de seu pescoço, prendendo os ímãs do fecho do colar em sua nuca. O pingente de aranha desce para o meio

de seu peito, quando o mantenedor o larga.

O homem utiliza um cartão para liberar as algemas dela.

— Acabamos descobrindo uma solução em conformidade não apenas com os desejos da Teia e a atualização, mas, também, com os desejos de *vocês*.

Com o dedo, ele desbloqueia a tela implantada no braço esquerdo da garota e mostra as galerias vazias.

— Agora, voltamos à estaca zero. Desistimos de puni-la forçando-a a matar seu par.

Ele sorri em minha direção.

— Sei que a insistência no assunto pode parecer redundante, mas acredito que você agora compreenderá a necessidade de que Kali se tornasse outra vez seu alvo. Sua função será a de roubar uma terceira vez o colar dourado com pingente de aranha, que voltou a ser classificado como Classe 3. Depois de roubá-lo, você terá total controle sobre ele e poderá fazer, com ele, o que bem entender.

Eu olho para o colar, preso no pescoço dela. Kali permanece quieta, e olha para mim.

— Por outro lado, também sabemos que, depois de determinados acontecimentos que precederam sua suposta *morte*, você acabou por tornar-se um *assassino* — ele diz, um brilho sádico surgindo em seus olhos. — Levando isso em consideração, não hesitamos em solucionar o caso de uma maneira eficiente e que explorava, com maestria, o elo *fraco* deste pareamento. E, tudo isso, sem, de forma alguma, comprometer o fluxo ou a organização de castas de nossa sociedade.

O’Neil põe a faca com gume *laser* em minha mão.

E diz:

— Latrocínio.

94

A palavra soa estranha.

Paira no ar entre nós e, conforme se dissipa, torna-o mais pesado e difícil de respirar.

Uma atmosfera elétrica se instala entre os nossos corpos.

Os punhos de Kali se crispam, os nós de seus dedos ficam brancos. As unhas se cravam nas palmas de sua mão.

E então, subitamente, ela usa toda a força de seus braços para lançar-se para fora da cadeira.

E sobre o mantenedor.

Os dois desabam no chão.

— *Seu puto!* — Ela grita, com todas as forças.

Depois, um grito que nada diz. Um grito de fúria.

Sua voz falha, o grito rasga e arranha em sua garganta.

Seus punhos sobem e descem sobre o rosto do mantenedor que, em vão, tenta se proteger com os braços.

Kali agarra seus cabelos e os arranca com selvageria.

Suas unhas raspam a pele dele, rasgam-na, afiadas.

Ela segura com força a cabeça dele e a bate com toda a força contra o chão.

Bate-a até que sangre.

Seus olhos, maníacos, sobem para a faca em minha mão.

Kali estende a sua mão direita e a segura pela lâmina, tirando de minha mão.

E a ergue acima de sua cabeça.

Silas enfim interfere e segura com força seus braços.

Três mantenedores entram com urgência na sala e a separam dos dois homens.

Eles a erguem e põem de volta na cadeira.

Tiram, dela, a faca.

E prendem seus pulsos outra vez nas algemas eletromagnéticas.

Mas seus braços tentam soltar-se alucinadamente.

O’Neil é amparado pelos mantenedores, mas recusa a ajuda para levantar.

Ainda que seus olhos estejam arregalados por conta do ataque repentino, ele continua sorrindo. Um fio vermelho de sangue escorre pelo lado de seu pescoço, e há marcas vermelhas compridas onde as unhas dela rasgaram seu caminho.

Kali cospe nos pés dele.

— Você é um *lixo* — ela diz. — Não passa da porra de um monte de bosta.

O homem olha para ela, mas não diz mais nada.

E, então, simplesmente sai da sala.

É a última vez que o veremos.

O orador, por outro lado, permanece conosco, mas junto da janela. Não parece surpreso com a reação da garota, mas sua expressão é pensativa.

— Atacar O'Neil é como atacar um parafuso de uma imensa máquina — diz ele. — O mesmo que significaria atacar a mim. Seria tentar demolir uma fábrica com a destruição de um dos pregos de sua estrutura. Por mais que este prego seja, sim, importante, não é insubstituível e, como todos os outros pregos, serve à mesma função. Caso este prego seja danificado, os outros pregos continuarão com o trabalho do primeiro. A estrutura jamais desmoronará.

— Eu gostaria de ser capaz de destruir cada banco de dados, cada servidor, cada cabo de fibra óptica — Kali diz, entre os dentes, e uma última vez há fogo em seus olhos. Uma última, derradeira chama. — Queria decepar braço a braço e, caso haja apenas implantes cerebrais, cabeça a cabeça, até que já não haja mais nada. Até que já não haja mais Teia.

Markham apenas a olha.

Passam-se alguns momentos em silêncio.

— Vocês serão monitorados integralmente até o momento da consumação da relação alvo-conquista — diz ele, outra vez segurando as duas mãos atrás das costas. — Como no *reality show* de que Edward Blair participou, essa consumação será transmitida na cerimônia de inserção de hoje, não apenas aqui, mas, também, em todo o mundo. Vocês serão apresentados como personagens sem nome, com uma história decrépita de falso heroísmo e terrorismo contra a Teia, de rebeldia e das consequências desses atos impensados. Nossa intenção é a de não criar ídolos, mas exemplos. Exemplos de como a rebeldia influencia negativamente qualquer tipo de situação e como a Teia lida com esses casos.

Kali meneia a cabeça.

— Lavagem cerebral.

— Não — diz Silas Markham. — Como a vocês, a opção é dada. A opção de permanecer em segurança, no seio da Teia; e a opção de partir para a subjetividade e a rebeldia, e arcar com as consequências de seus atos.

Ela crispa as mãos outra vez.

— Não há opção. Nunca houve opção alguma.

Ele pisca algumas vezes.

— Talvez não. Mas todos os nossos esforços visam, antes de qualquer outra coisa, manter a população em segurança. Mantê-la seguindo um caminho designado e seguindo o fluxo. Um fluxo capaz de fazer a sociedade humana evoluir mil anos em cem. Este é o custo do progresso.

— Transformar-nos em máquinas. Em engrenagens, em parafusos.

O orador olha para ela.

— Em circuitos, em *chips*, em *displays*.

Com a língua grudada no céu da boca, olho para baixo, para meu novo *display*.

Para a máquina implantada em minha pele, uma máquina capaz de me definir, de me aprisionar, de me viciar. De me guiar. Uma *extensão* de meu ser, uma extensão do que sou; um órgão vital para o funcionamento natural de meu corpo. Uma conexão *integral*.

Finalmente abro a boca para falar.

— E se eu me recusar a cumprir com esse meu novo destino? — Pergunto, a voz rouca e falhada.

— Como você seria capaz de fazê-lo? — O homem questiona. — Como seria

capaz de se recusar a seguir o fluxo, quando está conectado integralmente a nós? Estamos todos interligados. Estamos *dentro* de sua mente. Se você mudar de ideia, nós saberemos. Mas não se preocupe. Depois que cumprir com este seu último alvo, você assumirá sua posição como curinga e será realocado dentro da Teia. O fluxo deve continuar.

Ele lança um olhar severo para cada um de nós, e demora-se alguns segundos mantendo-o.

— Vocês tiveram o que queriam — diz ele. — Conseguiram uma atualização. Agora é o momento de arcar com as consequências de sua subjetividade. De arcar com as consequências de suas decisões precipitadas, irracionais e desregradas. Ninguém pode ser maior do que a Teia.

Markham vira-se para o outro lado. E sai da sala.

Ninguém é insubstituível.

95

Eu nunca passei tanto frio em toda a minha vida.

O ar que entra em meus pulmões é gelado e afiado.

Minha mão está dormente, ainda presa na algema eletromagnética.

Meus olhos lacrimejam tanto por conta do frio quanto pelo que está prestes a acontecer.

Sobre o meu colo repousa a faca.

A faca com que Kali matou Morfeu.

A faca com que ela me esfaqueou.

A faca com que devo matá-la.

Ela está do meu lado esquerdo.

Seus pulsos também estão presos. E, se estivessem soltos, mesmo assim eu não

seria capaz de segurar sua mão. Mas, se eu ainda tivesse uma mão esquerda, e se as nossas mãos estivessem livres, pegar na mão dela seria a única coisa que eu iria querer fazer.

A *última* coisa que eu iria querer fazer.

Kali não disse mais uma palavra sequer.

Seus lábios tremem. Em seus olhos há lágrimas, como nos meus, e vejo que ela faz de tudo para impedi-las de cair. Sua mão direita sangra pouco a pouco desde que ela segurou a lâmina da faca, mas ela não parece se importar com o sangue que escorre pelos seus dedos.

O veículo que nos trouxe até aqui fica parado na rua próxima. As cadeiras de rodas em que estamos instalados são empurradas lentamente pela calçada até o ponto em que tudo há de terminar.

E não poderia ser outro.

O beco em que a vi pela primeira vez.

Meus olhos buscam a parede na qual ela se escondeu, um vulto negro nascido da noite e das sombras.

Então, eu olho para ela.

E ela olha para mim.

As cadeiras são paradas no meio do beco vazio. Agora, ela está à minha direita. Os mantenedores que nos trouxeram desativam as algemas, dão a volta e retornam. E desaparecem.

Estamos sozinhos.

O frio aumenta gradualmente conforme o Sol desce atrás das montanhas e as sombras tomam o beco por inteiro. Em algum lugar, uma câmera nos grava. Talvez Dínamo seja um panóptico, mas, agora, somos vigiados. Não há como fugir do que deve acontecer. Não há como fugir do que é destino, do que é *fatal*.

Uma lágrima desce pelo rosto dela.

Outra trilha seu caminho pelo meu.

Eu gostaria de poder abraçá-la, gostaria de poder beijá-la uma última vez.

Mas nada nunca esteve tão perto, mas tão distante de mim, ao mesmo tempo.

Eu estendo a mão em sua direção.

E ela, a sua, na minha.

Nossas palmas se tocam delicadamente, e os dedos se entrelaçam aos poucos, até que se encaixam.

Aperto com força sua mão.

E ela, a minha.

— Eu gostaria que tudo isso fosse diferente — eu digo, a visão turva pelas lágrimas. — Eu queria que tudo fosse mais simples, queria ser capaz de continuar lutando — eu fecho os olhos com força. Então olho para meu braço e minhas pernas. — Eles me inutilizaram. Eu já não sou mais nada.

O que se faz no momento em que se sabe que não é mais possível lutar?

Quando a única opção possível é desistir?

Eu vejo isso nela. Em mim, refletido em seus olhos.

Nós desistimos.

Este é o fim.

— Será que algum dia nós tivemos alguma chance? — Eu pergunto, a voz tremendo.

Eu choro, enquanto olho para ela. Ela chora, enquanto olha para mim.

Suas mãos sobem para sua nuca e ela desprende os ímãs do colar dourado com pingente de aranha.

E o estende em minha direção.

Eu seguro o colar, o metal gelado de encontro à minha pele.

Ponho-o sobre meu colo, junto da faca.

E olho para ela.

A mão de Kali permanece no ar entre nós, aguardando.

Seguro a faca pelo cabo, e estendo-a para a garota. Para a fatalista. Para a assassina.

Para a *rebelde*.

— Nós nunca tivemos opção. — Ela diz.

Sua mão esquerda segura a faca pela lâmina.

A faca é o elo que nos une. O que abriu o nosso arco e o que, agora, há de fechá-lo.

A última coisa que fazemos, juntos, é chorar.

O Sol desce atrás das montanhas, atrás do muro, e a escuridão toma o beco por completo.

Eu olho dentro dos olhos dela.

Mas agora já não há mais nada dentro deles.

Apenas vazio.

Ficamos paralisados.

Em meio às sombras do beco, já não nos movemos mais.

FIM

Para mais informações a
respeito do autor e suas obras,
visite a página do livro no
Facebook

https://www.facebook.com/deuseseferas

Entre em contato com o autor
pelo Facebook

https://www.facebook.com/fabio.brust

ou por e-mail

fabiobrust@hotmail.com

Conheça, também, a página do
livro no Skoob

http://www.skoob.com.br/livro/514302ED520905